

SPIN OFF EXECUTIVOS INDECENTES

VALENTINA K. MICHAEL

HERDEIROS INDECENTES

Sedução Planejada

LIVRO UM





SPIN-OFF EXECUTIVOS INDECENTES - LIVRO 01

HERDEIROS INDECENTES

Sedução planejada



VALENTINA K. MICHAEL

Copyright © 2018 Valentina K. Michael

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens,
lugares e acontecimentos
descritos, são produtos de imaginação do autor.
Qualquer semelhança
com nomes, datas e acontecimentos reais é mera
coincidência.

Revisão: Caroline Oliveira

Capa: Gabriella Regina | GR Capas

Diagramação Digital: Valentina K. Michael

Título – Herdeiros indecentes – Romance | 1º edição

LIVRO UNICO

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de
qualquer parte
dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou
intangível — sem o
consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido
pela lei nº. 9.610./98

e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital | Criado no Brasil.

NOTA DA AUTORA

Herdeiros indecentes é um livro que escrevi e postei no Wattpad há uns três anos e permaneceu guardado até então, quando senti a necessidade de publica-lo. O foco será nos filhos dos personagens da série Executivos indecentes. Espero que se divirtam, é uma história descontraída sem a intensão de parecer séria ou dramática.

Desejo a todos uma boa leitura.

Valentina K. Michael

Sumário

[NOTA DA AUTORA](#)

[Prólogo #1](#)

[Prólogo #02](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[TRÊS](#)

[QUATRO](#)

[CINCO](#)

[SEIS](#)

[SETE](#)

[OITO](#)

[NOVE](#)

[DEZ](#)

[ONZE](#)

[DOZE](#)

[TREZE](#)

[QUATORZE](#)

[QUINZE](#)

[DEZESSEIS](#)

[DEZESSETE](#)

[DEZOITO](#)

[DEZENOVE](#)

[VINTE](#)

[VINTE E UM](#)

[VINTE E DOIS](#)

[VINTE E TRÊS](#)

VINTE E QUATRO

VINTE E CINCO

VINTE E SEIS

VINTE E SETE

VINTE E OITO

VINTE E NOVE

TRINTA

TRINTA E UM

TRINTA E DOIS

TRINTA E TRÊS

TRINTA E QUATRO

TRINTA E CINCO

TRINTA E SEIS

TRINTA E SETE

TRINTA E OITO

TRINTA E NOVE

CONTATO

Prólogo #1

Melissa não veio.

Eu não achei que ela viria mesmo. No fundo eu queria acreditar que nessa noite resolveríamos tudo, que enfim eu a teria em minha cama e depois começaríamos um caso legal. Mas, não aconteceu. Ela ainda teve a decência de mandar um bilhete com a chave que eu tinha lhe dado na festa.

Li o bilhete cinquenta vezes, por dentro me sentindo todo ferrado. Na verdade, ferrado pra cacete. Que merda é essa? Que merda eu estou sentindo?

Meu pai sempre me contou o que sentiu quando soube que não poderia mais viver sem minha mãe; e ele se rendeu. E agora, sozinho no meu apartamento, bebendo só de cueca, eu penso que não quero estar fodido como ele.

É desgastante amar uma mulher. Com ela vem ciúmes, a possessividade, a paixão, não aceitar a distância. A vida do cara passa a não ser mais só dele. E isso, entre Melissa e eu, não envolve apenas uma atração quase insuportável. Envolve nossa família, os irmãos dela — que são meus melhores amigos — e nossos pais que são amigos de infância.

Tem noção do que seria se eu magoasse Melissa? Como isso racharia toda a estrutura cuidadosamente construída com o tempo?

Pego o bilhete e leio mais uma vez.

Beni,

Eu sinto muito, mas não dá. Você está tentando, reconheço. Mas, não conseguiremos nada assim, eu indo para seu apartamento transar e ver o que rola em seguida. Somos adultos e sabemos o que nossas escolhas podem causar.

Eu não acho que no momento seja bom nos envolvermos. Pensei em tudo: nos meus irmãos, na nossa amizade e, principalmente, em mim. Não acho que sou tão forte para transar com um cara e pronto.

Espero que me compreenda.

Liz.

Se for para ser, será. Não vou forçar mais nada. O destino é quem vai decidir.

Ouçó alguém batendo na porta e vou abri-la. Deleito-me com a bela jovem sorrindo. Consegui uma “amiga” de última hora. Samara é bonitinha e vai me satisfazer. Ela varre meu corpo com o olhar e entra.

— Já preparado? — Seu timbre é sedutor como o olhar.

— Sim. — Digo enquanto apalpo sua bunda. — E você? Pronta para passar a noite acordada e ofegante?

Ela me abraça, passando as unhas vermelhas em meu peito.

— Mal posso esperar. — Enfia a mão em minha cueca e começa o serviço enquanto eu continuo com minha cerveja.

Acabo de completar vinte e oito. Nem fodendo que vou abandonar a diversão só por que Melissa não me quer.

Meu pai sempre disse que cautela e caldo de galinha não fazem mal a ninguém. Se eu tivesse mantido meu pé atrás, meus sentidos estariam a salvo e eu teria desconfiado da cagada em que estava me metendo.

Existem oportunistas. Existem predadores. Eu jamais teria convidado Samara para uma noite se meu instinto estivesse a salvo.

Prólogo #02

— E então? Conseguiu o computador do cara? — Samara entra na diretoria do Banco Vince Willy e o homem de terno já se levanta atrás da cadeira perguntando-a.

— Não. — Ela nega sem nem sentar. A sala é elegante como o homem de aproximadamente trinta anos. Samara já a conhece bem por ter feito coisas com ele ali enquanto era sua assistente. Depois que transaram ela foi remanejada para outra repartição.

— Merda! — Ele grita e bate na mesa. — Garota, você só tinha uma missão. Transar com ele e roubar o notebook. É tão difícil assim?

— É sim difícil roubar uma pessoa. — Ela contesta nervosa com a opressão.

— Ainda mais quando não se tem competência. Preciso daquelas informações. Não vou deixar aquele filho da puta do Bernardo passar na minha frente. Meu pai está confiando em mim.

— Eu não posso fazer nada, Vicente! Ele dormiu como esperamos, mas não estava lá. Não havia notebook.

— Como não? — exclama gritando. — Meu detetive disse que ele sempre leva para casa uma bolsa de notebook toda sexta-feira.

— Mas não estava lá. Ele deve ter deixado na empresa ou na casa de alguém.

— Está bem. Vá e faça seu serviço. E só volte aqui com esse maldito notebook. Assim que eu tiver todas as informações da AMB, aí eu te dou a segunda parte do combinado.

— O que eu vou fazer agora? Não tenho um plano. — Contestou cheia de medo.

— Se vire. Eu já te paguei cinco paus. Não aceito devolução. Pense em alguma coisa, antes que eu mande alguém ir cobrar do seu pai. E meus cobradores não tem a mesma paciência que eu. Agora, vaza!

Samara sempre foi amiga de todos aqueles jovens. Era vizinha de Melissa e ex-colega de sala de Geovanna Brant. Ela não devia entrar nessa

para trair um de seus amigos. Bernardo gostava dela e de sua família. E ela e o irmão sempre foram convidados para os luxuosos aniversários dos filhos dos bancários.

Mas, agora, não cabiam mais arrependimentos. Já tinha vendido a alma ao diabo, e precisava levar seu plano adiante. Ela já tinha uma leve ideia do que fazer para conseguir o computador. Mesmo que, para isso, fosse preciso colocar mais gente nessa situação. Só não podia deixar o pai e o irmão descobrirem suas mancadas.

Um *Melissa*

Eu não me encontrei com Bernardo por longos dias depois do aniversário dele.

Fiquei muito ansiosa, achando que ele estava com raiva de mim. E ele estava mesmo com raiva. Minha mãe comentou, fazendo o drama costumeiro dela, que Rebeca está caçando a safada que fez o filhinho dela ficar trancafiado, por três dias e três noites, no antigo quarto dele, sem sair, nem falar com ninguém.

Ele pode estar com raiva, mas, se comportar assim? Típico do drama da minha mãe. Homem não gosta de levar um fora, ainda mais sendo Bernardo, que é tão requisitado. Quem quiser sair com ele precisa fazer um feitiço para encontrar uma vaga em sua agenda superlotada.

Bernardo ficou famoso após começar a escrever sobre finanças em uma revista. Em seguida, conseguiu um quadro em um programa de alta audiência, em que ele e meu irmão passaram a dar conselhos sobre economia. Era um quadro parecido com o que Malu e Enzo apresentavam anos atrás. As garotas nem entendiam nada de economia, mas assistiam apenas para ver os dois gatos na televisão.

Sem falar, é claro, no Instagram e Snapchat que o alavancou. Cada foto que ele posta surge, do nada, milhões de curtidas e comentários, principalmente vindos de mulheres.

Muita gente acha que eu fui tola em ter dado um bolo nele, e por muita gente leia-se: Sarah e Anna. Mas, nossa situação é bem diferente. Somos amigos de infância e temos uma consideração muito íntima, antes de tudo. Tentar um relacionamento será dar um tiro no pé. E se não desse certo? Seria um climão ter que convivermos, ainda mais por nossas famílias serem tão unidas.

Também tem minha profissão. Eu estou fazendo minha residência médica e tenho que estar focada, afinal, além de estudar, tenho trabalho dobrado, pois atendo em um hospital e em uma clínica de um amigo do meu pai.

Todas essas coisas passaram na minha cabeça antes de dispensá-lo. E, o simples fato de ele ser queridinho da sociedade, faz dele quase impossível para uma médica sem graça como eu.

Bernardo namora modelos, participantes de reality show, musas da internet. Quem iria shipar nós dois? Ninguém, pelo menos é o que eu acho. Gente, eu uso óculos, tenho sardas e sou baixinha.

Depois de algumas semanas pós o “fora”, as coisas começaram a voltar ao normal. Bernardo voltou a frequentar minha casa e a conversar comigo como se nunca tivesse feito uma proposta para transarmos. Era como se nunca tivesse feito birra para os pais adularem ele. O homem é um mimado. Anna queria bater em Bernardo por ele nem está ligando para o que aconteceu, mas eu a fiz parar, afinal, eu que não o quis.

Quer dizer, querer eu quero, muito. Quem não quer? Eu sinto um tesão absurdo por ele. Mas... Devido às circunstâncias, isso não será possível.

Hoje é domingo. Ontem trabalhei como um burro de carga. O Doutor Bruno não dá trégua. Minha residência está virando um inferno por causa dele. Esqueci de falar: Doutor Apolo, como nomeamos Bruno no hospital, é um dos melhores cirurgiões cardíacos que eu conheço. Ele tem quarenta anos e é um tipo daqueles de deixar calcinhas molhadas com um olhar; cara de safado que só. E para completar, o Doutor Bruno/Apolo dá em cima da marmota aqui. Eu devo ter algum dom para atrair homem bonito e badalado e isso não é uma reclamação. E, claro, eu não aceito as investidas dele.

Nossa Melissa, mas você é danada hein? Não gosta de homem? Sim, eu gosto de homem. Adoro. Desde que não seja casado. Pasmem! Ainda encontro colegas que aceitam se submeter a esse tipo de safadeza. O cara é casado e pega geral. Mas, acho que a esposa até sabe, ela só não fala nada para não perder o partidão. E por causa das minhas negações, ele faz dos meus turnos um inferno.

Olho no relógio e ainda é cedo, ainda mais pela hora em que fui dormir e por ser domingo Mesmo assim me levanto já sentindo o cheiro de café. Visto

uma calça moletom e uma camiseta que roubei de um dos meus irmãos. Não sei de quem é, afinal, eles usam roupas um do outro.

Vou ao banheiro, lavo o rosto e, com a boca cheia de espuma da pasta de dente, amarro os cabelos. Olho para fora do banheiro, estranhando a música que vem do quarto: *“Hoje a jiripoca vai piar, vai! Vai piar a noite inteira ai ai.”*

Bato a mão na testa, não acreditando no que estou ouvindo. Eu mereço!

Cuspo a espuma e saio correndo do banheiro para acudir meu celular estridente, com essa música tosca. Será que Franz e Freddy não se tocam que eles não têm mais oito anos? Não é mais engraçado trocar o toque do meu celular. Essa música esculhambada poderia ter me matado de vergonha no hospital.

Chego a tempo de ouvir a voz cantar: *“Hoje eu tô com dó de mim; Caba não caba sim; Tô facim facim”*. Aperto em rejeitar a ligação, mas logo percebo que era Anna. Depois eu retorno.

Volto ao banheiro para terminar de escovar meus dentes e saio furiosa do quarto. Vou delatar os dois! Desço as escadas correndo e já posso ouvir da cozinha:

“Ai! Você me queimou!”

“Foi reflexo! Quem manda você pegar na minha bunda enquanto estou no fogão?”

“E se eu pegar nos seus peitos?”

“Max!”

Entro furiosa na cozinha e papai recebe uma cotovelada quando minha mãe me vê chegando.

— Pai, mãe! Por favor, faça alguma coisa a meu favor. — Digo séria. Mamãe larga a escumadeira que estava fritando bolinhos e vem até mim.

— O que aconteceu? — Ela pergunta e faz uma carinha fofinha de preocupação.

— Aqueles dois cretinos! — Acuso. — Eles trocaram de novo o toque do meu celular. — Falo e meu pai gargalha da situação.

— Qual música foi dessa vez? — Questiona papai todo curioso.

— Ai, pai. Por favor! — Reviro os olhos e me sento com o celular na mão.

— Coloca aí macaquinha. — Ele beija meus cabelos e pede como se estivesse falando com um bebê. Empurro o celular para ele, já que não vai parar até saber que música é.

— Quer café? — Minha mãe me pergunta enquanto papai mexe concentrado no celular. Eu falo que sim e ela me serve. — Que horas chegou ontem?

— O plantão foi até meia noite e as meninas me trouxeram. — Recebo a caneca de café, provo e quase cuspo com o susto da gargalhada do meu pai.

— Max! — Minha mãe repreende. Ele está rindo enquanto a “Jiripoca” toca de novo no meu celular.

— Imagina se toca essa música quando você entra na sala do doutor? Ele iria achar que você está de segundas intenções. — Ele ri mais ainda e minha mãe prende os lábios para não rir também, querendo ficar do meu lado. — Tire essa música, Macaquinha, é perigoso.

— Pai! Não fui eu que coloquei. E pare de me chamar de macaca, me sinto um bicho.

Ele estende a mão e belisca minha bochecha, e sei que não vai parar de me chamar assim. Papai se refere a mim dessa forma até mesmo na frente do Beni. *Que horror!* Tudo por culpa de que, quando eu era pequena, ele dizia que eu me pendurava no pescoço dele como uma macaquinha.

Minha mãe empurra o prato de bolinhos e pego um, e enquanto como meu celular volta a tocar. Reviro os olhos e meu pai ri debochado, uma vez que ainda está com a música.

— Oi, Anna. Não, eu já acordei. — Olho para minha mãe e arregalo os olhos. — Quando, Anna? Claro. Estou indo para aí. Me espere! — Desligo e olho para meus pais que estão me encarando interessados na conversa.

— Lembram-se da Samara? Aquela menina que vinha aqui em casa? — Questiono e os dois assentem compenetrados.

— Parece que ela fez um aborto que não deu certo e agora não quer ir para o hospital.

Minha mãe leva à mão a boca, horrorizada.

— Cuidado, Melissa. — Meu pai alerta, preocupado, enquanto me levanto.

— Só vou visitá-la para ver qual o seu estado.

Saio correndo, ouvindo minha mãe comentar sobre o assunto com papai. Me visto rápido, pego minha bolsa e me apresso para sair de casa.

— Mãe! Vou pegar seu carro. — Aviso e passo correndo, pegando as chaves na mesinha da sala.

— Cuidado! — Meu pai grita da cozinha.

— Ok! — Respondo e saio de casa.

Dirijo até a casa de Anna, que não fica muito longe daqui. E como é manhã de domingo, as ruas estão tranquilas.

Quando toco a campahia, quem abre a porta e me recebe é Johnny.

— Oi, amore! Cadê a Anna? — Pergunto após dar um beijo de cumprimento em seu rosto.

— Entre, Liz. Anna está se empanturrando com café da manhã. — Eu entro e ele fecha a porta, voltando, em seguida, a se sentar no tapete da sala.

Na cozinha, Malu escuta Anna falar, de olhos arregalados, quase aos cochichos.

— Oi. — Cumprimento elas e noto que Anna já está pronta.

— Oi, Liz. — Malu responde. — Sente-se e tome um café.

— Não, obrigada. Só passei para ir com Anna ao... — Pauso, olhando para Geovanna esperando aprovação para tocar no assunto.

— contei para a mamãe. — Ela me tranquiliza.

— Menina, não posso acreditar no que Anna me falou. — Malu recosta na mesa, boquiaberta — E quando Davi souber?

— Quando Davi souber o quê? — Ouço a voz rouca atrás de mim e me viro ao ver Enzo entrando com cara de sono, e ainda de pijama. — Oi, Liz. Ele me cumprimenta com um sorriso largo. — Quando Davi souber o quê? — Torna a perguntar, olhando para Malu.

— Nada. — Malu desconversa. — Vão, meninas. Depois conversamos.

— Como assim? *Está* me escondendo coisa, Malu? — Ele pressiona.

— Tchau, pai, mãe. — Anna sai correndo, me puxando a tempo de eu gritar “tchau” para os dois. Mas consigo ouvir Malu falar: *Assunto de mulher, Enzo. Toma um cafezinho, amor.*

— *E desde quando meu irmão é mulher?* — Ele questiona. E eu saio me fazendo o mesmo questionamento dele. O que Davi tem a ver com isso?

Entramos no carro e antes de eu dar a partida, Anna fala.

— Liz, você precisa ser forte para o que vou te contar. — Encaro-a intrigada, mas com evidente medo de saber do que se trata. Ajeito o cabelo atrás da orelha e Anna me olha solidária.

— O que houve? O que eu tenho que ser forte?

— Samara sofreu um aborto por culpa do cara que a obrigou a tirar o bebê. Eu estou tremendo de ódio. — Anna bate no painel do carro, mostrando seu estado de raiva.

— Ai, Meu Deus! Que canalha desgraçado! Por que ela aceitou isso? — Questiono também revoltada.

— Não sei. Ele disse que se ela não tirasse o bebê, que eles não ficariam juntos. E depois do abordo é que ele não quer mesmo mais saber dela.

Estou pasma, com a mão na boca e olhando para Anna, que mantém um olhar muito categórico que chega a me dá arrepios. E não diz mais nada.

— Por que está me olhando assim? — Pergunto já ficando assustada.

— Foi o Beni. O cara que obrigou ela a tirar o bebê.

Após receber essa notícia, Anna teve que assumir a direção e dirigir até a casa que Samara estava se recuperando, escondida do seu pai. Não sabia ao certo o que eu estava sentindo. Bernardo é tudo, menos esse canalha. O Beni que conheço não faria isso. Ou era isso que eu queria acreditar. De uma coisa eu sei: estou com raiva. Não por ser ele, mas por fazer isso com um filho e com a pobre coitada da Samara. Só porque ele tem uma faminha e um bocado de dinheiro.

Fiquei parada, sem fala, enquanto Samara narrava tudo, deitada e pálida numa cama, reafirmando tudo que eu já tinha ouvido. Examinei ela e vi que não estava perdendo sangue, mas, pela cor, parece que perdeu bastante. Todavia, aparentemente, está se recuperando bem. Medi sua pressão arterial, a temperatura, e examinei seus olhos e pulsos. Não precisava mesmo ir para um hospital.

Pelo relato dela, o cara é um Beni que nunca conheci. No entanto, as palavras que ele usou e a forma grotesca como a tratou, me deixou em choque, querendo entrar debaixo de um chuveiro e chorar. Eu tenho propensão a gostar de cafajestes.

— Eu só preciso que vocês façam um favor para mim. Você, Anna, que é prima dele, pode entrar na casa dos pais dele ou na empresa? — Samara implorou, com seus olhos sofridos. Anna e eu trocamos um olhar cúmplice.

— Claro que eu faço. — Anna concordou, sem nem saber o que era. Como Samara não estava pedindo para mim, fiquei calada, apenas ouvindo.

— Tem provas no computador dele, vídeos e fotos minhas, e ele está me ameaçando espalhar se eu o denunciar. Por favor, pegue o notebook de Bernardo e traga para eu apagar. Depois você pode levar de volta. Só me ajude nisso. — Suas lágrimas são dolorosas. Geovanna está pasma, sem resposta.

— Anna! — Samara torna a clamar. — Eu não posso sofrer mais. Se aquelas fotos...

— Eu não posso! — Anna fala logo. — Sei que ele errou, mas é meu primo. Eu posso contar para o tio Davi e ele resolve. Vou fazer isso! Será bem melhor e Beni não vai te fazer nada.

— Não! — Samara grita. — Por favor, não conte para os pais dele. Se você trazer o notebook, eu nem dou queixa contra ele. Apenas quero excluir tudo.

— Mas...! — Geovanna lamenta, aparentemente está entre a cruz e a espada. Então eu me intrometo.

— Eu pego! — Cheia de raiva, nem vejo a hora que me candidato. As duas me olham surpresas.

— Você? — Samara questiona.

— Sim, eu não sou nada dele. Nossos pais são amigos, mas não temos parentesco. Posso descobrir onde está esse computador, trazer para você e levá-lo de volta. Bernardo nem vai desconfiar.

— Liz...! — Anna tenta me alertar.

— Está tudo bem, meninas. Eu tenho entrada livre em qualquer filial do banco, ainda mais na que Beni trabalha. Franz trabalha com ele. Fique tranquila, Samara, ele não te fará mal de novo.

Prometo a ela e a mim mesma que Bernardo não fará mais isso. Depois vou contar para os pais dele. Ainda bem que eu não aceitei ficar com ele. Talvez, hoje, eu quem estivesse no lugar de Samara. A diferença é que eu nunca tiraria um filho, mesmo com toda chantagem do mundo.

Só preciso de um plano contra Bernardo. Pena que quem é o armador de planos é o próprio Bernardo.

Dois



Bernardo

Vicente veio de novo hoje encher meu saco.

O cara é irredutível, não sabe perder.

Ele é um dos meus concorrentes e não aceita ter perdido para mim. Eu e Vicente cursamos faculdade juntos. Ele era meu colega, mas não amigo. Sempre escolhi a dedo minhas amizades, não por ser exibido, mas precavido. Formamos e tomamos destinos separados, só que agora ele está à frente do Banco do pai dele e eu a frente de uma das filiais da AMB, um dos mais aclamados bancos de investimento que foi erguido pelo meu avô e amigos e tendo continuidade com meu pai, tio e o Max. Já estamos na terceira geração de executivos.

Uma cidade como o Rio de Janeiro, comporta centenas de bancos sem um precisar destruir o outro. Mas, ele está de olho numa conta de uma empresa estrangeira que está vindo montar fábrica aqui no Brasil. E quem conseguir a conta estará com a cama feita.

Primeiro que, quando Vicente descobriu que o Banco dele era um dos escolhidos pelos gringos, ele tentou me subornar, pois sabe que se AMB estiver na parada não tem para ele. Eu e Franz não arredamos o pé, então ele apelou para nosso bom senso e hoje tornou vir me pedir, dizendo que precisa do dinheiro, que o lucro será bom para os negócios da família dele, que nós já estamos no mercado financeiro à gerações e, por isso, alicerçados.

Não! Foi o que eu respondi, de cara limpa, olhando para ele, que levantou brava e foi embora. Não estou nem aí.

Termo meu expediente, arrumo minhas coisas pronto para vazar. Hoje é sexta-feira e estou querendo sair com a rapaziada, irei ver se Heitor está

disposto a ir também. Os gêmeos nem preciso chamar, eles sempre vão. Ali gostam de uma farra que só.

Saio da minha sala para saber do Franz se ele já tem algo em mente. Dou dois toques na porta dele e entro. Ele está escrevendo, de pé, debruçado na mesa, fazendo umas anotações em várias folhas.

— Não está livre ainda? — Pergunto.

Ele me olha e torna a voltar para os papéis.

— Estou terminando.

— Quer sair hoje? Tomar uma.

— Hum... Vou saber do Freddy. — Fico ao lado dele, e Franz me olha. — Viu a Liz por aí?

Sinto duas batidas falhas. Meu corpo arrepia a uma simples menção nome dela. *Eita!* Parece que nunca vou me livrar dessa revirada de estômago que Melissa me causa. Mulher da porra!

— Não. Ela está aqui? — Ergo uma sobrancelha, lutando para esconder meu interesse.

— Ela estava por perto e passou para pegar uma carona comigo. Saiu aí dizendo que ia ao banheiro.

Como eu não sou besta e quero ver Melissa, puxo uma das poltronas perto da mesa, me sento e espero ela aparecer. Só quero ver quando ela abrir a porta e der de cara comigo.

— O que está fazendo?

— Umas circulações financeiras. Você já deu uma olhada nas tabelas que te mandei? — Franz indaga sem sentar, sem me olhar e sem parar de escrever.

— Vou olhar depois. Ou melhor, vou dar para Johnny conferir.

— E ele, já foi?

— Sei não. Peraí. — Alcanço o telefone na mesa de Franz e ligo para Johnny.

— Johnny, ainda está aqui na empresa?

— Sim.

— Chega aqui na sala do Franz.

— Tô trabalhando.

— Sou seu patrão, venha logo. — Desligo.

— Sabe que ele tem tanto poder aqui dentro como você, né? — Francisco me avisa e começa a separar as folhas que anotou.

— Tio Enzo tirou o poder dele. O moleque acabou de completar vinte e três, na minha visão ainda não está pronto. Vai dar bagunça se eu não tomar o controle e deixar as coisas irem de qualquer forma.

— E, ainda bem que eu estou aqui para colocar ordem em vocês dois. Toma, comece a assinar. — Diz e me entrega os papéis para eu assinar.

— Ah, me deixe! — Faço corpo mole, não querendo fazer mais nenhum trabalho por hoje.

— Caralho! Só assine. Não vai te matar.

— Já fechei meu expediente.

— Vá se danar, Bernardo. — Ele joga a caneta para mim e uma pilha de documentos.

— Ao menos alguém nesse lugar pode mandá-lo ir se danar. — Johnny fala atrás de mim, quando estou de cabeça baixa rubricando as páginas.

— Você nem leu? — Francisco me olha perplexo. Paro de assinar e dou uma olhada no papel para me certificar do que é. Volto a olhar para ele.

— Acho que você é certinho demais para tomar meus bens e sumir no mundo.

— Como se tivesse bens. — Johnny revira os olhos e senta na outra poltrona, perto de mim.

— Ao menos tenho dois carros e um apartamento. Você vem de carona e mora com seus pais.

— Também, né? Tem mãe bandida. — Johnny alfineta, fazendo Franz dá uma risada de deboche. Levanto o rosto e meu primo está me encarando com o sorrisinho de merda. Só quer me provocar.

Apenas balanço a cabeça ignorando-o. Só espero que ele esteja se referindo a Sophia. Lógico.

— E então, me chamou aqui para quê? — Johnny percebe que eu não vou entrar nas provocações dele e muda de assunto.

— Quer sair hoje?

— Me convidando para sair? — Se recosta, franzindo o cenho e me

olhando de maneira petulante — Cansou de mulheres, Beni? Não esqueça o lubrificante, amor. — Ele zoa, fazendo Franz balançar a cabeça, rindo de novo.

Nem vou me dignar a responder.

— Pra mim está bom às nove. Freddy vai aceitar. — Franz diz se sentando em sua cadeira e olhando para nós dois.

— Sei de um bar da hora. — Johnny fala animado.

— Legal. — Falo já me levanto. — Mande o endereço para mim. Chegarei lá.

— Porra, cara. Você tem que ir me buscar. — Johnny chuta meu sapato, me fazendo olhar para ele. — Não vou me aventurar na moto. Quero encher a cara.

— Me conte uma novidade, Jonathan. Passo as nove, em ponto. — Olho para Francisco arrumando sua bolsa. — Terminou, Franz? Vamos?

— Cara, eu estou esperando a Mel. Não voltou ainda.

— Liz já se mandou. — Johnny avisa ficando de pé.

— O quê? — Indago antes de Francisco. Merda! Perdi a oportunidade de provocá-la no meu território. Estava doido para me exhibir, falando de negócios na frente dela, mostrar o homem promissor que eu sou.

— Como assim foi embora? Ela só foi ao banheiro. — Franz contesta.

— Não mesmo. Passou ali quase correndo, dei tchau a ela e nem olhou. — Johnny explica. Eu e Franz nos entreolhamos desconfiados.

— Tá. — Francisco faz um gesto de “deixa pra lá” com as mãos — Melissa e suas loucuras. Quem entende? Ele pega o terno e uma bolsa, desliga o computador e acena pra gente.

— Vamos dando o fora da minha sala? Nos encontramos a noite.

Sem contestar, Johnny e eu saímos. Johnny vai para a recepção onde fica a mesa dele e eu para minha sala, pegar minhas coisas para finalmente deixar o serviço para trás.

Olho em volta e não vejo minha bolsa. Bato a mão na testa e volto correndo para a sala de Franz, que está saindo puxando a porta.

— Ei, espera aí, cara. Deixei minha bolsa com notebook aí dentro. — Ele empurra a porta e me deixa passar. Olho em volta, mas não há nada.

— Achou? — Francisco coloca a cabeça para dentro da sala.

— Não. Será que Johnny levou para me provocar? — Questiono, passando os dedos no queixo.

— Deve ser. Eu não vi se você entrou com alguma coisa.

Saio e vou direto para a grande sala de recepção onde Johnny está instalado como estagiário.

Ele está de boa, com os pés na mesa, batendo papo no celular. Folgado Mor. Por isso ainda não ganhou a própria sala. Tio Enzo sabe o filho que tem.

— Ei. — Bato nas pernas dele. — Cadê minha bolsa? Não estou pra brincadeiras, Johnny.

— Tá, depois eu te ligo. Um probleminha aqui. — Ele fala no celular, se despede e recompõe, sentando-se direito na cadeira e me olhando sem entender.

— Prada de alça ou a preta brilhosa da Louis Vuitton? — Não perde a oportunidade de fazer uma chacota.

— Meu notebook, Johnny! — Bato na mesa. — Vamos logo. Onde você colocou? É coisa importante.

Ele fica calado me olhando. Viu que minha cara não está para brincadeira.

— Johnny, não me faça ligar para seu pai. Brincadeira tem limite, cara.

— Mas eu não peguei bolsa nenhuma. — Ergue os ombros.

— Como não? Só estava eu, você e Francisco na sala dele.

— Você me viu saindo de lá! E quando eu cheguei lá não havia bolsa nenhuma.

— Como não havia bolsa nenhuma? — Bato as mãos na cintura — Cadê, então?

— Encontrou? — Ouço a voz de Francisco e me viro.

— Não. — Volto a encarar meu primo e me inclino na mesa dele — Se você pegou essa bolsa, Johnny... — Eu começo uma ameaça, mas ele fecha a cara.

— Vá se danar, Bernardo. Se quiser ligar para meu pai, ligue. Não peguei nada.

— É muito importante? — Francisco pergunta, olhando impaciente o

relógio.

Coço a testa meio sem jeito.

— Está tudo lá, sobre a Infinity Oil Enterprise.

— A empresa gringa de petróleo? — Johnny pergunta, verdadeiramente interessado.

Assinto com a cabeça sem querer espalhar pânico. Não quero nem pensar em perder todas aquelas informações. Essa empresa está sendo disputada a foice pelos bancos de consultoria e investimentos aqui no Brasil. AMB não pode perder.

— Todo meu trabalho está lá, não apenas essa conta, mas várias outras da AMB.

— Está por aí. A bolsa não pode ter criado pernas. — Franz diz, já preocupado. — Nós temos um eficaz sistema de segurança. Ninguém pode entrar aqui, ainda mais em uma das salas dos diretores e roubar algo tão importante. Volte lá e veja.

Eu corro e os dois vêm atrás de mim. Reviramos minha sala, olhamos em tudo até na janela. Nada. Estou em pânico já.

— Cara, mas tem as cópias seguranças, não é? — Johnny pergunta. Você tem cópias no computador da empresa, no pen drive, tem senha para acessar o notebook e chip de rastreamento.

Coço a cabeça, meio sem graça.

— Não tem nada disso? — Ele grita comigo. O pânico já instaurado.

— O chip de rastreamento venceu. E eu faço as cópias todo fim de semana quando levo o notebook para a casa. O trabalho dessa semana está apenas nele.

— Caraca! — Johnny passa as mãos, meio exasperado, pelos cabelos.

Franz sai correndo para olhar de novo na sala dele, Johnny vai procurar também e eu me sento com o celular no ouvido. Cortando prego de medo. Sou o chefe dessa filial, se algo der errado meu pai me mata.

— Oi, pai. — Cumprimento assim que ele atende.

— Fala, Beni.

— Er... Estou com um probleminha aqui. — Tento não gaguejar.

— Está com dúvida em quê?

Tomo coragem, respiro fundo e conto tudo para ele.

— Caralho, Bernardo! — Ele grita e eu ouço uma voz ao fundo: “O que foi?”.

“Jogou merda no ventilador.” — Papai responde para Max ou Enzo e volta a falar comigo.

— Mas, Bernardo, como você me faz uma bobeira dessas? Não há uma cópia? Nem na nuvem ou nada?

— Nada. — Sussurro.

— Não tem como alguém ter roubado. — Ele analisa — Apenas pessoas autorizadas por vocês podem subir ao seu andar.

— Eu sei. Mas...

— Quando viu o notebook pela última vez?

— Antes de ir à sala do Franz, ver se ele já estava pronto.

— Tem certeza que a bolsa estava lá?

Já posso ver papai se sentando para começar a investigar. Respiro pausadamente, afrouxo o nó da gravata e penso revendo todos meus passos.

— Sim. Absoluta. Eu o coloquei na bolsa, deixei em cima da mesa junto com meu terno. Apenas o terno estava lá quando voltei.

— Ok. Dê uma olhada se as outras pessoas que trabalham nesse andar ainda estão aí. — Me levanto e saio depressa, indo nas outras salas. Depois vou para a recepção e pergunto a secretária que trabalha com Johnny.

— Ainda não são cinco da tarde. Ninguém saiu.

— Agora quero saber quem de outros departamentos entrou aí nos últimos vinte minutos. — Meu pai comanda.

Pergunto a secretária e ela afirma que a última visita dos contadores, foi uma hora atrás.

— Ok. Quem vocês autorizaram subir aí nesse período? — Olho para os lados, Franz e Johnny ainda não voltaram.

— Ninguém. Apenas a Melissa e eu nem a vi. Francisco que liberou a entrada dela.

— E ela está aí? Veja se ela veio com alguém.

— Não. Francisco disse que ela estava esperando por ele para pegar carona e que tinha ido rapidinho ao banheiro. — Faço uma pausa e sinto meu

coração acelerar quando minha mente começa a juntar peças — Só que Johnny disse que ela não foi ao banheiro, passou pela mesa dele correndo.

— Ok, foi ela. — Meu pai afirma — Cheque às câmeras de segurança.

— O quê? — Dou um grito e pulo do sofá. — Pai, ela é da família, isso aqui é herança dela. Pra que ela iria vir roubar aqui? E, meu computador?

— Tem outra hipótese? Olhe logo as câmeras de segurança. Não diga nada ao irmão dela. Quando conseguir as imagens e tiver certeza, ligue para aquele amigo seu, que é delegado, o Tony. Implore a ele que rastreie o celular dela.

Já estou andando em círculos pela minha sala. Não, tudo menos isso. Confio minha vida na Mel. Ela não seria capaz disso. Se fosse Anna, mas Melissa? Não, impossível.

— Meu Deus! Pai, isso é loucura. A Liz? Ela é a pessoa mais honesta que eu já vi.

— Pense que ela pegou por engano. Agora faça logo o que estou mandando para descobrirmos o que ela quer de verdade com seu computador.

Sem falar com os outros, saio correndo, pego o elevador e vou para o primeiro andar. Entro na sala de segurança e digo que quero ver as imagens dos últimos trinta minutos. Ninguém contesta. O segurança digita num computador, clica em umas coisas e logo se afasta da tela.

— Aqui está. — Eu me aproximo e me sento na cadeira que ele aponta. Fico de olho na tela até me ver saindo da minha sala. Dois segundos depois lá está ela. Melissa estava me espiando, entra correndo na minha sala, na velocidade da luz e sai mais rápido ainda com minha bolsa. Ela deve saber que aqui tem câmera de segurança, mas ela nem se importou.

Cacete! Uma fúria me toma. O que essa garota está aprontando? O que ela quer? E por que logo comigo, que gosto tanto dela? Agradeço aos seguranças e saio correndo, já com o celular no ouvido.

— Tony? Beni falando.

— Oi, cara. Se for farra só me dizer a hora.

Por isso que é bom ter amigos certos, nos lugares certos. Ele vai me ajudar e logo estarei na cola de Melissa. Vou querer uma explicação mais que plausível.

Ela acaba de mexer com cachorro grande.

TRÊS

— Vicente, Melissa acaba de me ligar. Ela conseguiu pegar o notebook.

— Beleza. Mande ela ir para o hotel que combinamos.

— Tá. Chego lá em cinco minutos.

— Nada disso Samara, eu cuido daqui pra frente. Amanhã você recebe sua parte.

— O que vai fazer, Vicente? Melissa é minha amiga, ela acha que eu estava grávida. — Ele gargalhou.

— Sua amiga? Desde quando amigas fazem o que você fez? Tenho pessoas de confiança aqui comigo. Se sua coleguinha não contribuir, eles saberão o que fazer. Faça o que eu digo e não conteste.

Fim da ligação.



Melissa

Sei que Bernardo já deve ter percebido o sumiço do notebook e à essa hora está olhando nas câmeras de segurança. Eu não me importei em ser filmada. Ele não vai poder fazer nada contra mim, afinal, fez coisas bem piores. Estou tentando salvar a reputação de uma amiga e se eu contar isso para todo mundo, duvido que alguém vai querer olhar na cara dele.

Nunca esperava isso dele. Eu o conheço desde sempre, estava quase

apaixonada por ele, e quase aceitei dormir com um homem desses.

Paro o carro no hotel onde Samara está. Liguei a pouco e ela disse que iria marcar um local seguro para nosso encontro. Tínhamos que ser rápidas. Ela apaga as fotos e eu devolvo o notebook.

Saio correndo do carro e entro no hotel estilo espelunca, desses de beira de esquina. Um local afastado, estranho e escuro. Daqui a pouco anoitece e eu não quero ficar num lugar como esse. Ele tem pinta de cenário de filme de terror.

Chego ao balcão gasto, com uma aparência oleosa e bato em um sino de balcão bem enferrujado. Um homem vem de uma porta, careca, gordo, de camiseta regata, mostrando a quantidade excessiva de cabelo embaixo do braço e um palito na boca.

Ele me olha de cima a baixo. Estou morta de medo, tendo calafrios. Que lugar decadente Samara foi me arrumar?

— Está perdida moça? — Pergunta com um ar malicioso e nojento.

— N...não. — Gaguejo — Eu vim me encontrar com uma pessoa. Quarto vinte e sete. — Tento não demonstrar todo o medo que me domina.

Ele me olha mais um pouco, balança a cabeça, e pronto. Não fala mais nada. Está parado, de olho em meus seios. Abraço com força a bolsa de Bernardo contra meu peito, olho para os lados e vejo que estamos só nós dois.

— Para onde devo ir?

— Escada, última porta do primeiro corredor. — Saio correndo de perto dele e subo as escadas, com meu saltinho médio ecoando nos degraus de madeira.

Está silencioso demais. Aperto mais a bolsa contra mim e o perfume de Beni me faz querer chorar. Ele não! Por que logo ele teve que fazer essa cachorrada? Por quê? Mandar tirar um filho? O que Davi e Rebeca dirão quando souber disso? E eles vão saber. Eu e Anna vamos contar.

Chego ao tal corredor e de um lado as escadas continuam. Nesse instante, meu celular toca, eu olho e vejo que é Anna.

Não posso falar agora, então mando uma mensagem:

Roubei o not do Beni.

*Me encontrando com Samanta.
Hotel Sol poente.*

Anexo em seguida o endereço do lugar. E ela envia a resposta:

*Doida. Estou indo aí.
Bjs, Anna.*

Guardo o celular e torno a andar passando por várias portas até chegar a de número vinte e sete. Começo a bater na porta e ela se abre imediatamente. Acabo me deparando com um homem estranho, cara fechada, uma cicatriz no olho e careca. É musculoso e na sua mão, tatuado, consigo ler: Killer.

Engulo seco.

— Desculpe, acho que é a porta errada. — Digo, com um sorrisinho amarelo.

— Amiga de Samara? — Resmunga, ameaçador.

— Sim.

— Ela está aqui. Entre.

Ele abre mais a porta e fica esperando eu passar. Estou tremendo, quase batendo o queixo de medo. O que alivia um pouco é saber que Samara está aqui, então está tudo bem. Esse deve ser um parente ou namorado.

— Licença. — Eu digo educadamente passo por ele.

No corredor, antes de chegar ao quarto, passo por um banheiro em que a porta está aberta e noto, no chão, sacos pretos para lixo, rolos de fita isolante e três vidros de água sanitária. Minhas pernas falham e sinto meu coração batendo quase a mil por hora. O homem puxa a porta e me empurra. Chego ao quarto e me desespero. Samara não está.

Há mais três homens. Um deles é bem arrumado, bonito, vem sorrindo até mim.

— Trouxe minha encomenda?

— Eu... Onde está Samara? — Gaguejo segurando a sanidade para não pirar entrando em pânico. Preciso manter a racionalidade.

— Samara não pôde vir, linda. Eu fico com o notebook. Me entregue. — Ordena e aperto mais a bolsa contra meu corpo. Estou encrocada. Preciso me manter sóbria e calma. Preciso ganhar tempo.

— Pode me explicar o que está acontecendo? — Vocifero. Nem sei onde arrumei força para formar uma frase.

— Samara me fez um favorzinho. Eu preciso de umas coisinhas que estão nesse notebook. Me dê logo antes que eu precise macular essa sua linda carinha. Esses caras aqui são selvagens.

Olho para os três, um deles sorri e apalpa a calça. Volto para o aparentemente menos perigoso, de terno e cabelos bem penteados.

— Então ela me enganou? Não está grávida?

— Grávida e morta vai ficar você se não me entregar isso. Estou perdendo a paciência, garota. — Rosna.

Não entrego. Dou um passo para trás e ele faz um gesto para um dos homens, que vem para cima de mim e eu solto a bolsa.

Me controlo para não chorar quando o cara mal-encarado, todo tatuado, pega a bolsa e entrega para o bem vestido.

Ele sorri, vai para o outro lado, se senta numa mesa e abre. Eu fico de pé, no cantinho, com lágrimas nos olhos.

Uma armação? Como Samara pôde fazer isso comigo?

E agora me pergunto: que merda eu fiz? Não só me prejudiquei como prejudiquei Bernardo e todo banco. Só queria ter a chance de ver meu pai mais uma vez para pedir perdão, porque eu acabei fazendo mal a cada uma das pessoas que amo.

Fico olhando o homem tirar o notebook, e com um sorriso amplo ele passa a mão, acariciando. Não abre. Fica sorrindo e olhando o computador.

Um dos homens sai e volta com as coisas que vi no banheiro. O outro empurra a cama e deixa um espaço enorme no quarto. Eu me afasto e fico mais encolhida no canto, abraçando meu corpo. Agora as lágrimas já descem dos meus olhos sem controle nenhum. E estou tremendo mais que se estivesse em uma temperatura abaixo de zero.

O cara bem arrumado abre o Notebook enquanto os demais fazem de conta que eu não existo. É quando noto, para meu horror, algo que um dos homens pega nos bolsos e joga na cama: uma quantidade enorme de

preservativos.

O que está com o notebook olha de relance e fala:

— Ela é de vocês. Só não faça muito barulho. Eu serei rápido aqui. — Um dos homens começa a amarrar cordas na cama, enquanto o outro arranca a camiseta e vem em minha direção. Começo a chorar e nesse instante sons de batidas na porta o faz parar. O que está no notebook olha para eles.

— É a Samara. Espero que tenham trazido sacos o suficiente para duas. — Ele desdenha, voltando atenção para o computador.

É o momento exato que preciso. Abro minha bolsa e encontro o que eu precisava. Um dos homens vai atender a porta e outro volta a caminhar em minha direção.

— Fique longe de mim. — Começo a gritar, empunhando meu vidro de spray de pimenta. Ele para, mas dá um sorriso feio.

— Deixe a garota em paz. — Ouço a voz grossa e sinto meu peito arder. Não aguento e minhas pernas perdem o controle. Deslizo na parede, ficando sentada.

Bernardo está parado na minha frente.

O cara do computador se levanta tão bruscamente que quase derruba a mesa bamba.

— Que porra é essa? — Ele grita, olhando Bernardo. — Atire nele! — Ordena para os homens.

— Não trabalhamos com armas de fogo parceiro. Nosso serviço é limpo, sem vestígios.

Bernardo não se altera, caminha calmamente em minha direção.

— Ninguém vai atirar em ninguém, Vicente. Vim conversar com você. — Ele me estende a mão.

— Venha, Melissa. — Eu seguro na mão dele e me jogo em seus braços, apertando forte. Bernardo me afasta e me faz sentar na cama. Olha em seguida para os três homens e fala:

— Vocês iam mesmo abusar de uma inocente?

— Somos pagos para isso, meu chapa.

— Ok. Dêem o fora antes que a polícia, que eu chamei, chegue e vocês sejam presos. Meu assunto é com ele. — Beni aponta o queixo para o tal

Vicente.

— Dinheiro é o que nos move, playboy. Quanto quer pela tua vida e da garota?

— Quanto ele pagou? — Bernardo pergunta na maior tranquilidade, negociando com esses psicopatas. Ele tem muito sangue frio em manter o olhar no mesmo nível dos bandidos, sem se intimidar.

— Trinta. Dez mil para cada. — Ok. Eu dou sessenta. — Ele retira um celular do bolso. — Número da conta. — Pede.

— O que? Eu contratei vocês! — O tal Vicente se exalta e vai para cima de um dos homens que dá um soco em seu nariz, jogando-o longe.

— Cala boca, boiola. *Num* tá vendo que os *homi* tão negociando?

Bernardo já tem o número da conta que um dos homens deu e agora fala ao celular.

— Seu desgraçado! — Vicente se levanta escorando-se na cama. — Vou acabar com você! — Grita para o que tem killer tatuado no punho. Ele está de braços cruzados, etilo segurança, tampando a passagem de Vicente.

A transferência do dinheiro fica pronta e Bernardo entrega o celular para o cara.

— Verifique. — Ele pega o celular, liga, coloca em viva voz e em instantes, alguém de algum banco confirma a transferência.

— Eles não vão sair. Vocês foram contratados por mim. — Vicente grita para os homens. — Mate os dois.

— *Tô* fora. — Um dos homens fala pegando os preservativos e enfiando nos bolsos. — Estou em condicional, se polícia me pega, eu serei enquadrado de novo. Sem falar que agora *tô* com trinta paus.

— *Tô* contigo. Já ganhamos o dinheiro mesmo. — O outro concorda e num instante os três saem do quarto, sob protestos de Vicente, mostrando que ele não passa de um covarde.

Bernardo caminha de mãos nos bolsos e ficando frente a frente com Vicente, que está com a testa suada, o nariz sangrando, ofegante e tenso.

— Eles não irão longe, há dois policiais aí fora. Por acaso, tenho um amigo delegado e ele rastreou o celular dela. — Aponta sutilmente para mim.

— Você poderia ter me dado esse cliente. — Vicente grita. — Vocês já têm nome estabelecido, já têm clientes famosos. Por que ainda quer mais?

Como sempre um filho da puta egoísta, que pisa nos mais fracos.

A porta se abre e um homem alto, forte, charmoso, de cabelos pretos baixos.

— Resolvido? — Pergunta para Beni. Depois olha para mim. — Oi, sou Antônio. Você deve ser a Melissa. — Balanço a cabeça que sim.

— Sim, Tony. — Beni responde — E os caras?

— Foram levados. Deu dinheiro para os bandidos?

— Dei nada. Sou bancário, transferi números, mas não há fundos. — Bernardo se volta para Vicente que está petrificado, acuado, totalmente aflito.

— A questão não é querer mais Vicente. Vou te contar uma pequena história: há mais de cinquenta anos, meu avô, com dois amigos, saíram da faculdade e abriram o Banco. Era apenas um pequeno escritório de consultoria com aquelas portas de boteco. Eles batalharam, passaram dificuldades, penhoraram imóveis e até passaram fome. Vinte anos mais tarde, meu pai, o irmão dele e o pai dessa desnaturada, tomaram a frente. Batalharam, expandiram a empresa e, hoje, uma das filiais está em minhas mãos. Estamos encabeçando a lista dos melhores, não porque mandei criminosos assassinares meus oponentes, ou tentei passar por cima dos meus concorrentes. Quero te informar que concorrentes a gente não destrói. Faz melhor que eles. Agora que já ganhou sua lição de moral, me dá o notebook antes que tenha que ganhar uma surra também.

— Por favor, não conte para meu pai. Deixe-me ir embora. — Vicente se diminui ridicularmente quase chorando. Ele sabe que perdeu e fez besteira, o pai jamais aprovaria o que ele tentou fazer.

— Suma da minha frente. — Bernardo rosna, pegando o computador e colocando na bolsa.

— Não vai dar queixa? — O delegado bonitão pergunta.

— Em que ele enquadra? — Beni questiona.

— Formação de quadrilha e, se os três depuserem contra e afirmar que foram pagos para estuprar e matar, então esse aí ganhará mais uns aninhos de cadeia. De qualquer forma, ele tem que ir prestar depoimento.

— Então que a justiça seja feita. — Bernardo coloca a bolsa no ombro e nesse instante a porta abre. Anna entra desesperada, correndo.

— Meu Deus! Tem policial lá fora. O que houve? Ela olha para todo

mundo e em seguida passa um olhar raio-x no delegado que está falando ao celular.

— Ai, amiga! — Levanto em lágrimas. Estava até agora muda, apenas assistindo a situação. — Aquela bandida me enganou.

— Samara? — Anna me acolhe em seus braços.

— Sim. Eu fiquei em maus lençóis por causa dela.

— O que Samara tem a ver? — Beni se interessa e vem para perto da gente.

— O que aconteceu aqui, Bernardo? — Anna exclama, injuriada, mantendo meu rosto em seu ombro.

— Eu que te pergunto, Geovanna. O que vocês estavam aprontando?

Anna não responde. Passa a mão nas minhas costas, me acalutando.

— Não importa o que aconteceu, Liz. Vou contar tudo para tio Davi. Esse cretino vai ver só.

Geovanna ainda acha que Bernardo causou toda essa arruaça. Ela não sabe da missa um terço. Estou chorando porque eu o julguei tão mal e ele veio e me salvou. Agora estou morta de vergonha e arrependimento. Será que Beni vai me perdoar?

Um policial entra e Antônio aponta para Vicente.

— Queira acompanhar esse senhor. Não precisa algemar, ele vai dar um depoimento. Leia os direitos dele.

Vicente não fala nada. Passa pela gente, com um lenço no nariz para estancar o sangue e acompanha o policial.

— Oi, sou Geovanna. — Anna me larga e estende a mão para o delegado. — Prima do Beni. — Se apresenta charmosa, jogando de lado sua cabeleira vermelha. Um sorriso elegante brota na cara do bonito.

— Oi, Geovanna. Sou Antônio, me chame de Tony, delegado e amigo do Beni.

Eu fico de braços cruzados, cabeça baixa, apenas escutando.

— Delegado?

— E, nas horas vagas, professor de Muay thai.

Não acredito que o cara está dando seu currículo. Agora Anna se joga. Ela tem fetiche por lutadores de qualquer coisa.

— Nossa! Não tem um cartão? A gente nunca sabe quando precisa de socorro, né? — Termina com sua risada descontraída.

Não acredito na cara de pau dela. Sinto minhas bochechas corarem. Olho para Bernardo e ele está de olho em mim com uma carranca terrível.

E eu bem que mereço essa cara feia.

— Aqui está. — Antônio entrega um cartão preto — Ligue se estiver em perigo.

— Ah! Com certeza ligarei.

— Eu estarei esperando. — Ele volta-se para Bernardo que está de cara fechada, calado, só assistindo a situação. — Beni, nos falamos em breve. Sua amiga precisa depor.

— Claro. Eu a levarei.

O delegado olha para mim.

— Mais cuidado, Melissa. Não se enfie em qualquer lugar e nem acredite em qualquer pessoa. — Eu assinto, aceitando o pequeno sermão. Anna dá tchauzinho com um sorriso mágico, o delegado gato safado pisca para ela e vai embora.

— Ok. Agora coloque tudo pra fora. — Beni fala. — Contem, que palhaçada é essa e o que Samara tem a ver.

Eu e Anna contamos tudo. Sobre a visita a Samara, a gravidez e o aborto. Bernardo está revoltado, nos olhando calado como se quisesse bater em um.

— Isso me deixa mais furioso que o roubo do computador. — Ele grui ferozmente. — Que porra, Melissa! Achou mesmo isso de mim? — A expressão dele é dolorida, de traído. Eu vejo verdade em sua expressão e me sinto um lixo, uma burra por ter caído tão fácil em uma armação ridícula dessa.

— Como eu podia não saber, Bernardo?

— Me conhece, poxa! Você conhece minha família, sabe o que meu pai fez para me resgatar quando eu era um bebê. Acha que depois da atuação dele eu seria capaz de mandar tirar um filho?

— Se o filho fosse de uma mãe que você não quer... — Anna se intromete.

— Fica na sua, Geovanna. Meu pai odiava Sophia e mesmo assim fez de tudo para me trazer para perto dele.

— Eu não tinha como saber, tá? — Eu grito com lágrimas nos olhos. — Eu fiquei revoltada, na verdade, eu não queria acreditar que você foi capaz de uma coisa daquela. Ainda ameaçar espalhar as fotos dela.

— Só para vocês entenderem: tenho vinte e oito anos, não oito. Acha que Samara foi a primeira que transei? Meu pai sempre alertou a mim e a meu irmão para três coisas: nunca ter sexo desprotegido; levar meu próprio preservativo; e dar fim no usado ou levá-lo comigo quando terminar. Dá próxima vez, vocês duas, procurem saber os dois lados da história antes de sair apedrejando. Pra mim já deu por hoje. — Ele termina, vira as costas e vai embora.

Eu e Geovanna saímos apressadamente logo em seguida. Lá fora, Bernardo entra no seu carro e arranca. Geovanna veio de táxi e entra no carro da minha mãe que peguei emprestado.

Deixo Geovanna dirigir. Estou muito abalada.

Eu conto a ela brevemente o que aconteceu, que quase fui estuprada e morta.

— Meu Deus! Olha, arrepiei de medo. — ela exhibe o braço arrepiado — Essa Samara merece uma surra.

— Morreu pra mim. Estou com um ódio terrível dela.

— Vamos chamar a Sarah e dar um ensinamento nela? — Anna propõe mais furiosa que eu.

— Claro. Aquela safada me colocou numa enrascada sem tamanho. Estou tentando bloquear o horror que passei hoje. Quase desmaiei ali mesmo, toda urinada de medo.

— Ai, Liz, bate na madeira. Seria um vexame. Sem falar que ganhou o ódio do Beni. Meu primo queria teu corpo nu, agora quer distância.

— Acha que ele não vai me perdoar? — Olho para Anna querendo uma palavra de esperança. Ela dá de ombros.

— Não tão cedo, viu Liz. Conheço Beni, ele tem um pouco do tio Davi e da tal Sophia mau-caráter. Ele vai guardar rancor por um tempo.

— Droga. Queria me desculpar. Eu daria tudo para ter o Bernardo me enchendo para ficar com ele. Prefiro ele descarado na minha cola, do que com raiva, distante.

Ficamos caladas até Geovanna bater freneticamente no volante.

— Eu tenho uma sugestão.

— O quê?

— Meus pais ainda guardam um caderno preto, em que meu pai, o seu e tio Davi aprontaram para encurralar mamãe.

— Sei do que está falando. Por causa desse plano meus pais estão casados. Está sugerindo um plano indecente como aquele dos nossos velhos?

— Deu certo, né? Todo mundo está junto até hoje. Mas não é algo tão bem bolado como tio Davi fez. Vamos para algo mais simples.

— O que é?

— Bernardo tem uma mente perversa como o pai dele. Pegar ele numa arapuca não será fácil. Hoje foi um exemplo. Sorte a sua que eu não fico para trás. Antes era o plano para Enzo traçar a Malu. Odeio esses termos relacionados a meus pais, mas esse não é o caso. Agora será o plano para Liz traçar o Beni.

Dou uma gargalhada. Só mesmo Anna para me fazer rir.

— Como vai fazer isso?

— Toda sexta ele sai com os amigos. Sexta que vem daremos o bote. Confie em mim.

— Daremos o bote como Geovanna? Dando uma porretada nele?

— Bem que eu queria. Deixa minha mente pensar. Ligue aí para Sarah. Vamos colocar esse assunto em ordem logo, porque, quando eu engatar um caso com aquele delegado gostoso, não estarei disponível por um bom tempo. Que homem é aquele, meu Deus?

— Está mesmo pensando em sair com ele?

— Pensando? Nós já temos certeza que logo estaremos suando em cima de alguma cama. Viu aquela boca safada, bonita, sorrindo para mim?

— Geovanna, você viu o cara hoje, nem conhece.

— E daí? É delegado e o Beni conhece. Pronto, histórico perfeito. Além do mais, sou meio pudica, vou dar pra ele só no segundo encontro.

Dou uma risada.

— Cuidado para não se machucar. Ele tem cara de que pega e não se apegar.

— Assim como eu. Tenho vinte e cinco ainda e estou focada na minha

carreira, logo a academia vai levar nossa escola de balé para uma temporada em Paris. Não estou querendo encrência na minha vida. Quero apenas curtir um pouco com um cara gostoso. — Ela bate na minha perna — Ligue logo para Sarah.

Apesar do trauma que passei hoje, estou tranquila e com Anna me sinto calma e até feliz. Tento esquecer tudo e ver que nada não passou de um triste incidente. Conheço pacientes que passam por um trauma, não se libertam e acabam com alguma fobia, ou depressão. Vou seguir em frente. Passou. Meus pais não precisam saber, meus irmãos muito menos.

O que ainda não passou é esse aperto no peito por causa do Bernardo. A maneira como ele me olhou, a raiva em seus olhos. Eu quero mesmo ouvir os planos de Anna, e se der certo eu farei, só para ter o Beni charmoso e galanteador de antes.

QUATRO



Melissa

Eu e Anna ficamos esperando na porta da casa de Samara. Eu posso ser a gêmea caçulinha, a médica boazinha e a macaquinha do papai. Mas, quando pisa no meu calo, o gene da minha mãe fala mais alto. Aquela safada vai pagar caro.

Sarah chegou colocando os pulmões para fora. Deve ter vindo de ônibus, a coitada, e ainda deve ter parado num ponto afastado. É triste o machismo, mesmo que indireto está impregnado na nossa família. Nossos papaizinhos queridos mantém a gente numa redoma. Só Anna mesmo que consegue driblar o pai. Ela precisa usar o tempo do balé para enganar Enzo.

Eu, Sarah e Anna não podemos sair de casa para morarmos fora. Já fizemos propostas aos nossos pais de morarmos nós três juntas, felizes e solteiras em um apartamento próximo a casa de um deles. Já podem imaginar a resposta deles...

Namorado ainda é um assunto que faz Matheus, Enzo e meu pai terem taquicardia, como se nós três tivéssemos quatro anos de idade. Eu acho uma superproteção desnecessária.

E, por fim, nosso meio de locomoção é um pouco precário e não é por falta de condições financeiras. Comigo, papai sempre enrola dizendo que vai me dar um carro, mas que nem precisa afinal em casa já tem o dele e o da minha mãe. Anna tinha um, mas vendeu sem o pai dela saber e agora ele também está enrolando para dar outro. Ela tem uma bicicleta, mas Malu confiscou, pois ela anda na bicicleta caçando confusão com os pedestres na rua.

Ok, a gente trabalha, somos independentes de pais, mas é bem mais fácil para eles abrirem a carteira.

Agora olhe para nossos irmãos. Só Johnny mesmo que não tem controle porque Enzo sabe o filho que tem; é tipo ele próprio nessa idade.

Meus dois irmãos moram juntos em um enorme apartamento e cada um tem um carro. Johnny tem uma moto ninja caríssima, maravilhosa, uma máquina segundo ele, porque a preferiu ao invés de um carro. Malu quase teve um enfarto com medo do filho nas ruas do Rio andando nessa máquina perigosa.

Rick, irmão da Sarah, também tem uma moto.

E se formos analisar a família da pobre Dafne, tudo piora. O irmão mais velho, o dito cujo que faz meu coraçãozinho saltar, não tem nem trinta anos ainda e já tem dois carros, uma cobertura num prédio de luxo, um cargo alto na empresa e, dizem boatos, já tem o primeiro milhão.

E, quanto ao relacionamento de todos esses jovens rapazes com as mulheres? Os pais fazem uma propaganda deslavada para que os filhos peguem geral. Uma apologia à safadeza. Por isso que, eles tentam proteger a nós, as meninas, porque se eles sabem quais as táticas masculinas. Só esqueceram que atualmente a mulher está bem a frente de qualquer playboy.

É só homem sendo homem.

— Gente, eu mal acreditei quando vocês me contaram. — Sarah fala nos olhando com cara sôfrega. Passa a mão nos seus cabelos castanhos e abana o rosto com as mãos. Ela já sabe mais ou menos o que aconteceu. Liguei para ela no carro e contei a história.

— Pois é. Melissa quase ficou na pior por causa da nossa amiguinha. — Anna diz denotando com ironia a palavra “amiguinha”.

— Que descarada. Vamos dar uns tapas nela é?

— Deixe comigo. — Eu adianto logo. — Esse assunto é meu. — Atravesso a rua e toco na campainha da casa de Samara. As meninas vêm e ficam perto de mim. A porta se abre aos poucos e quando Samara me vê, tenta fechar a porta, mas eu coloco o pé.

— O que foi, querida? Não quer conversar com a gente? — Indago ironicamente e com a ajuda de Anna empurro a porta e entro. Samara tenta correr para dentro da casa, mas Sarah é mais rápida, pega ela e dá um empurrão jogando-a no sofá.

— Fica aí vadia!

— Mel... Que bom que você está...

— Viva! — Completo — Sim, viva! E não graças a você. — Eu fico na frente dela e Samara se encolhe no sofá. — Que droga foi essa, Samara? Por que me colocou dessa forma contra o Bernardo? Numa enrascada onde eu quase fui, sei lá... assassinada!

— Ai, amiga, eu...

— Amiga não! — Grito bem alto. — Amiga é o cacete, ouviu? — Encosto bem perto dela e aponto um dedo em sua cara de sonsa. — Eu vou te falar uma única vez: fique longe de mim, da minha família, dos meus amigos. Daqui a pouco todo mundo estará sabendo do que fez.

Ela se levanta e me encara.

— Ah, é? Quem foi a marmota aqui? Você é a grande palerma. Não sou eu nas câmeras de segurança. — Ela bate no peito — Não fui eu quem estava no hotel dando o computador para outras pessoas. Em quem acha que todo mundo vai acreditar? Você escolheu acreditar em mim e duvidar do cara que esteve ao seu lado à vida toda, só uma desmiolada para achar que o Beni, tão bem resolvido e vivido, pudesse ter engravidado alguém e, ainda por cima, mandado tirar. Sua otária. Só vou torcer agora para Beni não querer nunca mais nem olhar na tua cara. Sua lesma.

Ela cala e me olha desafiadoramente.

— Terminou? — Pergunto mansamente.

— Sim. — Ela responde petulante.

— E fim. — Anna exclama. — A gravação ficou ótima, Liz. Agora é com você. Sarah, segure a bolsa dela.

— É pra já. — Sarah corre, pega minha bolsa e Samara me olha estatelada.

— Sabe o que é bom em ser a gêmea de dois garotos? Aguento provocações por mais tempo, posso fazer cara de marmota para enganar e, por fim, eles me ensinam técnicas muito legais. Como essa. — Sem ela esperar dou uma bofetada tipo soco na cara dela que a faz cair no sofá. Imediatamente pulo em cima já grudando sem seus cabelos e batendo em sua cara. Sem dar espaço para defesas.

— Vagabunda! Achou o quê? Que iria sair impune? — Bato mais e

vejo sangue em sua boca. — Prefiro ser uma lesma a ser uma vadiazinha de ponta de esquina. — Dou um último soco e me levanto espanando a roupa. Posso não ter conseguido me defender daqueles brutamontes hoje mais cedo, só que com essa infeliz, eu acerto as contas.

— O que está acontecendo aqui? — O pai e a mãe de Samara vêm ao nosso encontro, param, olham para mim e as meninas, e depois para a filha descabelada e com sangue na boca.

— A filha de vocês disse que engravidou e abortou de um filho do Bernardo só para chantagear ele. Ela vai contar mais detalhes. E podem se preparar, Davi, o pai dele, pode meter um processo nessa cadela. Tenham uma boa noite. — Termino de falar e saio com Sarah e Anna, que ficaram o tempo todo caladas. O momento era meu e elas souberam respeitar, mesmo sabendo que as duas estavam loucas para entrar na briga.

Dentro do carro da minha mãe, respiro fundo, com a cabeça baixa e a mão na testa.

— Nossa! Ao menos fiquei de alma lavada. — Murmuro. — Duro será resolver com Beni.

— Você foi ótima, Liz. Só achei que devia ter batido mais. — Sarah fala enquanto se ajeita no banco de trás.

— Também acho. — Anna liga o carro e dá a partida.

— Eu estava na casa dela, não podia matá-la, né gente? — Retruco. Coloco o cinto e descanso a cabeça no banco.

— Aquela safada merecia mais. — Anna ainda bate na mesma tecla. — Devia ter me deixado dar uns ensinamentos a ela.

— Não precisa. Os pais dela vão fazer isso.

— E agora? O plano? — Anna pergunta animada.

— Que plano, amores? — Sarah se inclina para frente, curiosa para saber do que estamos falando.

— Lembra do tal plano que envolveu os pais dela mil anos atrás? — Indaga Anna mirando Sarah pelo espelho retrovisor.

— Sim. — Ouço palminhas de alegria atrás de mim. — Que delícia! Será que é o que estou pensando? — Sarah fala depressa, denotado toda sua euforia em cada palavra.

— Deve ser isso mesmo o que você está pensando. Anna quer que eu

faça algo parecido com Bernardo. Vê se tem cabimento?!

— Ótima ideia. — Reviro os olhos ao ouvir Sarah concordar com Geovanna.

— Eu sempre tenho. — Anna enche o peito de orgulho.

Fico pensando em toda essa coisa de plano. Eu não tenho a mesma coragem do meu pai. Ele foi mesquinho e cruel com mamãe. Ele se aproximou dela só para tirar informações da amiga e, depois, ainda armou para ela engravidar. Só não reclamo muito, pois, eu acabei nascendo.

Deus! Imagino o Bernardo no lugar de vítima. Se ele cair em um plano desses e depois descobrir a verdade? Adeus, Melissa. Mude de nome, querida, e fuja para a Bahamas.

— Não mesmo. — Falo alto o que meu pensamento já decidiu. — Eu preciso conversar com Beni. Nada de planos! — Olho para Geovanna, que dirige com um olhar analisador — Você é conhecedora da treta que foi no passado com seus pais.

— Uma treta que se resolveu e os deixou juntos até hoje. — Ela pontua em um tom calmo, quase convincente. — Depois daquele plano, eles não tiveram mais brigas infernais. — Faz uma pausa e depois acrescenta. — Claro que teve aquele episódio daquela babá puta, mas, isso já é passado também.

Anna fica inquieta, vira uma esquina, solta o ar pela boca e morde os lábios. Está pensativa. Ela não gosta de falar dessa história da tal babá, que na época, saiu até nos noticiários.

— Falando nisso, onde ela foi parar, Anna? — Sarah pergunta interessada.

Ela parece acordar de um devaneio, diminui a velocidade e fala:

— A Emily? Não sei. Meus pais evitam falar dela. É um assunto que deixa minha mãe tensa e, as raríssimas vezes que vem a tona, ela passa o dia descontando a raiva no papai.

— Acha que ele teve mesmo culpa ou eles não comentam isso com vocês? — Sarah verbalizou o que eu pensei.

Anna me olha, faz a cara da Geovanna aflita e volta a atenção para frente.

— Eu evito perguntar. Johnny é mais intrometido e fica querendo

saber detalhes. Eu tento focar e acreditar que o papai foi vítima de uma louca.

— Você já era nascida? — Sarah pergunta.

— Sim. Não me lembro bem. Eu tinha cinco anos, mas me recordo vagamente de minha mãe ter desaparecido ou viajado, sei lá. Hoje, eu sei que ela foi dada como morta. Johnny encontrou, na Internet, a notícia da época e vimos às fotos do velório, do enterro... Nossa, até arrepio só de pensar. — Anna engole algo como choro e exala pesadamente. — Lembro claramente do dia que ela voltou... E eu corri assustada para o quarto, não por que sentia medo, acho. Mas porque eu não queria perde-la novamente.

— Minha mãe conta que fez um escândalo no falso velório, culpando Enzo. — Eu comento.

— Tinha que ser Dona Ju pra armar o bafão, não amiga? — Sarah fala e me dá um tapa no ombro — Sua mãe é uma figura.

— Seria cômico se não fosse trágico. — Anna diz, sorrindo.

— Bom, vamos mudar de assunto. — Olho para Sarah se recostar no banco de trás, sabemos que não devemos ficar mexendo com esse passado dos pais de Geovanna. — Me conte direito sobre esse plano. — Ela pede num jeito peculiar de investigadora.

— Não mesmo, querida. Não há plano. — Vocifero alto — Anna, deixe Sarah na casa dela e eu te deixo na sua casa. Vou ligar para Bernardo e marcar um horário com ele. Vocês ficam fora disso. — Aponto para as duas.

— Vai marcar um horário? Como se ele fosse um doutor? — Semicerro o olhar para Anna, irritada com a voz melosa dela.

— Pensando em fazer investimento na poupança com o bancário jovem e bonito, Liz safada? — Sarah entra na onda de me zoar.

— Vocês são tão vacas! Eu vou acertar as coisas com ele.

— Por favor, faça meu priminho gemer. Aquele gostoso está com uma raiva de você, precisa domar ele.

— Anna! — Eu grito horrorizada.

— O que foi? — Com a maior simplicidade ela me olha. Sarah rir e grita: “Uhuu! Isso mesmo!”.

— Ele é seu primo!

— E daí? Eu acho o tio Davi um gato também, assim como o Heitor. Não quer dizer que vou ser uma doida e fazer um incesto, né Liz? — Ela

esclarece, jogando o carro para outra rua e chegando a casa de Sarah.

Sarah gargalha e eu fico rosada. Anna é inacreditável! E acabo rindo também das loucuras dela.

— Meninas, parem de conversinha. Eu sei que vocês duas, senhoritas safadas, babam nas fotos antigas do meu pai.

— Claro, querida! — Sarah assume um tom elegante e altivo. — Já falei e repito: Malu sortuda.

— Para, né, Geovanna? Não vai falar do seu pai também. — Eu alerto, já olhando incrédula para ela.

— Claro que vou, gente. Meu pai é gato, é fato.

Eu e Sarah ficamos caladas, ouvindo, sendo eu a única que fica com cara de besta olhando para Anna.

— Bom, o meu também é bem gatão. — Sarah comenta, casualmente.

— Tá vendo? — Anna aponta séria para mim. — Quer dizer que acha o Max feio?

Penso no meu pai. Ele poderia ser feioso, mas o carisma e o humor dele o deixa belo e jovem. Na verdade, ele é todo bonito e vaidoso. Sempre foi e, mesmo agora, com cinquenta e cinco anos, ainda é um tipão. Minha mãe tem um ciúme louco.

— Sim, eu acho meu pai bonito.

— Então pronto. Achar uma pessoa bonita é totalmente diferente de ter tesão sexual. Agora que já concluímos isso, quero que você me conte tudo sobre seu encontro com meu primo bonitão. Senão, eu conto pra todo mundo o que você aprontou.

Olho horrorizada para Anna.

— E o que eu aprontei?

— Roubou um computador, Liz, parecendo uma pilantra.

E eu achando que não poderia ficar mais chocada com ela.

— Você não contaria...

Ela para em frente a uma casa e vejo Dani, mãe de Sarah, saindo de um carro. Ela acena para a gente e vem em nossa direção.

— Não mesmo, amiga. — Anna desabotoa o cinto e me olha

cinicamente. — Apenas deixaria escapar sem querer para o Johnny.

— Vixxi! — Sarah exclama já de porta aberta. — Se falar com Johnny é pior que colocar na TV.

— Vacas. — Murmuro pasma enquanto elas riem.

CINCO



Melissa

Depois que deixo Anna em sua casa, volto para a minha, morrendo de medo. Queria adiar bastante minha ida. Estou trêmula de medo do Francisco já estar a par de tudo e ter contado para nosso pai. Eu queria que o Beni não tivesse contado a ele, mas são grandes amigos. Acho meio impossível.

Chego em casa, coloco o carro da minha mãe na garagem, pego minhas coisas e entro. Não quero pensar no que passei hoje mais cedo, no terror que vivi. Sou dessas pessoas que guarda tudo para si, não costumo me desesperar para as outras pessoas verem. Um médico acaba aprendendo a guardar suas emoções. Sei que é difícil verbalizar isso, mas temos que ser frios em várias situações para poder salvar uma vida. Se a emoção domina, a mente já era. Por isso, eu estou guardando tudo, tentando diluir os episódios de hoje.

Abro a porta e ouço meu pai brigando com meus irmãos por causa de filmes. Os dois sempre ficam do mesmo lado e, às vezes, minha mãe vem para defender o papai.

— Boa noite, gente. — Digo já apreensiva. Se Francisco está aqui... Será que veio contar alguma coisa? Espero eles pararem de conversar e prestar atenção em mim, tipo: “Olha lá, ela chegou, a ladrona de computador.” Já tenho uma defesa pronta e decorada para falar. Mas, nenhum dos três me olha.

— Não quero saber! Van Damme é mito! — Meu pai já está bravo.

— Pai, esse cara é muito melhor, já foi até indicado ao Oscar. — Freddy tenta explicar, mostrando para a TV onde um filme está em

andamento.

— Foda-se o Oscar. Nenhum desses filminhos pode contra o ícone.
— Meu pai pega o controle da TV e aumenta o volume. Os três se calam.

— O que você dois estão fazendo aqui? – Indago, jogando a bolsa num sofá e me sentando ao lado do papai.

— Sei lá. Nossa geladeira não tem nem água. — Francisco se levanta e vai para a cozinha.

Ai que ótimo. Ele não sabe de nada ainda.

— Onde está a mamãe?

— Por aí. — Meu pai me olha. — Tudo bem? Que cara é essa?

— Tô bem, pai.

Francisco volta da cozinha, entrega uma cerveja para cada um e eu me levanto.

— Vão dormir aqui hoje? — Pergunto e pego minha bolsa.

— Sim. Beni, o cuzão, desmarcou nossa saída de última hora. Tá com dor de barriga.

Meu pai ri junto com os dois e eu sei que a paz voltou na sala entre os três. Saio dali e corro para meu quarto.

Queria contar ao menos para meu pai, mas, ainda não é tempo. As prioridades antes. Vou ver o que Bernardo está sentindo, o que ele tem de fato contra mim.

Sei o tipo de dor de barriga que Beni está. Droga, ele deve estar bem furioso...

Pego meu celular, jogo meus sapatos por ali, um cai contra a parede e eu corro para a cama. Deito e já digito a mensagem.

“Quero conversar com vc.”

Fico olhando a tela por uns cinco minutos. Ela se apaga e eu desbloqueio o celular, que se apaga de novo. Jogo um joguinho, passa dez minutos e a resposta chega.

“Não tenho nada para falar.”.

Mel: *“Beni, pfv, me ouça.”.*

Beni: *“O que vai dizer? Que acreditou na Samara e queria me esculachar? Nem precisa, já sei.”.*

Mel: *“Não é isso... Só não quero que fique essa coisa entre a gente.”.*

Beni: *“Não há nada entre a gente, Melissa. Nunca existiu. Você lembra?”.*

Mel: *“Ao menos éramos amigos, Bernardo. Me dê a chance de te explicar!”.*

A resposta demora um pouco e fico achando que ele me deixou no vácuo, mas, por fim, ela chega:

Beni: *“Estou na casa dos meus pais. Venha agora. Estarei na varanda da frente esperando.”.*

Sinto meu coração palpitar. Ai, senhor! Ele me deu uma chance. Corro para o banheiro, tomo um banho flash, deixo os cabelos soltos mesmo, visto um jeans e uma bata, pego minha bolsa e corro.

Na sala, os três estão de novo discutindo, com a TV pausada, enquanto meu pai, muito bravo, fala que Freddy e Franz são uns tapados. Nem falo nada com eles, saio correndo e nem percebem.

Pego o carro da minha mãe de novo, que deve estar em algum lugar mexendo com coisa da escola. Agora não é mais professora, é diretora e o trabalho aumentou um pouco.

Com o coração aos pulos, dirijo pela noite, cheia de expectativa, repassando na mente o que pretendo falar com Beni. Conecto o celular e ligo para Anna.

— Fala, Liz.

— Ocupada?

— Ajudando minha mãe no jantar.

— Anna, eu estou indo falar com Beni agora.

— Espera. — Ela pede, acho que foi procurar um lugar mais reservado. — Ele aceitou falar com você? Quer que eu vá?

— Não! — Grito. — Ele aceitou conversar comigo só se for agora. Está na casa dos pais dele.

— Que droga, Liz. Vocês não vão terminar transando adoidado. Tio Davi vai ficar embaçando.

— Graças a Deus, né, Anna? Transar com Bernardo é o que menos me preocupa nesse momento. Te ligo quando acabar de falar com ele. Não durma.

— Jamais. Boa sorte. Vestiu calcinha nova, né?

Dou uma risada.

— Bye, Anna.

Desligo e fico tamborilando os dedos trêmulos no volante. Estou quase sem ar. Abro os vidros do carro e o vento da noite sopra bagunçando meus cabelos. E eu fecho o vidro de novo, optando pelo ar condicionado.

Essa fadiga dura uns dez minutos, que é o tempo que leva para chegar à casa dos pais dele.

Paro o carro um pouco mais afastado, para não chamar a atenção. Desço e praticamente corro, caminhando bem rápido.

As janelas da casa estão acesas. Davi mora na casa que era dos seus pais. Na verdade, a mãe dele, dona Ângela, ainda mora aí com seus oitenta e alguns anos.

Empurro o portão de ferro, atravesso o jardim e já posso ver sua silhueta sentada num banco de balanço que tem na varanda da casa. Engulo seco. Daqui posso ver que ele está bebendo alguma coisa.

Me aproximo, mas, Beni não levanta os olhos. Subo os degraus e chego perto dele.

— Oi, boa noite. — Eu o cumprimento, me achando uma tola ao dizer “boa noite” como uma âncora do jornal da noite.

— Estou te ouvindo, Melissa. Pode falar.

Ele levanta os olhos para mim e engulo seco ao ver sua expressão carregada de rancor. Bebe um gole de cerveja e recosta no banco, me olhando. Me sento ao seu lado e ele logo declara:

— Meu pai já sabe que foi você. — Ao ouvir isso, demorei a abrir a boca, o olhando horrorizada.

— O quê? Você contou? — Finalmente consigo perguntar.

— Não. Ele me ajudou a descobrir quem roubou o notebook e, conseqüentemente, ficou sabendo. — Esclarece Bernardo.

— Poxa... Será que ele vai contar para meu pai? — Questiono preocupada com essa possibilidade.

— E essa é sua única preocupação? — Ele me encara com um sorriso cínico, que chega a ser maldoso. O rosto bonito está com um tom de querer se vingar.

Me lembro pelo que vim fazer aqui: pedir desculpas.

— Me desculpe, Beni. Eu fui...

— Desculpar pelo o quê? — Me interrompe com seu timbre arrastado, cheirando a cerveja. — Pelo roubo? Por quase ter colocado a empresa do seu próprio pai em apuros ou por ter feito um mau julgamento de mim?

— Dos três. Estou bem arrependida. De verdade, não sabia que Samara estava...

— Que droga, hein, Melissa? Será que não podia ter ido me confrontar? O que ela contou que a fez pegar meu computador?

Uma lágrima desce do meu olho e a limpo imediatamente para ele não perceber.

— Que você tinha fotos íntimas dela e a estava ameaçando. Que, se ela contasse para alguém do aborto, você iria expor as fotos. Eu achei que era só pegar o notebook, levar para ela excluir as fotos e pronto. Depois eu te devolveria.

Claro que eu evito falar da parte que eu queria contar para todo mundo o que ele fez. Por isso que, nem me preocupei com as câmeras na empresa. Eu iria jogar toda a merda no ventilador.

— Nossa, roteiro de filme. Em nenhum momento você cogitou ver

meu lado? Ver tudo que sabe sobre mim e minha família? Tenho uma imagem e uma honra a zelar. Nunca pensou sobre isso, Melissa?

— Beni... Eu estava tão... — Tento falar, mas ele me interrompe.

— É o que me deixa mais puto. Se fosse outra pessoa... Mas, você? Logo você desconfiou de mim dessa forma?

— Não pensei. — Murmuro fracamente, sem desviar os olhos dos dele. — Queria acreditar que fosse mentira, mas...

Ele se levanta, amassa a latinha e a joga ali no jardim.

— Achou mais fácil me culpar, não é? Afinal, eu sou o mulherengo safado mesmo.

— Não disse isso.

— Mas foi isso que te fez agir. — Se vira bruscamente e fala de forma bruta. Inclino para trás com o susto e ele vira as costas para mim, recostado numa coluna.

— Me senti tão... Fodido. Revoltado. Traí a confiança dos meus pais, não me desabafei com eles. Não podia colocar seu nome nisso... Eu acabei me abrindo com minha mãe. — ele balança a cabeça. — A outra mãe. — Se corrige com um meio sorriso. — A Sophia. Ela acha que você fez isso por despeito, por ter ficando com ódio de eu ter dormido com Samara. — Beni se vira para mim. — Sophia está certa, Melissa? Sentiu ciúmes de mim e foi tentar se vingar?

— Não. Claro que não. Eu só queria...

— Fazer justiça?

Que droga! Estou irritada. Ele não me deixa terminar uma frase e concluir o raciocínio.

— Beni... Eu só quero me desculpar.

— Ainda bem que não estava com ciúmes. Não há como rolar mais nada entre a gente. Não quero ter que remoar tudo isso toda vez que olhar para você. Nunca saberei quando está desconfiando de mim.

— Também não é dessa maneira.

— Que seja. Está desculpada, se é perdão que veio buscar. — Ele ergue os ombros.

— Sim, só isso.

— Que bom. O pessoal está aí. — Ele diz, apontando para a porta da frente da casa — Se quiser entrar, fique a vontade, vou sair por aí.

— Não. Estou indo embora. Tenha uma boa noite, Bernardo. Eu expliquei meu lado.

— Eu entendi e te desculpo.

— Não está falando de coração. — Acuso após notar um pingão de desdém na voz dele.

— Dane-se. Não é uma novidade você não confiar na minha palavra. Daqui em diante pense o que quiser de mim.

— Tá legal.

Me viro e saio quase correndo, os dentes trincados de ódio dele. Ele é um mimado imbecil. Nem precisava ter ido contar nada para a tal Sophia. Que raiva! Entro no carro, bato a porta e respiro profundamente várias vezes.

Ligo o carro e saio na maior velocidade. Conecto de novo o celular e ligo para Anna.

Sem saber o que pensar, com raiva da maneira fria que ele me tratou, assim que Anna atende falo logo de uma vez:

— Prossiga com o plano, Anna. Bernardo foi rude. Quero pegá-lo numa cilada.

SEIS



Duas semanas antes...

Me viro e saio quase correndo, os dentes trincados de ódio dele. Ele é um mimado imbecil. Nem precisava ter ido contar nada para a tal Sophia. Que raiva! Entro no carro, bato a porta e respiro profundamente várias vezes. Ligo o carro e saio na maior velocidade. Conecto de novo o celular e ligo para Anna.

Sem saber o que pensar, com raiva da maneira fria que ele me tratou, assim que Anna atende falo logo de uma vez:

— Prossiga com o plano, Anna. Bernardo foi rude. Quero pegá-lo numa cilada.

Depois dessa visita a Bernardo, eu fiquei pensando se queria esse plano para fazê-lo me perdoar ou só porque sou atraída por ele e me arrependi de minhas escolhas. Depois que o perdi definitivamente, eu vi como eu gosto dele e como queria ter dado uma chance a nós dois.

Minha principal escolha errada foi ter dado um bolo nele. Se eu tivesse aceitado ficar com ele naquele dia, creio que não teria ido pra cama com a vadia da Samara e nada desse rolo de computador teria acontecido. Sem falar, é claro, que hoje talvez estivéssemos tendo um caso gostoso.

Eu sou uma médica inofensiva, droga. Meu problema é pensar demais

numas horas e ficar tola em outras. Por que não pensei dois palmos a frente quando Samara me contou aquela lorota? Estou revoltada. Sem falar que, vou precisar abrir o jogo para minha família antes que aquele velho dedo duro do pai de Bernardo conte para meu pai. Ele vai contar, tenho certeza. Os dois são amigos de infância. Davi vai contar e Enzo, meu pai e meus irmãos vão me olhar com cara de inquisidores. Sem falar em minha mãe com aqueles sermões infinitos dela. Vou ter que passar uns dias na casa da vovó, refugiada. Os pais da minha mãe sempre ficam do meu lado.

Meu celular toca. Já cheguei em casa, tomei um banho e estou me vestindo para descer e contar a novidade para minha família.

— Oi, Liz. — É a Nina, minha prima, filha do tio William.

— Oi, Nina. Qual é a nova?

— Tentei falar com tia Ju, mas ela não atende o celular.

— O celular dela fica na bolsa do jeito que ela leva para o trabalho.
— Eu explico, revirando os olhos. — Mamãe nunca toma jeito. Algum problema?

— O Pedro vai completar dois aninhos semana que vem e eu queria que ela fizesse o bolo para mim. Não será nada demais, apenas um almoço em família.

— Ai, que legal. Nossa, dois anos já? Parece que foi ontem que você estava dando escândalo no hospital.

— Porque não era você sentindo aquelas dores infernais. Mas graças a Deus tudo está bem, meu reizinho está lindo como o pai.

— Puxa saco. Quer falar com a mamãe?

— Quero, leve seu celular para ela.

Saio do quarto ainda falando com ela, desço as escadas e ouço vozes na cozinha. O cheiro de comida toma o ar.

— Mamãe, a Nina no telefone.

— Ai, Deus! — Ela se afasta do fogão. — Olhe aqui para mim, amor. Não deixe queimar. — Toma o celular da minha mão e corre para fora.

Fico parada, olhando para meu pai que nem liga e continua conversa com Franz e Freddy.

— Pai! Ela mandou você olhar a panela. — Aviso com um cutucão. Talvez ele não tenha ouvido.

— Mandou você. — Então ele ouviu.

— Você é o amor dela. — Digo a ele.

— Um amor que não mexe em fogão. Foi com você. — Reviro os olhos, bufando de raiva. E pensar que eu ainda tento contestar.

— Preciso falar algo com vocês. — Falo de costas para eles, de olho na panela, mamãe está fazendo risoto.

— Se for sobre o computador, Davi já me contou por alto. Quero explicações de você. Espero que ele esteja mentindo.

Caralho! Não estou falando? Ele não perde tempo. Bando de fofoqueiros.

— Que computador? — Franz enruga a testa, olhando do meu pai para mim.

— Sua irmã surrupiou o computador do Bernardo, pra quê eu não sei. Quem vê acha que eu sou um pai ruim, que nunca deu um computadorzinho para a filha.

— Credo, Liz. Precisava roubar? Tá certo que o computador do Beni é bem da hora, mas eu poderia ter emprestado o meu. — Freddy entra na conversa, sem saber de nada.

— Então foi você? — Francisco me olha, horrorizado — O Beni quase bateu no Johnny achando que tinha sido ele. Ficou doida, Melissa? O que fez com o computador? Pra que roubou? — Questiona e não respondo.

Continuo de olho na panela, esperando mamãe que chega e toma a direção do fogão, joga o queijo, mexe um pouco e tampa desligando o fogo. Satisfeita, ela olha para gente e todo mundo calado.

— O que foi? — Mamãe pergunta ao perceber o clima tenso entre a gente.

— Melissa quer nos contar algo. — Meu pai adianta e vejo que está bem bravo. Minha mãe fica perto dele, de pé, com a mão em seu ombro e meus irmãos permanecem sentados à mesa, todos me encarando. E então eu conto tudo, desde quando eu e Anna fomos abordadas por Samara até eu quase ser morta num quarto de hotel barato. Meu pai já está de pé, me olhando com o tal olhar inquisidor que eu previ, de mãos na cintura, muito bravo.

— Eu só... Não tinha como saber. — Termino me lamentando.

Minha mãe está aterrorizada, sentada com a mão no peito e os olhos cheios d'água.

— Porra! O Beni não é dessas coisas. — Francisco intervém em favor do amigo. Caralho, você quase foi morta... como pode ser tão boba?

— Eu não pensei... — Tento remediar.

— E agora, Melissa? — Papai interroga, furioso.

— Max, calma. — Minha mãe levanta a mão, tentando fazê-lo se acalmar.

— Não, Julia! Não foi isso que ensinamos a eles. — Aponta para nós três, depois olha só para mim. — Tem noção do que poderia ter feito com sua vida? Que maluquice foi essa? Quando foi que viu sua mãe e eu roubando coisa dos outros? E olha para você, uma garota estudada se metendo em lugar estranho com gente estranha, só pode estar zoando com minha cara.

— Já está tudo bem pai. Os homens foram presos e ninguém chegou a ver nada do computador de Bernardo.

Ele bagunça os cabelos impaciente.

— Já conversou com ele? Pediu desculpas e explicou tudo? — Minha mãe quer saber.

— Sim. — Assinto de cabeça baixa.

— Beni não vai te perdoar fácil. — Franz alerta e eu dou de ombros como se não importasse. Na verdade, essa constatação do meu irmão foi como uma paulada na minha nuca.

Como eu esperava, o sermão se estendeu. Meu pai começou lá de quando eu era pequena, apontou tudo que deu para mim, a educação que tive e o comportamento que ele esperava de nós três. Mamãe ficava pelo meio, ajudando-o de uma forma mais branda.

Mas passou. Ele queria que eu fosse à empresa pedir desculpas a Davi e Enzo, mas mamãe disse que aí já era demais e que o interessado nisso tudo era Bernardo e tudo já estava certo entre a gente. Sem falar, é claro, que Geovanna também sabia de tudo e poderia ter interferido, contando para o pai ou para a mãe. Mas, preferiu ficar calada. As duas eram culpadas.

No dia seguinte, eu contei tudo para as meninas e aceitei me unir a elas para colocar em prática o tal plano.

— Eu acabei de levar um sermão de deixar os ouvidos doendo e já

vou aprontar de novo. — Falo com elas, deitada no tapete da sala da casa de Anna.

Escolhemos a casa dela porque, segundo Sarah, tem a ver com o plano. Ainda não sei do que se trata, apenas que será algo que ninguém vai saber além da gente. Sem falar que, se formos descobertas, a culpa ficará com Bernardo, segundo Anna.

— Como faremos isso? — Pergunto, curiosa.

— Forçando ele a contra-atacar. — Geovanna dá de ombros, sentada recostada no sofá, olhando fixamente para o celular. — Meu pai e tio Davi foram dois tolos em deixar mamãe e Julia descobrirem tudo. Isso não vai acontecer com a gente.

— Deus te ouça. — Elevo as mãos para o alto. — Fico ainda pasma com toda aquela história do papai no poledance e depois tocando piano para a mamãe na escola.

Apenas Sarah presta atenção em mim. Geovanna sorrir feito uma tola para o celular e joga uma almofada nela.

— Vai começar ou não?

— Vou. — Ela devolve a almofada. — É o Tony. — Balança o celular para mim e Sarah.

— Tony? Que Tony? — Sarah pergunta, já em alerta.

— O delegado gato que te contei.

— Ah! Já tem o número do cara?

Anna dá de ombros com um sorriso, passa o polegar rápido pela tela e vem se arrastando para perto de nós.

— Perguntei a ele se tem tatuagens. Tenho loucura por tatuados. E ele não só tem como também me mandou fotos. Olhem. — Mostra o celular para nós e eu fico perplexa ao ver...

— Meu Deus! — Coloco a mão na boca. — Ele é enorme Anna.

— Olha o tamanho dessa bunda e do pacote! — Sarah quase berra e Geovanna lhe dá um cutucão de alerta.

— E veja só esse peito. — Estou perplexa. A tatuagem vai da bunda a coxa, é algo como setas, ou traços, não sei bem explicar. Estou pasma com a rapidez de Anna em descolar um caso.

— Você mandou fotos para ele? — Questiono.

— Claro, mas do rosto. Sou moça de família para estar mandando fotos íntimas por celular.

— E vai pegar mesmo?

— Lógico! — Ela grita. — Quero que esse gostoso me parta ao meio.

— Safada! — Grito com uma gargalhada pronta. Sarah ri também e Anna guarda o celular.

— Para de babar no meu futuro homem.

— Isso não é contra a ética dele, Anna? Ele é delegado, devia se dar ao respeito.

Os olhos verdes de Geovanna reviram para Sarah em desdém.

— Fora de lá, ele é um homem normal e bem safado. Depois vou mostrar um dos áudios dele.

— Cuidado. Esse cara deve estar querendo só te pegar e pronto. — Sarah avisa.

— E daí? Eu só quero pegar ele e pronto. Não estou com cabeça para confusão com meu pai por causa de namorado e nem quero encrenca de homem na minha vida. Ao menos não antes dos trinta.

— Droga, só eu estou na pior então. — Falo, me sentindo triste. Sarah está de pegação secreta com Freddy e agora é Anna com o delegado gostoso. Será que consigo capturar o Beni, em algum momento? Isso é tão irônico... ele me queria e eu recusei e agora estou pateticamente querendo mais uma chance.

Segundo Geovanna, eu preciso me entregar de cabeça ao plano que acontecerá daqui à duas semanas. A peça chave será Dafne, irmã de Beni. Geovanna pensou muito e descobriu de que ponto o plano deve partir: Dafne fará aniversário e Geovanna já conversou com ela, que vai levar os convidados para alguma bela praia do Brasil. E, claro, Beni irá, mas sozinho. Ele não vai levar qualquer mulher para uma festa da irmã, onde o pai e a mãe estarão. Só não entendo como eu vou fazer safadeza com ele na frente de todo mundo.

— E isso vai dar certo? Essa festa...

— Tudo vai acontecer durante e depois da festa. — Anna me avisa. — Mas, antes, segunda-feira mesmo você já começa a jogar, ou melhor, se

jogar.

— Como?

— Se jogar em cima dele, Melissa. Dar a ele muita corda, dar ao Beni todo ego que ele precisa. Se coloque na mão dele para ele ficar se achando.

— Qual a razão disso? — Sarah indaga, em dúvida.

— Pensem comigo: homem só dá valor quando perde. Bernardo já mostrou que gosta de Melissa, só está bravinho por ela ter feito besteira. Daí, ela fica no pé dele, ele se fará de difícil e, no fim, a perderá.

— Como isso acontecerá? — Berro.

— Uma das fases do plano do meu pai: arrumar uma namorada falsa para meter ciúmes na minha mãe. — Geovanna pega de volta o celular dela, procura algo e mostra pra gente uma foto de um cara sarado e tatuado.

— Fernando, gogo boy. Já entrei em contato e ele cobrou um preço maneiro para um dia com você fingindo ser seu homem, para fazer Bernardo ver que agora você é quem não quer mais ele.

PARTE 01 DO PLANO

Ficar na cola de Bernardo.



Bernardo

Na segunda-feira, pela manhã, saio do meu apartamento e quem já encontro na porta? Melissa.

Já passei uma noite de merda por ter bebido sozinho domingo à noite em frente a TV. Desde sexta-feira não consigo ficar com ninguém, ou melhor, pensar em ficar com alguém. Depois do toco que Melissa me deu e

da safadeza de Samara, estou dando um tempinho.

Cara, eu gostava mesmo dela, sentia coisas verdadeiras por ela, e a maior dor é saber que Melissa me tem em tão baixa conta. Esse foi o motivo do meu porre ontem à noite. Como pôde suspeitar de mim dessa forma? Se fosse comigo, ela seria a primeira que eu iria confrontar para saber se a história era verdade.

Por trás dos ósculos escuros, olho curioso para ela. Está meio tensa, parada, me olhando. Vem andando rápido até mim com um sorriso amarelo.

— Oi, Beni.

Ela está totalmente deslocada, não é caminho para trabalho e nem para a casa dela.

— Oi, Melissa. Aconteceu alguma coisa?

— Não... Eu não consegui... falar com você ontem. – Ela coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha. Está diferente, parece mais bonita. Fico tenso por ter percebido esse detalhe. Eu a observo mais do que deveria.

Franzo o cenho para ela.

— Você me ligou?

— Sim... Mas, ninguém atendeu.

Relembro, eu sozinho de cueca pela casa, assistindo, jogando videogame, assistindo mais, comendo e bebendo. Não me lembro de celular tocando.

— Estranho, não ouvi.

— Pois é. Só queria me desculpar pela noite do sábado, lá na casa dos seus pais. Já contei tudo para minha família.

— Que bom. Está desculpada. Era só isso?

— Sim. — Ela responde rápido.

— Ok. Até mais. — Educadamente aceno, dou um giro e vou em direção ao meu carro.

— Beni! — Melissa me chama e eu paro. Ela me acompanha. — Vamos tomar algo no fim de semana?

Olho intrigado para o rosto dela, meio tensa, como se não tivesse certeza do que está fazendo.

— Está me chamando para sair?

— Sim. — Ela sorri.

Parece que o jogo virou, não é? Tempos atrás eu vivia no pé dela e ela nem aí, me tratando como um cachorrinho. Depois, ainda fez aquela merda toda e acha que vai me comprar com um convite? Não. Sou um Brant e tenho sangue de uma bandida correndo em minhas veias. Tenho sérios problemas em guardar rancor.

— Hum... Sabe, Liz, não estou afim. Se cuida. — Viro as costas para ela e vou para meu carro, louco de felicidade. A ressaca sumiu. Ganhei meu dia.

Será que ela ficou na minha porta me esperando só para me chamar para sair? Deus! Meu dia não podia começar tão bom. Toma safada, agora prove do próprio veneno.

Na manhã da terça-feira, acordei as cinco para correr.

É um costume e, às vezes, Francisco e Freddy se juntam a mim. Mas, hoje, sou apenas eu. Ontem eu não fui por causa da ressaca, mas hoje estou legal. Escolho uma música, coloco os fones de ouvido e começo a correr pelo calçadão. Fica cinco minutos do meu apartamento e venho a pé. Não demora dois minutos e sinto um cutucão. Olho de lado e paro de correr ao ver Melissa ofegante, com roupa de corrida, sorrindo para mim.

— Uau! Você está no pique, hein? — Ela fala muito íntima quando eu tiro o fone. Passa os olhos pelos meus braços e ergue a sobrancelha.

— Melissa?

— Olá. — Ela mexe os dedos acenando.

— O que está fazendo aqui?

— Correndo atrás de você. Literalmente. — Ela ri e dá um tapinha no meu braço.

Olho para os lados, talvez seja uma pegadinha e os irmãos dela estão escondidos em algum lugar me espreitando. Volto a encará-la.

— Quer me dizer alguma coisa?

— Sim, quero que me dê uma chance.

— Chance? Chance para quê?

— Como para quê, Beni? Para ficarmos juntos.

Sinto meu semblante relaxar e uma ponta de vaidade me toma. Meu

ego sobe a um patamar bem alto. Tem como acordar duas manhãs seguidas com um presente desses? Melissa no meu pé. Nas minhas mãos.

— Sem chance, Melissa. — Deselegantemente dou as costas para ela e volto a andar. Claro, ela me segue.

— Beni...! Você disse que me perdoou.

— E perdoei, mas isso já é longe demais. Não te quero. — Toma na cara pilantra, ladrona de computador.

— Por quê? — Ela faz carinha de choro.

Toco em sua bochecha e dou uma piscadinha.

— Seu tempo acabou, linda. Até mais. — Deixo-a e saio correndo feliz da vida. Será que agora é só eu estalar os dedos e ela cai aos meus pés? Estou achando que vou cozinhá-la bastante em banho-maria, fazê-la rastejar.

À tarde, quando saí para ir almoçar, parada em frente à empresa, estava Melissa. Revirei os olhos e andei depressa para meu carro.

— Beni! — Gritou. Dessa vez não parei. Ela não vai me vencer pelo cansaço. Se esse for o plano dela, está muito enganada. Ela me alcança antes de eu abrir a porta.

— Por favor, vamos ficar bem. Estou aqui, te dando uma chance, vamos ficar alguns dias juntos e...

— Me dando uma chance? — Olho ironicamente para ela. — Pirou melissa? Você é que não tem chance. — Entrei no carro, bati a porta e a deixei na calçada. Sei que fui rude, e me dá até um aperto no peito, mas estou apenas fazendo-a pagar. Claro que eu ainda a quero e, essas investidas dela, até que fez minha raiva pelo caso de Samara acabar. Vou esperar mais um pouco, estou adorando tanto dar sucessivos foras nela.

Melissa me perseguiu por mais três dias. Me esperava na porta de casa, tentou me beijar, mandou cartões carinhosos para meu escritório, mandou bombons para minha casa, mensagens e ficou me ligando, pedindo para ficarmos juntos. Devia estar tomada pelo fogo do tesão.

E, na sexta à tarde, ela parou. Passei a noite e o início do sábado sem notícias dela. Saí de casa para ir à praia e nada de Melissa. Almocei com meus pais, saí e nenhuma ligaçãozinha. Me perguntei se ela adquiriu amor próprio. Eu estava fazendo-a rastejar atrás de mim por quatro dias seguidos.

Fiquei esperando maiores informações e nada.

À noite, Francisco me ligou para a gente sair. Aceitei numa boa. E nem sinal de Melissa. Já estava até acostumado com ela na minha cola.

Me arrumei e às nove saí para curtir a noite. Marcamos de nos encontrar num bar que gostamos muito. Talvez hoje eu fique com alguém. Já faz tanto tempo que transei... Quase duas semanas. Tempo demais.

Saio do carro e vou caminhando na calçada e, ao longe, já vejo Heitor em frente ao bar conversando com uma garota.

Antes de eu chegar, porém, alguém tromba em mim. Olho para o lado e vejo... Melissa! Ufa! Achei que ela tinha desistido. A safada me seguiu e acho que darei a ela mais um chá de espera.

Está muito linda. Usa um vestido colado e saltos, os cabelos estão soltos e o batom bem aplicado. Vermelho. Sinto uma batida cardíaca falhar.

— Ah! Oi, Beni! Nossa, que desastrada. Saí do táxi. — Ela aponta para o táxi indo embora.

— Oi, Melissa. Que surpresa. — Ignoro-a e continuo andando. Como sei que ela está me seguindo, eu digo: — Coincidência, não?

— Pois é. — Ela fala apenas. Paro na esquina para atravessar e olho para ela. Melissa está indiferente a mim.

— Está tudo bem?

Ela me fita.

— Sim. Meus irmãos estão aí com você?

— Eles estão chegando.

Atravessamos e chegamos ao bar.

— Então nem vou ficar aqui para eles não ficarem pegando no meu pé.

Heitor me vê e acena. Puxo uma cadeira e me sento. Ela fica de pé.

— Por que eles pegariam no seu pé?

— Coisas de irmãos. — Ela é evasiva, olha para os lados, nem senta à mesa comigo. Heitor vem até a gente.

— Oi, Liz. — Passa os olhos pelo corpo dela e eu fico incomodado com meu irmão nada discreto.

— Oi, Heitor. — Retribui o cumprimento e ele se senta.

— Não vai se sentar?

— Não. — Ela olha para o outro lado da rua e depois volta para nós dois. — Foi bom encontrar vocês. Tchau.

Tchau? Como assim? Nenhuma cantada?

— Já vai? — Indago.

— Sim. Vou mudar de bar já que meus irmãos estarão aqui. — Ela aponta sutilmente para o outro lado. Olho e vejo um cara descer de um carro. Ele ajeita a gola da camisa no retrovisor, passa as mãos no cabelo e se endireita. Assim que vê Melissa acena para ela.

— Vocês dois, favor não fofocar para os gêmeos intrometidos. — Ela avisa batendo no ombro de Heitor. O homem malhado, com uma jaqueta na mão e o braço cheio de tribais, chega até nós.

— Oi, Mel. — Passa os olhos pelo corpo dela. — Você está linda.

— Obrigada. — Ela sorri melosa.

— Vamos entrar? — Ele olha para mim e Heitor e nos cumprimenta com um gesto de cabeça.

— Ah, Nando! Eu acabo de saber que meus irmãos estarão aqui, então quero ir a outro lugar. Tudo bem?

— Claro, gata. Vamos então. Conheço um lugar bacana. — Ele passou o braço na cintura dela. Passou. O. Braço. Na. Cintura. Dela.

Estou chocado. Melissa tem um encontro? Ela nem mesmo olha para mim.

— Beni e Heitor, esse é Fernando, colega de trabalho. Nando esse é Bernardo e Heitor, irmãos. Nos conhecemos desde criança.

— E aí? — O tal Fernando fala. Dá um puxãozinho para trazê-la para mais perto de seu corpo. — Vamos, Mel?

— Claro. Tchau, rapazes. — Grita e sai de braços dado com o cara grandão. Eu fico sem reação, olhando eles entrarem no carro e partir.

— Uau! o cara se deu bem. Melissa é uma gostosa. Ele vai fazer a festa hoje. — Meu irmão não deixa de comentar.

Algo bem ruim me sobe. Ciúmes? Acho que confiei demais no meu taco. A fila andou.

DUAS SEMANAS ANTES


Melissa

— E depois de eu esfregar um cara nas fuças do Bernardo, o que vai acontecer?

— Bernardo vai ficar recalcado. — Anna responde naturalmente, prevendo todas as ações e reações.

— E se não ficar?

— Ao menos você vai ganhar uma noite com um cara gostoso. Já estará tudo pago, aí você decide se dá ou não para o Fernando.

— Credo, Anna!

Ela dá de ombros.

— Se Beni gostar mesmo de você, ele vai se sentir ameaçado por pinto alheio e vai querer entrar na disputa.

— Tá! Se ele entrar, qual será minha reação?

— Mandar a real. Diga que acabou encontrando alguém e estão se conhecendo. Sabemos que Bernardo pode querer jogar sujo, então ele vai contar para seus irmãos. E é aí que entra a terceira parte do plano: Johnny.

— O que? — Eu e Sarah berramos sem entender.

— Meu irmão linguarudo. Você vai se mostrar chateada com Bernardo por ele ter envolvido seus irmãos no seu relacionamento e, por causa disso, vai querer armar para ele. E ele vai saber disso. E vai saber mais ainda: que você quer levar o tal Fernando para a viagem de Dafne.

— Eu não quero levar ninguém...

— Finja que quer, Liz. Deixe o Bernardo achar que você vai levar um estranho para a confraternização de família. Conheço meu primo, ele vai

achar um desaforo.

— Então... — Sarah tenta compreender.

— Gente é simples: Beni vai descobrir que há um plano contra ele. Podemos até citar o plano do meu pai, então ele vai querer agir na frente. Ele vai planejar e pronto. Você só precisa cair de boa no planinho dele.

— Não seria mais fácil a Liz ir conversar com ele como gente grande? — Sarah parece medrosa, com um pé atrás nessas armações da Anna.

— Lógico que não. Se ela for falar com ele, o ego dele falará mais alto e ele não vai dar bola. Esse nosso plano é forçar o Bernardo a reagir e agir. No final, se algo der errado, ele será o único culpado de bolar planos. Olha que legal!

Eu e Sarah nos entreolhamos incrédulas, enquanto Anna, toda convicta, joga os cabelos para trás.

SETE



Bernardo

PARTE 03 DO PLANO

Fazer Johnny ouvir um falso plano.

PARTE 04 DO PLANO

Esperar de braços cruzados Beni tomar a dianteira e agir de alguma forma.

. Eu vi Melissa com um sujeito e fiquei furioso, me sentindo um grande babaca. Confiei demais em mim e acabei a perdendo. Droga, ela estava em minhas mãos. Se quinta-feira à noite, quando ela me ligou, eu tivesse aceitado, hoje eu já tinha conseguido o que sempre quis.

Se ela me queria, por que tinha que ficar com aquele imbecil que parece um retardado? Simplesmente, eu não podia deixar passar em branco. Sou filho de Davi Brant e é meu dever tomar uma providência, ou melhor, alguém tinha que tomar uma providência, e nada melhor que colocar quem mais interessa na situação. Quer dizer, eu era o maior interessado, mas os irmãos dela não iriam aprovar se eu inventasse uma história meio cabeluda.

E foi isso que fiz.

Contei que o cara era um mané, que estava com cheiro de maconha e a tratou como uma vadia. Ele nem fez nada disso, mas não custava acrescentar umas coisinhas. Eu ainda falei para Freddy e Franz que fiquei preocupado demais e disse que, se eles fossem pressionar a irmã, era bem capaz de ela falar que o cara era colega de trabalho dela. Mas que eu tinha

visto com meus olhos ele faltando com respeito com ela e ainda tendo uma postura duvidosa.

E foi dito e certo. Naquela mesma noite de sábado, eles ligaram para ela. Fiquei sabendo, depois, que houve quebra pau em casa. Melissa gritou, Franz contou para o pai que ficou do lado dos gêmeos e, Max disse que, se ela teimasse em sair com esse cara, que ele mesmo iria tomar as devidas providências. Não a vi mais, entretanto, sei que ela está furiosa comigo.

E, agora, aqui estou eu, em minha sala, na empresa, abismado, ouvindo Johnny contar uma coisa absurda.

— Plano contra mim? — Exclamo perplexo. .. Me levanto da cadeira e ando pela sala, pensando. Sinto minha testa enrugada. — Plano contra mim?

— Pois é, Beni. Elas não me viram. Estavam lá, as três, na sala de casa, com minha irmã orquestrando tudo. Até citou o plano que o papai e tio Davi fizeram para capturar minha mãe.

— Qual o teor desse plano delas? — Com as mãos na cintura, viro-me para Johnny, que está despreocupado mexendo nas minhas coisas sobre a mesa.

— Vingança, eu acho, por você ter ido fofocar para os gêmeos sobre a vida de Melissa. Você foi bem cruel, cara. O que é isso? — Ele balança um potinho.

— Nozes. — Tento tomar da mão dele, mas Johnny desvia e abre o pote, encostando o nariz para cheirar.

— Sabe quando vão colocar esse plano em prática?

— Mais ou menos. — Ele pega uma noz e joga na boca. — Tem a ver com o aniversário da Dafne.

— Minha irmã está no bolo?

— Não. — Pega outra noz. — Elas vão usar o aniversário para colocar tudo em prática. Acho que tem a ver em deixar você amarrado e pelado na cama, e Liz levar o tatuado.

— Como é que é? Vai levar aquele cara para a viagem da minha família?

— Pois é. Segundo a mente maquiavélica da minha irmã, ninguém vai poder fazer nada contra Liz e seu novo amor se estiver todo mundo junto.

E os gêmeos vão ter que simplesmente aceitar o Mané. É isso aqui que dá uma potência nos homens? — Ele ergue o pote de nozes que eu costumo comer enquanto trabalho.

— Não. Dizem que quem faz isso é a castanha do Pará. — Tomo o pote da mão dele e coloco no lugar. — Melissa não vai mesmo levar esse bunda mole. Nem por cima do meu cadáver, porque é um cadáver Brant e ninguém passa por cima de um cadáver Brant.

— Falou e disse. — Johnny dá de ombros e se levanta.

— Vai pra onde? — Pergunto ao vê-lo sair.

— Para minha mesa? — Diz sem entender minha pergunta.

— Não. — Bato a mão no peito dele, impedindo-o de sair. — Vai me ajudar a planejar alguma coisa.

— Planejar? Cara essa história de plano me deixa com tanto tédio.

— Eu tenho que contra-atacar, Johnny. Acha que vou ficar parado, esperando essas pilantras armarem contra mim?

— E o que vai fazer? — Ele alcança o potinho de nozes de novo e volta a se sentar — Colocar de novo a boca no trombone? Cancelar a viagem da sua irmã?

— Não. Vai haver a viagem, o jatinho da empresa já está pronto. Quanto a isso está tudo bem. Mas, ela não vai levar o retardado. Eu que estou organizando essa porra toda. Quero ver se ele vai. Vou mexer na organização dos quartos dos convidados. Acho que Liz terá uma surpresa.

— Oh, Beni, sua cara tá parecendo a da Cruela dos 101 Dálmatas. Tinha um medo daquela mulher.

Me encosto na mesa, pensativo, acariciando meu queixo, com um plano já rodando quente na minha cabeça.

— Eu estou com uma raiva que você nem imagina.

— Então, Cruela, tem pontinhos falhos em seu plano.

— Que pontinhos?

— Beni, se você não permitir que ela leve o sujeito, eles podem ir atrás de carro e pronto.

— Verdade. — Dafne quer uma viagem com os amigos para um lugar aqui no Brasil mesmo. Paro e penso sobre isso, tamborilando os dedos

na mesa enquanto Johnny fica calado, mastigando nozes. Então tenho uma ideia:

— Ninguém poderá nos seguir de carro se a viagem for a outro país.
— Reflito.

— Caraca! Vamos para onde? Grécia?

— Não tão longe. Estamos em julho e é temporada de esqui em Bariloche.

Corro e pego meu celular para contar a novidade a Dafne. Peço a ela para não contar para ninguém, que é uma surpresa para os convidados, e ela fica tão desesperadamente feliz que aceita na hora. Desligo e ligo para meu pai. Agora é só resolver as burocracias para sairmos do país com o jatinho cheio de gente, com um total de dezoito pessoas.

Viajamos dias depois. Tivemos que esperar um feriado para emendar com um final de semana, porque todo mundo trabalha e iria perder ao menos um dia. E, ao chegarmos ao hotel que eu arrumei, a confusão estava armada.

— Como assim eu fiquei em um quarto sozinha? — Melissa grita, fazendo birra na recepção.

Fui eu, gata. — Penso com um sorriso de vitória. Durante a viagem para cá, nos ignoramos mais que inimigos. Ela estava de cochichos com as amigas no avião, achando que eu vou cair na palhaçada delas. Querem me humilhar? Pois vão ver quem vai virar esse jogo. Vou fazer Melissa implorar, isso mesmo. Vamos para a cama e ela terá que ficar quieta para ninguém ouvir. Vai ter que me aguentar sem gritar.

— Quero só saber quem organizou isso. — Ela bate na cintura e a mãe tenta controlar a situação. É hora de entrar em ação.

— O que está acontecendo? — Me aproximo todo prestativo.

— Bernardo, você quem estava organizando tudo. Você deixou eu e Liz em quartos separados. — Dafne reclama.

Eu dividi os quartos em duplas. Os gêmeos em um, eu e Heitor em outro, e assim sucessivamente. Mas, para meu plano dar certo, Liz tem que está sozinha em seu quarto. Poderíamos ter alugado uma cabana familiar, mas não poderia colocar meu plano em prática. Teve que ser hotel mesmo.

— Sim, fui eu. — Falo com a cara mais inocente do mundo. Johnny

ri assistindo a cena. Só ele sabe de tudo. — Eu a coloquei sozinha por que achei que ela iria trazer companhia.

— Companhia? — Max exclama, olhando para a filha — Que companhia, Melissa?

— Nada não, pai. — Ela diz enquanto me fuzila com os seus belos olhos. — Loucura do Beni. Deixa, eu fico no quarto sozinha com cama de casal. — Ela pega a bolsa, passa por mim e resmunga:

— Idiota.

Deixou o barraco de lado para não entrar em detalhes. Safada.

Esses serão os melhores quatro dias.

Nos instalamos nos quartos e já saímos correndo para conhecer as redondezas enquanto os velhos ficavam por lá, na sala aconchegante do hotel, batendo papo. Como sempre minha mãe deu mil recomendações para eu tomar cuidado, para ficar de olho no meu irmão (que já tem vinte e cinco anos) e para não esquiar sem um instrutor.

Eu ainda não sabia como eu iria abordar Melissa. Apenas sabia que não podia ser agora, não na frente de todos. Então, decidi ficar de boa com os rapazes, curtindo meu dia de folga num lugar frio. Mas, já tenho tudo planejado. Comprei o que precisava e está na minha bolsa. Ainda estou pensando em como irei ajeitar tudo.

Pensei em embebedá-la, mas, isso só faria de mim um grande filho da puta. Jamais irei me aproveitar de uma mulher bêbada. Vou ter que agir na surdina e torcer para que a sorte esteja ao meu lado. Sei que ela ficará reunida com as outras, no quarto de Anna e Sarah, até tarde, então essa noite tenho que ficar muito sóbrio, vigiando. Não posso dormir.

Foi um dia legal: eu esquiei, almoçamos todos juntos e voltamos à tarde para o hotel onde nossos pais nos esperavam. Depois eles saíram juntos para um bar e nós fomos a outro. O lugar é frio pra cacete e, mesmo assim, a farra rola solta.

Fomos embora, bebemos mais um pouco no hotel e, bem tarde, quando nossos pais chegaram, nos retiramos. O dia foi cansativo, sem falar da viagem.

Claro que fiquei à espreita, aguardando. Vi Anna entrar no quarto de

Melissa e muito tempo depois sair sozinha. . Voltei para meu quarto, Heitor já estava no segundo sono.

Peguei o que precisava, troquei minha roupa e só esperei. Esperei e esperei. Três e meia da manhã, saí do quarto, olhei para os lados e andei na ponta dos pés até o quarto de Liz, que fica no mesmo corredor. Claro que antes pedi na recepção uma cópia da chave, alegando que sou o namorado dela.

O processo de entrar é muito rápido. Olho o quarto que está escuro e silencioso, encosto a porta e tento agir no escuro. Em minhas mãos estão minhas roupas emboladas, jogo a calça em um canto, a camisa do outro lado e os sapatos perto da cama. A luz do banheiro está acesa e vejo que Melissa está dormindo debaixo de um edredom.

Dou a volta na cama, me deito do outro lado, só de cueca, pego as algemas que trouxe, abotoo uma na cabeceira e a outra no braço de Melissa. Bem devagar, ela se mexe e eu paro. Não acorda. Respiro pausadamente, vou até a outra ponta da cabeceira e prendo um pulso meu ali e, em seguida, enfio o outro pulso na ponta da algaema presa no braço dela. Foi meio difícil abotoar usando uma mão apenas, mas consegui. Deitei contra o travesseiro e fiquei esperando, com um belo sorriso, até dormir.

OITO



Melissa

Eu passei muito tempo na expectativa para saber o que Beni faria. Era claro que ele iria dar o troco, ainda mais quando descobrir que ele me colocou em um quarto sozinha. Anna estava mais animada que eu, dizendo que Beni estava planejando pular pelado na minha cama.

Esperiei ele até tarde e acabei dormindo.

Só não esperava acordar e estar presa.

Quando fui me mexer, algo puxou meu braço. Fiquei confusa, olhei em volta e quase tive uma síncope ao encontrar um enorme corpo masculino nu ao meu lado. Bernardo é um tesão e, olhando-o assim tão de perto, eu posso ver todos os músculos, tem um conjunto de peito e abdômen de dar água na boca. Uma das pernas está descoberta e é bem musculosa, a pele morena e com pêlos. Acho que o clima começou a esquentar. Beni consegue esquentar Bariloche.

Não consegui aguentar e dei um sorriso de satisfação. O safado armou mesmo, como Anna previu. O que será que vem agora? Por que nos prender? Olho para nossos braços presos e para a outra mão dele presa na cabeceira. Tenho vontade de pular em cima e beijar esse corpão. Mas respiro fundo e começo a atuar.

— Bernardo! — Gritei, sacudindo o braço. — Meu Deus, Bernardo!
— Toco no peito quente dele e dou um sacolejo. Ele acorda e se sobressalta.

— O quê? — Tenta mexer o braço e vê que está preso. Nossa, ele é muito bonito com cara de sono.

— O que está acontecendo? — Grita tenso, aflito.

Nós dois atuando descaradamente. Ele acha que eu não sei e eu sei de

tudo.

— Céus! O que houve? Por que está aqui na minha cama? – Grito, batendo nele.

— Como assim? — Ele senta na cama e imediatamente meus olhos repousam na cueca dele volumosa. Ele está com uma ereção!

Bernardo acompanha meu olhar e puxa o edredom se cobrindo, fica com a mão ali segurando e, como estou algemada a ele, tenho que ficar com minha mão bem perto do seu pênis.

— Como assim o quê? Sabe o que houve?

Ele suspira, fica de cabeça baixa e resmunga um “droga”.

— Sim, Liz. Vim te pedir desculpas e aí acabamos na cama. Fizemos sexo. — Explica categoricamente.

Que descarado! É lógico que não fizemos sexo. Esse é o plano dele? Bom, é melhor eu continuar encenando. Ele caiu no meu plano. Bernardo estava com raiva de mim por causa do computador e eu consegui desviar o foco dele. Parece que o jogo virou mais uma vez, né?

— Ai meu Deus! E agora, Beni? Não usamos... proteção?

— Não. — Fala com a cara mais limpa — Você tem risco de engravidar de mim. Agora vamos ter que ficar juntos pelo bem do bebê.

Que patife.

Estou quase dando gargalhada. Chega a ser cômico. Só não rio porque fico grudada, olhando o rosto lindo dele mentindo.

— Que bebê? Não estou grávida.

— Mas pode estar, Liz. Então temos que ficar juntos até descobrir.

— Eu posso comprar uma pílula do dia seguinte. Cadê a chave dessa coisa? – Grito, balançando o braço.

— E como vai fazer isso sem que as meninas saibam? Imagina se sua mãe descobre que está tomando pílula do dia seguinte? Vai ter que ficar comigo, Liz. Não tem outra saída.

Ele é um bom articulador, estou impressionada. E estou adorando. Preciso agradecer muito a Anna por trazer o homem desejado em três dias. No meu caso, três semanas.

Nesse instante a porta abre e fico horrorizada. Isso eu não esperava.

Johnny entra e se detém paralisado, olhando para nós dois.

— Liz? Beni? Caralho!

Eu sou uma mulher adulta, Beni é adulto também, e não precisamos dar explicações para ninguém sobre nossa vida. Mas, convenhamos que ser encontrada algemada num hotel onde toda família está reunida, dará pano pra manga.

O que esse linguarudo está fazendo aqui? Será que faz parte do plano dele? Agora sim eu me preocupei.

NOVE



Bernardo

— Johnny! — Eu grito batendo o braço e sacudindo-o junto o de Melissa. — Pegue essa chave e nos tira daqui.

— Estão algemados? — Ele faz um cara de desentendido. — Como conseguiram? — Ele se aproxima e Melissa tenta se cobrir puxando minha mão com o movimento.

Johnny olha para os lados, despista e pega o celular no bolso. Aponta para a gente e antes que eu me proteja ele começa a tirar fotos.

Isso já está indo longe demais. Ele só tinha que vir, ficar horrorizado, me dar a chave e pronto. Era só uma testemunha do que houve caso Melissa decidisse negar.

— O que está fazendo, imbecil? — Liz grita, de rosto virado.

— Pronto. — Ele guarda o celular e caminha para perto da cama, olha em volta e pega a chave onde joguei. Ele balança a chave.

— Querem isso?

— Agora, Johnny! — Melissa dá um grito estridente no meu ouvido. Estou amedrontado. Conheço essa cara de Johnny, ele vai estragar tudo. Sei que vai.

— Meu querido patrãozinho pelado e algemado, eu quero algo em troca dessa chave?

— O quê? — Exclamo. Sabia que ele iria fazer besteira.

— Isso que ouviu. Negociar.

— Tudo bem, me dê a chave e negociaremos.

Ele sorri satisfeito e vem até a cama.

Abre a algema libertando um braço de Melissa e deixa a chave com ela. Assim que está livre, pula da cama levando o lençol e me deixando exposto. Ainda bem que estou de cueca.

Pego a chave, tiro as algemas que me prendiam.

— Saia do meu quarto. — Ela berra para mim. — Os dois. Fora! — Pego minhas roupas espalhadas e corro com Johnny para fora.

Ele me segue até meu quarto e já se joga em uma das camas. Heitor ainda dorme, jogado na cama de bunda pra cima.

— Qual o problema de vocês em expor a nudez? — Johnny ironiza e joga uma almofada na bunda do meu irmão que nem se mexe.

Começo a me vestir. Estou satisfeito de que meu plano deu certo. Consegui colocar uma pulga atrás da orelha de Melissa, ela acha que transamos e que pode estar correndo o risco de uma gravidez. Agora é começar a cercá-la, atacar pelos cantos, deixá-la encurralada. Ela não poderá gritar por socorro, afinal não vai querer que os pais, ou mesmo os irmãos, saibam que hipoteticamente bebeu e transou tanto que até esqueceu e amanheceu amarrada numa cama.

— Pode apagar a foto Johnny. Valeu, o plano deu certo.

— Deu certo para você, mas e eu? Como fico?

Olho para ele deitado numa boa, mexendo no celular.

— Como fica o quê? Você concordou em me ajudar.

— E agora você vai me ajudar. — Ele impõe com um olhar insolente.

— Como?

— Vai fazer tudo que eu disser. Ou... — Ele balança o celular para mim. — Mostro essa foto acidentalmente para Max.

O safado vai me chantagear?

Parado, com as mãos na cintura, a calça ainda desabotoada, fico olhando para ele.

Sem pensar, avanço para cima.

— Me dê esse celular. Não vou me submeter a chantagem.

— Me largue! Eu não vou trabalhar de graça, Bernardo.

Luto com ele, mas o safado é forte e consegue se desviar. Vai para

levantar, mas eu o puxo e caio de novo por cima. Johnny se contorce, uso minhas pernas e braços, e rapidamente estamos agarrados em cima da cama, como num tatame de MMA.

— Me dá, Johnny!

— Não! — Ele trava as pernas no meu quadril e tenta sair do meu mata leão. Dou um golpe seco em sua barriga, ele geme e devolve outro no meu abdômen. E ficamos um rosnando para o outro, gemendo agarrados na tentativa de dominar o outro.

— Mas que porra é essa?

Olho para a cama ao lado e Heitor está sentado, boquiaberto nos encarando.

— Beni? Johnny? — Ele esfrega os olhos e franze o cenho. — Eita porra!

Me levanto num salto e fico de pé.

— Só estávamos... — Paro de falar ao acompanhar o olhar de Heitor para minha calça aberta e meio abaixada.

Puxo rápido o zíper e abotoo.

— Nem vem me olhar assim, não gosto de macho. — Falo com meu irmão e viro para Johnny. — Celular, agora.

— Calma, priminho hetero. Vamos negociar. — Heitor ainda olha para a gente sem entender, Johnny pisca para ele e refuta:

— Só para deixar claro, ninguém estava querendo comer ninguém aqui.

— Todo mundo que vai trabalhar naquele banco enlouquece. — Heitor conclui. Ele se levanta de cueca, com ereção matinal, sem nem importar com a gente, e vai para o banheiro. Volto-me para Johnny.

— O que quer?

— Isso, vamos negociar como bons banqueiros que somos. — Ele se coloca de pé e fica na minha frente, braços cruzados, pose tranquila e o celular ali, jogado na cama. Ele acompanha meu olhar para o aparelho. — Beni, não sou tolo. Enviei a foto para meu e-mail, está segura.

— Fala logo o que quer de mim. — Esqueci que o mané é meu aprendiz e sabe das coisas.

— Não acha que já passou da hora de eu ter minha própria sala na AMB?

Dou uma risada exagerada.

— Boa, conte outra piada.

— Você que sabe. Converse com meu pai ou arque com a fúria dos gêmeos que não vão ficar felizes em ver a irmã algemada numa cama. – Ele pega o celular, enfia no bolso e passa por mim, indo para a porta.

Sei que ele está falando a verdade, tio Enzo criou uma cobra. Johnny é trambiqueiro e traiçoeiro para conseguir o que quer. Só mesmo os pais não caem na lábia dele, são os únicos capazes de dominar o pilantra.

— Cara, não é assim que funciona. Você acabou de chegar, está em processo de avaliação. Meu pai foi assistente do meu avô, assim como seu pai foi de Jonas e Max do pai dele. Cada um passa por um estágio. Você é meu assistente, tem que aceitar.

Ele volta e senta na cama de Heitor, empurrando com nojo um lençol.

— É injusto. Uma porra de uma injustiça. Meu pai conseguiu uma sala assim que entrou.

— Por que Jonas era puxa saco. Foi contra a vontade de nosso avô.

— Não importa. Max e seu pai foram assistentes do meu pai mais tarde e cada um tinha sua própria sala. Eu posso fazer meu serviço sendo seu assistente e tendo minha própria sala. Só não quero continuar na recepção como um incompetente.

— Então você quer só uma sala, sendo um assistente com a própria sala?

— Qual é Beni? Você sabe que de nós três, eu, você e Franz, eu sou o que mais tenho poder lá dentro.

— O quê?

— É isso mesmo. Sou herdeiro dos Brant e Assumpção. Ou esqueceu que Jonas é meu avô e Maria Luiza minha mãe?

O pior é que ele está certo. No fim, Johnny será o executivo com mais ações na AMB. Ele e Anna, claro, mas como ela não liga para isso, ele vai administrar a parte dos dois.

— Ok. Vou providenciar.

— Quando?

— Tudo ao seu tempo, Johnny.

— Hoje, no almoço, converse com meu pai. — Ele diz e se levanta.

— Como saberei que você não vai me chantagear depois?

— Simples: continuarei te ajudando com a Mel. — Ele bate no meu ombro. — Vamos tomar café? Estou faminto e louco para dar umas voltas.

— Você é um filho da mãe.

— Viu como uma boa chantagem faz efeito? Consegui uma sala só minha lá na empresa. Você vai conseguir a Liz também.

— Com chantagem? — Sigo-o para fora do quarto, abismado com Johnny. Eu não sou inocente, também sei usar umas jogadas sujas, consigo planejar umas coisas mirabolantes, mas ele age de maneira fria, sem ligar com nada.

— É a vida.

Chego ao restaurante do hotel e já vejo ao longe meus pais numa mesa, sozinhos, cochichando e rindo. Aposto que o velho tá passando uma cantada nela.

Puxo uma cadeira, me sento, meu pai me olha e, de má vontade, se afasta um pouco da minha mãe. Naturalmente puxa papo comigo enquanto decido no cardápio o que pedir.

Nem condições de focar na comida eu tenho, estou pensando na chantagem de Johnny e atento a qualquer movimento. Tenho que atacar Melissa assim que eu a vir.

DEZ



Melissa

Deu certo. Estou saltitante no meu quarto por que Beni agora está em minhas mãos. Eu não aceitei mesmo vê-lo de cara virada para mim por causa daquela confusão do computador. Não fui culpada, Samara sim. É lindo saber que agora ele está armando para ficar comigo, até mentiu dizendo que tínhamos transado. Que idiota! Sou médica e já fiz sexo antes, ele acha que eu não saberia?

Agora o próximo passo é me manter firme, afinal, eu tenho um hipotético namorado. Dou uma risada estilo Geovanna. Queria ver a cara do Beni quando descobrir que Anna está mexendo no destino, o fazendo tomar uma atitude e que Fernando, aquele moreno grande e tatuado, é só um gogo boy.

Quando eu sair desse quarto, vou fingir ignorá-lo. Preciso ter certeza que Bernardo vai ficar no meu pé. E ele vai, com certeza vai. Começou um plano, tem Johnny envolvido e estou sentindo que vai me chantagear.

Me arrumo e corro para o quarto de Anna e Sarah, entrando sem bater. Encontro Anna deitada de barriga para baixo mexendo no celular e Sarah sentada na cama com o emaranhado de cabelos na cara e de olhos fechados.

— Acorda, pessoas! — Bato palmas e Anna se vira para me olhar. Ela senta na cama toda animada e Sarah me olha por trás dos cabelos assanhados.

— Teve sexo com força, aposto. — Anna já está de pé perto de mim. — Essa sua cara é de muito pau a noite toda.

— Que droga! Você faz qualquer momento lindo ficar obsceno. — Reclamo de olhos saltados. — Sarah ri caindo de lado.

— Então o que ele fez?

— Me algemou a ele enquanto eu dormia e dormiu comigo.

— Pelado? — Ela coloca a mão no peito.

— De cueca.

— Viu alguma coisinha? — Sarah indaga deitada de lado, olhando para a gente.

— Só o volume. — Faço uma pausa e completo mais baixo: — Bem enorme.

— O gato algemado ao seu lado com o pacotão a mostra e você nada?

Eu e Anna olhamos incrédulas para Sarah. Ela deve estar mesmo zonzinha, sonolenta, pois quase nunca fala esse tipo de coisa.

— Claro que não, né. Liz tem que fazer a ofendida. — Geovanna cruza os braços me olhando séria. — Sabe o que vem agora, não é?

— Sim, marcação cerrada por parte dele.

— Isso. Beni é um quase macho alfa, ele quer ganhar sempre. E você? O que vai fazer?

— Serei a Melissa do início, fazendo doce.

— Ele vai te agarrar você sabe, né?

— Sim. E não irei fazer muito corpo mole. Vou acreditar que transamos e deixar ele me jogar contra a parede.

— Isso, mulher. É assim que se captura um macho, o deixando achar que está no controle. Agora mexa essa bunda e vá atrás dele que eu preciso voltar para o celular, Tony está num fogo...

— A essa hora?

Anna dá de ombros e me empurra para a porta.

— Nem ouse pegar o celular. — Grita sem nem se virar para ver Sarah já pulando na outra cama, tentando alcançar o celular.

Saio do quarto rindo e vou em direção aos elevadores. Bernardo já deve estar lá embaixo com Johnny. Me olho no espelho, ajeito meus cabelos, minha blusa de gola alta e aliso minha saia, e no meu braço está um agasalho dobrado. Sou a Melissa de sempre, nada de chamar atenção da minha família. Meu pai deve estar avoado com a beleza do lugar, não vai se importar muito

comigo e Beni com certeza vai dar um jeito de manter Franz afastado. Mas, não custa tomar cuidado.

Fico pensando na foto que Johnny tirou. O que será que ele queria com ela? E que negociação era essa? Sei que ele pode estar ajudando Bernardo no plano, mas será que era tudo uma encenação mesmo? Isso fica martelando em minha mente até que chego ao salão e caminho em direção ao restaurante.

De longe vejo Bernardo, o pai e Enzo numa mesa, os três conversam e riem. Minha mãe está com Malu numa mesa de Buffet e Rebeca vem de outro lado com Dafne. Nenhum dos meus irmãos está aqui, nem Johnny ou mesmo Heitor. E, graças a Deus, meu pai ainda deve estar dormindo.

Respiro fundo, em total alívio, e vou em direção a eles. Bernardo me vê se aproximando, se levanta num salto, pega um agasalho na cadeira onde ele estava e quase me derruba no chão. Ninguém nem mesmo percebeu a abordagem dele. Ele está um gato, despenteado e com um moletom preto com o símbolo do Superman.

— Você vem comigo. — Ele sussurra no meu ouvido e já me guia para o outro lado em direção a saída do restaurante.

— Bernardo, o que está fazendo? — Tento me frear, afinal tenho que me fazer de difícil um pouco.

— Fugindo com você. Temos assuntos pendentes. — Continuamos andando rápido e trombo em alguém que vem entrando no restaurante.

— Olha a pressa. — Droga, meu pai. Ele pode colocar tudo a perder. Eu quero mesmo que Beni me sequestre, mas papai pode embaçar. — Onde vão? — Ele olha para a mão de Bernardo no meu braço e levanta os olhos curiosos, olhando de mim para Beni.

— Minha mãe está precisando de analgésicos e Liz vai me ajudar na farmácia. — Bernardo mente numa naturalidade que até ele acredita. Vejo meu pai olhando para trás da gente. Olho também e vejo Rebeca dando gargalhadas perto da minha mãe e de Malu.

Papai não parece ter acreditado em Bernardo e olha para mim esperando que eu confirme.

— É isso. — Confirmo. — Voltamos num segundo.

— Vocês dois... já estão bem? — Pergunta interessado. Ele sabe sobre a confusão do computador e sabe que Bernardo ficou bem puto com o

ocorrido.

— Sim, estamos. — Bernardo confirma, não espera ele contestar e volta a correr me puxando.

— Você me fez mentir para meu pai. — Puxo meu braço com força. O toque dele me queima de um jeito gostoso.

— Eu não te obriguei, poderia ter negado, mas preferiu concordar comigo.

— O quê? — Paro de andar e o encaro. Não acredito na arrogância dele.

— É isso que ouviu, Melissa. Agora vamos, iremos tomar café num lugar sossegado.

— Por quê? — Pergunto e cruzo os braços na frente dos seios, deixando evidente minha desconfiança.

— Para de falar e me siga. — Ele sussurra. — Olha seu pai lá nos olhando.

Viro o rosto e vejo meu pai ainda parado no mesmo lugar olhando para a gente.

Aceno para ele e volto a andar ao lado de Beni.

— Eu sou uma tola por estar indo com você.

— Você sabe que tem que vir, dormimos juntos e pode ter engravidado.

— Eu não estou grávida. Ficou louco? — Paramos na portaria e vestimos os agasalhos.

— Como sabe que não?

— Por que sei do meu ciclo. Uma mulher não engravida se não estiver ovulando.

— E quando vai ovular?

Olho séria para a cara dele. Perguntou mesmo isso?

Paro com ele já do lado de fora, que bate a mão para um táxi e, assim que o carro para, me puxa e me empurra para entrar.

— Deixa de ignorância. — Exclamo me virando e acertando um tapa nele. Bernardo nem liga, entra atrás de mim e pede ao motorista que nos leve a lanchonete mais próxima. Ele fala num espanhol meio embolado que me

dá vontade de rir.

Ficamos calados até chegarmos a uma bela lanchonete. Está muito frio e o clima branco, nublado, deixa o lugar bem aconchegante que é em um estilo rústico, de madeira, como um chalé.

Uma jovem vem nos receber e já fica de olho em Bernardo.

— Posso pegar seus casacos? — Ela pergunta em um espanhol legítimo e gesticula mais que fala para se fazer entender. Entregamos os casacos e ela continua ali parada, fixada nele, com um sorriso antipático na cara. E ele não faz questão de fechar a boca e fica ali dando aquele sorriso de fazer as mulheres pirarem. Menos eu, claro.

— Depressa, Bernardo. — Caminho em direção as mesas. — Não tenho o dia todo. — Ele me segue e senta comigo numa mesa. Escondo o rosto atrás do cardápio e ele também olha o dele.

— Pode falar. — Digo.

— Olhe para mim ao menos.

Abaixo o cardápio.

— Vamos ficar juntos. — Ele recosta na cadeira expondo tudo de uma vez. Nem faz rodeios. Fico olhando o rosto bonito, tranquilo, bem à vontade. Bernardo é muito confiante, ele sabe que pode conseguir o que quiser, que tem o poder de dar um pé na bunda de uma coitada, como fez comigo, como também pode ter quem quiser. Dá vontade de mandá-lo a merda, mas estou disposta a ir adiante.

— Não posso, tenho namorado. — Volto a olhar o cardápio. Como estou adorando isso. Mesmo ele se portando com um machinho alfa, ainda assim está rastejando, me querendo.

— Aquele merdão? — Entoa com ironia. — Ele não é seu tipo, Liz.

— Agora vai decidir quem faz meu tipo?

— Sim. Eu. — Ele abre os braços se mostrando.

— Não era você quem estava me dando bolo semana passada? O que te fez mudar de ideia? É um plano? — Questiono e semicerro os olhos para ele. Beni desvia o olhar, uma tática para eu não ler a mentira ali.

— Que plano? Não tem nada de plano. Eu só acho que devemos nos entender e deixar essa briga ridícula de lado.

Um garçom se aproxima da mesa e Beni entrega os dois cardápios.

— Dois capuchinos, duas tortas e sanduíches naturais. — Nem me perguntou o que eu queria. Mas amo capuchino e fico feliz de ele saber disso.

— Ok. Podemos parar de brigar e continuar como estamos. — Sugiro quando o garçom se afasta.

— Não, Melissa. Hoje vou entrar no seu quarto de novo e vamos transar de novo. Por que acha que te coloquei num quarto sozinha? — Movimenta as sobrancelhas num gesto cínico.

— Que atrevido! Não consegue enxergar o quanto ridículo está sendo?

— Não acho que correr atrás do que quero seja ridículo. Além do mais, pode ter uma semente Brant dentro de você.

Claro que sei que não, mas já que tocou nesse assunto, é o momento para eu conhece-lo mais profundamente.

— E o que você pensa sobre isso? Sobre uma gravidez?

Ele olha para os lados deixando uma sombra de desconforto o tomar. Suspira e assanha os cabelos. Se transforma em um Bernardo taciturno e sei que ele não vai usar sarcasmo para me responder. Me ajito em expectativa na cadeira.

— Não sei Liz. Eu nunca pensei nessa coisa de ser pai. Mas te digo com certeza que virar as costas para um filho meu, seria a última coisa que eu faria no mundo. Em seus olhos posso ver que ele lembrou da mentira de Samara e está reafirmando o que já tinha me dito em sua defesa.

Nossos capuchinos chegam e eu aproximo minhas mãos da caneca esquentando-as.

— Não é algo que eu queira no momento sabe? — Digo, olhando para a bebida. — Eu tenho uma carreira para construir, queria antes ser mais independente... me vejo muito apegada a meus pais...

— Isso é algo que eu sempre percebi. Você e a Anna vivem na cola da mãe de vocês. — Seu calmo olhar se transforma em revolta — Porra, Liz, eu queria ter uma relação legal com você, mas não entendo porque tem que vir Max e os gêmeos no pacote. Manda eles se fuderem.

— É mais fácil para você dizer isso, sendo que é homem e tem sua vida totalmente no seu controle. Meu pai exagera demais... e eu tenho medo de magoa-lo então... apenas deixo ele controlar minha vida. — Tomo um

golinho de capuchino diante do olhar atento dele.

— Isso é um erro. Mas eu entendo. Sei como meu pai é protetor com a Dafne...

— É por essas e outras que as vezes... na maioria das vezes, eu me afasto de você. — Eu estava sendo sincera, pela primeira vez Beni e eu estávamos tendo uma conversa madura e sabendo o que cada um sentia.

— Isso acaba refletindo em mim, porque eu me vejo te desejando, mas amedrontado em magoar meu melhor amigo e seu pai. — Eu apenas assinto entendendo o lado dele, então, toca em minha mão e de uma forma mais doce propõe: — O que custa ficarmos de bem?

— Podemos ficar de bem agora, nesse momento, apertando as mãos. Um sorriso cínico se forma, mostrando que algo indecente está por vir.

— Não. Quero apertar outra coisa. Vamos, Liz, pense com calma. Podemos conversar, pedir um vinho e deixar a noite nos levar.

— E quando meus irmãos descobrirem, você leva uma surra.

— Eles não precisam saber.

— E se souberem?

— Você é a controlada aqui, não eu. Deixe que com eles eu me viro.

O semblante dele tranquiliza e ele inclina-se para frente, cruzando os dedos sobre a mesa.

— Chegamos a um impasse?

— Sim, chegamos a um impasse. — Prendo os lábios para não sorrir.

— Tudo bem então. Vamos tomar um café, estou faminto, e a noite eu penso o que farei. Talvez eu te encurrale em seu quarto...

— Fala isso na minha cara? Não devia estar surpresa. — A nossa torta chega e parece gostosa. Meu estomago aprova o cheiro.

— Sim. E, se você for dormir com as meninas para fugir de mim, será pior. Posso pedir a Johnny que seja um relapso e envie sem querer aquela foto para Franz ou Freddy. Sei que posso levar uns safanões, mas seu pai e o meu pai vão exigir que eu tome uma atitude de homem e assuma um namoro público com você.

— Chantagista de merda.

— Sou bancário, tenho que saber barganhar. — Ele dá de ombros elegantemente. — Ganho a vida assim. Hum... esta torta parece deliciosa.

Estou chocada com a atitude de Bernardo. Eu já sabia que ele poderia fazer de tudo para conseguir o que quer, mas não a ponto de uma chantagem.

Bom, eu armei isso tudo. Eu o obriguei a tomar uma atitude, agora tenho um impasse dentro de mim, por não gostar da fala dele, mas estar adorando que ele vá tomar uma providência mais tarde no meu quarto. O fogo sobe pelas minhas pernas ao me imaginar deleitando com esse gostoso a minha frente. Sorrio assistindo-o comer vorazmente.

Merda! estou caidinha por esse infeliz.

O plano de Geovanna não poderia ter dado mais certo.

ONZE



Depois que vim do café com Beni, procurei uma maneira de mantê-lo afastado, porque tinha um turbilhão na minha mente e eu devia pensar as mil hipóteses. Como ficar com as meninas poderia não ser suficiente, escolhi ficar o maior tempo possível com minha família.

Meu pai fez muitas artimanhas na vida, ele não é um homem bobo e desconfia que algo esteja errado. Ficou olhando torto para Beni eu quando chegamos e, mesmo estando separados, ele com os rapazes e eu com as meninas, hora e outra eu o flagrava olhando a gente.

Não sou proibida de namorar, ele só quer ficar sabendo de tudo, com quem eu estou saindo e por que eu escolhi determinada pessoa, resumindo: se envolve mais do que deveria.

Em toda minha vida, foram pouquíssimos pretendentes e, pra cama, apenas um. Tenho certeza que se ele souber sobre mim e Beni, quer dizer, se acontecer algo entre a gente, meu pai vai gritar “*eu sabia*” e sair correndo para conversar com Davi e exigir retratação. Vai perguntar a Bernardo o que ele pretende comigo e, lógico, eu não estou disposta a ter que aguentar relacionamentos à moda antiga, tendo meu pai pelo meio que sabotando minha vida.

Depois de ter passado pelo interrogatório de Anna e Sarah, nos calamos com a chegada de Dafne e fomos passar o dia juntas, sem homens na nossa cola. Sabíamos que eles estavam planejando ir esquiar, então fomos dar uma volta pelo centro da cidade, que é bem movimentado e tem lojinhas muito legais.

Entramos em uma de chocolate e quase moramos lá dentro. O melhor foi Anna perdendo a paciência, pois os vendedores das lojas não

estavam entendendo o espanhol perfeito dela. Ao menos, ela achava que era perfeito, como quando estávamos saindo e ela foi ser gentil com o rapaz da loja ao mandar “um berro.” Ele a olhou estranho e, Anna ficou furiosa por ela ter mandado um beijo e ele ter ficado com aquela cara. Depois de uma olhada no dicionário, Dafne descobriu que Anna deveria ter falado “Un Beso” e que, na verdade, “berro” significava agrião.

— Vocês sumiram o dia todo. — Malu se levanta e vem até a gente. Ela estava sentada na enorme e aconchegante sala da lareira do hotel e as outras mães, inclusive a minha, permaneceram sentadas, nos olhando.

— Compramos mil coisinhas. — Anna berra empolgada e corremos para onde as nossas mães estavam sentadas para mostrar nossas compras.

— Onde está o papai? — Pergunto para minha mãe enquanto ela vê as sacolas. Estou na verdade preocupada, odeio pensar que meu pai pode se interpor em um relacionamento que nem começou ainda e estragar minhas chances de noite de sexo.

Hoje o mundo está muito evoluído e eu não devia me preocupar com o que nossos pais irão achar. Beni e eu somos adultos e podemos enfrentar nossas escolhas e relacionamentos, não entendo porque nossos pais fazem disso uma tempestade.

— Descobriram uma sala de jogos e não saem mais de lá. Nossa, olha essa sandália. — Ela pega uma sandália decorada com pedrarias.

— Como anda as preparações para hoje à noite? — Dafne conversa do lado com a mãe dela, se referindo a seu aniversário. Cantaremos parabéns hoje à noite, vai ter um bolinho, brigadeiros e muitas bebidas.

— O pessoal do hotel está preparando uma sala reservada para a gente. Eles estão preparando tudo: decoração, comida e música. — Rebeca explica.

— Então eu já tenho que me preparar. — Ela se levanta num salto e eu também me levanto. Na verdade, estou querendo saber notícias de Bernardo, estranhamente, quero saber dele a maior parte das minhas horas.

— Meninas, vou subir, escolher a minha roupa e tomar um banho. Estou cansada.

Geovanna me olha desconfiada e eu mexo os lábios: “Beni”. Ela entende e assente. Eu não o encontrei em lugar nenhum, espiei onde os mais

velhos estavam e só estavam eles lá dentro, nem sinal dos meus irmãos ou Bernardo.

Desanimada, fui para meu quarto e comecei a escavar minhas malas em busca de uma roupa descente que como sempre seria minha armadura para não ser o centro das atenções.

Depois de correr várias vezes em frente ao espelho colocando vestidos na frente do meu corpo, vestindo alguns e descartando outros em seguida, eu escolhi um manga-longa de renda azul petróleo. Um comprimento bom, não tão curto, com babados bonitinhos na saia e que eu poderia usar um salto preto.

Quando eu fui ver as meninas, fiquei pasma. Anna e Sarah tinham caprichado no visual, enquanto eu estava como sempre: Melissa.

— Que roupa é essa, Liz? — Anna indaga, em frente ao espelho ajeitando os cachos do cabelo.

— A aniversariante é Dafne e nem vamos sair daqui, ficaremos no hotel o tempo todo.

— Mas tem que impressionar os gatinhos. — Ela sai do espelho e vem me ver.

— Que gatinhos? — Me sento na ponta da cama, com cuidado — Lembra que só tem gente da família aqui?

— Gente da família que dá um caldo. Você já está de olho no meu primo e tem seus irmãos...

— Um já é meu. — Sarah grita, interrompendo a maquiagem.

— Você e Freddy já se acertaram? — Pergunto e recebo um dar de ombros como resposta. Sarah vai ter que me contar tudo depois.

— Eu posso me voluntariar e ficar com Franz. — Anna diz sem importância, abaixa e calça um sapato. Está um arraso com um vestido verde.

— O quê? — Eu e Sarah berramos ao mesmo tempo. Ela nos olha com um ar malicioso.

— Gente, convenhamos. Você sabe, Liz, que seus irmãos são dois gostosos. Benzadeus, seus pais capricharam.

— Não quero ouvir sobre isso. — Falo depressa e já emendo outra coisa. — Você não estava a fim do delegado?

— Ainda estou e ainda pego o Tony. Mas, posso me fazer uma caridade e tornar a noite de Francisco mais feliz.

— Que safada! — Sarah grita perplexa.

— Querendo prevaricar com meu irmão. — Eu completo — Anna, o Franz é gente do bem, para de safadeza. Não quero saber de segredos ouviu? Se acontecer, me conte pelo menos.

— Tá, Senhora Mãe do Francisco. — Ela revira os olhos com desdém. — Estava brincando, não iria fazer nada com meu pai aqui. Nem vou beber nada essa noite.

Eu rio sem nem conseguir imaginar os dois Franz é totalmente o oposto de Anna.

Terminamos, Dafne veio já arrumada até a gente, esbanjando sensualidade e beleza num vestido rosa. Descemos todas juntas e uma funcionária do hotel nos levou até o local da festa.

O lugar está perfeito, com tudo decorado de preto e lilás. Não há mesinhas, mas uma enorme mesa com a quantidade exata de cadeiras, forrada com uma toalha branca e um arranjo de lírios no meio. Há ainda uma mesa de Buffet, um bar e a mesa do bolo e docinhos. Uma faixa enorme na parede atrás do bolo lê-se: Feliz aniversário, Dafne!

Assim que entramos, Rebeca e Davi vêm recebê-la e logo estamos todos reunidos ao redor da mesa do bolo cantando parabéns a você.

E na hora do “Com quem será que Dafne vai casar...” Davi gritou alto antes de nós completarmos a música: “É com ninguém por que Davi não vai deixar”.

— Faça um pedido e sopre à velinha. — Ele gritou logo em seguida, acabando com nossas chances de cantar.

E a surpresa maior nem foi a beleza do lugar ou a comida perfeita, muito menos Davi deixando claro que a filha dele não se casaria tão cedo. A maior surpresa foi que esse pai durão fez um pequeno discurso e falou:

— Filhinha, sabe aquele carro que viu na TV e adorou?

Todo mundo ficou calado, de olhos arregalados esperando e Dafne com as mãos na boca.

— Sim, eu sei... — Falou com a voz trêmula pré-anunciando o choro.

— Pois é, vou te dar um sapato daquela cor. — Ele emendou e uma explosão conjunta de gargalhadas aconteceu, claro que da parte dos homens. Meu pai quase enfarta de tanto ri e olhei de cara feia para Beni fazendo algazarra da própria irmã.

— Davi! — Rebeca reclama e vai ficar perto da filha que está muito sem graça, acho se sentindo humilhada. — Dá logo o presente dela.

— É, dá logo a caixa de sapato. — Heitor grita e mais um monte de gargalhada enche o ambiente.

Ficamos olhando Davi se afastar e pegar numa mesa uma caixinha pequena, quadrada. E assim que ela abre eis que surge uma chave de carro.

— O carro é seu, querida! — Rebeca que dá a notícia. Davi continua com o sorriso bonachão.

— Ai Meu Deus! — Dafne grita e se joga nos braços dos pais. O abraço foi rápido, ela se afastou e balançou a chave para a gente: — Olha meninas, um carro! Ganhei um carro.

Eu, Anna e Sarah aplaudimos sem perder a troca de olhares com nossos pais. Eles sabem que vão ter que abrir a carteira quando chegarmos no Brasil.

Todos começaram a parabenizar Dafne e, antes do povo se dispersar, Anna entrou em ação ao pegar uma taça e bater de leve nela com uma faca.

— Atenção aqui. — Todos se voltaram para ela, achando que um discurso viria. — Também quero um carro. — Falou assim, na cara. Um silêncio tomou conta do ambiente e os olhares se direcionaram para Enzo.

— Eu? — Enzo coloca a mão no peito, mortificado. — Por que tenho que te dar um carro? Nem é seu aniversário.

— Porque eu faço faculdade, já tenho vinte e seis anos e tenho que sempre pegar o seu carro ou o da mamãe para sair, sendo que Johnny não tem um carro, pois preferiu uma moto.

— Geovanna, você vendeu o seu porque quis, achando que ia ganhar um mais moderno. — Enzo desdenha.

— Anna tem razão. — Sarah levanta a voz. — Concorde com Anna. Também quero um carro. — Ela fuzila Matheus, que revira os olhos de modo dramático. Papai ri e eu levanto a voz também.

— Estou com elas. — Papai tosse engasgando — Também quero um carro, já passou da hora. Franz e Freddy tem um apartamento e cada um tem seu carro.

— Mas é que eles são...

— Homens? — Completo a frase do meu pai.

— Eu concordo com as meninas. — Malu vem para nossa causa. — Eu, com vinte e quatro anos, já tinha meu carro, minha casa e estava caindo na sedução barata do fulano aqui. — Ela aponta para Enzo ao lado.

— Também concordo amiga. — Dani fala com Malu. — Nós três éramos independentes naquela época.

— Você era amasiada, Dani. — Mamãe ironiza. — Me lembro bem que nem era casada e já moravam juntos.

— Olha quem fala... Você casou e já tinha três filhos. E eu não tinha escolha, já que ele se enfiava lá em casa e acampava. Sou uma heroína por aguentar Matheus por tantos anos. — Diz e todo mundo ri.

— E eu não sou um herói por ter te aguentando todo esse tempo? — Ele revida imediatamente e recebe aprovação de Enzo e meu pai.

— É... Claro que quero minha filha comigo, mas apoio ela. — Mamãe é a última a vir para nosso lado.

— Nós trabalhamos e, na verdade, — Anna recomeça o discurso — podemos comprar nosso carro, mas não é justo quando nossos pais tem uma conta bancaria tão gorda, sem mencionar que deram para nossos irmãos. Então, ou vocês pais dão um carro para a gente, ou juntamos nós três aqui, alugamos um apartamento e sairemos de casa. O que vai ser, papai? — Ela encara Enzo em um duelo de olhares.

— Sair de casa? Por que se seus pais moram na mesma cidade?

— Assim poderemos levar para lá quem quisermos e quantos quisermos e, estou sim, me referindo aos homens.

— O que você falou Geovanna? — Enzo enfurece.

— Pai, menos. Com minha idade a mamãe já estava grávida.

— Sua mãe não era minha filha. Se eu fosse pai dela, Malu não teria ido morar com um homem sem antes casar.

— Não estou acreditando no que estou ouvindo. — Malu bufa revoltada.

— Amor, eu estava brincando. — Enzo tenta remediar. — Lógico que eu estava só zoando.

— Se ferrou coroa. — Johnny bate no ombro do pai e se afasta com os outros, indo já para a mesa do Buffet.

— Venham meninas, o pedido de vocês foi atendido. — Mamãe fala e nós comemoramos — Eles vão dar um carro a vocês.

— Eu não falei nada. — Meu pai tenta protestar.

— Você aceita, ou segunda-feira vai assistir a mudança de Melissa pra um apartamento e eu a apoiarei. — Minha mãe o enfrenta, andando rumo à mesa. — É isso que quer?

Eu, Sarah e Anna ficamos paradas, no mesmo lugar, vendo todo mundo se afastar e sentar a mesa.

— Estão vendo o que uma boa chantagem faz? — Anna observa, com um brilho malicioso no olhar. — Já podemos escolher nossos carrinhos. Agora é hora de fazer a transa de Melissa dar certo, que já passou da hora. — Olhamos para Beni do outro lado, com um prato na mão, perto do Buffet.

— Hoje ele está um gato. — Sarah observa, tomando seu champanhe.

— Ele sempre foi um gato, não é a toa que é da minha família. — Anna se envaidece e começa a caminhar sendo seguida por mim e Sarah.

Eu mal podia esperar para ir “dormir” sozinha, no quarto e esperar para ver o que acontece. Não posso negar o frio no estômago, acho que finalmente vamos nos entender.

DOZE



Bernardo

Durante toda a festa eu fiquei de olho em Melissa. Só espero que ela não seja covarde e vá dormir sozinha no quarto para facilitar minha vida.

Sei que Anna pode muita coisa. Quem a tiver ao seu lado tem uma grande aliada. Ela acabou de formar um motim e obrigou Matheus, Max e Enzo a darem um carro para as respectivas filhas. Eles nem têm saída, são homens protetores que não querem que as filhas se afastem deles, então farão de tudo para mantê-las debaixo do próprio teto. Já ouvi meu pai dizer que dar carro é sinal de dar mais liberdade e eu achei isso retrogrado pra cacete. Mesmo assim minha mãe obrigou a ele comprar um para minha irmã mais nova.

Anna pensa como eu, ela tem um raciocínio lógico e beira a malícia, como Johnny. É a ela que devo temer, não Melissa.

Quando deu por volta da meia noite, os mais velhos estavam nitidamente alcoolizados. Tio Enzo e Johnny eram os piores, começaram a falar abobrinha e Malu teve que intervir. Deu um peteleco em Johnny, pediu Heitor para levá-lo ao quarto e arrastou Enzo para fora. A festa logo acabou porque minha mãe já estava vendo sinais de vexame no meu pai também. Deixei as meninas subirem na frente e fiquei no bar com os gêmeos até uma da manhã. Nos despedimos e corri para os elevadores, camisinhas no bolso e a chave do quarto de Melissa que não devolvi.

Me espreitei pelos corredores, passei tremendo em frente ao quarto de Max e Julia, e fui sorrateiramente até a porta de Melissa, a qual abri com meu cartão e lá estava ela, para meu alívio.

— Liz? — Murmuro. Me certifico de fechar a porta, afinal hoje

Johnny não precisa entrar.

Já arranco a camisa e a jogo no chão, tiro os sapatos e a meia, antes de ir para a cama onde ela dorme. Melissa vira e se senta na cama. Apenas a luminária do lado está acesa.

— O que está fazendo aqui? — Finge que não sabia.

Então ela não estava dormindo, e esse tom nem foi rude. Foi mais um murmúrio.

— Você sabe o que estou fazendo aqui. — Arranco o cinto e pulo na cama.

— Isso é um plano Bernardo? — Ela questiona e empurra meus ombros.

— Sim, lógico que é. Vamos passar a régua e regularizar nossa situação. — Eu dou uma piscadinha. — Entendeu?

— Tosco. — Ela revira os olhos.

— Tosco, mas gostoso. — Abaixo-me em cima de Melissa e abocanho sua boca, Ela começa a resistir, tentando afastar nossos lábios.

— Beni, se alguém entrar...

— Ninguém vai entrar. Desde o primeiro momento eu sabia: a foda tarda, mas não falha. — Volto a beijá-la e ela não resiste, abraça meu pescoço e me beija de volta numa loucura que parecia estar na seca há anos.

Não tivemos tempo para contemplar um ao outro. Enquanto nos beijávamos e terminávamos de nos despir num desespero eletrizante, eu percorria como podia as mãos por seu corpo. Só não pude deixar passar os belos seios, alvos, de auréolas rosadinhas e muito cheirosos. Eu estava louco para me sentir todo dentro dela, mas ver aquelas belezas e não poder tocar, era demais.

— Oh, Bernardo! — Senti seus dedos mergulharem nos meus cabelos e puxar com força. O corpo dela forçou para cima, indo de encontro a mim, explodindo de prazer por causa da minha boca em seus deliciosos seios.

— Agora será depressa, Liz, não estou conseguindo aguentar. Meu pau já está doendo. — Pego o preservativo que deixei ali do lado, visto e ela já me puxa para me acomodar entre suas pernas.

— Não é virgem, né?

— Não. — Responde num fio de voz, abocanhado meus lábios em

seguida.

Apoio meu peso nos braços e vou aos poucos penetrando-a, Melissa mantém a mão no meu quadril e quando meto de uma vez ela aperta minha cintura e dá um breve grito.

— Tudo bem? — Ofego.

— Sim. Espera. — Ela pede também ofegante. Depois, balança a cabeça para mim e eu continuo indo devagar, aos poucos. Bato e quase enfio tudo, e tiro em seguida. Os dedos dela apertam com força meus braços e faço isso mais uma vez, deixando só a ponta, girando um pouco e metendo quase até o fim, fazendo-a se acostumar, alargando-a até me aguentar por inteiro. Na terceira socada, já consigo tudo, sentindo minhas bolas baterem na entrada e então começo os movimentos ritmados, ainda não muito rápidos.

— Me beija. — Ela murmura e eu a calo com um beijo que nos faz gemer na boca um do outro. Estou quase gozando, mas mantenho-me firme. Melissa é muito gostosa, o corpo firme e pequeno embaixo do meu, os peitos são na medida exata, a boceta é uma loucura, apertada, e engole meu pau numa fome desgraçada. Sabia que foder com ela seria gostoso, mas não tanto assim.

Puxo-a e me sento com ela no meu colo, nós dois arfando, agarrados num abraço quente. Ela mexe o quadril e eu gemo fechando os olhos e, quando a encaro de volta, Melissa sorri e sorrio de volta.

— Estamos mesmo fazendo isso. — Ela murmura.

— Sim, estamos. E vamos fazer mais, você sabe.

Ela sorri, os seios sobem e descem contra meu peito. Melissa empurra meu queixo, beija meu pescoço, passa a língua descendo e ao chegar no meu peito, fecha os lábios em torno do meu mamilo.

— Sempre quis fazer isso. — Ela confessa, continuando a morder meu peito, lambendo meu ombro e voltando a beijar meu pescoço.

Me jogo de costas na cama, trazendo Melissa para cima de mim. Abraço-a deitada sob meu peito e faço impulso com o quadril, penetrando forte, agora num ritmo mais pesado. Suamos, gememos, mordemos uma ao outro. Melissa me arranhou todo quando começou a se balançar por causa do orgasmo, nem importei, continuei metendo forte e rápido, desestabilizando nós dois. Gozei em seguida a maior quantidade da minha vida, parecia que daria meio litro fácil.

Com meu pau ainda duro, todo dentro dela, ficamos agarrados, ela em cima de mim, com o rosto no meu ombro. Não poderíamos nos mexer se não eu teria que foder mais uma vez, e ainda quero, mas tinha que trocar de camisinha e dar uns minutinhos para a gente.

— Vou pedir uma coisa para a gente beber. Nossa noite acaba de começar. — Saio com cuidado de dentro dela, Melissa se arrasta para os travesseiros e se cobre com um lençol, e fica ali, olhando para o teto com um sorriso de contentamento nos lábios.

Sento na cama, tiro o preservativo, amarro na ponta e, quando vou me levantar, sinto algo na minha perna. Um pingo. Passo a mão e, passando o indicador no polegar, noto que é viscoso. Vejo mais de perto e noto que é esperma. Como pode ser? Enquanto estou analisando, outro pingo cai e então vejo de onde está vindo: da camisinha. Coloco o preservativo em frente ao meu rosto e noto que está parcialmente furado. Me levanto rápido e corro para o banheiro, um desespero mortal me deixando quase pirado.

Verifico melhor e vejo que é uma pequena rachadura. Claro que isso não é plano meu, não iria dar uma de Max e engravidar Melissa. Somos novos, quero curtir. Filho não.

— Beni. — Ouço toques na porta.

— Já estou saindo. — Respondo.

Tudo bem. não vou me desesperar, o esperma está todo aqui. Não gozei dentro dela, não há perigo. Sei que não há. Se saiu, foi pouca coisa.

Que já deve ser o suficiente para engravidar. Caralho.

TREZE



Bernardo

Assim que saio do banheiro vejo Melissa enrolada num lençol, me esperando com uma cara de cu doce, pronta para uma birra. Nem parece que acabou de ser bem comida.

— Fora, antes que alguém te veja aqui. — Ela comanda, assim, a queima roupa.

— O quê? Vou dormir aqui. — Pelado, sem me importar, eu vou para a cama. — Quero pedir umas bebidinhas para a gente encher a cara e depois trepar mais ainda. O que acha?

— Beni, estou falando sério. Saia daqui.

— Por quê?

— Porque você mentiu para mim.

— Menti? — Dou corda para ela. Melissa se aproxima, quando ela chegar perto eu dou o bote.

— Sim, você afirmou que já tínhamos transado que, inclusive, eu poderia estar grávida de um Brantinho.

— E daí?

— E daí que você me perguntou a pouco se eu era virgem. Se você já tivesse transado comigo, saberia desse detalhe. Fora.

Droga! Fui pego na minha mentira. Mas, nada está perdido. Sou acostumado a trabalhar com esse tipo de encurralamento e, a melhor maneira é não demonstrar desespero quando alguém te colocar contra a parede, e reverter o processo, virar o jogo.

— Pois é, Liz, eu posso ter mentido. — Me levanto num pulo, ela

nem tem tempo de correr. Abraço-a com lençol e tudo. — Mas transamos agora a pouco e isso foi verdade. Então, minha chantagem continua valendo, se você correr eu grito.

— O quê?

— Se você fugir de mim, boto a boca no trombone. Daí seu pai vai querer que eu tome medidas cabíveis e eu serei obrigado a ficar com você.

— A mesma ladainha de sempre. Eu já sou maior de idade, não estamos mais nos anos 30 que tinha que lavar a honra da mulher.

— Liz, estamos só aproveitando, não vamos criar caso. Eu já ferrei com tudo fodendo com o trato de brothers que eu tenho com seus irmãos.

— Que trato é esse?

— Trato de machos, amigos, de nunca comer mãe, irmã ou namorada dos amigos. Já era, então, agora vamos aproveitar. — Fecho os olhos e, com um bico já pronto para um beijo, vou em direção a ela, mas sou surpreendido com um empurrão. Melissa escapa e, com o lençol em volta do corpo, corre para a porta e eu corro atrás, mas ela é mais rápida e abre a porta. Penso que ela está querendo fugir para o quarto de Anna, que fica do outro lado do corredor.

Eu ainda estou pelado, mas não dá tempo de vestir a cueca. No entanto, como já são quase duas da manhã, não tem perigo de alguém me ver, então, saio correndo atrás dela para fora do quarto, mas ela é bem mais esperta e, em uma virada brusca, sem eu esperar, me empurra novamente e volta para dentro do quarto, chuta minha camisa para fora e bate a porta, me deixando lado de fora pelado.

Ela é esperta. Foi uma bela manobra radical e estou me sentindo um otário. Olho para os lados, pego a camisa, visto e bato na porta.

— Ok, Liz, você venceu. Será do seu jeito agora. Me deixe entrar. — Digo e recebo silêncio como resposta.

— Melissa! — Bato de novo começando a ficar impaciente. — Para de brincadeira. Me deixe entrar.

— Não. Vá para seu quarto antes que alguém te veja pelado, querendo entrar no meu quarto.

Olho para trás, o corredor está vazio e silencioso. Max e Julia ficam no corredor lateral a esse, só que meus pais estão ali, no quarto um pouco

mais a frente.

— Melissa! Merda! Estou perdendo a paciência, porra. — Agora bato com o punho na porta.

— É bem capaz que me xingando você vá conseguir alguma coisa. Boa noite, Beni.

— É melhor você abrir ou vai ter volta. — Ameaço, olhando a todo instante para trás.

— E é melhor você dar meia volta e ir dormir.

O corredor está vazio, mas ouço vozes altas e risadas. Conheço essa risada. Caralho! Agora fodeu, Melissa me fodeu gostoso. Só por isso, não vou contar a ela que a camisinha estourou. Se engravidar, sorte a dela.

— Vai me pagar. — Murmuro perto da porta antes de correr. O primeiro quarto mais próximo é o de Dafne, mas não posso entrar no quarto da minha irmã assim. O meu fica no outro corredor, preciso alcançar o de Johnny. Corro, mas as vozes estão cada vez mais próximas, não vai dar tempo. Então, sem ter o que fazer, eu encosto a testa na parede e fico ali, esperando calado, exibindo parte da minha bunda. Tenho um plano de improviso.

— Mas que porra...! — Bom, as pessoas que se aproximavam acabam de me flagrar. É hora da encenação.

— É o Bernardo? — Essa é a voz de nada mais, nada menos, que de Max.

— É. — E essa é a voz do meu pai. Sinto ele tocar no meu ombro. — Bernardo. — Me sacode e me vira. Reviro os olhos várias vezes e dou um sorriso preguiçoso, meio babando.

— Ele tá chapado, Davi, e pelado.

— É um boca de litro. — Meu pai completa em um tom sério.

— Está parecendo o Enzo quando tinha essa idade. — Max zoa e meu pai ri.

— O Enzo ainda fica assim até hoje. Venha me ajudar aqui, Max. — Meu pai segura em um dos meus braços e eu cambaleio, me fingindo de bêbado.

— Eu não vou segurar em bêbado pelado, o pau dele pode relar em mim. — Sinto meu braço passar em um ombro. Tenho que lembrar de não

me firmar, pois bêbado não é firme.

— Anda logo, Max. — Meu pai vocifera baixinho e logo Max vai para o outro lado e coloca meu braço em volta do pescoço dele. Ouço uma porta abrir e quase tenho um desmaio, pensando que pode ser Dafne ou Malu, ou ainda minha mãe.

— O que está acontecendo aqui? — Parece que não sou o único que está encenando. Ouço a voz fingida de Melissa, como se estivesse cheia de sono.

— Ai meu pai do céu. — Max grita. — Melissa, fecha essa porta. Tem pinto a mostra aqui.

— Pai, eu sou médica, esqueceu? Já vi gente pelada.

— Mas aqui não é hospital. Anda logo, Davi, seu filho está mostrando a bunda para minha garota. — Max começa a me puxar e ouço a danada da Melissa rir e perguntar em seguida:

— Ele está bem?

— Está caindo de bêbado. — Max fala e, mais o rápido que pode, me arrasta para o outro corredor, em direção ao meu quarto.

Sabe qual a primeira coisa que fazem com uma pessoa caindo de bêbada? Se alguém respondeu “Enfiar debaixo do chuveiro”, acertou. Alguns apenas jogam a pessoa bêbada na cama e pronto, mas meu pai sempre usa essa tática. E lá estava eu me debatendo debaixo do chuveiro bem frio, em um dia frio, numa cidade fria. Cheguei a soluçar, e até tentei escapar, mas os dois me seguraram bem forte e eu comecei a bater o queixo, impossibilitado de dizer que eu não estava bêbado.

Assim que o processo de congelamento estava pronto, fui enrolado numa toalha e jogado debaixo de um edredom. Acho que Max está me punindo sem nem saber que eu tracei a filha dele. Fiquei lá, de olhos fechados, ouvindo conversarem baixinho. Depois que Max vai embora, meu pai fala ao telefone e vem para perto da cama. Abro os olhos e olho em volta.

— Pedi um café bem forte. Está melhor?

— Sim.

— Que droga foi essa? Pelado no corredor...

— Não sei. — Esfrego a testa e depois levanto o edredom para ver debaixo. — Eu estou pelado? — Precisa ser muito foda para enganar meu pai

e eu acho que minha encenação não está dando muito certo. Olho para a cara dele e noto ali uma incredulidade significativa.

— O que você está aprontando, Bernardo?

— O que, pai? Quero dormir.

— Quem não te conhece que te compra. O que estava fazendo, às duas da manhã, pelado no corredor? — Antes de eu pensar uma resposta, ele já completa astutamente:

— Porque bêbado você não está mesmo. Ou acha que eu nunca te vi bêbado? Sem falar que vi quando subiu totalmente sóbrio e, por último: cadê o bafo de álcool?

— Ah, pai. Estou tonto, quero dormir.

— Sabe que eu vou descobrir, não é? — Sim, eu sei que ele vai investigar, mas não descobrir.

— Não tem nada para descobrir. — Viro as costas para ele, olhando para a parede.

— Ok. O café vai chegar, tome para ver se abranda a tal ressaca. — Ele se levanta e sai do quarto, me deixando de olhos arregalados. Heitor roncando ao lado, nem se mexe.

Feliz, me viro e fecho os olhos. Pronto para dormir. De pau duro.

Quando acordo, já são dez horas da manhã. Ótimo, quem tomou um porre na noite anterior precisa acordar tarde. Heitor não está mais no quarto. Após tomar um banho, dar uma ajeitada no visual e vestir uma roupa, coloco um gorro e um óculos escuro, fingindo ressaca. O café que veio ontem joguei na pia do banheiro, estava intragável.

Esse é o terceiro e último dia aqui, vamos embora ao fim da tarde. Mas, não posso reclamar, afinal, eu e os rapazes nos divertimos pra valer. Esquiamos, percorremos pelos bares locais e andamos pelo centro da cidade.

Lá embaixo, noto que a metade do povo saiu. Não vejo Melissa e nem Geovanna, e, graças a Deus, nem Max e meu pai.

É o tempo que preciso para pensar numa saída estratégica para possíveis investigações. Vou para o restaurante, peço um café e tudo que posso comer. Estou com uma fome lascada. Estou devorando um pão com muito presunto e queijo, quando sinto baterem em minhas costas. Tremo de leve, mas fico

sossegado quando vejo que é o pentelho do Johnny.

— Comendo muito pra quem tá de ressaca. — Ele diz e observa a mesa a minha frente.

— Quem te contou?

— Ouvi por acaso Max conversando com meu pai. — Ele está tranquilo, mas noto que está interessado em alguma coisa. Tomo um gole de suco para descer o que eu estava mastigando, limpo a boca e curvo para frente.

— O que você quer, Johnny?

— Pelado no corredor perto do quarto da Liz. — Ele pega uma fatia de presunto e joga na boca. — Aí tem coisa. O que houve? Não conseguiu comer ou foi pego no flagra?

— Rolou. — Dou de ombros e pego o resto do pão para comer.

— É isso aí. Eu não duvidava do patrãozinho.

— Nada de vir lamber saco. O que você quer?

— Você já sabe. Hoje é nosso terceiro dia aqui e cadê que não falou com meu pai?

— Se aquieta, Johnny. Vou arrumar isso.

— Dá pra ser hoje? Hum, isso está muito bom. — Ele come agora minha fatia de bolo gelado de laranja. — Já estou planejando contratar um decorador semana que vem.

Consigo tomar o prato de bolo e trago para perto de mim.

— Eu ir falar com tio Enzo não garante que ele vai te dar uma sala.

— Mas não estou te pedindo para falar, estou te pedindo para convencer ele. Fale com Franz, para ele te ajudar a convencer meu velho.

— Deixa de ser burro, Johnny. Falar com Franz para me ajudar, pois eu estou sendo chantageado por um toco que tirou uma foto minha algemado na cama com Melissa, que por sinal é irmã dele.

Ele se levanta e fica de pé ao meu lado.

— Beni, Beni, não me subestime. De hoje não pode passar. — Como um gatuno, pega meu pedaço de bolo que eu nem percebo. — Seja convincente. — Ele avisa antes de se afastar comendo o bolo.

Que porra de ódio. Estou puto. Estava deixando o bolo para comer

por último.

Terminei o café, coloquei o gorro e os óculos de novo e corri para meu quarto. Apesar de não demonstrar, eu estou um pouco preocupado com o furo da camisinha. No quarto, eu pego o notebook e já apresso em pesquisar: *O que fazer quando a camisinha estourar?*

Clico em um link e leio tudo. Depois clico em outro e mais outro. Resumindo: todos dizem a mesma coisa, que se a camisinha furou e a mulher não está fazendo uso de contraceptivo, deve-se tomar pílula do dia seguinte caso não queira correr os riscos de uma gravidez indesejada. E, segundo o que eu li, menos de uma gota é suficiente para engravidar.

Assim que fecho o notebook eu penso com calma. Isso não vai acontecer. Primeiro que, Melissa falou que não está no período fértil; segundo que, pode ser que não vazou nada para dentro dela; e, terceiro, ela pode estar tomando pílula. Saio do quarto disposto a não contar para ela, como eu disse que faria por ela ter me colocado para fora.

Quando a hora do almoço chegou, reunimos todos numa mesa, e fiquei olhando torto para Melissa que não tirava aquela droga de sorriso idiota dos lábios. Fiquei com uma vontade urgente de me vingar dela, mas tudo que girava em minha mente era fodê-la novamente e isso não é uma vingança. Ela me olha de relance e Anna cochicha com ela e as duas riem quase alto.

Ah, que megera dos infernos. Você me paga.

Fui dormir ontem congelado e em seguida de pau duro. Sinto um chute debaixo da mesa e levanto os olhos para Johnny a minha frente. Ele joga o pescoço de lado indicando tio Enzo, com um gesto de rosto.

Pigarreio, dou um gole no vinho e levanto a voz no meio da conversa.

— Tio Enzo. — Ele me encara e com ele quase todos da mesa. Ignoro, olho apenas para ele e falo:

— Quantos anos mesmo o Johnny tem? — Ele franze os lábios como

se não tivesse certeza e olha para Malu ao seu lado.

— Quase vinte e quatro. — Ela responde.

— Pois é, olha que coisa, aos vinte e três e já está progredindo na vida. — Dou um sorriso agradável para os que prestam atenção em mim — Eu o avaliei todo esse tempo e acho que podemos dar um pouco de ânimo para ele lá na empresa.

Meu pai está de olhos semicerrados, recostado na cadeira, só me analisando.

— Johnny está indo tão bem assim no banco? — Enzo pergunta incrédulo. Mas, ele não me olha diretamente, pergunta a Francisco que sem entender dá de ombros. Eu intercepto logo.

— Sim, muito bem. É pontual, competente e ... — Engasgo, bebo um gole de vinho e coço o nariz.

— Prestativo. — Johnny me lembra.

— É, muito prestativo.

— O que meu filho tá aprontando, Beni, pode contar. — Malu está fuzilando o filho com olhos perspicazes.

— Nada, tia. Eu só acho que se eu e Franz temos nossa própria sala na agência filial, ele também deveria ter uma.

— Johnny já está preparado para ter os próprios clientes? — Max questiona intrigado. — Quando eu e Davi ganhamos carta branca já tínhamos quase vinte e oito.

— Não, Max, Johnny pode continuar sendo meu assistente, mas estando na própria sala.

— Se ele vai continuar sendo seu assistente, não seria mais prudente colocá-lo na sua sala, com você? — Matheus, o bom advogado, intercede. Eles estão debatendo sobre o assunto, e apenas meu pai ainda me olha fixamente. Desvio os olhos dele e encontro os de Melissa, adorando me vê nessa situação.

Johnny está calado e com um olhar ele me diz para insistir.

— Eu estava pensando, o Johnny é um herdeiro duplo, tem a parte dos Assumpção e dos Brant. É mais que justo ele ter ao menos uma sala no nosso banco.

Malu e Enzo se entreolham.

— Se depender de mim, está um pouco longe de ele ficar com minha parte. — Enzo sorri debochado para Malu. — E você, amor?

— Você sabe que morrerá primeiro que eu, né querido? Comendo tanta gordura e bebendo tanto... — Ela para de falar e dá um beijinho rápido nos lábios dele, fazendo-o rir mais ainda.

— Beni. — Meu pai me chama e eu o olho, tentando demonstrar sinceridade. Ele sabe ler expressões.

— Sim, pai.

— Devia saber que para isso, quem decide são os mais velhos. Eu, Max ou Enzo iremos avaliar o Johnny. Não marcaremos o dia, algum de nós três chegará de surpresa e veremos se ele já pode subir um nível no banco. Estou certo, Enzo?

— Certíssimo. Agora vamos comer que meu estômago já está conversando.

Depois do almoço, Johnny veio tirar satisfação de mim, se mantendo despistado, como se estivesse apenas conversando comigo.

— Ouviu meu pai né, Johnny? Eles que vão decidir, saiu da minha jurisdição. Não tem mais nada que eu possa fazer. — Continuo andando em direção ao resto do pessoal e ele agarra meu braço.

— Como assim não pode fazer nada?

— O que eu vou fazer? Chantagear meu pai e meu tio? Pirou? Não posso fazer mais nada. Agora me deixe em paz antes que eu te dê trabalho dobrado lá no banco.

Deixo-o para trás e vou ficar seguro ao lado dos gêmeos. Emburrado, Johnny some da minha vista. É fácil, está super fácil para ele, basta seguir todas as ordens e ser mesmo competente, pontual e prestativo.

Eu só estava pensando na minha noite mal resolvida com Melissa. Não suporto ver a cara dela como se zombasse de mim, mas o que é dela está guardado, muito bem guardado.

E eu não podia ficar sozinho de jeito nenhum. Meu pai estava desconfiado, Johnny revoltado e Melissa fugindo. Quando eu sair daqui irei virar esse jogo. Com os três. Preciso encenar para meu pai, convencer Johnny e encurralar Melissa.

E a oportunidade perfeita veio logo após a decisão de que dormiríamos mais uma noite aqui no hotel. Todos sabem que lá no Brasil não tenho muitas chances, afinal, Melissa mora com os pais.

— Oi, gatas. — Cumprimento elas com meu sorriso que costumo usar para conseguir uma companhia.

— Beni, me conte as novas. — Anna exclama.

— Hum... está tudo bem. Estamos indo embora amanhã. Ah... Será que eu posso dar uma palavrinha com você, Liz? Coisa rápida.

— Claro que pode. Vai, Liz. — Anna empurra Melissa para cima de mim e seguro rápido no braço dela. Já tenho certeza que Melissa contou para elas sobre nossa noite.

— Não vamos nos demorar. — Digo e já saio levando-a comigo.

— Bernardo, para onde estamos indo?

— Terminar nossa conversa de ontem a noite. — A enfio no elevador, já entro em seguida e aperto o botão para a porta se fechar.

— Não temos nada o que conversar. — Ela cruza os braços e faz pose. — Transamos, foi legal e pronto.

— E pronto? Só isso?

— É.

— E ter me trancado pelado pelo lado de fora foi legal?

— Foi engraçado. — Ela faz força para não rir. Não digo mais nada. Transpareço, calmo, mas fervendo por dentro. As portas se abrem, olho para ver se tem alguém, pego o pulso de Melissa e a trago para fora comigo. Caminho rápido para o quarto dela, nenhum de nós falamos nada. Com minha chave extra abro o quarto e entramos.

— Tem uma chave do meu quarto? — Chocada, Melissa me olha.

— Sim. Agora vou te mostrar uma coisa e ver se você acha engraçado. Uma dica: é grande, imenso, imponente, e não estou falando do meu ego.

Termino de dizer e a puxo para junto a mim. Melissa não se faz de tímida e abocanha meus lábios em uma voracidade impressionante, nada diferente da minha.

QUATORZE



— Vou passar o resto da noite aqui. — Beni avisa, apertando o abraço, o rosto dele deitado no meu peito e eu afagando seus cabelos. Estou pensativa. Acabamos de fazer sexo mais uma vez e isso está me deixando com aquela costumeira pulguinha atrás da orelha.

— Vai coisa nenhuma, Beni. — Empurro a cabeça dele. — Saia. — Foi em vão. Ao invés de se afastar, Bernardo se arrastou mais para cima de mim. O pior de tudo é que estou quase fraquejando, ele é experiente e muito gostoso em todos os sentidos. Desde o corpo, ao modo como me toca e a maneira que me olha com esses olhos acinzentados, e o sorriso safado sempre presente. Beni me deixa doida.

— Por que não?

— Porque vamos viajar bem cedo. Imagina se minha mãe vem aqui me chamar e acha você pelado na minha cama?

— Ela iria me ver e entender porque você não conseguiu se controlar.

— Sua arrogância não tem limites. — Rolo para o lado, para me levantar da cama, mas ele me puxa de volta e me prende contra o colchão.

— Não tem limites mesmo, assim como meu tesão por você. Vamos namorar escondido, Liz?

Empurro Bernardo mais uma vez e me sento na cama, , observando-o, intrigada, deitado me olhando com um belo sorriso.

— Por que escondido? Somos maiores de idade, temos nossos próprios empregos. Está querendo me enrolar?

— Não. — Ele levanta a mão e tenta puxar o lençol que uso para

cobrir os seios, mas empurro sua mão e mantenho o semblante sério. — Mas, temos que convir que, precisamos nos conhecer melhor em um relacionamento sexual, pois já nos conhecemos desde sempre. Precisamos ter um tempo para a gente e isso não vai acontecer se nossos velhos ficarem sabendo, concorda?

Penso a respeito, olhando para ele. Beni fica de mãos atrás da cabeça, tranquilo, esperando eu pensar, pesar todas as possibilidades. E ele tem razão. Somos independentes, mas temos pais grudentos, eu principalmente. Fico imaginando Rebeca já me adulando horrores, meu pai surtando a todo momento, querendo saber todos meus passos e vendo Bernardo como um inimigo pessoal dele. Sem falar em todo mundo perguntando: “vão casar?”

— E então? Pensando nas consequências?

— É. Talvez você tenha razão, será um tormento.

— E então, negócio fechado? — Ele tenta me puxar para cima dele, bato em suas mãos e continuo sentada.

— Não. Calma, não é assim. Como vamos nos ver escondidos?

— Simples: eu moro sozinho, é só você dizer que tem plantão ou alguma coisa assim, e se enfiar na minha casa.

— E como será isso? Nada de regime aberto ou semiaberto, sabe disso, não é?

— Claro. Será escondido do nosso povo doido. Enquanto você estiver comigo, ficará somente comigo. Pode dar um pé na bunda do bundão lá.

— Mas é muita petulância. Não vale só para mim não, queridinho.

— Claro, eu sei disso. Não terei olhos para outras bundas. — Ele beija os dedos em sinal de cruz — Só a sua.

— Nossa, tão romântico...! — Reviro os olhos. Termino de falar e deixo que ele me puxe de volta para deitar na cama. Eu não vou me fazer de difícil, afinal pode ser confuso, mas que é gostoso demais, isso não posso negar. Se eu pudesse, ficaria o dia todo assim, agarrada a ele, pelada e só beijando. Acho que perdi muito tempo fugindo de Bernardo. A parte confusa é só para fora da cama, pois aqui em cima eu sei exatamente o que quero. Ele, e muito.

Sorrindo, eu puxo Bernardo e o abraço, passando minhas mãos pelo

seu peito, indo para as costas e descendo para sua bunda malhada, enquanto ele me deixa delirando de prazer, beijando minha boca, puxando meu lábio inferior, chupando minha língua. Soltamos um gemido juntos e rimos.

— Muito gostoso, não é? — Pergunta.

— Você ou nosso beijo?

— Os dois. Você é muito gostosa. — Ele vai descendo a boca, segura uma das minhas mãos contra a cama e chega até um dos meus seios. Solto um arfar, levantando o quadril da cama, muito excitada. Com a mão livre, arrasto meus dedos pelo corpo forte dele, músculos duros, bíceps e tanquinho sarados. Sem falar, é claro, no cheiro específico, refinado. Beni usa algo quente, ousado, um perfume que junto com seu cheiro natural se torna uma bomba de sedução.

— Eu quero te comer de novo.

— Então coma. — Termino de falar e ouço batidas na porta.

— Liz, está aí?

— Droga! Minha mãe. Some daqui. — Empurro Beni e pulo da cama. Ele vai rolando na cama, tenta se levantar desesperado, mas o lençol enrosca no seu pé e Bernardo tropeça, caindo de lado em cima da luminária na cabeceira. O barulho é alto.

— Liz? Está tudo bem?

— Sim, mãe. Estou bem.

— Então abra aqui.

— Estou indo. — Faço gesto para Bernardo correr. Visto minha calcinha e o sutiã, amarro os cabelos de um jeito torto, visto um roupão e olho para Bernardo, correndo pelado para o banheiro, com as mãos cheias de roupas. Somos tão azarados. Corro para a porta e abro. Minha mãe me olha desconfiada.

— Já vamos jantar. Temos que dormir cedo para acordarmos cedo amanhã.

— Eu estava escolhendo uma roupa. — Explico e ela entra olhando ao redor. A cama está uma bagunça. Cama de quem fez sexo. Fico tremendo com medo de minha mãe encontrar algum vestígio de Bernardo. Na verdade, o cheiro dele está nos lençóis e na minha pele. Ela olha para a luminária no chão junto com o lençol em que Bernardo se enroscou. Torço para que não

tenha nenhuma camisinha a vista.

— Que bagunça é essa, Melissa?

— As loucas, Sarah e Anna, acabaram de sair daqui.

Ela me encara mais intrigada ainda, a desconfiança em pessoa. Minha mãe é esperta, ela foi uma garota esperta e sabe das tramóias, então olho para a porta e quase tenho um treco. Meu pai coloca a cabeça para dentro e espia.

— Encontrou ela, amor?

— Sim, está se vestido.

Cruzo os dedos para ele não entrar, mas não tem jeito. A porta se abre e ele entra, olha tudo ao redor e semicerra os olhos. Repara no quarto todo, na cama especificamente, e na luminária no chão junto com um travesseiro e um lençol. Torço para que Bernardo tenha se enfiado no armário do banheiro. Bom, não estamos no tempo dos coronéis, em que Beni seria morto por tocar na filha de alguém. Mas, sei que vou ouvir umas coisinhas e depois vai ficar aquela chateação no nosso pé. Como Beni falou, precisamos de um tempo só nosso, para nos entender, sem compromisso envolvendo a família. Se não der certo entre a gente, não teremos que dar satisfação a pais, irmãos, primos, cachorros e papagaios.

— Pai e mãe, queridos do meu coração, preciso me trocar. Desço em dois minutos. — Empurro meu pai, sem dar tempo de ele perguntar o que aconteceu no quarto.

Minha mãe, por outro lado, ainda está parada no mesmo lugar. Ela olha para o banheiro fechado, olha para mim e, por graça de Deus, decide seguir meu pai. É tão difícil enganar pais que numa época passada eram espertos. Eu e Beni podemos retardar o momento do confronto, mas não podemos impedi-lo de vez.

— Arrume isso aí. — Meu pai fala baixinho, em tom de bronca. — Você sempre foi tão organizada, não toleraria uma bagunça dessa. — Ele vira e sai seguido por minha mãe. Os céus devem estar me punindo por alguma coisa. Com tanta gente para poder aparecer aqui, meus pais vêm justamente no momento que eu estava pelada na cama com um cara dizendo que queria me comer. Fecho a porta, corro para o banheiro e procuro Bernardo.

— Beni. — Olho atrás da porta, ele está rente à parede me olhando com uma gargalhada pronta, já está vestido, graças a Deus.

— Nunca cortei tanto prego. — Ele fala já rindo e eu rio também.

— Saia, desça depressa, eu vou depois. — Ele me pega de beijos múltiplos e tenta abrir meu roupão. — Beni, saia agora.

— A noite eu volto.

— Não, só lá no Rio. Vai agora.

— No Brasil eu vou te comer muito gostoso. Se cuide. — Me dá um último beijo e sai correndo. Respiro aliviada. Somos tão adolescentes, mesmo com essa idade.

Não tivemos maiores contratempos. No jantar, reunidos em uma mesa enorme para acomodar todo mundo, numa sala reservada do restaurante, nos divertimos pra valer na nossa última noite. É ótimo estar com eles, às vezes quase engasgo de tanto rir. Os mais velhos sempre fazem as melhores piadinhas. Minha mãe toda hora abaixava a cabeça com a mão na cara por causa de alguma coisa que meu pai dizia. Malu com a costumeira frase: “Enzo, pare de comer como um javali.” Sem falar de minha mãe lembrando as tramóias dela com Dani e Malu.

Meus irmãos mais uma vez fizeram o truque de se disfarçar um do outro e desceram para o jantar trajando roupas idênticas. Eles costumam fazer isso e sempre só minha mãe percebe quem é quem. Meu pai fica irritado por ser facilmente enganado e eu me pergunto como o próprio pai não consegue discernir quem é quem.

Agora mesmo, eles estão ambos de jeans e moletons idênticos da GAP, os cabelos penteados milimetricamente iguais. Ambos, palhaços, estão sendo o centro das atenções e eu até agradeço por isso, assim ninguém percebe em mim e Beni que chegamos despistados. Quer dizer, meu pai e Davi ficaram olhando de relance para mim quando eu cheguei minutos depois de Bernardo.

— Eu nasci com vocês, é claro que sei quem é quem. — Falo com meus irmãos. Eles se entreolham e lançam para mim um olhar de desafio, ambos sorrindo, de braços cruzados, me fitando. Certo, é mesmo bem difícil quando eles fazem isso. Normalmente eu sempre sei diferenciar quem é quem. Freddy tem o rosto levemente mais magro.

— Fala um palavrão aí. — Beni grita para os dois. Meus irmãos se entreolham.

— Porra. — Um fala e o outro acompanha.

— Porra não. “Porra” até minha mãe fala. — Beni reprova.

— Rebeca fala “porra”? — Minha mãe olha em dúvida. — Nunca ouvi.

— Ele está referindo a mãe bandida. — Johnny, o causador de confusão, comenta em um sussurro e todo mundo ri, inclusive Rebeca e Davi.

— Algo mais cabeludo. — Beni grita de novo para meus irmãos.

— Muito cabeludo. — Anna apoia. Graças a Deus estamos numa sala privada.

— Quando eu contar até três vocês falam um bem cabeludo.

— Olha o respeito, Bernardo. — Davi dá um peteleco no filho. — Respeita os mais velhos.

— É um teste só, pai. — Se desculpa para o pai e vira para meus irmãos. — Três, dois, um e...

— Caralho. — Um deles fala.

— Pau no cu. — O outro diz quase junto. — Minha mãe tá aqui, não vou falar nada mais que isso.

— Está aí Franz — Beni aponta para o que disse “caralho” — e Freddy. — Ele aponta para o que falou “pau no cu”.

— Por quê? — Papai se mostra animado com a tática que Beni usou.

— Simples, convivo com Franz, ele não me chamaria de pau no cu na frente dos meus pais.

— Ele está certo? — Papai pergunta. — Ou vou ter que recorrer ao DNA?

— Só para lembrar, eles dois são gêmeos univitelinos, pai. O DNA é idêntico também.

— Franz e Freddy. — Mamãe acaba com o suspense apontando quem é quem, confirmando o que Beni disse. — Max, é uma vergonha você não reconhecer os próprios filhos.

— Esses meninos me confundem desde quando nasceram com cara de Joelho. — Ele levanta o copo de chope. — Um brinde a minha prole.

— Um brinde. — Os outros gritam.

— Agora vamos lembrar quem armou tudo para esses três vir ao mundo. — Enzo rebate e Davi levanta a mão se exibindo, e todo mundo ri. Esse povo deve ter algum distúrbio, só pode. Olho para Beni, ele pisca para mim e apenas Anna percebe. Levanto meu copo, Beni levanta o dele, estamos brindando a nós dois.

— Por que pressinto que não estão brindando a você mesma e os gêmeos? — Anna sussurra.

— Porque estou brindando meu namoro escondido. — Murmuro de volta.

— Safada. Namorado mesmo? Conseguiu trancar Beni?

— Sim, consegui. Ele propôs namoro numa facilidade. Será tudo por debaixo dos panos.

— Trepando debaixo dos panos, né safada? — Ela dá um gritinho, eu cutuco ela e Anna cutuca Sarah. — Melissa está de caso com Bernardo, esses dois indecentes.

— Olha só isso. — Sarah curva em nossa direção. — Parece que, nessa geração, as mulheres que são donas dos planos, não é?

— Perfeitamente, garota. — Geovanna fala, confiante. Olhamos para Davi contando coisas do passado e rimos entre nós três, acho que compartilhando do mesmo pensamento.

Anna coloca a mão em concha ao redor da boca para fofocar:

— Imagina se o Tio Davi descobre que o filho dele caiu em um plano da filha do Max? Parece que o jogo virou, não é titio?

QUINZE



Melissa

Beni e eu nos encontramos um pouco depois do jantar. Corremos para um andar onde não teria ninguém para nos ver. Vamos embora amanhã bem cedinho e, talvez demore um pouco para nos vermos de novo, por isso me arrisquei essa noite para encontrá-lo, pois tenho que perguntar a ele qual é a do Johnny.

— Ele tem a foto contra mim, — Beni explicou — agora quer que eu consiga uma sala para ele na AMB.

— Que safado. Mas por que ele quer uma sala?

— Michele, nossa nova advogada, esse é o motivo. Johnny está caído por ela e ele vê a sala privada como uma forma de dar uns amassos com ela.

— Safado ao quadrado. — Murmuro revoltada. Já vi que é de família essas tramóias. Johnny é irmão de Geovanna, filho de Enzo e sobrinho de Davi, não tinha como ser menos trambiqueiro — O que acontece se você não conseguir a sala para ele? Vai mostrar a foto a meu pai?

— Isso. E a seus irmãos.

— Então temos que manter Johnny calado?

— Sim, deixe comigo. Estou pensando em algo. — Bernardo avança em minha direção para me beijar de novo. Estamos espremidos num corredor do primeiro andar. Eu ainda fico tensa, preocupada.

— Ei, está tudo bem. Nossa foda secreta está garantida.

— Ah, que lindo. Estou emocionada. — Nem termino de dizer, a

boca dele já está se fechando contra a minha num beijo fogoso.

É mesmo muito bom se pegar as escondidas. Agarro a roupa de Bernardo e o seguro ferozmente trocando com ele um beijo muito delicioso.

Beni quer parar Johnny para a foto não vir à tona. E eu só preciso arrumar uma maneira de manter Johnny afastado dos meus planos.



Bernardo

Acordo com o barulho ensurdecedor do meu celular. Reviro na cama, debaixo do cobertor, louco de raiva por já ser de manhã e ter que ir trabalhar. De olhos pequeninos, espremidos por causa da claridade, espio por debaixo do travesseiro e o relógio digital da cabeceira marca sete e meia.

Merda! Cacete dos infernos. Por que não são três da manhã ainda para eu poder dormir mais? O melhor momento da vida de uma pessoa é quando acorda no meio da madrugada e constata que ainda tem umas quatro horas para dormir a mais.

Ontem foi um dia exaustivo e fui dormir tarde. Faz dois dias que chegamos de viagem e tive que suar para colocar as pendencias do banco em dia. Meu pai não dá trégua e me fez ficar até às oito horas da noite no banco e vir com ele para casa para terminarmos de resolver os assuntos. Ainda bem que Johnny e tio Enzo estavam aqui e, onde meu tio está a cerveja é garantida. Estico o braço e vou tateando, procurando meu celular. Encontro-o, puxo para baixo do travesseiro onde meu rosto está.

— Alôoouu... — Arrasto a voz que se parece um arranhado seco.

— Ainda dormindo?

— Mãe?

— Prefiro Sophia mesmo. — Me sento na cama de olhos fechados.

— O que quer Sophia?

— Obrigada por me atender tão bem. Como assim o que quero? Falar com você.

— Não podia ter esperado dar meio dia ao menos?

— Não. E você já devia estar de pé enfrentando o trânsito. Como foi de viagem?

— Bem. Estava divertido e para de me dá sermão.

— Que bom que se divertiu. Beni, liguei para dizer que estou indo ao Brasil novamente semana que vem.

— Hum...

— Vamos marcar um almoço?

— Claro, só marcar.

— Está bem, vou escolher o lugar. Quer ver seu irmão? Ele está indo também.

Abro os olhos um tanto surpreso. Esfrego os olhos e balanço a cabeça negativamente.

— Hum... Não sei.

— Ok, não vou forçar nada. Levante logo dessa cama que o dia já começou. Te mando uma mensagem com a data e o local para almoçarmos.

— Tá bom. Tchau, Sophia. — Desligo e caio para trás nos travesseiros de novo. É bem capaz de meu pai me dar uns petelecos se souber que Sophia quer me empurrar para um encontro com um mané que se diz meu irmão. Tô fora! Fico olhando o celular por um instante, deitado de cara para o teto. Então decido mandar uma mensagem para Melissa.

“Vamos nos ver hoje?”

Mando e espero. Nada. Nem barulho de mosquito. Tamborilo o polegar na tela do celular, o tempo se arrasta e nada. Vamos, Melissa, preciso me levantar e você não está cooperando.

— Bernardo! Você vai se atrasar! — Essa é a voz da minha mãe batendo na porta.

— Já acordei. — Grito e continuo na mesma posição, olhando o celular. É um porre dormir na casa dos pais.

“Sei que já leu a msg, Melissa. Estou vendo.”

Digito e espero. Pouco depois ela responde.

“Tive plantão. Estou saindo do hospital agora.”

“Hum. Vai dormir agora?”

“Sim, estou desmaiando de sono.”

“Entnsmkjsj” — Começo a digitar, mas o celular cai na minha cara. Droga. Me sento na cama e digito novamente a mensagem.

“Então vamos sair à noite. Ou vc pode ir ao meu apê.”

“Quero dormir cedo, Beni.”

“Então durma a tarde toda para a noite vc fazer umas gracinhas comigo.”

Ela não vai dar o braço a torcer, mas aposto que está lendo a mensagem com um sorriso de besta.

“As duas da tarde eu e Sarah vamos ao ensaio de Anna, lá no balé. Te vejo outro dia.”

“Tá me dando um bolo, Melissa?”

“Sim, estou. Passei a noite em claro, vc tem que entender. Quero ter uma noite de sono.”

“Só uma informação avulsa: na minha casa tem cama, e das grandes.”

“Mas vc não vai me deixar dormir.”

“Acochada comigo vai dormir melhor. Venha, Liz. Eu vou comprar umas bebidinhas, a gente assiste uma coisinha, eu te como gostoso e vamos dormir.”

Ela não responde. Leu, vejo o símbolo aqui, mostrando que ela leu e não respondeu. Com certeza está louca para vir, mas precisa fazer um charme. Ou talvez esteja pensando como vai fugir da casa sem que Max veja.

“Está cogitando?”

“Não venha na minha casa. Se eu não aparecer até as oito, vá sossegar. É pq não consegui liminar para fugir da minha casa. Bjos, t +”

Dou um pulo da cama. Está favorável para quem? Isso mesmo, para mim. Saio do quarto em direção ao banheiro no fim do corredor. Quando saí dessa casa, Heitor pegou meu antigo quarto, que era uma suíte.

Eu não vou mentir que fiquei de consciência pesada por não ter contado sobre a camisinha estourada para Melissa. Nesse momento, debaixo do chuveiro, quando esse assunto vem de novo a minha mente, eu o desconsidero. Na verdade me pego com Deus, torço e faço mil promessas para que não tenha dando B.O.

Depois de me arrumar às pressas, desço correndo e encontro meu pai na sala já arrumado, falando de um jeito raivoso ao celular, passo por ele e vou para a cozinha.

— Bom dia, vó. — Ela está sentada a mesa, me abaixo e dou um beijo nela. — Onde está o resto do povo?

— Heitor saiu cedo e sua mãe estava aqui agora. Dormiu demais?

— Sim. — Sirvo café para mim e me sento de frente para ela. —

Sabe quem me acordou, vó? — Nem espero ela responder e já falo: — Sophia. — Minha avó para com a xícara no ar e me olha interessada.

— Está de conluio com essa mulher, Bernardo?

— Ligou dizendo que está vindo ao Brasil e quer me ver. Quer que eu me encontre com o filho dela, que por sinal é meu irmão.

— E você não vai fazer essa asneira, não é Bernardo? — Minha avó já está com pose autoritária.

— Não. A verdade é que não quero conhecer ele. Às vezes acho que Sophia fica na minha cola só para pirraçar meus pais. O que acha?

— Só agora percebeu? — Ela rir com sarcasmo — O que você sente por ela?

— Gosto dela, não do jeito que gosto da minha mãe, claro. Gosto de conversar com ela. Sophia me entende.

— Hum... Não fale nada disso com seu pai, ele acordou daquele jeito. Já está ali brigando com seu tio pelo celular. Isso me deixa doente, ver os dois batendo boca.

— Oba! Hoje tem pau na empresa. — Grito, comemorando de brincadeira e ela me dá um olhar mordaz.

— Ele vai levar um puxão de orelha quando entrar nessa cozinha. E hoje mesmo irei na casa do Enzo.

— Coisa de irmãos, vó. Não deveria ligar. Daqui a pouco os dois estão por aí de boa.

— Desde cedo, quando brigavam, eu fazia ficar de bem na hora. Não quero saber o motivo, nem que um já tem sessenta anos. Vão ficar de bem sim.

Termino de engolir o café e me levanto.

— É melhor eu me apressar então, para não sobrar para mim.

— Meu querido, você não comeu nada. — Ela segura meu pulso. — Sente-se e coma.

— Eu como alguma coisa lá no trabalho. — Inclino e beijo ela de novo. — Tchau, vó.

— Tchau, príncipe. Tenha um bom dia.

Topo com minha mãe vindo lá de cima e meu pai ainda fala nervoso

no celular.

— Já está indo, meu filho? — Minha mãe me segura. — Tomou café?

— Tomei, mãe. Até.

— Vem almoçar com a gente? — Ela vem correndo atrás de mim.

— Sim. — Aceno para ela e viro para meu pai. — Já estou indo.

— Resolva aquela papelada até meio dia, Bernardo, eu não estou com paciência para falhas. — Ele grita para mim. — Vou passar lá para ver.

— Falou. — Corro porta a fora. Meu dia já começou um saco.

Ainda bem que Johnny não foi tão irresponsável e já está na empresa assim que entro em disparada. Ele está numa boa conversando com um pessoal, cumprimento a todos bem rápido e toco no ombro dele.

— Venha comigo. Rápido. — E ele me segue.

— Os velhos estão brigando, temos que agilizar. — Dou a notícia, abro minha bolsa e pego as pastas que estávamos trabalhando ontem à noite. Calmamente Johnny se acomoda a minha frente.

— Papai acordou virado no cão, destilando veneno lá em casa. — Ele fala sem muita importância. — Ainda bem que tem minha mãe para dar umas tiradas nele.

— Pois é. Daqui a pouco meu pai passa aqui e ele também não está no seu melhor dia.

— E como está seu dia? Feliz à toa, pegando a Liz e tal?

— Não vi Liz desde que voltamos. Toma, comece com essa aqui. — Digo e entrego uma pasta para Johnny.

— E eu não vi minha nova sala desde que voltamos. — Rebate. Sento em minha cadeira e ligo o computador.

— E não vai ver tão cedo. Ouviu meu pai, você passará por uma avaliação.

— Seu pai não é dono do Banco. Na teoria, meu pai manda mais, pois é mais velho, sem falar que minha mãe também trabalha lá, na matriz, e

meu avô é o único patriarca vivo.

— Seu pai e Max mandam o mesmo tanto que meu pai. E, falou certo: seu avô está vivo. Quando ele partir dessa, você pede impeachment da sua mãe, já que ela quem está na cadeira de Jonas.

Johnny recosta elegantemente na poltrona, descansa o calcanhar no joelho e tamborila os dedos na mesa.

— Beni, Beni... Eu tenho uma arma letal contra você. Me ajude, primo querido, se não eu não poderei te ajudar.

Submetido a uma chantagem descarada na minha própria sala, eu deixo o computador de lado e inclino na mesa, olhando-o com minha melhor cara de sacana.

— O que pode fazer? Mostrar a foto para Francisco ou Max? Vejamos: eu posso, na pior das hipóteses, ganhar um soco na boca, e só. Um mês depois, Franz já vai me ver como seu cunhado e Max, será meu sogro. Eu e Liz teremos liberdade para ficarmos juntos na frente de todo mundo, eu poderei encontrá-la quando quiser. Aí eu te pergunto: e você? Não vai ter a sala e eu, como chefe dessa filial, farei de tudo para atrasar sua posse. Vai conseguir a própria sala com trinta e cinco anos. — Sem fala, ele fica apenas me olhando. Nenhuma resposta espertinha. Volto a olhar o computador. — Sou filho de uma bandida, lembra? Não me amola.

— Você vai, sim, agilizar para mim quando os velhos vierem me avaliar. — Ele dá o decreto e pega a pasta. — Me diga o que vamos fazer aqui.

— Chame o Francisco. Temos que trabalhar juntos para entregar essas merdas prontas antes do meio dia.

DEZESSEIS



Bernardo

Onze e meia e faltava muito para terminarmos o trabalho. Os pais de Johnny chegaram, ambos carrancudos, e minha tia dificilmente está de cara amarrada e quando ela fica assim é porque tio Enzo andou a provocando.

— Tudo pronto? — Ele já chega perguntando, sem nem dá um “olá” para ninguém.

— Falta pouco, tio. — Eu digo.

— Três marmanjos com mais de três horas de serviço e não terminaram esses balanços?

— Ninguém aqui tá de bobeira não, pai. — Johnny o enfrenta. Ele estende uma pasta de documentos em direção à mãe. — Mãe, dá uma olhada nessas contas que não consigo fechar.

Ela pega a pasta, senta numa cadeira e pega um óculos de leitura na gola da blusa.

— Malu, não podemos sentar, estamos atrasados.

— Enzo, me dê um minuto de trégua antes que eu tenha que tomar uma atitude. — Ela fala rudemente, mas baixinho, como se fosse para ela mesma. — Puxe uma cadeira e venha ajudar, senão não sairemos daqui hoje.

Em dez minutos, conseguimos terminar com a ajuda dos dois. Entregamos tudo a Enzo e ele sai correndo atrás de Malu que foi na frente pisando duro.

— Acabamos. Tô me sentindo um virgem violado. — Franz se senta relaxado na cadeira. — Vamos chamar os rapazes para uma rodada de cerveja

à noite?

Não, que hoje à noite eu quero comer sua irmã. — Penso descaradamente.

— Hoje não dá para mim não, Franz.

— É. Ele tem compromisso com uma gatinha. — Johnny, o imbecil, responde antes de eu formular uma desculpa.

— Eu devia imaginar. — Francisco se levanta. — Todo dia tem mulher naquele seu ninho.

— Beni é um pegador. Não perdoa ninguém, né primo? — Johnny se levanta também, pega o terno dele e me olha desafiadoramente.

— Cuidado, cara. — Franz bate nas minhas costas. — Tome cuidado para uma dessas não te aprisionar.

E se ele soubesse que a irmã dele está sendo candidata a me aprisionar? Balanço a cabeça, tentando tirar isso da mente. Eu e Liz temos apenas tesão e, claro, um carinho grande por nos conhecermos desde sempre.

O resto do meu dia não teve grandes surpresas. Evitei mandar mensagem para Melissa e assim não dizer que estou desesperado por uma fodinha. Fiquei no banco até às cinco horas, depois passei no supermercado com a finalidade de comprar umas coisinhas para a gente comer. Não vou servir miojo para ela, né? Entretanto, em um supermercado é difícil encontrar coisas prontas. E como eu não sei cozinhar, acabei decidindo por pedir comida quando ela chegar.

E Liz veio. Às sete horas ela chegou. Eu já estava preocupado, andando pelo apartamento, ia à cozinha, tomava água, voltava para a sala, navegava pelos canais da TV, ia ao quarto ver o que vestiria e, por fim, optei por bermuda e regata. Quando abri a porta, ela estava com cara de indecisa. Olhou para mim, mordeu os lábios e não entrou.

— Você veio! — Exclamo e já a puxo para dentro. Fecho a porta com o pé e abraço-a já a beijando. Melissa me beija de volta com a mesma ferocidade, deixando sua bolsa e jaleco caírem no chão.

— Estou me sentindo mal em mentir para meus pais. — Ela interrompe o beijo para falar. — Disse que teria outro plantão.

— Mas é por um bom motivo, fazer companhia a seu namorado

secreto.

Ela sorri e me empurra. Pega suas coisas no chão, joga no sofá e olha em volta, observando meu apartamento.

— Você está muito bonita. Se arruma assim para trabalhar? — Ela vira para mim, faz um olhar incrédulo, depois olha para o próprio corpo. Está vestindo uma calça branca e uma blusa de renda também branca.

— Estou normal, Beni, me visto normal.

— Não mesmo. Gosto de você com essa roupa de doutora. — Ela abana a cabeça rindo e dá alguns passos pela sala.

— Nunca tinha vindo aqui. Tem um bom apartamento, é organizado.

— Sim. Tenho uma diarista que mantém assim, além da minha mãe que quase sempre passa aqui e acaba deixando organizado.

Os olhos de Liz pousam na mesinha onde está o notebook.

— É esse? — Ela aponta o computador, perguntando se é o que ela roubou.

— É esse, o computador da discórdia.

— O que tem de tão importante assim para dar aquela treta toda?

— Informações importantes sobre a AMB. Aquele marmota estava querendo para poder tomar uma conta importante que deve ficar com a gente. Vamos pedir alguma coisa para comer? Precisa pedir agora para entregar ao menos às nove horas.

— Tá. — Ela se senta no sofá, meio sem jeito. — Você não tem nada aqui para cozinhar?

— Miojo? — Pergunto já com o telefone na mão.

— Credo! Miojo é sódio puro. Pede uma coisa leve, Beni. Preciso dormir cedo.

— Comida chinesa, gosta? — No celular, procuro no aplicativo e estendo na direção dela.

— Nem preciso olhar. Quero o tradicional, yakissoba e aqueles camarões empanados, sabe?

— Sei. Já experimentou frango Chop suey? — Aponto a foto do prato no celular.

— Não, mas parece delicioso.

— Então vou pedir. — Faço o pedido, e o tempo de espera é mais ou menos uma hora. Deixo o celular de lado e pulo no sofá ao lado dela, me encostando até ficar bem coladinho.

— E aí?

— E aí o quê, Beni?

— Tudo joia?

— Tudo joia. — Responde, tentando não ri. Enfia a mão no bolso e mostro para ela o pacotinho laminado.

— Olha o que tenho aqui. Temos uma hora antes da comida chegar, o que acha?

— Estava demorando. — Ela revira os olhos, mas de brincadeira, ainda está sorrindo. Arranco a camiseta e pulo em cima dela.

— Beni!

— Estou num fogo, Liz. — Derrubo Melissa no sofá e já deito por cima. Ela pode até tentar se fazer de difícil, mas todas às vezes, basta eu dar o primeiro beijo que ela já reage. Ela não só aceita meu beijo, saboreando minha boca e chupando meus lábios, como também passa as mãos pelo meu corpo, arrastando de leve os dedos, indo para minhas costas e, por fim, adentrando as mãos na minha bermuda. Estou sem cueca, lógico.

— Você está muito cheiroso. — Ela deixa minha boca, cheira meu pescoço e morde sem muita força.

— Você está mais. — Volto a beijar sua boca com uma loucura desumana. Em minutos arrancamos nossa roupa, Melissa grita para eu deixar que ela mesma tire a sua blusa, com medo de eu rasgar. Arranco minha bermuda e nos abraçamos pelados, eu em cima dela, com meu pau no jeito, esfregando entre suas pernas, que já está molhadinha.

— Beni... o preservativo. — Ofegante, ela tenta me empurrar. Eu estou numa loucura dando atenção a cada um dos seus seios. Isso sim é cheiroso. Não canso de chupar, lambe, morder. Nunca fiquei tão perto de perder a sanidade por uma mulher pelada embaixo de mim. Continuo duro, me esfregando contra ela e Melissa agarra forte meus braços.

— Beni! Agora! — Rosna. Eu estico o braço, pego no chão o preservativo, me visto e mando ver, nos dando um alívio conjunto. O aperto dela envolta do meu pau me faz vibrar todo interiormente, e sem demorar

começo a me mover.

— Aqui você pode gritar a vontade. — Vocifero. E ela geme alto de uma forma feliz. A cada socada, Melissa vai à loucura, me deixando pirado, indo mais forte e mais fundo dentro dela. Foram longos minutos transando deitados colados, depois me sentei com ela no meu colo e Melissa mostrou o que sabe fazer mesmo sendo pouco experiente no sexo. Cavalei deliciosamente em cima de mim, apertando as mãos nos meus ombros e minha boca em seus peitos que sacodem gostosos na minha cara.

Como eu previa, foi quase uma hora de puro sexo selvagem. Matei meu desejo acumulado de dois dias sem trepar e, para mim e meu pau, não poderia ser com qualquer uma. Minha vontade era só para com Liz.

Finalizamos no sofá, ela deitada em cima de mim, me abraçando apertado, com rosto no meu peito meio suado.

A comida logo chegou e Melissa vestiu um pijama horrível. A única coisa de boa nele é que, o short curto de algodão, mostra as belas pernas. Mas, a parte de cima é uma coisa enorme e larga, com um panda na frente. Dá até tesão vê-la assim, sentada sob as pernas cruzadas, com uma caixinha de comida na mão, sabendo manusear os hashi perfeitamente. Coloquei um filme e me sentei ao seu lado.

— Um garfo, Beni? Fala sério. — Melissa me olha como se eu fosse um delinquente por estar comendo comida chinesa de garfo.

— Não tenho paciência para essas coisas. Não pega nada e eu quero encher a boca.

— Vendo você falar assim, só tenho mais certeza que os homens são todos iguais. Meu pai e meus irmãos também odeiam comer de hashi.

Coloco mais uma garfada na boca, está tudo mesmo uma delícia a comida. Olho para as outras caixinhas lacradas ainda e para Liz. Vou ter muito o que comer essa noite, nos dois sentidos.

— É incrível, não é? — Eu falo — Nossos velhos têm muita grana, são bem conhecidos na cidade, banqueiros de respeito, mas agem como pessoas normais.

— É. Papai não tem o rei na barriga, ele não fica por aí ostentando. Primeiro que, a vida ensinou muito a ele, trabalhou cedo, fez por merecer o cargo que tem e teve que suportar a morte do meu avô. A família da minha mãe, vovô Daniel principalmente, é metido a aristocrata. E meu pai odeia isso

neles.

— E sua mãe foi a única que não seguiu a carreira jurídica, não é?

— Sim, professora. — Liz bebe um gole de coca. — Ela conta que na época foi briga feia com os pais. E briga maior ainda foi quando ela apresentou meu pai como namorado.

— Todo tatuado e metido a piadista. Imagino seus avôs pirando.

— Até hoje as tiradas rolam soltas quando eles se encontram. Vovô Daniel não colabora e meu pai não fica para trás. Minha mãe fica pelo meio intercedendo, sem querer tomar partido. Aí quando fica sozinha com o papai, ela grita: “Max! para de provocar meu pai toda vez que ele vem aqui.”. — Diz e dou risada imaginando a cena.

— Lá em casa também é assim. Minha mãe é mais pé no chão, escreve os romances dela, fica de boa, vai a lançamentos e tal. Já meu pai, é o cozinha da casa.

— Sério, Beni? Politiqueiro? — Ela pergunta e balanço a cabeça negando. Tomo um pouco de refrigerante.

— A gente o chama assim só para pirraçar mesmo. O coroa é tranquilo, odeia política. Apesar de que, a política do país interfere muito na economia e, consequentemente, no rendimento da AMB. Então, ele evita esse tipo de debate.

— Lá em casa também não tem muito debate de política. Meus irmãos gostam de se meter, mas meus pais ficam na deles.

— Meu pai não se impõe como ricoço, mas não deixa de andar por aí no luxo. Ele adora um terno caro.

— E, por causa disso, vocês o chamam de cozinha?

— E por ser um pouco cricri, sabe? Quer tudo do jeito dele. Hoje mesmo, já acordou endiabrado, brigou com tio Enzo e respingou até em tia Malu.

— Porque quando Enzo tá mal, Malu também fica. — Liz conclui, sabendo como funcionam as coisas na casa do meu tio. Ela praticamente cresceu lá, é como uma irmã para Geovanna.

— Das nossas famílias, com certeza a de Johnny é a mais louca. — Eu analiso.

— Muito. Se começarmos a analisar pelos filhos, já teremos um

diagnóstico. Anna e Johnny são dois doidos. Eles conseguiram herdar um pouco de tudo dos pais.

— Se bem que, na minha tem aquela confusão toda da Sophia com minha mãe. — Pondero observando ela concordar com um gesto.

— Nossa, Beni, é verdade. Por pouco você não seria criado por outra família.

— Pois é. Agradeço ao meu pai que foi atrás de mim. — Liz deixa a caixinha de lado e pega a latinha de refrigerante.

— Já acabou?

— Sim, estou cheia. E quanto a Sophia, vocês se falam, não é?

— Sim. Eu a conheci muito cedo. — Pego outra caixinha de comida e abro. — Meus pais me contaram tudo e eu quis vê-la. Desde então ela vem sempre ao Brasil e sempre nos encontramos. Quer provar um pouco desse? — Ofereço. Melissa olha e pega um prato descartável.

— Coloca um pouco aqui. E como é isso? Ela é uma vilãzona segundo meu pai. Você age naturalmente com a mulher que enganou seu pai?

— Vida que segue, Liz. Sophia ficou presa, pagou pelo crime dela. Já se passaram mais de vinte anos.

— Sabe o que estive pensando um dia desses?

— O quê?

— Se um dia eu e você, por acaso, tivéssemos uma gravidez, teria enorme chance de ser gêmeos.

Na mesma hora tenho uma crise de tosse, cuspiendo comida na minha frente. Viro horrorizado para Melissa que ri da minha reação.

— O quê?

— Para seu tolo. É hipótese, não vai acontecer. Pelo menos não está nos meus planos pelos próximos cinco anos. Sua mãe é gêmea e eu sou gêmea, teria grande chance sim.

Continuo calado, aterrorizado, de olhos grandes sem piscar, encarando-a. É a hora perfeita para eu contar que hipoteticamente ela poderia já estar grávida nesse momento. Mas, e aí se eu contar? Ela não pode mais tomar a tal pílula, pois já passou muitos dias. O que vai acontecer é ela ficar com muita raiva, jogar essa comida na minha cara e ir embora. Então, para preservar minha noite e nossos encontros futuros, eu vou ficar aqui, torcendo

em pensamento, clamando aos céus que me guarde disso. Se eu já estava com medo de ter um filho, imagina dois Brantinhos? Ou três? Max me castraria. Deus me defenda.

DEZESSETE



Bernardo

Eu sou um tipo de pessoa espaçosa, dormir sozinho não é uma questão de frescurinha de homens solteiros que não dormem com mulheres para não se apegar. Eu evito dormir para que não aconteça isso agora. Volto correndo da cozinha e entrego um provisório saco de gelo para Melissa. Joguei cubos de gelo num pano, enrolei e pronto. Liz está de cara feia, sentada na cama.

O que houve? Dei um soco em sua cara enquanto dormíamos. Estou com medo de ficar roxo.

— Desculpa, Liz. — Peço pela milésima vez. Lá se vai minha foda matutina com ela. Em resposta só recebo um olhar torto.

Não foi minha culpa, juro. Eu estava dormindo lutando como sempre faço e, por sorte, nenhum dos meus chutes pegou nela. Entretanto, quando meu despertador tocou do lado da cama, eu só virei braço para apertar e paf! Bati na cara de Melissa que estava de boa dormindo ao lado.

— Céus, as pessoas vão achar que fui vítima de violência doméstica.

— Deixa eu ver. — Tento tirar o pano com gelo do rosto dela.

— Sai! — Melissa me empurra.

— Mel, você precisa relevar. Foi um acidente. E se um dia a gente se casar?

Ela arregala o olho para mim e abana energicamente a cabeça.

— Casar com você? — Ri alto, falsamente.

Ergo os ombros. Também não quero me casar, só quero amenizar a situação, por isso toquei nesse assunto.

— Se enxerga, Bernardo. Olha nossa idade.

— Eu tenho quase trinta.

— Se um dia me casasse com você, teríamos camas de solteiro. — Ela se arrasta e levanta, depois vê que está nua e puxa o lençol com força para se cobrir. Vai para o espelho e fica lá olhando o rosto. Tentando agradar, pulo da cama e a pego por trás em um abraço gostoso.

— Perdoa seu amigo, Liz.

— Amigo?

— Seu amigo de cama. — Digo e ela revira os olhos, saindo da frente do espelho e se soltando do meu abraço.

— Tá. Se arrume para me dar uma carona, vou tentar rebocar a cara com maquiagem.

— Estamos bem de novo? — Minha expectativa é palpável. E eu que jurei que nunca seria como meu pai que faz uma cagada e depois fica o dia pedindo desculpas para minha mãe.

— Estamos. — Liz dá um leve sorrisinho.

— Bem o bastante para fazer umas malandragens no chuveiro?

Ela tenta se mostrar brava, mas acaba sorrindo. E lógico, acaba no chuveiro comigo dando aquele amasso completo. E tive lucro, pois não ficamos somente nos amassos, claro que não. Acabamos gemendo e batendo a cama na parede, os dois suados e cansados. Ninguém lembra de olho roxo quando tem um sexo tão gostoso pela manhã.

Como na minha casa não tem absolutamente nada para comer e nem para preparar, tivemos que ir comer numa padaria que tem aqui perto.

Melissa achou um absurdo quando abriu minha geladeira e viu apenas latinhas de cerveja, uma goiaba embolorada e algumas caixas de comida pré-pronta. Enquanto dirigia, eu tentei explicar que meu pai e o pai dela também viviam dessa forma quando tinham minha idade. E Melissa acabou concordando que o pai dela é uma lastima na cozinha até hoje. A única coisa que ele faz bem é café, feijoada e um molho especial que não dá a receita a ninguém. E, Liz tem razão. Ele fez uma feijoada um dia e chamou a galera toda para comer. O resultado tinha sido impressionante, estava muita

boa. Meu hipotético sogro é um doutor em feijoada e molho.

Deixo o carro estacionado, saio com ela e atravessamos a rua para entrar na padaria.

— Estamos parecendo espões russos sexys. — Murmuro para ela. Melissa me olha por trás dos óculos escuros, está de saltos e um vestido azul claro e eu de terno preto. Nos acomodamos numa mesa e ela retira o óculos e começa a olhar o olho num espelhinho que tirou de dentro da bolsa.

— Está linda. — Eu elogio. Ela fecha o espelhinho e exala como se estivesse cansada.

— Beni, o que é isso entre a gente? — Ela recosta e cruza as pernas. Agora eu estou me sentindo diante de uma espã russa me interrogando. Eu gostaria de dizer: “é uma mesa”, mas não vou usar sarcasmo numa hora dessas. Ela me olha seriamente. Droga! Fui colocado contra a parede.

— Vamos comer? Conversamos enquanto comemos. — Desvio de assunto. Mulher não aguenta uma oportunidade que já quer discutir relação. Ela pede um café e um bolo de cenoura e eu peço um suco duplo e para cortarem dois pães franceses grandes, colocar presunto, muçarela, salsicha e prensar na chapa.

Melissa come calada, fica com o olhar longe, depois o celular dela começa apitar e ela troca mensagens com alguém. Dá um sorrisinho e olha para mim.

— Sua prima é uma doida.

— Sim, muito. — Concordo com a boca um pouco cheia. Ela espera eu terminar e faz a pergunta de novo. Achei que tivesse esquecido.

— O que você acha, Beni? O que é isso entre a gente? — Sinto vontade de revirar os olhos, mas apenas sorrio.

— Achei que já tivéssemos deixado isso claro. Estamos experimentando uma relação mais íntima, nos divertindo.

— Provisório?

— Até quando estiver bom para nós dois, Liz. Se você não quiser mais, podemos parar. Eu quero continuar.

— Eu também quero. — Ela afirma depressa. — Mas temos que ter regras.

— Regras?

— Beni, enquanto estivermos nessa situação de “experimentando uma relação mais íntima”, — ela usa aspas com os dedos — temos que usar regras entre nós dois. Não vou ficar com você se souber que está por aí com outras.

— Fidelidade?

— Sim, das duas partes. Enquanto isso durar, seremos fiéis.

— Ok. Você mesma está firmando acordo, então não pode se esquivar quando eu quiser te ver.

— Mas temos que fazer isso ainda por baixo dos panos, ainda não quero nossa família se intrometendo.

— Também acho. Vamos? — Faço menção de me levantar, mas ela abre a mão para eu parar.

— Beni, eu... — Ela fica sem jeito, mexe nos cabelos e fala um pouco mais baixo:

— E se isso evoluir e a gente começar a gostar de verdade?

— Mas eu já gosto de você de verdade. Não costumo transar com quem detesto.

— Não estou falando disso, Bernardo. — Agora ela fica brava. — Estou dizendo sobre sentimentos mais profundos. Tenha sensibilidade e entenda.

Claro que sei o que ela quer falar e, para não criar caso, eu falo o que ela e qualquer mulher quer ouvir:

— Se evoluir para algo maior, você será uma sortuda por se apaixonar por um Brant. — Ajeito a lapela do terno e completo: — O melhor dos Brant, que no caso sou eu, claro.

Melissa revira os olhos e se levanta saindo da padaria, me fazendo correr atrás dela, mas, lembro que não paguei a conta e vou até o caixa pagar para logo sair correndo a sua procura. Vejo Melissa já na calçada querendo pegar um táxi, coloco meus óculos escuros e a alcanço antes que ela fuja de mim.

— Gata, o que foi isso? — Pergunto e ela se vira ferozmente.

— Você poderia engolir um pouco essa sua arrogância quando estivermos conversando sério, já basta meu pai, meu tio, meu primo e meus irmãos. Meu suposto namorado também precisa se achar a última bolacha do pacote?

Puxa! E eu que pensei muito no que falar, acabei errando. Claro que a mulher que se apaixonar por mim será sortuda. Eu sou, modéstia a parte, bem disputado. Só não prometo me apaixonar de volta.

— Está bem. — Ergo as mãos para ela. — Eu me expressei mal. Vamos pensar nisso mais tarde? Essa coisa de se apaixonar e tal, vamos apenas deixar as coisas seguirem normalmente. — Digo e o semblante dela se alivia, dando um leve sorriso.

— Tem razão. Anna fica colocando coisas na minha cabeça. Vou pegar um táxi, pois meus pais acreditam que eu estava passando a noite no hospital.

— É, quase fomos parar no hospital de tanto trepar. — Acabo de falar e o olhar ácido dela me para. — Desculpe. — Falo depressa. — Vamos, eu te levo até sua casa.

— Me levar? Está doido?

— Não. Eu digo que estava indo à casa do meu pai, que mora perto do seu pai quando vi você e te dei uma carona. — E, com poucas palavras, consegui convencê-la, porque é o que faço de melhor: convencer.

Melissa entra comigo no meu carro, linda e cheirosa como nunca. Mesmo tendo usado o meu sabonete, ela continua com um puta cheiro de mulher, que me faz ficar com a calça tão apertada.

Acho, ou melhor, tenho certeza que é aquele creme branco que ela passou depois do banho. Imagina a cena: volto tranquilo, de boa, do meu armário após escolher minha roupa para ir trabalhar e, quando me viro, vejo uma gata só de calcinha e sutiã sentada na minha cama concentrada, passando um creme branco nas pernas e massageando-as, depois passou nos braços, no pescoço e ombros. Meu pau de lado na cueca estava quase saltando pra fora e só não transamos de novo porque Melissa correu, dizendo que já estava penteada e maquiada.

Eu que não sou besta, paro a uma quadra da casa dela e desafivelo meu cinto.

— O que foi? Problemas no carro?

— Não, problemas aqui. — Aponto para a região entre minhas pernas, ela acompanha meu dedo e depois volta a olhar para mim.

— Beni, minha mãe compra pão ali. Imagina se ela me vê?

Desafivelô o cinto dela e a puxo para me beijar. Melissa sempre foi tão fraca para lutar comigo, não aguenta dois segundos. Ganho só dois tapinhas e pronto, sua boca já está aberta, abocanhando a minha num beijo guloso. Ela segura forte no meu pescoço e nos meus cabelos e isso me dá direito de também agarrar ela, então escolho os peitos para apalpar generosamente.

Só me afasto quando a mão dela desce pelo meio peito e invade o meio das minhas pernas agarrando com vontade meu pau. Se ela continuar fazendo isso vou ser obrigado a partir para o ataque e não estamos num local bom para atacar.

— Uou! — Me afasto e coloco a mão em cima do meu pacote. Ela ri, pega a bolsa e abre a porta.

— Pra onde está indo?

— Vou a pé daqui. — Ela volta, me dá mais um beijo e sussurra: — nos vemos por aí, gato safado.

— Vamos pra farra hoje? Conheço um lugar legal. — Murmuro de volta. Dou mais um beijo puxando os seus lábios com meus dentes, Melissa geme, mas logo se afasta.

— Meio de semana? Não rola.

— Certo. Sábado, o que acha? Podemos contar com Johnny e Anna para nos dar cobertura e você dormir comigo de sábado para domingo.

— Que bom que temos nossa equipe. Vou pensar e te ligo.

— Ok, eu espero. — Nos beijamos mais e como a porta do carro está aberta ela se apressa em se afastar e sair. De barraca armada, ligo o carro e saio dali. Foi uma noite e tanto e já quero mais. Preciso passar em algum lugar e comprar mais estoques de camisinha, pois agora que fechamos um acordo, vejo uma longa agenda de trepadas pela frente.

Chego à empresa e já encontro Johnny, todo elegante, conversando de um jeito sedutor com Michele, uma das advogadas. Eles se despedem e eu me aproximo da sua mesa

— Oi, chefinho. — Ele me cumprimenta, animado.

Observo-o todo impecável de terno e gravata.

— Vai a um casamento, Johnny? — Pergunto ironicamente, afinal ele quase nunca vem de terno e gravata.

— Ouvi meu pai ao telefone e parece que a gangue do mal está vindo hoje aqui dar uma sacada no território. — Ele segue ao meu lado, andando rumo a minha sala — Vou mostrar que sou o melhor do mercado, para o velho Enzo ficar de cara no chão.

— Ele não vai ficar muito satisfeito se souber que você está de caso com a filha do arqui-inimigo dele.

— Pois é, ele já até recomendou que eu a deixe de lado.

— Recomendou?

— É. E recomendar que dizer que ele bateu boca, disse que aquele cara quis foder com a vida dele no passado, que tentou duas vezes roubar a mamãe e ainda acertou um soco no queixo dele. — Johnny entorta a boca com repulsa e franze a testa. — E aí minha mãe entra pelo meio, os dois discutem, ele fala que ela está protegendo o George, e então ficam um dia sem se falar.

Abro a porta da minha sala e entro, Johnny vem atrás.

— Acho que tio Enzo tem razão, você deve deixar a Michele de lado.

— Parece que a sina do meu pai é ter o Jorge ligado a ele para sempre. Como se já não basta ele ser primo da minha mãe.

— Imagina os dois sendo avô do mesmo neto? Daria um milhão para ver isso.

— Falar em avô do mesmo neto, como está lá com a Liz? Imagina se for você, com tio Davi e Max brigando pelo netinho. Será lindo. — Eu empurro os pés dele de cima da minha mesa e sento na minha cadeira — O que ele será meu? Primo? — Johnny continua me provocando. — Estou louco para contar esse segredo para meu pai, já estou vendo como ele vai zoar bem.

— Que segredo? — Viro para a porta e vejo Francisco. Ele bate a mão para a gente, cumprimentando.

Mais rápido que um puma, eu invento uma história, sem mostrar susto na cara.

— Johnny está contando as brigas dele para ficar com Michele. Quer

ouvir?

— Dispensó. Estou num nervoso aqui. Meu pai está vindo e o de vocês também. Estão sabendo?

— Estamos. — Eu e Johnny falamos juntos.

— Beni e Johnny, todas as planilhas e relatórios estão em dia. — Franz avisa, preocupado, antes de sair quase correndo.

— Você ouviu, vaza. — Johnny se põe em pé, bate continência e sai quase correndo.

Eu tenho no máximo meia hora para arrumar todas as coisas, separar tudo sobre esse mês para mostrar aos chefões. O telefone na mesa apita, aperto um botão e a voz de Johnny fala, muito comedido, parecendo a voz do Google tradutor:

— Bernardo, precisamos da sua presença na sala de reuniões, favor comparecer nesse instante. — Ou seja, algum dos três, possivelmente meu pai, está ali do lado. Senão, o recado seria: “Corre que os velhos chegaram”.

Pego o pen drive onde separei todas as coisas que preciso mostrar e saio correndo. Encontro com Franz no corredor e chegamos juntos a sala de reuniões.

Johnny já está na sala ligando o datashow e na mesa estão os quatro senhores que precisamos agradar. É, temos que também convencer Matheus, o velho advogado da empresa, se não, com um simples balançar de cabeça, ele coloca tudo a perder.

Mostramos tudo detalhadamente, Francisco explica sobre os balanços dessa casa que é uma das filiais, e eu e Johnny finalizamos mostrando rendimentos, lucros e prejuízos. Respondemos as perguntas e depois ficamos calados esperando Matheus terminar de anotar alguma coisa. Parecemos alunos apresentando trabalho na faculdade.

Os quatro se entreolham e parecem que tem uma opinião unânime. Eles aceitam e nos parabenizam, e só então nós três relaxamos. Sei que não vão fazer nada contra a gente, demitir, bater, mas vão dar broncas e é aquela bronca infinita de pai, ou seja, é melhor prevenir.

— Johnny, sobre seu pedido de ter uma sala, eu e seu pai conversamos a respeito. — Quem fala isso é meu pai. Meu pobre primo fica aceso de expectativa enquanto eu, que já estou com vida feita aqui dentro, apenas assisto da minha cadeira, tranquilo e relaxado. O que adianta ser

herdeiro duplo se quem chegou aqui primeiro fui eu? Estou gargalhando por dentro.

— Chegamos a uma conclusão de que nem Francisco e nem Bernardo podem analisar seu trabalho. Quem analisou meu trabalho foi meu pai, Jonas analisou o trabalho de Enzo e Max foi analisado pelo pai dele. E só então cada um de nós ganhou cargos mais altos e salas próprias. Portanto... — Meu pai para e olha para Enzo. — Diga Enzo.

— Portanto, eu vou te analisar. Eu mais que ninguém conheço as artimanhas do meu filho. Arrume suas trouxas, você vai passar dois meses em Nova Iorque.

— O quê? — Johnny dá um grito.

— Não terminei. Estarei viajando na próxima semana para Nova Iorque, tenho uma conta seríssima para fechar, negócios em conjunto com a Orfeu, e você irá comigo e sua mãe. Eu e ela voltaremos, mas você ficará representando a AMB.

Johnny já está de pé, pois sabe que vai ficar dois meses sem Michele. Já estou com dó.

— Pai, que injustiça do cacete é essa?

— Olha a boca. Quer ou não ganhar a sala? Romeo vai fazer o mesmo com o filho dele, vai deixar o moleque lá para representar a Orfeu.

Johnny solta uma gargalhada de puro sarcasmo, que quase me contagia. Eu e Franz nos entreolhamos, e eu sei por que ele está rindo assim. Eu tenho vontade de rir do quão fundo esse pau está entrando nele. Johnny odeia aquele cara.

— Não vou. Fico até os sessenta anos ali na recepção, mas não vou. — Bate o pé mesmo, implicando com o pai.

— Vai sim. — Enzo retruca, calmamente.

— Quer dizer que vou ter que conviver dois meses com aquele pé no saco?

— Sim. — Max assente, já rindo. — E morando na mesma casinha, juntinhos.

— Por que não manda o Franz ou o Beni?

— Por que a empresa aqui depende mais deles dois do que de você. — Agora meu pai que deu a apunhalada.

— Jonathan, isso não é um pedido. — Enzo diz e se levanta, sendo seguindo pelos outros três, que se levantam também. — Você se formou em economia, veio para essa empresa e se submeteu a ser um funcionário como cada um de nós é. Estou falando como seu chefe e seu pai. Se tiver mais perguntas a serem feitas, sabe onde me encontrar.

— Ah, claro! — Max gargalha. — Vocês moram na mesma casa. — Os quatro riem e sai numa boa, deixando Johnny soltando fumaça pelos ouvidos.

— Rá, rá! Se fudeu. — Franz é o primeiro a apontar o dedo e fazer chacota, chutando cachorro morto. Eu só não tripudio também porque, nesse momento de raiva, Johnny pode usar a munição que tem contra mim para se vingar. Então, seguro meu riso e falo calmamente:

— Qual é, Johnny, se acalme cara.

— Não tem como. — De pé, com as mãos na mesa, ele mantém o olhar parado — Meu pai está fazendo isso só para me pirraçar, ele sabe o que eu penso daquele sujeito. Aquele porre do diabo.

— O cara é legal, você que está com birra. — Francisco tenta intermediar. — Foram da mesma turma, por que esse ódio?

— Não confio em macho que dança tango.

— Não é tango. — Dou uma gargalhada. — Como é o nome, Franz? Aquela coisa que parece uma tourada.

— Pasodouble. — Francisco fala. — É uma dança de origem espanhola, em que o homem faz o papel de toureiro. Não tem nada a ver com tango.

— Não enche vocês dois. Não importa o que seja, ele dança e toma cerveja no copo e não no gargalo.

— Johnny, você está procurando defeito no cara. Para de falar, engula o orgulho e vá fazer as malas. — Eu digo, não muito sarcástico. Ele pega o celular, digita rápido, chuta uma cadeira e sai prometendo matar o imbecil. E antes de sair na porta escuto ele falar: “Oh mãe...!” — Já foi contar para a mamãe. Mas é mimado. Nesse instante um celular que está na mesa toca, Franz pega, olha para a tela do meu celular e fala:

— Doutora peituda está te chamando.

Arregalo os olhos e me sinto culpado de estar enganando meu amigo.

Se ele soubesse quem é doutora peituda... Mas, tive que mudar o nome de Liz para ninguém ver ela me ligando e ficar me fazendo perguntas a respeito.

Ele sai rindo e eu pego o celular para atender.

— E aí, já está com saudades? — Digo assim que atendo.

— Sábado está valendo. Anna disse que pode me dar cobertura. Fale com Johnny também.

— Johnny está meio zoadado, falo com ele depois.

— Ok. Acabei de almoçar e vou dormir.

— Sonhe com os anjos, que é a mesma coisa que dizer para sonhar comigo.

— Sonhar com você não seria sonhar com os anjos, Beni. Meu olho ainda está doendo.

— Foi mal, da próxima vez prometo que ficará com outra coisa dolorida.

— Ah, seu peste! — Ela ri e clic, desliga me deixando rindo também.

Estou me sentindo muito bem com Liz. Namorar escondido é muito bom.

Tem como as coisas melhorarem para mim? Não tem. Simplesmente Deus me ama. Fiz uma apresentação do cacete hoje deixando meu pai e os comparsas dele tudo de queixo caído, puro orgulho. Consegui pegar Melissa, estou num cargo alto na empresa, tenho um apê da hora, dois carros dos bons e agora, para ficar melhor ainda, vou ficar sem o puto do Johnny por dois meses seguidos.

Só quero que melhore ainda mais.

DEZOITO



— Ahhh! Droga! — Xingo sem mexer muito a boca para não atrapalhar meu árduo processo de maquiagem. A minha frente, dividindo espaço na cômoda, está meu notebook ao lado do espelho e todo meu arsenal de maquiagem. — Ah, não! — Inclino para frente, vejo o desastre que ficou meu olho e, esbravejando, pego um lenço para começar a limpar. Clico para recomençar o vídeo de uma blogueira ensinando a fazer maquiagem, para ver de novo e tentar fazer em mim. Queria algo diferente hoje, mais sexy, sei lá. Já são mais de sete da noite e Anna já devia estar aqui.

— Liz? — Minha mãe coloca a cabeça pela fresta da porta.

— Oi, mãe. — Respondo sem olhar para ela. Estou de olho arregalado tentando fazer um contorno descente usando a mão esquerda. — Já estão indo?

— Sim. — Ela entra e vem para perto de mim — Problemas? — Respiro fundo e olho no espelho meu trabalho. Fito-a pelo espelho e ela está linda, arrumada a caráter para um casamento que está indo com meu pai. Pulo da banqueta e bato palmas para ela.

— Uau, dona Julia! Arrasou. — Passo os olhos pelo belo vestido longo que se adere ao seu corpo, deixando-a um mulherão. Cinquenta anos com um corpo desses e eu só espero que essa genética passe para mim.

— Eu sempre arrasou, meu amor. — Ela fala em um tom arrogante, dando uma voltinha para exibir o vestido. — E você, onde está indo?

— Estou indo pra casa da Anna. — Desvio o olhar. — Para

assistirmos a um filme.

— Maquiada assim?

— Pois é. Queria mostrar a ela que consegui fazer igual ao vídeo, mas olha o desastre. — Mostro meu rosto com um olho até bem maquiado e o outro um pouco borrado. Não sou muito de usar maquiagens elaboradas, apenas uma base, um rímel e um batonzinho e, quando uso maquiagem de novela, alguém me maquia. Se faço por conta própria, como agora, sai um crime.

— Venha aqui. — Ela se aproxima — Acho que dá tempo para eu te ajudar. — Eu me sento e minha mãe pega o pincel. — Levante o rosto. — E eu a obedeço erguendo o rosto. — Sei como é essa competição entre você e Anna. — Ela fala, começando a ajeitar o que eu fiz. — Agora mesmo, estou doida para colocar Malu no chinelo. Nem a pau que ela será a mais bonita da festa.

— Mãe, tem a Rebeca e a Dani.

— Xiu, não fale. Mas, me preocupo apenas com a Malu. Aquela ali sabe como deixar queixos caídos.

— E os meninos? Eles vão?

— Que nada. — Ela entendeu que me referia a meus irmãos — Vocês não seguem mais os pais.

— Hum... Achei que eles iriam com o Beni e Johnny. — Resmungo de boca meio fechada, morrendo de saber que Beni não irá a esse tal casamento.

— Casamento hoje em dia não é programa dos jovens.

— Julia. — Meu pai chama.

— Estou aqui. — Ela grita e pouco depois ele aparece na porta.

— Vamos chegar na hora da foda de lua de... Ah! Oi, Liz. Decidiu ir com a gente?

— Não, estou indo pra casa de Anna. Pronto, mãe, ficou ótimo. — Digo e me afasto depressa, tentando despistar.

— Mas nem terminou...

— Terminou. — Jogo meus cabelos de lado, mirando o espelho. — Ficou maravilhoso. — Corro pego minha bolsa e jogo um bocado de coisas dentro.

— O quanto vão demorar nessa festa? — Olho para meu pai que ainda está calado na porta.

— Não muito. Amanhã é domingo, podemos ficar até tarde, mas logo estaremos aqui.

— Ótimo. Venho embora assim que Enzo e Malu chegarem lá. Beijo mãe, beijo pai. — Passo por eles e sinto que os dois vêm atrás de mim, pois ouço os saltos da minha mãe.

— Vai de quê Melissa? — Meu pai indaga quando estamos no corredor em direção a escada.

— Ah...! Anna está vindo me buscar e ela vem me trazer depois. — Olho para trás vendo os dois parados me olhando. Lindos e maravilhosos, meu pai elegante num terno escuro e minha mãe com seu belo vestido. Tenho belos pais. — Beijo! — Dou um beijo nos dedos e jogo para eles — Boa festa! — Saio correndo, já torcendo para que Anna não demore. Na sala, eu paro, mando uma mensagem para Anna e ela liga respondendo que está chegando. Saio e espero no jardim até ela aparecer cinco minutos depois buzinando como uma doida.

— Demorou. — Reclamo quando entro no carro.

— Bote o cinto. — Ela arranca. Abro minha bolsa e pego o espelho para olhar o que minha mãe aprontou na minha cara.

— Seus pais já foram?

— Não. Sai de lá e minha mãe estava correndo de um lado para outro de roupão, ainda.

— O que acha? — Mostro meu rosto para ela e Anna olha rápido, voltando à atenção a sua frente.

— Pra quem vai bagunçar tudo daqui a pouco está ótima. Quer impressionar o boy, é?

Reviro os olhos, mas acabo me rendendo e dando um sorriso.

— Na verdade, eu já o impressionei.

— Como é isso entre vocês?

— Ah, não sei. — Jogo o batom e o espelho na bolsa. — Eu te contei, né, que Beni desconversou quando eu perguntei isso a ele?

— Homens. Sempre fazem isso. Bom, ao menos ele está se empenhando, pelo que sei está sossegado, só com você.

— É o que espero. Já tem quatro dias que não nos vemos, estou trabalhando como uma mula. Acordei muito enjoada hoje e a última coisa que preciso é saber que meu ficante secreto está por aí me traindo.

— Se ele fizer sacanagem vamos armar algo bem planejado para ele.
— Anna me olha incrédula. — Que coisa é essa de muito enjoada? Bebezinho a caminho?

— Ai, credooo! — Dou um grito e olho em volta. — Cadê a madeira meu Deus?! Estou me cuidando, para de mau agouro.

— É bom mesmo. Fico imaginando o início da terceira guerra mundial se esse caso der um frutinho.

Chegamos a casa dela que não fica muito longe da minha. Entro com Liz na casa e na sala já encontramos Johnny só de bermuda, jogado no sofá assistindo televisão e Enzo de pé, arrumado, de mãos na cintura encarando o filho

— O que foi que disse? — Enzo dá um passo intimidador e Johnny tira os olhos da TV para mirar o pai.

— Que você não é dono do meu diploma e que posso arrumar emprego em outro banco.

— Vocês ainda estão aqui? — Anna olha surpresa para Enzo e os dois olham para a gente.

— E ainda estranha? — Enzo afasta a manga do terno, dando uma breve conferida no relógio de pulso — Sua mãe é pior que lesma. — Ele olha para mim. — Oi, Liz. Vão sair?

— Não. Vou ficar aqui com Anna. Oi, Johnny.

— E aí, Liz?

Enzo sai da sala e eu me sento em um sofá, mirando Johnny.

— Ajeitou tudo com Beni hoje na empresa? — Abaixo minha voz. Johnny me olha, um pouco carrancudo.

— Não o vi hoje, nem ontem, mas está tudo planejado.

— Não?

— Não.

— Não trabalhou?

— Não, eu estou em greve.

Anna bate nas pernas dele para ele encolher e ela sentar no mesmo sofá.

— Está fazendo drama desde que papai decidiu desovar ele em Nova Iorque.

— Não quer ir para Nova Iorque? Quem em sã consciência não quer passar uns dias em Nova Iorque? — Em busca de resposta, eu o encaro. Johnny esfrega as mãos no rosto e quando abre a boca para responder, Anna fala por ele:

— Por causa da companhia. Ele vai precisar ficar mais ou menos dois meses trabalhando num projeto do banco em parceria com a Orfeu. E você nem imagina com quem Johnny vai ter que conviver.

— Ahhh! Começou. — Johnny berra revoltado, mas eu nem olho para ele. Estou vidrada em Anna.

— Quem?

— Gael, o lindão, que até um dia desses era amigo do Johnny. — Embasbaca, observo Johnny que, emburrado, finge olhar a TV.

— E o que tem de mal nisso, Johnny? Achei que ele fosse seu amigo.

— É, eu também achei. — Ele se levanta e joga no sofá a almofada. — Quero que aquele mexicano do caralho se dane.

— É espanhol, não? — Indago para Anna assim que Johnny sai.

— É. Pena que ele é novo demais para mim, se não passaria de amigo do meu irmão para cunhado do meu irmão.

Gargalho com as palavras de Anna.

— Ele não é tão novo, é da idade do Johnny, não?

— Sim, três anos mais novo que eu. Prefiro homens mais velhos, tipo o Tony que já tem trinta.

— E como estão vocês dois?

— Progredindo. Está gostoso, ele é maravilhoso.

— Maravilhoso tipo carinhoso e romântico?

— Não. — Ela cruza, despreocupadamente, as pernas e senta em cima — Tipo bom de cama mesmo.

— Vocês já... — Tapo a boca perplexa. Anna coloca o dedo na boca para eu falar mais baixo. — Caramba, Anna! Quando ia me contar?

— Estou te contando agora. Você também está pegando o Beni, então não fique com essa cara. Além do mais, só foram quatro vezes.

— Se encontrou quatro vezes com ele? Achei que foi um encontro.

— Quatro vezes em um encontro. O delegado sabe fazer justiça com as próprias mãos. — Dou uma risada e Anna faz uma pose orgulhosa — Vamos sair de novo amanhã.

— Já estamos indo. — Ela se assusta quando Malu entra apressada na sala. Bem que minha mãe falou, Malu está um arraso. Essas mulheres vivem em constante disputa. — Oi, Liz. — Ela sorri para mim — Sua mãe já foi?

— Sim.

— Está linda, mamãe. Vai arrasar os corações dos admiradores. — Anna berra com as mãos de concha na boca e lá está Enzo fazendo cara feia.

— Deus te ouça, pois tem alguém aqui que nem me elogiou. Só gritou para eu terminar de arrumar no carro.

— Estou com você há quase trinta anos, se isso não for elogio... — Enzo segura a mão dela puxando-a e acena para a gente.

— Tchau, crianças, comportem-se. — Enzo fala com a gente e sai quase correndo com Malu. Enquanto Anna digita rápido no celular, posso ver ele falar algo no ouvido de Malu e ela dar uma risada e dizer: “Ridículo!”

— Pronto! — Anna grita e se põe de pé. — A casa é de vocês. — Ela se levanta e eu faço o mesmo, já vermelha de vergonha.

— Nossa, esse plano está me fazendo sentir uma safada.

— Joohhnyyy! — Ela grita olhando para a escada para depois voltar a me encarar. — Ué, não foram vocês que pediram nossa ajuda? Johhnyyy!!! — Torna a gritar me dando um leve susto.

— O que foi? — Ele para no alto da escada.

— Vamos, Beni está chegando.

— Ah, que saco! Peraí! — Ele volta, provavelmente para o quarto dele.

— Liz, na cozinha tem comida no forno que mamãe deixou para a

gente. A casa é de vocês.

— Obrigada, Anna. Nossa que vergonha, bem que poderíamos ter indo a um hotel. Estamos parecendo adolescentes.

— Mas aqui é mais seguro e tem nossa proteção.

Johnny desce as escadas vestindo uma camiseta.

— Pra onde vamos?

— Sei lá, uma pizzaria. Vamos passar e pegar a Sarah e o Henrique. Vou pegar minha bolsa.

Pouco depois, Anna já preparada para sair, o interfone tocou. Johnny abriu a porta e Beni entrou.

— Cara, você está ferrado. — Escutei a voz dele. — Faltou dois dias, não vou deixar barato.

— Coloque falta lá para mim, não ligo. Aquilo tudo lá é meu mesmo. — Diz Johnny.

Os dois entram na sala e nesse momento eu tenho um momento de reflexão interior, como se tudo parasse e eu estivesse sozinha debatendo sobre meus sentimentos. Beni entrou e tudo aconteceu bem rápido, senti meu coração saltar no pescoço, minhas pernas fraquejaram, um redemoinho quente e gostoso veio subindo e se alojou bem no meu estômago. Senti tudo dentro de mim mexendo só por vê-lo tão perto de novo depois de quatro dias.

E, na mesma hora vi que para mim algo maior que apenas gostar está acontecendo, senti vontade de correr, de cancelar essa aventura bizarra de usar a casa dos pais de Anna como ponto de encontro. Tive vontade de... não me apaixonar por Bernardo. E isso é tão fácil de acontecer, basta ele sorrir como está fazendo agora, me encarando. Com todo esse pacote completo: cabelos lisos com um leve topete, olhos maliciosos, boca máscula, bem desenhada e muito gostosa de beijar, e todo aquele resto que tem a ver com ele pelado.

Quando acordo do meu devaneio, ele já está bem perto de mim.

— Oi, Liz. — Curva para frente e dá um beijinho nos meus lábios.

— Ah... Oi, Beni.

— Voltamos daqui a pouco. — Anna grita. Eu nem olho para ela, estou hipnotizada pela boca de Bernardo bem a minha frente. Um arrepio toma minha espinha.

— E não façam nada no meu quarto. — Johnny grita, saindo também. Fico rosada instantaneamente.

— Olha só para você, está linda. — Ele fala e eu encolho os ombros, cheia de timidez.

— Você também está bonito. O que tem feito? — Pergunto e me balanço nos pés, meio sem graça.

— Trabalhando muito. Senti falta de dormir com você essas noites. — Diz e creio que estou vermelha como um pimentão e com um sorriso muito bobo na cara.

— Sem soco na cara, né?

— É, sem soco. Esse é para você. — Beni, também sem nem desviar o olhar, mostra uma caixinha pequena. — E esse é para nós. — Exibe uma garrafa de vinho.

— Um presente e um vinho? Beni, já estou me sentindo horrível! Por que não podemos ir para seu apartamento?

— Já disse, emprestei ao Heitor.

— Então um hotel. Poderíamos sair, beber e ir a um hotel.

— E amanhã eu acordo com seu pai grudado na minha orelha.

— Droga. — Acaricio meu pescoço, bem constrangida por estar aqui. Anna tem cada ideia. — Estou me sentindo enganando Enzo e Malu.

— Por quê? Só vamos tomar um vinho e usar o quarto dos fundos.

— Não! — Aponto um dedo para ele. — Não vamos fazer nada na casa de outras pessoas.

— É meu tio, poxa.

— Não importa. A casa não é sua. Eu morreria se eles chegassem e me visse na cama com você. Vamos tomar um vinho e ver o filme que Anna deixou para a gente.

— Certo, sua chata. — Ele se vira e vai para a cozinha. Arregalo os olhos e corro atrás dele.

— Beni! — Chego e ele está abrindo as portas do armário, a garrafa de vinho na mesa.

— Estou há quatro dias na seca, doido para te comer selvagemente e fica aí querendo me sabotar.

Recosto na mesa, tendo uma boa visão das costas largas dele. Beni de costas é um arraso. Está usando um jeans, bem recheado com suas belas pernas e traseiro firme, e uma camiseta normal.

— Cadê meu presente?

— Cadê minha foda? — Ele se vira e traz consigo duas taças para vinho. Coloca as taças na mesa, mantém uma cara de sommelier profissional enquanto abre o vinho e faz todo aquele ritual de cheirar, provar, bochechar e engolir. Nem sei pra que ele tá fazendo isso, uma vez que, se não aprovar, não teremos outro vinho para trocar. Será esse ou esse mesmo.

Ele empurra a taça para mim, tira a caixinha do bolso, que agora está um pouco amassada, e empurra também em minha direção.

— Oba! — Exclamo, puxo a fita rosa e me deparo com um mini estetoscópio.

— Um chaveiro. — Ele esclarece. De boca aberta olho do pequeno objeto para o rosto de Bernardo. — Vi numa vitrine e me lembrei de você.

— É lindo. Obrigada! Não trouxe nada para você... — Lamento com carinha triste.

— Não trouxe mesmo? — Ele sugestiona, levantando as sobrancelhas em direção aos meus seios.

Reviro meus olhos para ele, pego meu presente, a taça e me viro para sair da cozinha.

— Traga a taça, Beni. Não vamos sair da sala.

Fomos para a sala e entre uma taça de vinho e outra, eu ficava mais assanhada, a TV ligada no filme que a gente nem sabia qual era.

— Então, quer dizer que tem um mané casado no hospital que não sai do seu pé? Vou ter que ir te fazer uma visita.

Acabo de contar a ele sobre o médico casado que vive dando em cima de mim. Beni quase cuspiu vinho na almofada de Malu.

— Você não vai a lugar algum.

— Claro que vou. Só darei um aviso e irei embora. Esses bundões cagam de medo de que suas merdas venham à tona.

— Não quero que isso venha à tona de jeito nenhum. Não por causa dele, dane-se a vida dele, mas por causa do pai e irmãos que tenho. — Levanto a taça para cima e exclamo. — Que Jesus volte antes de meus irmãos

entrarem no meu local de trabalho para bater no meu chefe. — Viro a taça de vinho em minha boca e estendo para que ele coloque mais.

— Mas seu namorado podia bater no seu chefe. — Beni está de novo com a sua expressão de esnobe.

— Se eu tivesse um namorado... — Viro a taça na boca.

— Ah, sua danada! Agora vou te fazer engolir essas palavras. — Estamos no mesmo sofá, e ele vem rápido para cima de mim. Eu me levanto depressa e nesse instante o mundo todo roda, e eu sinto meu estômago embrulhando. Vejo Beni tentar me segurar enquanto eu bato com força as costas no chão e a taça com vinho se espatifa ao lado, manchando o tapete de Malu. E pronto. Não vejo mais nada.

— Acho que eu vi o olho dela tremer. — Ouço uma voz distante e tento abrir os olhos, mas as pálpebras estão pesadas e tem um zumbido na minha cabeça.

— Olha a boca dela entortando. — Essa é a voz de Johnny.

— Cara, você embriagou a Liz! — Essa acusação vem de outra pessoa. Henrique talvez. Meio grogue, abro a boca e não sai som. Bato minhas mãos ao lado, sinto que estou deitada num lugar macio e sinto um cheiro familiar.

— Liz. — Beni me chama bem de pertinho. Sei que é ele pelo cheiro de vinho no hálito e o perfume dele bem perto. Entreabro os olhos e vejo cinco rostos bem pertos, me estudando atentamente.

— Ela acordou! — Sarah grita. — Ai Deus! Não precisa mais chamar o Samu.

Minha visão está embaralhada, pisco várias vezes e vejo a cabeleira ruiva de Anna, ajoelhada perto de mim e ao seu lado Sarah. Johnny e Henrique do outro lado e Beni logo acima do meu rosto. Estou deitada no sofá, com a cabeça no colo dele. Tento me levantar, mas ele coloca a mão na minha testa e me faz deitar de novo.

— Preciso ir ao banheiro. — Peço num lamurio sofrido.

— Cara, o que você deu para ela? — Johnny pergunta. Sento com a ajuda de Beni e Anna e vejo todos ali, parados, me olhando. Como eles quatro chegaram aqui? Eu desmaiei? Por quanto tempo fiquei desacordada?

— Meu estômago está revirando. — Enfio as mãos nos meus cabelos

e jogo-os para trás. — Não comi nada e enchi a barriga de vinho. Acho que foi minha glicose.

— Glicose Brant, não é? — Essa é a voz de Anna, andando de um lado para o outro no banheiro enquanto estou sentada no chão, em frente a privada onde acabei de vomitar tudo que bebi. Sarah vem depressa com uma toalha molhada e me entrega. Limpo a boca e coloco meu rosto contra a toalha.

— O que quis dizer? — Sarah pergunta a Anna.

— Sarah, ela acordou enjoada hoje, ficou apagada por quase uma hora e está aí se acabando de vomitar. Filhotinho Brant.

— Geovanna! — Solto um gruído revoltado. — Para de me agourar, cara. Isso tá ficando chato.

Ouçõ a porta se abrir e levanto o rosto a tempo de ver Anna sair. Olho para Sarah que dá de ombros, como se quisesse dizer que não pode fazer nada. Dois segundos depois, Anna volta com Beni. Eu arregalo os olhos, pois estou destruída, sentada no chão do banheiro com vinho vomitado no meu cabelo. Duvido que ele vai querer transar comigo pelo próximo século.

— Liz! — Ele se ajoelha perto de mim. — O que houve aqui? — Olha para os respingos vermelho ao redor do vaso.

— Beni, vocês estão se cuidando devidamente?

— Geovanna! — Grito com a toalha tapando meu rosto.

— Do que está falando? — Ele pergunta baixinho, um pouco assustado. Eu não sei se elas fizeram gesto ou alguma coisa, pois estava com o rosto coberto. Só sei que se fez um silêncio após a pergunta de Beni e, logo depois da pausa, ele falou em um tom mais alto:

— Ah, não! Nada disso que vocês estão pensando. Liz me contou sobre umas paradas de ovular e isso está fora de cogitação.

— Liz deu aula de biologia para você? — Sarah pergunta atônita.

— Ai Meu Deus! — Jogo a toalha longe. — Ligue para meus irmãos. Prefiro enfrentar eles a passar por isso. — Falo e me levanto, usando Bernardo como apoio, que me ajuda.

— Você, me leve para casa agora. — Ferozmente aponto para Geovanna que assente.

— Liz. — Bernardo me segura, volto-me e o encaro de pertinho. — Como médica, você saberia, não é?

— Sim, eu saberia. Fique tranquilo. — Sorrio para tentar nos tranquilizar, principalmente a mim.

Arrumo meu cabelo, saio do banheiro e Beni me conta que eu desmaiei e ele ficou sem saber o que fazer, então ligou para Johnny e eles vieram. Chego a sala e Henrique e Johnny falam animadamente sobre alguma coisa. Pego minha bolsa e jogo dentro a caixinha com o chaveiro que Bernardo me deu.

— Já estamos indo também. — Sarah fala e bate a mão para o irmão dela se levantar. — Vamos, Rick.

Eles se despedem e depois Beni vem até mim para se despedir.

— Um encontro amanhã?

— Terça-feira. — Eu digo. — Mas se quiser ir a minha casa almoçar com a gente... — Ele assente e me dá um beijo. Trocamos um abraço apertado e ele fala: “fique bem” antes sair com Henrique e Sarah. Eu e Anna seguimos devagar para a porta, em direção ao carro dela.

— Está preocupada? — Ela pergunta.

— Como não estaria? Estou tremendo de medo.

— Vai fazer o exame de farmácia?

— Não, isso é loucura, Anna. Não estou grávida.

— E se tiver?

— Não sei. Serei a maior azarada do mundo. — Paramos na porta e eu falo: — Tudo não passou de um plano, Anna! Imagina, eu armo um plano tão bem orquestrado com você para poder capturar o Bernardo e acabo grávida dele. Isso seria no mínimo... — Eu paro de falar quando Geovanna fica pálida e de olhos saltados, olhando para fora da porta. Fecho os olhos e suspiro. Não pode ser isso. Quando abro os olhos, vejo Beni me encarando, muito intrigado.

— Plano, Melissa?

Só queria poder desmaiar de novo

DEZENOVE



Bernardo

Claro que sei do plano delas. Sei que Liz queria levar o tal namorado dela para a viagem que fizemos em família, só para me deixar enciumado. Ainda bem que Johnny ouviu tudo e me contou.

Estava eu agora, pensativo, meio intrigado, de saída da casa de tio Enzo, quando tive que voltar rápido para pegar as chaves que esqueci e me deparei com as duas, Geovanna e Melissa, falando sobre o tal plano. Vi então a chance que eu precisava. Agora vou dar uma de ofendido só para fazê-la confessar tudo.

— Que plano, Melissa? — Torno a perguntar. Ela me olha quase em desespero, preste a sair correndo. Anna, sempre tão esperta, nesse instante, também parece sem saída. Cruzo meus braços e continuo encarando, passando os olhos de uma para outra. — Então é isso? Tudo não passou de um plano?

— Beni... — Ela ofega.

— Eu estava tão entregue a esse caso e você simplesmente rindo de mim pelas costas com a Geovanna! — Faço meu drama, viro as costas e sem elas verem, dou um sorriso sacana. Vou para a sala pegar as chaves e ouço Melissa correr atrás de mim.

— Beni, por favor, eu vou te explicar.

Encontro a chave, pego e olho para ela.

— O que tem para explicar? — Não me esqueço de usar a minha cara de super vítima.

— Ok, foi um plano.

— Liz, espera! — Anna tenta impedir de ela falar alguma coisa, mas

Melissa ergue uma mão. — Não, Anna. Ele precisa saber. — Volta a me fitar, atormentada. — Acho que já deu de tantos segredos entre a gente.

— É o que? Briga? — Johnny se anima no sofá e é devidamente ignorado por nós três.

— Então conte, Melissa. — Mantenho uma pose durona e como sei que Anna pode tentar interferir, eu falo, me fingindo de bravo: — Apenas você me explique.

— Certo. Eu não sabia o que fazer, você estava com raiva de mim por causa do roubo do notebook e Anna me deu a ideia de fazer como o pai dela fez no passado, um plano.

— Sobrou pra mim, né? — Geovanna protesta, mas eu e Melissa não desviamos o olhar.

— Um plano, disso já sei. Quero saber o que foi esse plano?

— Não havia namorado. Aquele cara lá era um gogo boy. O plano era eu te perseguir durante uma semana, elevando sua moral, aí você dava bola e, no fim, eu aparecia com outro cara para você ver que eu não me importava mais. O plano era apenas para obrigar você a tomar uma atitude e tirar aquele peso do roubo do computador entre a gente.

Opa! Pera lá. Disso eu não sabia. O plano que eu sabia era outro.

— Me obrigar...?

— A tomar uma atitude. — Johnny adianta. — Isso eu ouvi. — Ele se intromete e mais uma vez é ignorado.

Merda! Estou me sentindo ludibriado. Elas armaram um plano e eu caí como um patinho, achando que era o fodão armando as escondidas. Tudo aquilo foi em vão?

— Espera, como assim...?

— Oh, Beni! — Agora é Anna quem se intromete — Para de se fazer de besta, pois tecnicamente você também armou para ela.

— Mas vocês me fizeram armar, me enganaram! Até arrumou namorado falso! O que estava pensando, Melissa? — Ela se encolhe, mas Geovanna toma a frente.

— Ah, que lindo! E agora vai ficar putinho? Faça-me o favor. Vocês dois já são adultos, já basta meus pais quando teve uma treta parecida anos atrás.

— É isso aí! — Johnny aprova com um grito e bate o punho no de Anna.

— O que você queria que eu fizesse, Beni? Você não precisava ficar bravo daquele jeito por causa do computador.

Olho para Johnny e Anna, parados bem pertos, de plateia.

— Eu me recuso a discutir isso aqui, me encontre amanhã às nove horas no meu apartamento. — Dou as costas a eles e saio, mas paro, dou meia volta e digo: — Nove não, amanhã é domingo. Chegue às dez horas.

— Mas o quê? — Melissa corre atrás de mim. — Eu não vou a lugar algum, não vou te obedecer só por que ficou bravo.

— Ah, é? Pense bem, eu posso aparecer na sua casa amanhã para a discussão ser lá.

— Vixiii! — Johnny atíça, Melissa fica boquiaberta e eu saio rápido. Nunca que vou discutir um assunto tão particular na frente dos meus primos. Um só vai querer colocar lenha na fogueira e a outra vai querer defender Melissa.

De verdade, fiquei muito revoltado. Deixei Sarah e Henrique na casa deles e fui direto para meu apartamento, não putinho como Anna se referiu, mas puto mesmo. Eu, filho de Davi Brant, fui passado para trás. Sou uma vergonha para meu pai. Ele armou para minha mãe, fez o diabo a quatro e ela só descobriu porque ele contou, do contrário, ele não deixaria que descobrisse e ela estaria até hoje achando que tinha se casado com um sujeito chamado Heitor.

Chego em casa, tiro os tênis com o pé, chacoalho e eles voam para os lados. Vou para a cozinha já sem camisa, abro a geladeira, pego uma cerveja e dou uma golada que refresca corpo e a mente. Dentro da geladeira, semicerro os olhos para um iogurte vencido e fico pensando em como fui um palerma ao deixar que Geovanna fosse mais inteligente que eu.

— Caralho! As duas me fizeram de besta! Que raiva! — Pego mais uma cerveja e vou para a sala, tentar pensar em alguma coisa. . Só preciso saber o que meu pai faria numa hora dessas, não para sair disso, pois não me sinto numa encrenca, mas para dar um saboroso troco e mostrar que com um Brant ninguém se brinca.

Mesmo que ela tenha brincado de um jeito gostoso comigo, Liz fez isso

tudo só para dar pra mim, logo eu devia ficar agradecido, mas não estou. Quero continuar comendo-a e, nesse instante, tenho uma iluminação. Sei exatamente como dar o troco nela e ainda continuar numa boa, transando a adoidado sem planos e nada. Sento no meu sofá e fico olhando para o rótulo da garrafa de cerveja. Estou tento uma ideia perversa, mas infalível. E infalível de uma maneira que não dá para voltar atrás. Essa minha ideia pode me colocar numa sinuca sem saída. Bebo um gole e ouço um barulho. Olho para a porta e Heitor sai do quarto só de cueca, e toma um susto quando me vê.

— Pô, cara! Não disse que eu podia ficar a vontade aqui?

— Droga, esqueci. — Digo e me levanto do sofá. — Vou dormir. — Caminho para meu quarto.

— Não! Estou acompanhando. — Ele aponta sutilmente com o queixo para o outro quarto, indicando que tem alguém no quarto.

— Foda-se. Quero dormir e não vou dirigir até em casa, ainda mais depois de ter bebido. Não faça muito barulho.

— Você é bem pau no cu. — Ele bufa e não discuto com ele. Mostro o dedo do meio e vou para meu quarto. Depois que já estava só de cueca, me lembrei que não tinha comido nada. Abro a porta e vou para a cozinha, sem nem me certificar se há alguém por perto. A casa é minha, não estou nem ligando.

Faço tudo bem rápido. Quebro três ovos numa panela e, enquanto os ovos fritam, corto uns pedaços de salsicha dentro, abro uma latinha de sardinha e jogo também na panela. Misturo tudo e, por último, acrescento um arroz cozido de ontem que minha mãe mandou para mim, formando o perfeito mexido. Pego a panela, mais uma cerveja e vou para meu quarto. Assim que passo em frente ao quarto que Heitor está, ouço ele assassinar uma pessoa. São gritos de morte que a menina está fazendo. Rio e, por segurança, passo a chave na minha porta.

Melissa me paga amanhã, vai gritar igual à mina do Heitor.

Eu cheguei a cogitar que Melissa poderia não vir, que ela se rebelasse e gritasse: “vamos ver se ele manda em mim”. Mas, ela veio. Não no horário que eu pedi, claro. Eu estava em sono de defunto quando a campainha me tirou da minha deliciosa letargia. Acordei sobressaltado, tateei em volta e espirei os olhos, olhando o celular que tocava junto com a campainha. Doutora Peituda chamando.

— Oi. — Atendi, meio dormindo.

— Estou há horas aqui fora. — Melissa gritou e desligou.

Espreguiço, bocejo, saio debaixo do meu casulo formado pelo meu querido e quente cobertor, e quase caio em prantos quando vejo que ainda são oito horas da manhã, em pleno domingo. Melissa não deve ter dormindo, só pode.

Em modo zumbi, saio do quarto, atravesso a sala e abro a porta. Ela está lá, de braços cruzados, toda desperta, de cabelos penteados, cheirosa e muito gostosa na sua calça jeans. Inclino para frente para dar um beijo nela, mas Melissa me empurra e entra. Fecho a porta e encaro-a.

— Era pra vir daqui à duas horas. — Relembro, mas ela está encarando meio corada a minha cueca. Não faço questão de tampar e ainda dou um sorriso orgulhoso. — Fique a vontade, vou ali rápido. — Saio andando despreocupado para meu quarto e ouço os passos dela me seguindo. Melissa olha em volta e franze o nariz para a panela que fiz mexido ontem a noite.

— Acho melhor esperar na sala. — Ela vira as costas e sai do quarto. Entro no banheiro, urino e, quando estou escovando os dentes, ouço a voz incrédula de Melissa ao perguntar: “O que está fazendo aqui?”.

“Ah... Eu... vim passar a noite com o...” — A voz não identificada gagueja.

“Ah, mas eu não acredito! Desgraçado!” — Diz Melissa, revoltada.

Esqueci de novo que não estou sozinho no apartamento.

— Caralho!!! — Cuspo a espuma da boca e saio correndo a tempo de ver uma morena gostosa quase nua na sala, olhando sem entender. Assim que ela se vira para mim, percebo quem é. A conheço muito bem e Melissa também. Heitor vai morrer quando o pai dessa garota descobrir. Giro o pescoço rápido olhando ao redor e vejo a porta aberta.

— Cadê a loirinha? — Pergunto a ela.

— Não sei. Ela gritou e nem esperou eu falar nada, saiu aí. — Corro atrás e não vejo Melissa. Volto para o quarto, me visto e saio correndo. Não consegui encontrá-la, na portaria e muito menos na rua. Ah, que droga! Isso tá pior que novela. Será que ela não podia ter vindo me perguntar quem é a senhorita quase pelada parada na minha sala? Quem um dia pode entender as mulheres?

Então o jeito é ir para a casa dela.

E minha intuição está certa. Eu sabia que ela não ia atrás de Sarah ou Anna, já que elas provavelmente estão dormindo. Saio do meu carro e corro para a grade do portão da casa do Max. Enfio sem dó meu dedo no interfone e ouço a voz de Julia atender.

— Oi, dona Ju! Aqui é o Beni.

— Oi, Beni! — Ela responde. — Entra aí. — Fala e, após um pequeno estalo, o portão se destranca e eu entro. Atravesso o jardim em dois pulos e ela já está na porta para me receber.

— Oi, rapaz. — Julia sorri e olha para trás de mim. — Está sozinho?

— Sim. Eu preciso falar com...

— Cedo, hein? Os preguiçosos ainda estão dormindo, mas vou acordá-los.

— Não. Não quero falar com Freddy ou Franz. É com a Liz.

— Liz? — Ainda sorrindo, ela entorna a cabeça para o lado e me olha intrigada.

— É. Ela está, não é?

— Sim, acabou de chegar. Acho que o pessoal da Malu está dormindo ainda e ela teve que vir embora.

— Posso ir lá falar com ela? — Gesticulo já inquieto.

— No quarto dela?

— É... muito urgente.

Ela faz uma cara entranha e me fita de cenho franzido, tentando discernir o que está acontecendo.

— Melissa roubou mais alguma coisa sua?

— Não. — Dou uma risada sem graça. — É um assunto do interesse

dela.

— Pode deixar, mãe. — Ouço a voz de Melissa, dou um passo e a vejo descendo as escadas. — Venha comigo ao escritório do papai, Bernardo. — Ela fala e já anda para outro lado, indo para um corredor.

— Com licença, volto logo para tomar um cafezinho maneiro.

— Hum... — Julia murmura e fica me olhando. Corro atravessando a enorme sala e nesse momento Max sai na porta da cozinha.

— Olá, Bernardo.

— Oi, senhor Maximiliano. — Digo o nome completo dele, só para quebrar o gelo.

— Nada de senhor rapaz e nem Maximiliano. Seu pai não te ensinou? — Ele está sorridente, mas sei que por pouco tempo, afinal não sabe ainda que vim para falar com a filha dele. Olho para Julia e sorrio para os dois.

— Só um minutinho. — Mostro um dedo e sorrio tentando ser o mais carismático possível, e saio correndo para onde Melissa foi.

Assim que entro na sala e giro a chave, me deparo com ela recostada na mesa de trabalho do Max, os braços cruzados e a expressão demoníaca. Tudo bem, tenho lábia, tudo vai dar certo.

— Acabou. — Ela é direta.

— Acabou nada. Você vai me ouvir e depois vai se explicar.

— Vou porra nenhuma! — Ela grita armada de punhos cerrados. Bem brava ela continua no mesmo timbre de voz — Você leva uma vagabunda para sua casa porque estava com raivinha de mim e...

— Era do Heitor. — Corto o discurso de revolta dela.

— O quê? — Ela para, pasma.

— Lembra que eu emprestei o apartamento para Heitor? Pois é. Ele dormiu lá, acompanhado.

— Com a filha do Magno Lafaiette? Como posso ter certeza? — Desvia os olhos, um pouco mais calma.

— Só precisa saber que eu estou mais interessado numa doutora de belos seios e que dá na minha cintura.

— Está me chamando de baixinha? — Ela tenta não sorrir.

— Estou. — Digo e me aproximo galanteador — Não iria te trocar

por ela. Na verdade, eu mal tenho intimidade com ela. Tenho meus meios para me vingar do que armou contra mim. Dormir com outra garota é tão clichê...

— Ah...! Eu achei que...

— Achou errado. Está vendo como o diálogo é bom? Ficou enciumada, não é? — Me aproximo galanteador.

— Eu não estou enciumada. — Ela diz e me empurra de leve. — Eu só achei uma falta de respeito.

— Falta de respeito é o que você e Anna aprontaram contra mim. Que porra, Melissa!

— Ah, Beni! Não vem com historinha. Você já sabia que eu tinha um plano, o Johnny te contou.

— Como sabe que ele me contou?

— Tsc! — Ela estala a língua e depois joga as mãos para cima — Ok! Fazia parte do plano de Anna o fazer ouvir um plano errado para você querer armar alguma coisa.

— Então eu estava lá, todo esforçado para encurralar você e vocês rindo da minha cara? Se fazendo de difícil quando na verdade queria que eu insistisse mais, que eu tomasse uma atitude?

— Claro. Você foi maldoso comigo, tinha que correr atrás.

— Eu maldoso? Você roubou meu computador por causa de uma biscate!

— E me perdoou por isso. O que custa deixar essa história de plano para lá?

— Porque o caso do computador você fez enganada e, no meu caso, você sabia exatamente o que estava fazendo. — Bato as mãos na cintura e ela solta um longo suspiro.

— Ok. Eu planejei. — Ela grita — Mas, e daí? Você também! E lembra que me algemou na cama com você?

— Mas você sabia que eu ia fazer alguma coisa, poxa! Estava lá esperando eu agir, vendo meu esforço e rindo as minhas custas.

— Nossa, que drama, Beni. Apenas aceite e pronto.

Fico com vontade de beijar ela, dar uns amassos aqui mesmo diante

do quadro enorme da família, em que estão Melissa e Julia sentadas em um sofá e Max com os gêmeos de pé ao redor. Mas sei que se eu apenas a agarrar e der uns beijos, faremos as pazes e tudo ficará do mesmo jeito. E quero conseguir um bônus com ela, tipo: marcar encontros certos, horários para o sexo e tal. Não está legal encontrar no dia que Deus quer.

— Não vou aceitar e pronto. — Digo.

Ela semicerra os olhos para mim.

— Então acabou?

— Não acabou. Vamos entrar numa nova fase em que agora eu comando.

— Oi?

— Isso que ouviu. Agora vai ser do meu jeito, para pagar o que fez comigo. Vou elaborar umas regrinhas.

— Aaah! Não tenho saco pra isso. Dá um tempo. — Ela resmunga, vira as costas e sai da sala.

Acredita nisso? Pois eu não estou acreditando. Ela me deixou sozinho, falando para as paredes, sem nem ouviu a porra da minha proposta. Melissa está provocando. Ela foi a errada e ainda acha que pode subir em um salto.

Sabe aquela ideia que tive ontem a noite? Sobre dar uma reviravolta e fazer tudo a minha maneira? Pensei bastante o que meu pai faria, que com certeza seria algo bem mais elaborado do que pretendo fazer agora.

Saio atrás dela e a intercepto, segurando-a pelo braço, antes chegue à sala. Puxo-a e a faço me olhar.

— Não vai nem ouvir minhas propostas?

— Beni. — Ela arregala os olhos em sinal de alerta. — Shhh, depois conversamos.

— Estou muito puto, Melissa. — Falo bem alto, para ser escutado na sala toda e ela fica pálida.

— O que está fazendo? — Cochicha apavorada, tentando puxar o braço da minha mão.

— Você não devia ter feito isso! — Continuo falando alto, chamando a atenção de propósito.

— Feito o quê? Seu filho de...

Eu sei que essa minha escolha é sem volta, mas vai dar aquilo que estou esperando: encontros sem me preocupar com dias e horários. Espero que esteja certo disso.

— O que está acontecendo aqui? — Observo Max que acaba de sair da cozinha. Julia vem logo atrás e, em seguida, dois rostos idênticos. Droga. No meu plano só continham Max e Julia, nada de gêmeos.

— Bernardo está de saída pai. — Liz puxa o braço da minha mão e tenta me empurrar até a porta. Agora não tem mais volta, eles já me encaram bem curiosos. Poderia dizer que ela roubou meu smartphone, que consegui recuperar e estou saindo fora, falou, valeu e obrigado. Mas aí correria o risco de ficar sem os encontros furtivos com ela e no momento abrir mão de Melissa não é legal.

— Melissa, volta aqui. — Max ordena e ela para de andar, vira-se lentamente, olha para ele e depois envia um olhar para mim, quase implorando.

— Fale de uma vez o que está acontecendo debaixo do meu nariz. — Max vem para a sala junto com os outros, Julia ao seu lado e os gêmeos me olhando intrigados. — Vamos! — Max esbraveja. — Já percebi que tem coelho nesse mato.

— Pai... Eu... Beni já está indo, não é nada demais. Não é mesmo, Beni? — Ela me fita e posso ver seus lábios implorar: “sai daqui.”

Bom, chegou a hora. Volto-me para a sua família e confesso:

— Melissa armou para mim, eu armei para ela, nós transamos e agora ela está esperando um filho meu. E, por se tratar de nossa família, creio que podem ser gêmeos, trigêmeos ou mais.

E tudo acontece muito rápido. Melissa cambaleou, Julia correu para ampará-la e, antes de receber um soco na cara, eu só ouvi:

— Ah, seu filho da puta! Agora vou te matar.

Não sei de verdade quem disse isso ou quem acertou meu nariz, se foi Max, Freddy ou Franz.

Está feito. Agora meu namoro com ela é oficial. Apesar da dor do soco e da voz de Max ao telefone ao dizer “Davi, venha a minha casa agora!”, eu estou feliz de não precisar esconder nossas trepadas. E ainda me

livrei da chantagem de Johnny.

VINTE

Bernardo

Nem sei quem trouxe um saco de gelo para eu colocar no olho, acho que foi Julia. Ela não é um animal como esses três. Pressiono contra meu olho e fecho mais minha cara numa carranca severa. Pena que não pude devolver o favor. Já fodi tudo com Melissa, não posso piorar e dar um soco no pai dela. Sim, quem me acertou foi Max, apesar de que Francisco também tentou, veio para cima, mas eu me defendi a tempo.

Logo Francisco que, além de amigo, é meu colega de trabalho. Está certo que eu caguei no trato de brothers, que tem cláusula que não permite comer irmã de amigo, mas não precisava dessa agressividade toda. Ela nem é menor de idade, e foi ela quem fez planos pra dar para mim.

No momento da catástrofe que eu mesmo criei, pensei rápido e, antes de alguém me acertar de novo, corri e fiquei atrás do sofá.

— Somos adultos, porra. — Gritei e Max virou bicho.

— Francisco, segure esse descarado. — Ordenou como se mandasse um “pega” para o cão de briga.

— Parem vocês. — Julia gritou de cara feia, levando Melissa para sentar no sofá. Fui correndo ajudar, mas Liz berrou meio grogue:

— Sai de perto, te odeio.

— Que história é essa, Melissa? — Max agora transfere sua atenção para a filha e eu ainda estou em alerta, olhando de longe para os gêmeos me encarando como se fossem leões e eu o jantar.

— Como ele disse, somos adultos, pai, me deixe. — Murmura de cabeça baixa.

— E uma gravidez acidental é coisa de adulto? Isso não vai ficar

assim. — Foi nesse momento que ele pegou o telefone e ligou para meu pai. E eu que estava sozinho nessa arena cheia de leões, resolvi esquentar as coisas, fazer uma reunião com todos os interessados. Mandeí uma mensagem para Anna.

“O caldo entornou na casa do Max. Acabei de jogar a merda toda no ventilador.”

Francisco e Freddy trocaram um olhar, assentiram um para o outro e vieram ao mesmo tempo para me cercar. Quando meus pais chegaram, a sala estava em silêncio, Max sentado calado, bufando pelas narinas, Franz em pé num canto e eu em outro, com mais um soco na coleção, agora no queixo por ter comido a irmã do melhor amigo. Claro que eles também levaram.

— O que houve? — Meu pai olhou preocupado ao redor assim que Freddy abriu a porta. — Bernardo? — Ficou pasmo quando me viu.

— Ai meu Deus! O que houve aqui? — Minha mãe botou os olhos na mesinha de centro espatifada e veio correndo ver meu rosto, tirou o saco de gelo da minha mão e murmurou “Beni”. Max se levantou e apontou para mim.

— Esse seu filho — respirou pesadamente. — Esse desgraçado desonrou minha filha. — Aumentou o tom de voz e bravo é apelido. Olha essas veias no pescoço do velho Max!

— Menos, querido. — Julia pede. — Afinal todos nós sabemos que desonrar é coisa da antiguidade.

— Bernardo? — Meu pai olha de Max para Melissa — Ele mexeu com a Melissa? — Nunca o vi mais perplexo. Olhou a todos em volta, os gêmeos calados, Liz calada ao lado de Julia, eu acuado num canto com o olho roxo e Max furioso.

— Ele... pode ter... — Max começa a falar, mas está furioso demais. Além das veias saltadas em seu pescoço, seus braços tatuados exibidos pela camiseta regata, pareciam mais tensos, como de um lutador de MMA.

— Pai, não temos certeza. — Melissa, agora muito envergonhada pela presença dos meus pais, murmurou de cabeça baixa.

— Não tem certeza de quê? Max, porra, me conte o que houve! — Agora é a vez do meu pai começar a ficar bratinho.

— Pai, eu e ela... — Começo.

— Você fica calado. — Ele decreta, eu freio e ele volta a olhar Max em busca de respostas. Mas quem as dá é Julia.

— Segundo o filho de vocês, Melissa pode estar esperando um filho dele. Ao menos foi isso que ele disse antes do meu querido esposo partir para a violência.

Ela levanta e fica ao lado de Max, encarando meus pais. O queixo da minha mãe vai ao chão, já o velho Davi semicerra os olhos para Max.

— Você bateu no Bernardo?

— De tudo que Julia disse você só ouviu isso? — Meu ex-futuro sogro quase samba de raiva.

— Sim, ouvi. — Ele dá um passo ameaçador em direção a Max e Julia. — Mas não vi nada demais. Que eu saiba ambos já estão quase com trinta anos de idade. Um dia eles teriam que fazer isso com alguém, não é? A única coisa diferente que vejo aqui é que você agrediu o meu filho.

— Ah, ok! É normal aquele babaca pica fina engravidar minha filha, pois já tem quase trinta.

— Epa! Esculhamba não! — Grito, enquanto aos risos, Franz e Freddy zoam de mim. Max não liga e continua:

— Mas é normalzinho o pai ficar com raiva porque o filhinho de quase trinta levou uma coça no nariz?

— O que não é normal é a atitude de vocês dois. — Julia intercede. Melissa está no sofá, morta de vergonha, olha de relance para mim e vejo que tem vontade de me esganar. O caso é sério e não é ao mesmo tempo.

— Concordo. — Minha mãe fala. — Não é sério por se tratar de pessoas adultas, donas do próprio nariz. E é sério, pois uma criança não pede para vir ao mundo e requer que os dois culpados assumam o bebê.

O pai de Liz com meu pai, não parecem aprovar totalmente Julia e minha mãe. Eles ainda estão se olhando feio.

Ninguém tem tempo de falar nada. O interfone toca, um dos gêmeos vai atender e Geovanna entra com tio Enzo e tia Malu. Sabe aqueles programas ou séries que tem as vozes rindo quando acontece alguma coisa? Pois é, esse seria o momento para essas vozes rindo. Todos na sala, calados, olhando para as visitas que estão com cara de pamonha, meio sem graças.

— Bom dia. — Malu cumprimenta sorridente. — Julia, amiga, vim fazer uma visitinha.

— Malu, para de encenação que te conheço. Veio para se informar. — Julia corta na hora e Anna corre e senta ao lado de Liz. Eu ainda estou no canto, no mesmo lugar, só olhando toda a cerimônia desse povo. Os gêmeos estão limitados à função de porteiro e guardas, sempre por perto, olhando para mim, para garantir que eu não faça nenhuma gracinha. Volto à atenção para os velhos, tio Enzo se aproxima cabreiro de meu pai e Max.

— O que houve? Vocês nunca se cansam de se enfrentar?

— Fica na sua. — Max levanta a mão e resolve voltar a conversa de antes. — Então quer dizer que não tem nada para você? O que faria se fosse um dos meus filhos engravidando sua filha? — Bate o dedo no peito do meu pai e tio Enzo fica boquiaberto. Do outro lado, Malu cochicha com minha mãe e Julia:

— Que história foi essa? Anna me contou mais ou menos

— Pelo que parece, Beni dormiu com Liz e agora eles dois ali estão se enfrentando. — Julia aponta para o marido dela, encarando de cara feia meu pai.

— Chega desse lenga, lenga. — Dou um passo para o meio da sala. — Max, sua filha pode fazer as próprias escolhas e ela escolheu ter um caso comigo. Algo deve ter acontecido, não sei, pois nos lembramos de nos proteger, mas deve ter estourado. — Na verdade, só eu, Deus e o capeta sabemos que de verdade o preservativo estourou. E senti uma iluminação celestial, me dizendo que esse detalhe não precisaria nunca vir à tona. Pra quê causar mais contenda entre as pessoas?

— Eu sabia que isso aconteceria em algum tempo, ainda mais com esse tanto de gente sendo criado juntos. — Tio Enzo opina. — Será que mais alguém de vocês está se pegando as escondidas?

Anna arregala os olhos e, de forma quase imperceptível, olha para Franz do outro lado da sala que pigarreia e finge nem se importar, até faz bico de assoviar, despistando. Olho de um para o outro franzindo o cenho. Ele não seria tão babaca. Acabou de me bater por ter comido a irmã dele e está comendo a irmã do Johnny e minha prima? Impossível.

— Ok. Beni tem razão. — Melissa levanta. — Não precisa de estardalhaço e eu nem sei se estou grávida. Eu só passei mal ontem.

— É, ela quase morre de tanto vomitar lá em casa. — Anna comenta.

— Desde quando você e ele estão nisso? — Julia indaga sobre nosso relacionamento.

— Desde a viagem na Argentina.

— Agora eu mato esse desgraçado! — Max rosna e se vira para mim, pronto para o ataque, mas Julia segura o braço dele.

— Amor, calma.

— Julia, ele estava pelado perto do quarto... — Max fecha os punhos e quase tem um ataque, acho que recordando a cena de quando eu me fingi de bêbado. — Esse filho da mãe me enganou.

— Te enganou? — Berro. — Eu que fui enganado. Essas duas aí armaram contra mim. Johnny está de prova.

— O quê? — Max e meu pai falam quase ao mesmo tempo e Enzo ri. Anna bate na testa, desanimada.

— É isso mesmo. Odeio ter que assumir isso, mas eu fui alvo de um plano elaborado pela Anna, essa mau caráter.

Há um momento de silêncio, todos se olhando calados e depois tio Enzo ri.

— Minha filha elaborou um plano contra o filho do Davi? — Em seguida, vem uma gargalhada ecoando no silêncio da sala. Os gêmeos riem também, Max começa a rir, e apenas eu e meu pai ficamos sérios. E claro, as mulheres, que nenhuma achou graça.

— O orgulho está me matando. — Tio Enzo diz, após um profundo suspiro se refazendo do riso. — Quero saber como isso aconteceu.

— Eu me inspirei num caderninho com um plano, que encontrei lá em casa, nas coisas da mamãe. — Anna explica.

Sinto que tio Enzo se arrepiou, os olhos dele quase caem no chão e um clima pesado cai sobre a sala.

— Ahh! Mas que porra! — Max esbraveja. — Será possível que vou ter que entrar na sua casa e destruir aquela merda? — Grita com tio Enzo — Trinta anos e não destruiu ainda?

— Minha casa, minhas regras. — É a resposta de Tio Enzo.

— Acho que agora é a hora de eu rir. — Tia Malu fala bem séria. — O

plano ridículo que meu querido cunhando armou contra mim e minha amiga acaba de se virar contra o filho dele. Uma salva de palma para o destino e o universo. — Ela fala e minha mãe e Julia acompanham nas palmas. Nenhuma rindo, sérias e batendo palmas.

Depois Max falou a plenos pulmões que não ia aceitar uma filha mãe solteira e aí eu me ofendi, disse que nunca iria abandonar um filho. E meu pai entrou no meio falando que os netos dele não seriam ilegítimos, que precisávamos de um casamento e Max concordou na mesma hora. Melissa se revoltou e saiu da sala com Anna, eu fiquei mudo e com a pele gelada ao ouvir a palavra casamento. Juro, minhas pernas tremeram na hora.

Tio Enzo ficou de boa, achando que a filha dele está livre de bagunça com homens. E estava só ali pelo meio da conversa, falando uma coisa e outra, provocando papai e Max. E eu encontrei a chance de ir até Melissa, afinal, não armei toda essa reunião familiar para ficar sem ela.

— Ah, seu maldito! — Ela veio correndo para cima de mim quando me viu. — Vou acabar com você! — Começou a desferir pequenos golpes contra meu peito. Golpes fracos de garotas num peito de homem. É pra rir? Segurei facilmente os pulsos dela.

— Vou sair, vocês vão acabar se matando ou se beijando. — Anna diz, passa por mim e me dá uma olhada seca:

— Você tem o quê? Treze anos? Cresça e apareça, Beni. — E sai do quarto de Melissa nos deixando a sós. Eu queria dizer a ela: “Pelo menos sou chefe da filial do Banco, tenho minha própria casa e posso engravidar uma pessoa”, mas aí seria apenas comprovar que me pareço uma criança de treze anos.

— Liz! — Balanço ela até que para de se debater. — Chega! Vamos conversar.

— Agora quer conversar? Depois de ter armado aquele circo lá embaixo? — Ela se solta e se afasta de mim. Com as mãos nos cabelos, anda pelo quarto, olhando o chão, o desespero aparente em seu rosto. — Eu estou simplesmente perdida e possivelmente grávida de um babaca, cujas duas famílias doidas já planejando casamento.

— Eu babaca? Você começou isso, que armou para ficar comigo.

— Um grande erro! — Ela volta-se para mim com um grito de raiva.

— Um erro gostoso, né? Não vem me culpar sozinho. Você me queria e

transou comigo, não injetei sêmen em você estando inconsciente.

— E precisava contar para meu pai? — Mais uma série de socos. — Tem quantos anos? Treze? — De novo com essa pergunta? Protejo os socos com meus braços e volto a segurar ela facilmente. Tão baixinha, a bichinha.

— Alguma hora ele teria que saber, né? Fiquei preocupado. E se você estiver mesmo grávida? Só queria sua família como minha aliada. — Minto.. Agora ela pode ir dormir comigo, falando abertamente com todo mundo para onde vai, sem precisarmos nos esconder.

— Aliada de quê? Praga! Não estamos vivendo um joguinho de videogame. É a realidade, somos adultos, teríamos que ter conversado tudo antes de tomar qualquer atitude, como todo adulto faz.

— Não os adultos da nossa família, né? Sempre foi um armando contra o outro.

Ela se afasta de mim de novo.

— Liz, agora podemos ficar de boa no nosso namoro.

— Não, está acabado! Não quero nada com você.

— Claro que quer. Quem não iria querer?

Ela revira os olhos e balança os cabelos. Está aflita.

— Liz. — Eu me aproximo dela, que está de costas para mim e toco em seus ombros. — Vamos relevar, encarar isso de uma maneira descontraída.

— Fica. Longe. De. Mim. — Rosna e eu tiro as mãos.

— Cara, dá uma chance para seu Beni.

— Meu Beni. — Ela se vira, rindo sarcasticamente.

— É. Seu. — Abro meus braços me exibindo. — Todinho.

— Já sabia dessa possível gravidez?

— Como?

— Você soube de algo que aconteceu? Usamos preservativo, me fale a verdade.

— Não, não estava sabendo. — Minto. Ela jamais saberá e ninguém viu. Não há provas nem nada contra mim.

— Bernardo, um homem sabe quando preservativo estoura.

Franzo os lábios e coloco o dedo no queixo, como se pensasse.

— Juro que não, Liz. Eu te falaria. — E ela acredita. Exala profundamente e assente.

— Bernardo, quero ficar sozinha. Você precisa ir embora.

— Está muito brava comigo?

— Sim, muito. — Impaciente, massageia a testa demonstrando a quanto magoada está. — Precisa me deixar sozinha.

— Não terminou entre a gente, tá?

— Você não decide isso. — De cara fechada, sustenta meu olhar ao dizer isso.

— Você quer que termine?

— Quero ficar sozinha.

— Então não quer que termine nosso caso?

— Para de me pressionar! — Berra com os punhos fechados — Quero ficar sozinha. Saia do meu quarto.

— Ok. Vou te ligar a noite. Pode me dá um beijo?

— Não. Ninguém beija quando está com raiva.

— Quero fazer as pazes, ganhei dois socos. Vamos nos beijar, ir para a praia e rir disso?

Ela revira os olhos e o rosto começa a ficar um pouco vermelho.

— Certo, já entendi. Acho melhor te ligar amanhã. — Saio do quarto, desço e chego à sala, onde Anna está indignada respondendo a perguntas. Chego no momento em que ela diz: “Sério isso? Quem faz planos anotando num caderninho”.

Max e tio Enzo apontam para meu pai.

Anna se vira quando todos olham para mim, me encara tentando decifrar algo e depois corre em direção à escada.

— Tô indo embora. — Passo por eles, que já estão tudo na paz do senhor, os três velhos e Freddy na sala batendo papo, minha mãe com tia Malu e Julia tomando café na cozinha.

— E vai ficar por isso mesmo? — Max pula na minha frente.

— E o que quer que eu faça? Você já me acertou no olho.

— É, vacilou feio, Maximiliano. — Meu pai fala e recebe um dedo

do meio como resposta.

— Faça papel de homem. Eu sou pai dela, exijo respeito, não coloquei uma filha no mundo para ser brinquedo de macho.

— Eu não estou brincando com ninguém. — Busco em meu pai um apoio, mas ele nem liga, apenas ergue os ombros. Ele e tio Enzo não intrometem, pois sabem que faria o mesmo se fosse com Anna ou Dafne.

— Julia! Amor, vem aqui. — Max grita, continua de cara fechada na minha frente e Julia aparece com minha mãe e tia Malu.

— O que foi?

— Venha aqui. Bernardo, perante os pais dele, vai nos pedir para namorar com Melissa oficialmente.

— É, antes que Max pegue a cartucheira dele. — Tio Enzo se intromete, meu pai ri e fica tudo por isso mesmo. Ninguém aqui nessa sala para intervir a meu favor.

— Não são vocês dois que vão namorar comigo, preciso da aprovação da Liz.

— E precisa da aprovação da gente para pedir a aprovação dela.

— Filhão, acabou para você. — Meu pai fala. — Pede logo. Conheço o Max, ele vai te perturbar se não fizer o que ele quer.

— É. Max deve ser o pior sogro do mundo, se deu mal Beni.

— Ok. Max e Julia, eu vou namorar Melissa, e isso não é um pedido. Meu pai foi ao fim do mundo para me resgatar — olho para minha mãe e ela assente. — Eu nunca farei menos que isso, menos do que ele fez por mim. Se Liz estiver grávida de um filho meu, não a deixarei por aí sozinha e, não só por obrigação, mas porque vocês têm uma excelente garota como filha.

Em palmas lentas, meu pai me aplaude, minha mãe e Julia sorriem e a boca de Max se curva levemente.

Pronto. Acabei de ter todo mundo como meus aliados. Agora é só aceitar que acaba aqui minha gloriosa vida de solteiro. Acho que acabo de entrar num relacionamento sério, alguém só precisava avisar para Melissa.

VINTE E UM



Melissa

Fiquei sabendo do “acordão” sobre minha vida, que houve lá embaixo enquanto eu estava entocada no quarto, pensando no circo desnecessário que foi armado, um circo machista. Sério isso? Aquilo tudo por que transei com alguém? Se fosse uma menina de doze anos, mas eu com vinte e seis? Em que mundo estamos que precisa de todo aquele barraco? Na minha idade minha mãe já estava com três filhos e morando com meu pai sem casar.

Fiquei com raiva de todos. De Bernardo por ter sido tão infantil, meu pai e meus irmãos por terem se portado tão selvagememente e de forma machista, e ainda veio todo resto do povo me ver naquela situação. Todos foram embora e eu estava morrendo de enjoo, então minha mãe entrou no meu quarto e sentou na cama. Eu estava deitada apenas passando o menu do celular, enquanto pensava o que eu iria fazer, principalmente com relação a Beni, aquele imbecil que me atrai tanto.

— Oi, filha. Não vai almoçar?

— Ai mãe, não quero. Não estou bem do estômago. — Continuei olhando o celular.

— Melissa, olhe para mim. — Conheço esse tom da minha mãe. Deixei o celular de lado e a fitei. — O que acha disso tudo? Você como mulher e médica, acha que pode mesmo estar grávida?

Queria rir, pular e xingar o Beni, dizer que ele é um babaca e estava inventando merda. Mas me arrastei, recostei na cabeceira e cair em um choro

compulsivo. Ela não disse nada, veio para perto de mim e me puxou para um abraço. Acariciou meus cabelos e eu tive força de balbuciar.

— Acho... que sim. Estou com medo... mãe.

— Medo? — Ela levanta meu rosto e enxuga minhas lágrimas.

— É um bebê, mãe. Ou dois, ou três. Eu e ele juntos, temos mais chances de gerar... mais de um.

— Oh, minha filha. Eu sei exatamente como é. Eu tinha sua idade quando engravidei. Você nem imagina meu desespero quando descobri que eram três bebês.

— E o que... você e o papai fizeram? Como se sentiram?

Minha mãe bufa com a boca numa risada irônica.

— Eu quase fiquei careca de preocupação e chorei com medo enquanto Max estava preocupado, decidindo se escolheria macacões da Liga da Justiça ou dos Vingadores. — Dou uma risada e fungo enxugando os olhos. Minha mãe completa: — Mas, em momento algum pensamos que não queríamos vocês.

— Eu tenho a vida pela frente, olha quanta responsabilidade, eu nem terminei ainda minha especialização. E o Beni é um menino, tenho medo de... — coloco mexas de cabelos atrás da orelha. — Não sei... Arcar com tudo sozinha.

— Não, você vai dar apenas uma pausa na sua vida, não parar completamente. Foi assim comigo, com a Malu, Dani, Rebeca e tantas outras mulheres. — Ela segura minha mão — Além do mais, seu pai era como o Beni, ou pior que o Beni no quesito garotão debochado, e deu conta. Olha só para vocês, para nós. Max carregou essa família nas costas, me ajudando em tudo, sempre foi muito responsável e trabalhador. É como o Bernardo. Ele começou a trabalhar cedo, essas gracinhas dele, é genética apenas. — Minha mãe parece se lembrar de um detalhe, arregala os olhos e começa a sorrir — Olha o Enzo, com sessenta anos e ainda se porta como o Beni... Além do mais. — Ela pausa e fica calada me olhando.

— O que mãe?

— Bernardo fez um pequeno discurso de macho alfa lá embaixo. Disse que se você estivesse mesmo grávida, não ficaria sozinha e desde já, era seu namorado oficial e futuro marido.

— Oi? — Ao ouvir minha mãe, eu me sento ereta, com a mão no peito tamanha perplexidade.

— É. Não estou fofocando, mas é melhor saber por mim. Ele pediu formalmente, na minha frente, do seu pai e dos pais dele.

— So faltou minha presença, não é? — Eu tento pular da cama, mas minha mãe me segura.

— Ei, fica aí. Não vai a lugar algum.

— Mãe! Não estamos mais na época de Cristo. Eu não posso deixar Bernardo jogar com minha vida. Será que ninguém vê que ele está jogando as cartas que quer e todo muito apoiando? É minha vida, minhas escolhas.

— Eu sei. Você vai conversar com ele amanhã. Relacionamento nenhum aguenta a discussões a flor da pele. Amanhã, quando estiver mais calma, você vai conversar e tirar satisfação. — Minha mãe me aconselha, mas acabo descendo para ir tirar satisfação com meu pai, que estava com meus irmãos à mesa, bem tranquilo, conversando sobre alguma coisa.

— Então quer dizer que já decidiu minha vida? — Perguntei me apoiando na mesa e os três pararam para me olhar.

— Então quer dizer que estava de caso com o filho do meu amigo, debaixo do meu nariz?

— Preferia que fosse com o filho de seu inimigo? — Ironizo.

— Na verdade, ele preferiria que você fosse Irmã Melissa do convento. — Freddy zoa e Franz ri. Lanço um olhar cáusticos para os dois e eles continuam rindo, pouco se importando com minha raiva.

— Pai, eu já tenho vinte e seis anos! Eu decido minha vida! Meu corpo...

— Seu corpo, minha casa, minhas regras. — Ele me interrompe — Não quero ver filha minha por aí grávida de marmanjo aproveitador.

— O Beni se aproveitou de você, Melissa? — Franz indaga com puro sarcasmo.

Eu escolho não responder.

— Que história é essa de aceitar pedido de namoro dele, pai? Teria que ter perguntado a mim.

— O mais sensato que ele poderia ter feito. — Meu pai opina, indiferente as minhas reclamações — Já que ele fez uma cagada máster, tem

que limpar.

— Relacionamentos meus são cagadas? Poxa, pai!

— Relacionamento não, mas engravidar antes da hora, sim. — Ele rebate — Cadê a responsabilidade?

— Isso vindo de alguém que me engravidou de propósito. — Minha mãe interfere criticando e ele murcha na hora. — É isso mesmo, senhor Maximiliano.

— Julia, isso não tem a ver com a gente.

— Não tem mesmo a ver. Mas, não vou deixar você ficar aí de chefão forçando a menina ao que ela não quer.

— Ok. — Ele fica bravo, bate as mãos na mesa e me encara. — Vou te perguntar umas coisinhas e quero que me responda com sinceridade. Se estiver mesmo grávida, vai abortar?

— Não. — Berro, pasmada.

— Ok. Vai doar o bebê ou vender?

— Lógico que não, pai.

Ele ainda se mantém com um olhar ameaçador e continua:

— Vai proibir o pai da criança de ter acesso ao filho?

— Não.

— Pretende se isolar por completo, e criar sozinha o filho?

— Não... sei... — Olho sem graça para meus irmãos e minha mãe, calada, olhando o papai de olhos semicerrados.

— Vai namorar algum dia na vida?

— Sim, pai. Aonde quer chegar?

— Vai se casar algum dia?

— Vou, poxa. — Começo a perder a paciência.

— E vai deixar que outro homem crie o filho do Bernardo?

— Eu... Não sei.

— Você odeia o Bernardo?

— No momento estou com raiva dele, mas não o odeio.

— Então, pronto, questionário fechado. Não tem que ficar aí de mimimi só porque o garoto decidiu que quer algo sério com você. Está certo

que ele escolheu a forma mais imbecil de fazer isso, mas, nos dias de hoje, os rapazes da idade dele estão aí correndo de relacionamento, devia era sentar com ele, conversar e decidir sobre a vida de vocês. Não quer namorar com ele? Tudo bem. Mas, um dia você vai se casar e ele também, por que não fazer isso um com o outro? Se entender ao menos por causa dessa possível gravidez. — Ele se levanta e abre os braços para mim. — Venha aqui, galega. — Me abraça e beija minha cabeça. — Amo vocês três demais e não quero nada menos que ótimo para a vida futura de cada um. — Ele estende um braço e chama minha mãe: — Venha aqui, amor. — E a prende também junto comigo num abraço.

— Nem me chama pra essa boiologem. — Francisco levanta e vai espiar a geladeira.

— Xiu, calado vocês dois. — Papai fala com meus irmãos e olha para minha mãe — Apesar de que fui um escroto fazendo aquilo com você, não me arrependi de ter feito o plano do golpe da barriga. E você?

Ela sorri e beija de leve a sua boca.

— Os fins justificam os meios, né? Além de ter ganhado eles três — minha mãe olha para os dois e para mim — você passou todos esses anos me recompensando pelo seu ato escroto.

Eu me afasto do abraço deles dois e dou umas palminhas enquanto os dois se abraçam apertado. Dá uma vontade de chorar. Queria um romance como o deles, tão felizes depois de tanto tempo.

— Te amo, meu velho nerd. — Ela murmura abraçada a ele e meu pai responde: “Te amo por ainda amar um velho nerd”.

— Oh, mãe! Isso aí vai durar muito tempo? Estou seco de fome. — Freddy reclama e Francisco completa:

— É! Já vai dar duas da tarde!

Ela ri, dá um selinho no meu pai e ouço quando ela cochicha:

— Conversaremos melhor depois. — E mais alto completa: — Vou dar comida os bebês.

Depois do almoço, eu subi para meu quarto e deitei, vi algumas mensagens de Bernardo falando baboseiras, se explicando, coisa que ele terá a chance fazer, mas pessoalmente. Então, não respondi a nenhuma mensagem

e nem atendi as suas ligações. Minha mãe chegou à tardezinha, estava séria demais e me deu uma sacola.

— Eu fui à farmácia e comprei isso. Faça quando estiver preparada.

— Abri e vi várias caixas de testes de gravidez, cada um de marca uma diferente.

— Mãe...

— Na minha época, comprei essa mesma quantidade e deixei dias guardados, com medo de fazer o teste e ver que estava mesmo grávida. Por isso, faça no seu tempo.

— Ok. — Assenti e assim que ela saiu do quarto, eu guardei a sacola no banheiro.

Querendo espairer, liguei para Anna e pedi que fossemos a algum lugar e que chamasse Sarah para uma noite das garotas, comer uma pizza, o que fosse.

Ela não quis muito, ficou colocando mil empecilhos, mas depois acabou confessando que era porque tinha planejado de sair com o delegado depravado, e como amanhã é segunda, ela pode acordar tarde. Aí eu fiz voz de tristeza e ela disse que ligaria para Tony sair com a gente e, depois que eu viesse embora, eles dois poderiam ir para a noitada romântica deles. Eu recusei, mas ela insistiu e falou que tudo bem, que iria ligar para Tony e deixar para eles se encontrarem depois da noite das garotas. Mais tarde, ela me mandou um áudio que ele mandou para ela.

“Fala com ela pra não te monopolizar por muito tempo, come essa pizza e voe pra cá. Também quero comer... outra coisa (risada). Beijo, ruiva.”

Era uma voz bem familiar. Franzi o cenho ouvindo duas vezes.

Só Anna mesmo! Marcamos de ela passar aqui e agora, oito horas da noite, já estou pronta para sair. Pego a bolsa e saio do quarto quando Anna manda a mensagem dizendo que está chegando aqui. Vejo meus pais no sofá, em frente a televisão, com uma bacia de pipoca no colo do meu pai e um filme na tela.. Meu pai odeia programas de televisão no domingo.

— Pai, mãe, eu estou saindo.

Os dois olham para mim.

— Pra onde?

— Vou comer uma pizza com a Anna e a Sarah. Volto logo.

— Falou com Bernardo? — Meu pai pergunta.

— Falar o quê? Pedir permissão para sair?

— Não. Estou querendo saber se já se acertou com ele.

— Não. — Sento no sofá e olho a televisão. — Preciso primeiro digerir meu novo namoro arranjado.

Eles não respondem, voltam a olhar a TV. O interfone toca e eu me levanto para sair.

— Tchau! — Grito para eles, que não respondem, mas ouço minha mãe brigar:

“Max! o que está fazendo?”

“Coçando ué.”

“E depois vai enfiar essa mão na tigela de pipoca.”

“E daí, Julia? Você já me...”.

Apresso o passo para a outra sala, porque não estou a fim de ouvir meu pai completar a frase. Abro a porta e já vejo Anna parada lá fora com Sarah já dentro do carro.

— Sarah tem encontro também, então temos que agilizar. — Anna me avisa logo.

— Isso, joga na minha cara que vocês duas vão se esbaldar com os boys essa noite e que eu vou dormir sozinha.

— Porque quer. Você tem um solto por aí e, agora com todo mundo sabendo, era hora de você correr para o apartamento dele.

— Acredita que ele pediu aos meus pais para namorar comigo? E sem eu por perto!

— Sim, minha mãe me deixou a par de tudo. Achei fofo da parte dele. Beni é oito ou oitenta: ou ele não quer, ou quer demais. — Eu entro no carro e ela corre para entrar do outro lado.

— Oi, Sarah! — Cumprimento e ela responde sem levantar os olhos do telefone. — Remarcando os lances de hoje mais tarde?

— É... — Ela responde e me olha sem graça.

— Ela não vai te dar detalhes, Liz. Essa aí está querendo mapear com a língua o corpinho do seu irmão. — Ana esclarece.

— Ai, credo! Não quero saber mesmo.

Anna coloca o carro em movimento e Sarah contra-ataca debochada:

— E você querendo um idêntico para lamber, né Anna?

— O quê? — Exclamo de boca aberta.

— Ele é bonitão, loiro, tatuado, mas querer não é poder. — Anna fala e vira sorrindo para mim. — Você não deixou, lembra?

— Não acho que vocês combinem, Anna. Ele é todo certinho, executivo, sério... sei lá.

— Quer saber? Também acho. Sou muito ligada nos 220 e Franz parece um belo, recatado e do lar.

— Essa frase nunca morre, né? — Sarah fala sobre a frase que Anna acaba de falar — Vinte e tantos anos...

— Verdade, Sarah! — Concordo e Anna não toca mais no assunto do meu irmão. Quer dizer, ela tentou, mas acabou perguntando:

— Será que eles dois são iguaizinhos mesmo? Lá embaixo, dentro da cueca e tal...? Do mesmo tamanho...

— Geovanna! — Gritei e ela gargalhou junto com Sarah.

Depois fiquei pensativa sobre isso, sobre minhas duas melhores amigas virando minhas cunhadas. Seria meu sonho?

Mas não vejo mesmo como isso daria certo, nem mesmo com Sarah e Freddy eu tenho certeza de que pode dar certo. Do jeito que ele é mulherengo. Eu avisei a ela que Freddy não presta, mas ela quis mesmo assim. Queria só ver quando todo mundo descobrir que ela e Freddy estão se pegando. Acho que não terá circo na casa da Sarah como teve na minha.

VINTE E DOIS



Na pizzaria, sentamos em uma mesa na calçada, fizemos nossos pedidos e começamos o papo do momento; Beni, claro. Desabafei com elas, contei que minha mãe comprou testes de gravidez para mim e que meu pai me deu um sermão para aceitar o namoro com Bernardo. Quase tive um treco quando ele parou a minha frente, parecendo que o assunto o atraiu. Com um sorriso na cara ele ficou olhando para nós três.

— Olá, garotas.

— Oi. Some. — Digo olhando para o lado e depois olho para ele. — Como nos encontrou?

— Tenho um informante infiltrado.

— Johnny. — Anna revela. — Conte para ele. Desculpa, Liz.

Beni faz pose de gostosão, puxa uma cadeira e senta ao meu lado, já com o braço passando no meu ombro. Encosta a boca na minha bochecha e após um beijinho fala:

— Oi, namorada.

— Oi. — Cumprimento secamente e o empurro, para a graça das duas a minha frente.

— Vocês são perfeitos um para o outro. — Sarah, a romântica, diz com os olhos brilhantes.

— Suma daqui, Beni, é noite das meninas.

— Não, Liz. Estou com saudade. — Ele choraminga — Quero fazer as pazes.

— Vai fazer as pazes na casa do cacete. — Dou uma série de tapas nele e Bernardo coloca o braço na frente, fazendo os meus golpes acertarem o bíceps dele. Nem estou mais com raiva. Por que não consigo ficar com raiva dele?

— Ui! Que boca porca, doutora. — Ele finge perplexidade. Eu sopro desistindo.

— Deixa ele, Liz. — Geovanna intercede. — Mas, só se pagar. — Ela impõe.

— Ok. Por minha conta, comam o quanto quiserem.

— Oba! Vou tirar a barriga da miséria. — Geovanna quase dá um pulo quando vê Johnny em pé ao lado, falando isso. Ele joga uma chave para Bernardo, puxa uma cadeira em outra mesa e senta com a gente.

— O que está fazendo aqui, Jonathan? — Anna olha feio para o irmão.

— Ah, é! Esqueci de falar. Ele veio comigo, foi a condição para dizer onde vocês estavam. — Bernardo se explica, sem graça.

— Eu não ia ficar sozinho em casa jantando com os velhos, né?

— E Michele? — Beni indaga.

— Quem é Michele? — Eu e as meninas perguntamos quase juntas.

— Michele não sai de casa no domingo a noite. — Johnny responde a Bernardo e olha para Anna. — Uma gata que estou pegando. Já pediram a pizza? — Ele acena para um garçom. — Por que não foram num rodízio? Ficaram doidas? Come mais pelo mesmo preço.

— Quem vê assim pensa que lá em casa não tem comida. — Anna resmunga.

— Pra que rodízio se a gente come duas fatias e pronto? — Sarah questiona e os dois ficam espantados.

— Duas? — Beni exclama.

— É Bernardo. Duas. Por quê? — Eu o encaro — Vai questionar nossa vida?

— Calma. — Ele me dá um beijo nos cabelos. — Pode comer só duas.

— Beni, uma pizza grande pra nós dois? — Johnny questiona quando o garçom chega.

— Isso, calabresa com cheddar pra mim.

— Metade calabresa com cheddar e metade carne seca. — Johnny faz o pedido e vira-se para Bernardo esperando escolher o que vai beber. E nem precisa perguntar nada para Bernardo dizer: — Vou acompanhar minha namorada e beber um refrigerante.

Johnny murmura “Boiola” baixo e fala para o garçom:

— Uma Coca e uma cerveja. — Ele fala a marca da cerveja e o garçom sai.

— Enquanto isso, venha aqui comigo rapidinho. — Bernardo levanta e puxa minha mão, eu olho para ele e acabo aceitando. Levanto e rapidamente ele segura na minha mão, nos levando até o outro lado mais discreto. Ficamos de pé, ao lado de uma parede.

— O que foi?

— Na boa, vamos ficar em paz. Já passou todo perrengue, todo mundo já sabe, bola pra frente.

— Bernardo, eu te falei para esperar eu digerir tudo. Você foi hoje na minha casa, armou tudo aquilo e não quer me dar um tempo para pensar com calma.

— Pensar o quê? Não entendo o que vocês mulheres pensam tanto.

— Quer que eu enumere? — Abro minha mão para começar a contar nos dedos. — Primeiro que estou com suspeita de gravidez, segundo que você falou isso com meus pais sem nem antes me consultar. E, terceiro, pedi minha mão em namoro sem nem, mais uma vez, querer saber se era isso que eu queria.

— E não é isso que você quer? Não quer namorar comigo?

— A pergunta de um milhão Beni: está fazendo isso só por que está achando que estou grávida?

— Claro que não. — Ele remexe o corpo para mais perto de mim e dá um sorriso galanteador. — Gosto de você, de transar com você...

— Só transar? — Pergunto e o empurro.

— Transar é o principal, mas temos que levar em consideração que a partir de agora é que vamos fazer bobagens de casais. Antes era tudo

escondido, não podíamos aproveitar muito.

Droga! Ele tem argumentos bons. E está me vencendo facilmente com o cheiro dele, o sorriso fácil e, lógico, porque eu gosto dele de verdade e sei que transar com ele é o que mais quero. No entanto, não queria dar o braço a torcer.

— Não vou dormir com você hoje.

— Por quê?

— Porque eu quero pensar na vida.

— Pensa na vida pelada na minha cama.

— Ah, eu mereço! — Tento sair, mas ele me impede se colocando na minha frente.

— Espera. O que eu disse de mais?

Ele tem razão. Esse é ele, não posso querer mudar personalidade de ninguém, sem falar que fiquei muito acesa só de me imaginar na cama com ele.

Droga, Melissa! Pise só mais um pouco, o deixe alavancar seu ego feminino. Penso e num instante ele me puxa e prende os lábios nos meus. Beni me beija e eu acabo cedendo fácil demais. Acabamos nos agarrando ali na parede, num beijo de me deixar mole. Foi difícil eu empurrar ele e ficar recostada na parede.

— Aha! Fiz você sorrir. — Ele se vangloria — Fizemos as pazes? — Pergunta todo feliz.

— Não. — Tento não sorrir e saio de perto dele.

— Deixa eu te dar um pouco do Bernardão para você ficar feliz. — Continuo andando e ele atrás falando. E sorrio com as bochechas rosadas.

— Não vou pra sua casa, Beni. Esqueça.

— Mas estamos de bem?

— Vai saber disso depois. Vou te mandar um memorando. — Chegamos à mesa, me sento e ele ocupa a cadeira ao meu lado. Passa o braço no meu ombro e eu não o tiro daí. Juro que tentei ser forte e orgulhosa, mas ele não dá trégua. Será que posso aceitar para eu mesma que estou de verdade namorando?

Nossa! Estou namorando Bernardo Brant, o executivo gato das redes

sociais. Será que já posso falar com as meninas no hospital?

— Está sorrindo sozinha, Melissa. Disfarça pelo menos. — Anna fala revirando os olhos e sinto minhas bochechas arderem de vergonha. Beni me puxa num abraço e fala:

— Aha! Estava pensando em mim. Fizemos as pazes.

Que arrogante.

VINTE E TRÊS



Bernardo

Domingo sem sexo. De manhã levei bronca, soco no olho e consegui um namoro. Mas a noite, Melissa bateu o pé e não aceitou nem fazer umas gracinhas rápidas no meu carro. Ao menos aceitou minha carona e o beijo que eu dei quando a deixei em frente à sua casa. E ainda teve coragem de ser sarcástica ao dizer:

— Papai deve estar ali na sala me esperando. Não vai entrar e pedir a benção dele?

— Para quê? Para ter entrada liberada no seu quarto?

Ela revirou os olhos e saiu do carro, e eu fui embora meio feliz. Fizemos as pazes, eu tinha certeza, mas não fizemos sexo. E hoje, pelo que vejo na minha agenda, não vai dar de novo. Em casa, sozinho, fui tirando as roupas pelo caminho, abri a geladeira, peguei uma caixinha de suco e fui para o sofá com o celular na outra mão. Pensei bastante em tudo que eu fiz, nas minhas escolhas em ter armado tudo aquilo na casa do Max. Agora que tudo se aquietou, eu vejo além da zoeira e a preocupação bate com força. Eu estou mesmo pronto para ser pai? Pronto para formar uma família? Meu pai conseguiu, eu também posso conseguir. Amanhã irei a empresa falar com ele.

Com a barriga cheia de pizza e cansado pelo dia, desligo a TV e vou pra cama. E não demoro para dormir. Sou desses que bate no travesseiro e já está babando, não que eu babe literalmente. Quanto a meu sono, minha mãe sempre foi tão contraditória nesse assunto. Era: “Bernardo, ainda acordado? Vai dormir!” — Gritava se me via tarde da noite assistindo. Ou então era:

“Bernardo, chega de dormir! Vai passar o dia inconsciente nessa cama?” — Dizia quando era fim de semana ou feriado e eu só comia e dormia. Agora meu sono é regrado por causa da empresa.

Acordo com o toque estridente do celular e quando olho para a tela vejo que é alguém ligando. Com a cara enrugada e os olhos quase fechados, leio “Sophia” e toco em atender.

— Tá de zoação comigo, né? — Puxo o cobertor cobrindo a cabeça, com o celular no ouvido — De novo me acordando, Sophia?

— Pois é, eu que preciso te acordar. Sua mãe te mima demais.

— Olha só quem está criticando minha mãe... Fala o que quer.

— Chego amanhã aí no Brasil. Almoça comigo?

— Claro. Ligue falando o local. Só isso?

— É tocante seu ânimo em falar comigo. Tem novidades?

Abro os olhos me lembrando dos lances que rolou esses dias e saio debaixo do cobertor.

— Porra, Sophia! Tem uma cacetada de coisa acontecendo.

— É? O quê?

— Pode ser que eu tenha, sem querer, engravidado alguém.

— Como assim, Bernardo? A filha do Max?

— Isso.

— Cara, você não tem mais oito anos. Não sabe usar uma camisinha?

— Ah, sério? Vai me dar bronca? Logo a mulher que me jogou para adoção? — Ela parece sem reação mas emenda de imediato:

— Não tive escolha.

— É verdade, estava ocupada dando uns golpes por aí.

— Você é igualzinho seu pai, né? Só presta para me criticar.

— E você não dá motivos? E você está errada, meu pai não te critica, ele te xinga mesmo. Pra valer.

— Velho rancoroso.

— Amanhã, me mande uma mensagem que vou te encontrar e, por favor, não leve filho de ninguém não. Não estou afim de conhecer ninguém.

— Ok, Bernardo. — Ela resmunga e desliga na minha cara. Será que fui muito duro com ela?

Jogo a coberta longe e sento na cama. Droga! Isso está ficando tão clichê, Sophia me acordando.

Levanto e me arrumo às pressas, afinal, preciso resolver umas coisas pessoais, pedir umas dicas a meu pai e conversar com Francisco, acertar tudo entre a gente. Quero ainda, depois do turno no banco, fazer uma visitinha à academia. Fui semana passada, aqui a pouco a barriga cai de tão flácida.

Passo na padaria que sempre tomo café, encho a barriga e corro para o banco dos três velhos, a matriz AMB. No caminho, ligo para Johnny, dizendo que vou demorar um tiquinho. E nem me assombro quando ele diz: “Ok. Quando eu chegar lá, eu falo. Estou tomando café aqui em casa.”.

Sabe o significado de alta patente? Não precisa saber, basta conhecer o nome Bernardo Brant. Sim, esse sou eu entrando na matriz do banco AMB, onde tudo começou. O prédio foi reformado durante o tempo, está maior, mais imponente, elegante e tudo mais. Digno de um banco que tem credencial internacional.

Passo pela grandiosa recepção, de cabeça erguida enquanto muitos viram o pescoço para me olhar, sabendo exatamente quem eu sou. Eu nem olho para ninguém, mas tenho certeza que estou sendo admirado. Aceno para os três funcionários atrás do enorme balcão, cumprimento com um gesto de cabeça os dois seguranças e chego às catracas. Coloco ali meu dedo, ela destrava e eu passo rumo aos elevadores.

Meu pai e a gangue dele continua no mesmo andar de sempre, lá é a parte suprema do prédio, o camarote dos diretores, por onde veem e controlam tudo. Para chegar lá, preciso sair do elevador comum, ir a uma recepção para anunciar minha chegada, passar por um corredor onde tem dois seguranças e uma catraca de identificação biométrica ou de cartão de visitante. E só então o elevador é destravado e eu posso entrar para ir ao andar dos chefes.

Saio do elevador e entro numa área grande, com uma secretária, que por muito tempo teve a cadeira ocupada por Mariza. Hoje ela aposentou e quem está em seu lugar é a desconfiada Mercedes, que tem algo em torno de cinquenta anos. A lógica da tia Maria Luiza é secretárias da idade dela. Ela

não quer ninguém muito linda, magra e jovem desfilando por aí.

— Oi, Mercê. — Aceno para ela.

— Calma aí, rapaz.

— Vou falar com meu pai. — Não paro de andar rumo ao corredor dos escritórios. — Ele já chegou né?

— Sim. Preciso avisar?

— Não, ele já deve estar sabendo.

Mesmo assim ela avisou. Abri a porta do escritório do meu pai e ele já estava com cenho franzido, recostado na cadeira, me olhando.

— Fala, Bernardo.

— Oi pai. — Entro, fecho a porta e fico de pé, com as mãos nos bolsos olhando para ele.

— Fala.

Aproximo e me sento em sua frente.

— Estou com a cabeça cheia.

— Preocupado? — Franze o cenho.

— Com medo mesmo.

— Assuntos do banco?

— Não. Sobre er... — gaguejo, engulo seco e prossigo — meu relacionamento com Melissa.

— Hum... Nem adianta. Não vai dar pra trás agora, sabe disso né?

— Sei, sei sim. Se Liz estiver grávida... eu...

— Vai assumir. — Ele completa.

— Vou. — Afirmo com convicção.

— Então, qual o problema? Medo de compromisso?

— É. Quando soube que queria passar o resto da vida com a mamãe? Sei lá... E se eu não conseguir ficar muito tempo com Melissa?

— Bernardo, necessidade faz o sapo pular. Eu me casei por necessidade e você vai precisar fazer o mesmo, casar ou morar junto, não importa. Você conhece Melissa desde sempre, no meu caso foi diferente. Casei com sua mãe em outras circunstâncias, eu não a amava, mas, depois, com as situações e a convivência, o amor chegou.

— Não foi difícil se casar?

— Que nada. — Ele dá uma risada cruel. — Eu queria matar Rebeca e Sophia. Achava que as duas estavam de conluio. No seu caso, não há raiva nem vingança. É mais fácil.

— E essas maluquices de relacionamento sério? Ser fiel, ser responsável, não ir mais em festas e baladas.

— Para de conversa fiada. Por que não ir a balada e festas? Claro que pode. Só que, casado você não pode ir sozinho, é só levar ela. E quanto a ser responsável, nem vou falar nada. Se você tiver um filho, nem vai precisar que ninguém te ensine.

Balanço a cabeça assentindo.

— E traição? Já traiu minha mãe?

Ele semicerra os olhos para mim e faz uma carranca.

— Rebeca te mandou aqui pra sondar alguma coisa? — Ele dá um leve soco no braço da cadeira — A mulher ainda está bolada com a história da viagem que eu, Max e Enzo fizemos.

— Não. — Abano a mão para ele. — Não, pai. Espera... Que viagem?

— Não importa. O que me perguntou mesmo?

— Se já traiu a mamãe.

— Faça o que digo e não o que faço. — Ele responde e arregalo os olhos.

— Então já traiu?

— Claro que não. Eu lá tenho idade pra estar tendo caso? Me respeita.

— E os outros? Tio Enzo, Max, Matheus... Vocês estão de aliança há muitos anos. — Perguntei isso a ele, pois é uma questão que sempre pensei. Eles quatro casaram-se quase na mesma época. Meu pai foi o primeiro, depois Max, Enzo e, por último, Matheus. Estão em casamento sólido por tanto tempo e não houve nenhuma briga ou traição? É possível ainda casais ficarem tanto tempo juntos?

— Antes de mais nada, não se preocupe com Matheus. — Meu pai começa a falar, cortando meus pensamentos. — Aquele ali é como Adão, só teve Eva na vida dele. Nem sabia bater punheta e já namorava a Danielle. E

isso já deve ter uns cem anos.

Dou uma risada e ele também ri, coça a barba e fala olhando para mim, com cara de nostalgia.

— Tirando Matheus, eu e os caras não tivemos um começo bom com essas mulheres. As três fizeram a gente se arrastar por aí. Enzo quase entra em óbito quando Malu o deixou e Max pirou de vez, deu uma de Elton John e foi tocar piano pra Julia, chorou e pediu perdão. Eu tinha que ficar pelo meio, bolando planos para eles, sabe? Não há por que acabarmos com tudo que conquistamos, nossas mulheres, famílias e vidas bem estruturadas, por conta de um caso. Você vai aprender isso com o tempo.

— Você faz tudo parecer fácil.

— Porque acaba sendo fácil. Um homem não quer se casar tão cedo, mas não quer morrer sozinho. É da natureza masculina querer perpetuar o seu gene, ter herdeiros, ver sua linhagem.

— Por isso acho que é cedo para mim.

— Algum dia você teria que se foder e casar, né? Pois é, sua hora chegou, sacou? E não me faça passar vergonha, é para assumir sim. Sem falar que, entre todas as mulheres do mundo, você escolheu justamente a filha do cara mais cri cri para engravidar. Max vai me perturbar até que esse possível bebê esteja na faculdade.

— Caralho, pai! — Resmungo e rimos. Fico sério e exalo profundamente. — Pai, tenho um segredo. — Coço minha nuca e completo: — Bem desgraçado.

— Ok. Diga. Se matou alguém não vou te visitar na cadeia.

— Cara, não é isso.

— O que é? Roubou alguém?

— Não. Eu meio que sabia que ela poderia engravidar e não fiz nada.

Fico olhando as expressões faciais dele, as sobrancelhas sobem e ele torce a boca.

— Como assim?

— Eu e ela fizemos sexo com preservativo na primeira vez e eu vi quando o preservativo estourou, mas não fiz nada. Não contei para ela e apenas deixei passar.

— Você está de brincadeira, não é Bernardo? Poderia ter evitado tudo isso e preferiu se ferrar?

— Bom... Eu achei que não tinha jorrado muita coisa dentro dela e achei que não tinha problema.

Meu pai fica alguns segundos se recompondo em seguida abana a mão.

— Tudo bem. Não é hora de chorar o leite derramado. No caso, o esperma derramado. — Ele diz e dá uma risada sacana pelo trocadilho que fez. — Vamos tentar limpar isso. Não vai contar a ninguém, nem sob pena de morte, nem para sua mãe, porque ela pode, acidentalmente, contar pra Malu e aí pronto, já estará na boca do povo. Sabe que isso é motivo para qualquer mulher querer seu pinto de prêmio, né?

— Sei. Melissa vai me culpar.

— Isso. E se Max souber desses detalhes, o assunto não morre até o neto dele se casar.

— É tão grave assim?

— Pra mim não, mas Max e mulheres costumam fazer tempestade em copo de água.

Nesse instante a porta abre e tio Enzo coloca a cabeça pra dentro.

— Davi... ah! Oi, Beni.

— Oi, tio.

— Achei que estivesse no banco. — Ele supõe, com um ar intrigado — Sabe se Johnny já chegou lá?

— Provavelmente. — Olho no meu relógio.

— Ah, tá. Davi, eu e Malu estamos saindo, nós vamos à filial e depois temos uma reunião. Resolva com Max aquele assunto.

— Ok. Pode ir.

Tio Enzo bate a mão, sai e eu me levanto.

— Tudo certo? — Meu pai se levanta também e vem comigo até a porta.

— Sim. Eu passei aqui só para pedir uns conselhos, sem que a mamãe pudesse ficar pelo meio romatizando a situação.

— Fez bem. Melissa já fez algum exame ou teste?

— Não. — Meneio a cabeça e ergo os ombros — Quer dizer, não que eu saiba.

— Então fique em cima. Não deixe que ela saia pela tangente.

— Não deixarei.

— Certo. — Meu pai bate no meu ombro se despedindo, mas, antes de sair, coço a cabeça e falo:

— Sophia ligou. — Conto a ele não por fofoca, mas como uma forma de ser fiel, mostrar que ele e minha mãe são mais importantes do que Sophia.

— Ligou? Hoje?

— É.

— Jogou chorume em cima de você?

— Quer me encontrar. Ela está vindo pra cá.

— Belzebu está vindo para o Brasil? Tenha cuidado, não dê muita confiança. Sabe que não gosto nenhum pouco dessa amizade de vocês.

— Eu sei. Tomarei muito cuidado. Falou, pai, vou indo nessa.

— Ok. — Ele fala e eu saio correndo, pois já estou atrasado.

O banco que trabalho é menos sofisticado do que o banco matriz. Quer dizer, não tem tanto luxo e segurança, sem falar que o prédio é menor. Mas, não deixa de ser imponente.

Chego à empresa e nem sinal de Johnny na mesa que ele ocupa.

— Johnny não chegou ainda? — Pergunto a secretária na outra sala.

— Já. Ele está em reunião com o senhor Enzo e dona Maria Luiza.

Fodeu! Penso me divertindo por dentro. Passo direto para a sala de Franz, eu abro a porta e espio. Ele levanta os olhos e, assim que me vê, fecha a cara e volta os olhos para alguma coisa no computador.

— Almoço de brothers?

— Não.

— Qual é, Franz? Vai ficar de cara virada até quando?

— Cai fora.

— Tá parecendo criança, mano. Vamos conversar.

— Ok. — Ele olha pra mim. — Agora suma da minha frente. Não estou bom com você.

— Almoço?

— Pode ser.

— Vamos puxar ferro hoje?

— Pode ser.

Reviro os olhos e o deixo sozinho. Meu pai disse que Max faz drama, parece que Francisco aprendeu direitinho. Mas, afinal, quem não faz drama por aqui? Desde os velhos aos mais novos.

Começo a trabalhar na minha sala até às dez horas, quando a porta se abre e Johnny avisa:

— Estou de saída. Vai almoçar por aqui?

— Vou para o restaurante da esquina com Franz. Onde você estava?

— Reunião. Estou lascado. — Pela cara dele parece mesmo bem putinho.

— É? O que seu pai fez?

— Trouxe uns fulanos para acertar a viagem.

Falou em “fulanos” eu já sei de quem se trata.

— Gael estava aí?

— Ainda está. Estamos indo ao banco matriz.

— Falou, boa sorte.

— Cara, meu pai me trollou muito, viu?!

— Você vai sobreviver, Johnny. — Eu grito, mas ele não ouve. Já fechou a porta e saiu.

Trabalhei numa pilha doida até meio dia e, incrivelmente, Francisco bateu na minha porta e com cara de bunda falou:

— Vai almoçar agora ou não? Já estou indo.

Pausei o que estava fazendo, mesmo sem querer pausar, já que, quando estou pegando no tranco a coisa deslancha e fica gostoso trabalhar. Então, depois para recomeçar é ruim. Porém, tenho que ir para tentar

reestabelecer a paz. Desligo o computador, pego meu celular e carteira e saio da sala com ele.

— Johnny, voltou?

— Ainda não. — Francisco resmunga e dá passadas rápidas indo na minha frente. Que manezão. Cedo ou tarde a irmã dele teria que transar, por que não podia ser comigo?

Caminhamos calados pela calçada até o fim da movimentada rua, entramos no restaurante e escolhemos uma mesa. No mesmo momento um garçom vem para anotar os pedidos.

Francisco pede o prato que ele quer, eu peço o meu e assim que o cara se afasta, pigarreio.

— Francisco, é hora de deixar toda essa merda pra trás.

Ele me encara muito sério, se achando o justiceiro.

— Você deixaria pra trás se eu tivesse comido a Dafne?

— Mas que porra é essa? Tira minha irmã do bolo, porra.

Ele sorri debochado e com os dedos joga a porra do cabelo para trás.

— É totalmente diferente.

— Não, não é.

— É sim. Você quer minha irmã?

— O quê?

— Você quer dormir com ela? Ela quer dormir com você?

— Não. — Sem nenhuma gracinha, ele responde rápido.

— Então, cacete. No meu caso eu queria e Melissa também. Não a obriguei, ao contrário, ela e a pilantra da Geovanna que armaram um planinho para ela me pegar. Isso você não conta, não é?

Ele fica calado e depois começa a rir, sem parar. E eu apenas o observo de cara fechada.

— Não nego que é ótimo ouvir que você caiu no plano de meninas. Mas, isso não é desculpa para você ter engravidado minha irmã.

— Cara, acha que eu quis? Seu pai é o único que engravida uma mulher de propósito. — Francisco se cala e fica inerte quando eu jogo essa verdade na cara dele. — Estou todo ferrado com a possibilidade de vir dois, três ou mais bebês. Acha mesmo que eu queria isso? — Elaboro um tom bem

bravo, afinal, ele ou qualquer outro jamais sonhará que eu sabia da camisinha furada e que, teoricamente, eu fui mais ou menos um babaca como Max. Quem liga?

— Vai mesmo assumir ela?

— Lógico, velho. Ainda não amo Melissa, mas gosto dela e sinto um puta tes... — Paro imediatamente, abortando o fim da frase. Como eu posso dizer a ele que sinto tesão na irmã? Escolho pelo direito de me calar. Francisco balança a cabeça, sério.

— Escuta aqui Bernardo, você sabe que eu não vou agir sozinho, não é? Tem outro igual a mim — ele flexiona o braço e bate no bíceps — com braços iguais a esses, que está doido pra te dar uma coça. E isso vai acontecer se você pisar na bola com a Liz.

— Como se dois loirinhos de olhos azuis botassem medo. Tenho medo não, brother.

— É o que veremos.

— Ihh! Olha lá. — Aponto para a entrada do restaurante e Francisco vira para olhar. — Será que voltaram as boas? — Está entrando, lado a lado, nada mais nada menos, que Johnny e seu mais novo inimigo Gael.

— Que rolo foi esse entre eles?

— Mulher. Parece que Gael tentou se engraçar com a Michelle e o Johnny ficou sabendo. — Paro de falar quando os dois chegam perto da mesa e Johnny se senta.

— E aí? — Eu cumprimento ele e olho para o outro de pé. — E aí, Gael? Beleza?

Ele pega na minha mão e na de Francisco nos cumprimentando.

— Senta aí para almoçar com a gente. — Francisco convida e Johnny olha torto.

— É, senta aí. — Reforço o convite, ele assente e se senta.

— Johnny estava contando que vocês vão passar uma temporada em Nova Iorque.

— Pois é, cara. Meu pai enchendo o saco.

— Não quer ir? — Francisco pergunta.

— Dois meses é foda. Hoje os velhos se estranharam lá em casa,

minha mãe não está aceitando. — Ele comenta.

— Sorte a sua. — Johnny resmunga, sem olhar para Gael. — Na minha casa os dois estão a fim de me foder.

— É Nova Iorque, porra! — Esbravejo — O que deu em vocês? Como se estivesse indo para o Iraque.

Gael e Johnny se entreolham e ambos ficam calados de cara amarrada. Crianças fazendo birra.

— Consegui convencer Henrique a ir com a gente. Então a viagem não será totalmente uma bosta. — Gael provoca e Johnny recebe a indireta.

— A bosta não está na viagem em si ou na cidade. — Johnny revida e já engata: — Já pediram? — Indaga, mudando de assunto sem dar tempo de o outro revidar.

— Sim.

Ele acena chamando um garçom.

— E aí? — Johnny olha com cara de filho da puta zoador. — Vai mesmo ser papai?

Claro que antes de eu responder olho para Francisco e meço minhas palavras mentalmente antes de colocar pra fora. Não que eu tenha medo dos gêmeos idênticos tatuados. Mas, acabei de reestabelecer a velha amizade, embora minha vontade fosse dizer: “Deus, ajuda que não”. Mas digo:

— Não sei ainda.

— Bernardo engravidou a Melissa, irmã do Franz, a loirinha médica, lembra dela? — Johnny cutuca Gael e conta as novidades. Eles estão brigados, mas pra fofocar não existe inimigo.

— Claro que eu sei quem é. — Ele olha pra mim. — Vai ter casamento, Beni?

Vixi, agora ferrou. Olho para os três, Francisco de braços cruzados esperando minha resposta.

— Bom... Ainda estamos vendo. Uma coisa de cada vez.

— Eu serei padrinho. — Gael fala e Johnny arregala os olhos enciumado, e diretamente provoca:

— Nem sabe se vai ser convidado. Tsc tsc.

Depois de um almoço cheio de provocações masculinas, voltamos para a empresa, Johnny ficou um pouco mais calmo e conseguimos terminar o expediente em paz.

Sai, fui a uma floricultura, comprei flores e me dirigi a casa de Max. Quero fazer uma surpresinha, meu primeiro dia como namorado oficial, vou deixar Max e Julia orgulhosos do novo genro. Assim que o carro parou, dei uma checada no visual, tirei a gravata apenas e mantive o terno para dar um ar mais sério. Desci com o buquê de flores, toquei o interfone e anunciei minha chegada. Quem abriu a porta para mim foi a avó de Melissa, mãe de Max.

— Olá, dona Magda.

— Oi, Bernardo. Entre, estão todos na sala. — Entrei sorridente e parei quando vi a cena: Max muito nervoso de pé, Melissa sentada num sofá com Julia ao seu lado e Geovanna entregando a ela um copo de água. E todos olharam para mim, quando, chorosa, Melissa murmurou:

— Estou grávida. — E eu deixei as flores cair da mão. Adeus pernas, batimentos cardíacos e respiração.

VINTE E QUATRO

Bônus - Geovanna

Domingo

Sabia, na hora que acordei, que algo iria acontecer. Estava com um pressentimento e foi dito e certo. Beni me mandou uma mensagem falando que estava tendo confusão na casa de Liz, então corri para lá e de quebra levei meus pais junto comigo. Na verdade, eles estavam numa boa tomando café e quando eu contei que tinha guerra lá, os dois levantaram de prontidão e saíram correndo comigo.

E a briga foi mais do que eu esperava, na verdade, foi um belo circo armado pelo meu querido primo que tem titica na cabeça. Ainda não consegui entender por que ele jogou toda merda no ventilador.

Consegui consolar Liz, ela estava péssima, indignada e envergonhada, querendo ficar sozinha. Na verdade, a família dela precisava de um tempo sozinhos. Depois de tudo resolvido, voltamos e eu me joguei no sofá da sala, quase em sincrônica com meus pais.

— Amor, compra comida. Estou com preguiça de fazer. — Minha mãe está sentada, ao lado do meu pai no outro sofá e faz uma cara de coitadinha para ele.

— Pega o telefone e liga, ué. Estou com preguiça de ir buscar.

— Pega o seu celular aí. — Ela pede. Ele olha e vê o celular na mesinha, mais perto dele do que dela.

— Ah, Malu! Pega aí, amor.

— Enzo, é só esticar a mão! — Ele bufa revoltado, inclina-se para frente, pega o celular e entrega a ela.

— Nossa! Vocês têm uma idade avançada, mas estão pior que defunto. É problema no ciático? — Critico e eles se entreolham. Quando

fazem isso, sei que estão de acordo um com o outro. Os olhares combinando, formando um time para me repreender.

— Idade avançada...? Arff! Olha pra cara dessa atrevida, Enzo.

— Esses filhos de hoje não respeitam mais pai e mãe não, Malu. Não sei onde erramos.

— E lá vem o drama. — Murmuro.

— Na minha época, se eu criticasse meu pai, ele...

— Ele não fazia nada, né mãe? Vô Jonas sempre passou a mão na sua cabeça.

Ela fica sem fala e meu pai reage:

— Estamos cansados, pois trabalhamos a semana toda, Giovanna. Não temos uma agenda razoável de uma bailarina. — O discurso do meu pai me faz querer rir, mas me contenho.

— É, seu pai tem razão. — Ela digita no celular e coloca no ouvido. O que mais tem na agenda do celular do meu pai é número de pizzeria e restaurantes.

— Quero bisteca. — Ele se adianta. — Pede também molho.

— Não, vou pedir frango para todo mundo.

— Pelo amor de Deus, Malu. — Ele se revolta.

— Enzo! Você quer morrer, é?

— Se for pra morrer que seja com o bucho cheio de bisteca, molho e cerveja.

— Peça frango grelhado para mim. — Eu falo, com os olhos ainda no celular, esperando uma mensagem. — Arroz branco e salada. Tenho que manter o peso para a próxima apresentação. — Minha mãe começa a fazer o pedido e meu pai fala pertinho dela:

— Bisteca, amor! Prometo te recompensar depois. — Ela o encara, meu pai sorri se fazendo de sedutor e dá uma piscadinha. Ela revira os olhos e acaba pedindo o que ele quer.

— Onde vocês estavam? — Olhamos para trás e Johnny nos observa, cara toda amassada, só de short e com os cabelos nas alturas.

— Você já sabia dessa porra toda, do Bernardo pegando a filha do Max? — Papai indaga e Johnny desperta no mesmo instante, arregalando os

olhos.

— Caralho! Veio à tona? Como?

— Bernardo jogou tudo na cara do Max com intenção de não sei o que. — Eu digo olhando as mensagens no meu celular. — Teve até socos, os gêmeos e Max partiram para a agressão.

— Cara, que bosta. — Johnny se mostra indignado — Como eu perdi isso! Beni ficou muito machucado?

— Ficou nada. — Minha mãe torce os lábios com desdém e se levanta. — Teve plano e tudo mais, e você sabia, não é?

— Sim, eu sabia. Por isso teria que estar perto quando isso tudo acontecesse. Alguém aí filmou?

— Lógico que não, né Johnny. Chegamos lá e o barraco já tinha acontecido.

— Já tomou um cafezinho, bebê? — Minha mãe penteia os cabelos de Johnny, passando a mão.

— Não. Eu acordei e não tinha ninguém em casa. — Os dois seguem para a cozinha e meu pai olha pra mim.

— Dobrou direitinho Bernardo, não é? Você que planejou tudo mesmo?

Dou um sorriso orgulhoso e jogo meus cabelos de lado.

— Quem é a Brant inteligente da história?

Ele semicerra os olhos para mim e assente devagar.

— Só espero que não use essa inteligência para enrolar eu e sua mãe. — Se levanta e eu fico abismada. Como assim gente?

— Oi?

— Se tiver de namorico me conte de uma vez Geovanna. Não aceito mentiras. Quer namorar, então que seja debaixo do meu nariz.

— Pai, o século quinze já se foi! — Protesto.

— Dane-se o século que estamos. Sou seu pai nesse ou em outro século.

— Mas não é meu dono. Que coisa! — Ele nem fala mais nada e vai para a cozinha. Eu reviro os olhos e volto a atenção para o celular.

“O encontro está de pé?
Estou louco para te pegar.”

“Está sim de pé.
Vamos ver quem pega quem.
Gostoso!”

Digito rindo e recebo como resposta uma foto. Amo fotos, ele me manda cada uma melhor que a outra. Abro a foto e me deparo com um tanquinho lindo, meio molhado.

“Onde você está?”

“Na porta da minha casa lavando o carro.”

“Ah! Queria ver essa cena. Mas vou me contentar em esperar hoje à noite.”

Termino de conversar, me despeço, pego minha bolsa e subo para meu quarto, já louca para escolher a roupa de hoje à noite. Meu pai quer saber se estou ficando com alguém, ele que espere. Liz dizia que era a melhor coisa ficar se encontrando as escondidas, e é a pura verdade. Comigo está tudo bem, não sou tão tola como ela e Bernardo. Não vou me engravidar, sei me cuidar muito bem.

Já completamente assanhada, me tranco em meu quarto e vou escolher minha lingerie mais novinha.

Claro que não deram certo os meus planos. Liz ligou sofreda, pedindo apoio e não podia negar isso a ela. Estava entre a cruz e a espada. Ah! E que espada. Eu me lembro disso e decido que não posso desfazer o

meu encontro. E, ainda bem, consegui ajeitar minha agenda noturna.

Desci as escadas e minha mãe estava sentada com meu pai assistindo televisão e Johnny com o notebook no colo, no outro sofá. Comuniquei aos presentes que ia com Liz em uma pizzaria, que ela estava muito mal e precisava do apoio meu e de Sarah. Minha mãe aprovou de imediato.

— Vai, filha. Eu sei quando eu sofria por causa de certas pessoas e Julia e Dani me amparavam.

— Sofria tanto que acabou se casando com a tal pessoa. — Meu pai rebate e minha mãe até ri.

Mas como eu tenho um espião dentro de casa, à noite que era para ser das meninas acabou se tornando numa confraternização.

Johnny contou para Beni que eu estava saindo com Melissa e os dois apareceram lá, de cara lambida. Eu achei que seria um desastre, mas fiquei chocada com a pouca vergonha de Bernardo.

Mel prestes a ir parar no manicômio com medo de estar grávida e ele lá, só querendo saber da parte dele, sem aceitar que ela estava com raiva. Se fosse comigo ele ia ver. Fez o que fez, cagou geral, jogou toda merda para os lados, e agora fica de marcação cerrada em cima dela. Eu queria chamar Melissa e dizer: “Miga, menos! Sei que ele é lindo, que você gosta do boy, mas dá um gelo de dois dias pelo menos.”

Mas ele a puxou primeiro, a levou para o cantinho e ela voltou sorrindo. Todo mundo sabe o que um cara faz no cantinho. Tive vontade de dar na cara dela, mas aceitei as pazes dos dois e joguei o foco para meu irmão que estava indignado por estar indo para Nova York. Sério, não compreendo mesmo esse povo. Quem em sã consciência faz birra para não passar uma temporada, com tudo pago, em Nova York?

Fiquei com vontade de dar na cara de Johnny também. Minha mãe mima ele demais.

Quando ele e Bernardo terminaram de devorar toda aquela pizza, eu apressei e fiz todo mundo levantar para ir embora.

Bernardo se prontificou a levar Liz em casa e eu nem contestei. Se não fosse meu encontro, eu não deixaria. Mas, se ela não consegue dar um gelo nele, eu daria por ela. Entrei no carro com Sarah, deixei ela no local onde ia encontrar o Freddy e me dirigi ao prédio onde marquei o encontro

com meu delegado.

Quando bati na porta e ela se abriu, dei um sorriso largo, fiz uma pose provocante e cantarolei:

— Oi, delegado! — Passo a mão no meu pescoço, descendo para meu decote e sussurro: — Tenho uma denúncia para fazer. Pode tomar meu depoimento?

Ele está só de calça, muito gostoso, me olhando selvagememente, o corpo bem esculpido, as tatuagens muito excitantes. E essa barba... Minha Deusa! Sou louca por essa barba passando na minha boca, nas minhas pernas, nos meus seios.

— Acho que você não é vítima, está com cara de culpada. — Ele provoca, os olhos verdes com um brilho devasso.

— Ah é? Vai me punir... doutor?

Ele ri e me puxa, me fazendo cair em seus braços, e me beijando, ele bate a porta com um chute.

— Gosto que me chame de delegado. — Ele segura meu queixo, murmura e volta a abocanhar minha boca. Fico sem fôlego, de pernas bambas. Minhas unhas se arrastam em seus ombros e isso o faz se afastar para sorrir.

— Também. Prefiro delegado do que executivo.

— Não gosta que eu seja um executivo financeiro?

— Eu gosto de você sendo qualquer coisa. — Digo e me afasto dos braços dele e olho em volta.

— Sozinho?

— É, meu irmão tem compromisso, vai dormir fora, então podemos ficar a vontade. — Ele fica me olhando, com um volume enorme nas calças enquanto eu me sento e tiro os sapatos.

— E minha irmã, ainda está mal? — Ele me pergunta e eu miro os seus olhos verdes. Quando ele joga os cabelos para cima, fico aflita de excitação.

— Liz está bem. Nossa, Franz, estou me sentindo mal de estar enganando ela.

— Não estamos enganando. Melissa não tem que se envolver na minha vida. Só estamos fazendo o que ela e Bernardo fizeram.

— Ah tá! Mas você pode se envolver na vida dela. Olha o machismo ou eu vou embora.

— Não, Anna! Eu me expressei.

— Você agrediu o Beni. — Eu falo e me levanto com os braços cruzados, encarando-o. — Por quê? Não entendi.

— Não? — Francisco faz um tom bem grave na voz — Ele engravidou minha irmã.

— E se você engravidar a irmã do Johnny, ele pode te bater?

— Ah! Vamos deixar essa conversa para lá. — Ele me abraça e eu deixo.

— Será que teremos outro circo quando todo mundo descobrir que você está pegando a filhinha do Enzo?

— Seu pai vai querer bater no meu. Queria ver isso. — Ele ironiza e eu rio.

— E meu pai ganha. — Provoco. — Ele faz crossfit.

— Ah é? O meu pai faz pilates.

Rimos mais, dou um beijinho nele e digo:

— Temos alguma coisa para beber?

— Sim. Mas o que acha de irmos ali rapidinho na cama?

Rio balançando a cabeça, o empurro e caminho para a cozinha.

— Melissa acreditou na gravação de áudio que mandou. Eu me sinto uma piranha enganando minha amiga.

— Que nada. Ela caiu mesmo? Consegui fazer uma voz boa?

— Muito estranha. — Olho e vejo que Francisco está tirando a calça, parado, distante de mim, se despindo e me olhando. Uau! Que corpo!

— O que está fazendo?

— Estou me preparando para correr atrás de você. Estou num fogo.

— Merda! — Grito e corro em direção ao quarto. Em duas passadas ele me alcança e, no impulso, bato contra a parede e ele me espreme. Em um estalo já estou abraçando-o com as pernas e braços.

Quando eu e ele ficamos pela primeira vez? Acho que foi no aniversário de Beni, uns dois ou três meses atrás. Eu nunca tinha visto Franz

como um cara para ir para a cama, até que naquela noite eu fui embora com Liz e dormi lá na casa deles. Todo mundo já tinha ido deitar, eu fui à cozinha e acabamos nos encontrando, e não sei como explodiu, mas nos pegamos e eu transei com ele ali, na casa dos seus pais, no escritório do pai dele.

Depois disso, nos encontramos umas vezes as escondidas e demos um tempo, até eu me interessar por Tony, o delegado, e não sei como Francisco ficou sabendo. Nunca o vi daquele jeito, foi me encontrar em um ensaio no teatro e falou:

— Está saindo com alguém?

— E daí? O que tem a ver com isso?

— Achei que tínhamos algo. — Ele rosnou, revoltado.

— É, eu também achei, mas você se afastou.

— Não vai se encontrar com esse cara, quem quer que seja.

— Vou sim. Claro que vou. O que vai fazer?

— Ah é? — Deu uma risada maliciosa e pouco tempo depois estávamos transando violentamente no meu pequeno camarim. Não nos separamos desde então e isso virou uma bola de neve. Enganamos todos e preciso contar para Liz, apenas como uma confidência de amiga. Vou só esperar ela passar por esse problema com Bernardo. Enquanto isso, eu vou fingindo para Deus e o mundo que estou saindo com o delegado sexy, quando na verdade, estou namorando escondido um dos gêmeos, o mais sério, todavia, do tipo que na cama é uma máquina.

E eu adoro muito isso.

VINTE E CINCO



Olho para Beni, paralisado na porta, que não sabe se sai correndo ou se vem para perto do sofá onde estou.

Hoje mais cedo, eu cheguei do hospital e após ter tido uma conversa com minhas colegas lá, eu entrei no quarto, praticamente no automático. Acho que minha mãe percebeu meu estado e correu atrás de mim. Abri uma embalagem de teste de gravidez, fiz como pedia nas instruções da caixinha e fiquei lá, com o bastãozinho branco, olhando. Minha mãe ficou de pé no batente da porta e eu queria que ela ficasse ali.

E para meu temor, apareceu o sinal de positivo e a quantidade de semanas de gravidez. Quatro semanas, como eu imaginava. Eu já tinha pensado que não iria chorar, que não iria gritar e não fazer nada. Mas quando vi o sinal de positivo, só consegui dizer: — Mãe, está acontecendo. Ai Meu Deus! Deixa eu ficar dois minutos sozinha.

— Claro, querida. — Ela me abraçou, encostou a porta e saiu. E eu chorei, desesperada de medo, pois a partir de agora minha vida estava mudando completamente. Beni querendo ou não, essa criança vai nascer e todas as possibilidades seguintes me deixam apavorada. Sei que meus pais vão me apoiar se Bernardo não quiser nada com o bebê, e tenho medo de não ser a mãe perfeita que minha mãe foi para mim e meus irmãos.

Liguei para Anna, pedi que ela viesse aqui e, assim que ela chegou, eu descii. Meu pai já sabia, ele estava inquieto, falando bravo e minha mãe nervosa querendo que ele se controlasse. Quando descii com Anna, eles se calaram mediantemente e me sentei no sofá. Não demorou muito e Beni entrou

como um sorriso na cara.

E, ele fez o que eu não esperava, ficou sério e caminhou rápido até onde eu estava. Não parecia o Beni garotão e sim um cara responsável que está pra fazer trinta anos. Ele se sentou no sofá ao meu lado e me puxou para seus braços, eu o abracei e suspirei ao sentir o seu calor, o seu cheiro. Bernardo nunca deixa a desejar nesse quesito, ele gosta de andar por aí com suas belas roupas e sempre bem cheiroso.

— Vai ter que casar! — Papai grita, mas nem olho para ele. Continuo com o rosto no peito de Bernardo.

— Max. — Minha mãe fala calmamente. — Esse não é o momento.

— Julia, ele tem que assumir sim a responsabilidade! Eu não vou aceitar minha filha ser mãe solteira por aí. Que coisa! Está ouvindo, Bernardo?

— Sim, Max. Estou ouvindo. Ela não será mãe solteira, eu estou vivo e sadio. Não está vendo?

— É bom mesmo. Estarei de olho em você, rapaz. — Não vejo meu pai, pois estou de olhos fechados, mas o tom de voz já está mais brando mostrando que começou a acalmar.

— Estamos bem, Liz. — Beni sopra no alto da minha cabeça. — Tudo vai dar certo. — No mesmo instante levanto meus olhos para encará-lo.

— Estamos?

— Sim. — Tira os cabelos dos meus olhos. — Claro que estamos. Sei que será uma grande responsabilidade, mas olha só: seus pais conseguiram, meus pais conseguiram. Todo mundo consegue. Vamos ficar bem também, só estamos passando de fase no videogame.

— É mais que um videogame, Beni.

— É, eu sei. Foi uma analogia. Estamos rumo a uma fase hard.

— A analogia do videogame é ótima. — Papai analisa. — Eu usava muito, né amor? Quando os três começavam a chorar e cagar ao mesmo tempo. Eu te desejo três também, Bernardo, para aprender! — Rimos do meu pai e volto a abraçar Beni.

— Max e Anna, venham comigo a cozinha. — Minha mãe chama. — Vamos preparar alguma coisa para comermos.

— Verdade. — Anna se levanta do meu lado e eu sinto quando eles

saem da sala.

Bernardo e eu ficamos por alguns minutos abraçados, calados, ele passando a mão de leve nas minhas costas, mas depois me afastei e o fitei.

— Por favor, quero que seja muito sincero. Sei lá, jure por sua mãe, por Deus, que vai me responder com sinceridade.

— Responder o quê?

— Vou te fazer uma única pergunta e quero toda sinceridade que o momento pede. Por favor, Beni. — Posso ver a olho nu o rosto dele perdendo a cor, os olhos vão ficando maiores e a cara de medo é nítida. — Bernardo, Você tem que me responder antes de darmos qualquer passo. Prometa.

Ele assente devagar, receoso.

— Tá. Eu juro que te respondo com sinceridade. O que é?

— Ok. Quero saber se está sendo forçado. — Outra coisa que posso ver a olho nu é o alívio dele. Será que ele achava que era outra pergunta? Que outra pergunta seria essa?

— Forçado a quê?

— A estar aqui, a ficar comigo e a assumir essa gravidez.

— Acha que seu pai está me forçando?

— O conjunto completo, Beni. A seriedade do assunto, a amizade de nossas famílias, tudo pode estar interferindo, te forçando a tomar uma atitude. Não está comigo aqui nesse momento por vontade própria, não é? — Pergunto e uma lágrima já desce do meu olho.

— Ei! Para de pensar merda. Claro que estou aqui porque quero. Acha que se eu não quisesse você eu tinha feito aquilo tudo ontem de manhã, contando para seu pai e seus irmãos que transamos e que você poderia estar grávida? Fiz aquilo para você não escapar de mim facilmente. — Dou um sorriso que vem do fundo do meu peito, até choro. — Mas não é ainda paixão daquelas, tipo “tomei no cu”. Vamos conviver a partir de agora, Liz. — Eu o abraço bem forte, com o coração saltando mais que ginasta olímpica.

— Então ainda somos namorados? — Indago com estrelas nos olhos.

— Não deixei de ser desde ontem que seu pai me obrigou.

— Beni! — Afasto e dou um tapa nele. — Você acabou de dizer...

— Ah! Que se foda essa ladainha, Melissa. Vem cá. — Ele me deu um puxão e já cai com a boca na dele. Solto um alívio em forma de suspiro enquanto beijo avidamente sua boca, matando a saudade. Quer dizer, nos beijamos ontem à noite quando ele me deixou aqui em casa, mas agora o alívio é maior. Agora posso beijá-lo, o quanto quiser, sabendo que é meu namorado.

— Vamos lá para casa agora? — Ele sussurra com nossas bocas bem perto.

— Eu...

— Vamos, Liz, durma lá comigo.

— Não vai me acertar o olho de novo?

— Prometo que não. — Dá um sorriso modesto, lindo de morrer. — Juro.

— Ok. Vou pegar algumas coisas. — Nem precisou muito para ele me convencer. Dou mais um beijo nele, pulo do sofá e vou correndo subir as escadas. Paro e olho para trás, vendo Bernardo de pé olhar as calças e tentar consertar o evidente volume. E rio do jeito que ele caminha, com as pernas juntas, em direção à cozinha. Pouco depois, enquanto pego minhas coisas para ir trabalhar amanhã cedo, a porta se abre e Anna entra.

— E aí? Pazes feita? — Ela questiona e se senta na banquetta.

— Sim, estamos namorando.

— Nem parece que estava ainda a pouco morta de medo por causa da gravidez. — Diz e dou de ombros me sentando na cama.

— Eu ficaria bem mais triste aqui sozinha.

— E verdade. Nesse momento, é bom vocês dois encararem isso juntos. — Eu assinto e Anna indaga: — Tem medo de ser mais de um bebê?

— Ai Anna! Não quero nem pensar nisso. Ainda preciso digerir que estou grávida. Meu Deus! Parece que foi ontem que eu tinha quinze anos e meus irmãos estavam batendo no meu acompanhante da festa de debutante.

— Ai, eu lembro! — Anna grita dando uma gargalhada e batendo palmas. — Aquela festa foi magnífica. Foi a primeira vez que bebi vodka.

— Eu também. — Dou uma risada relembrando.

— Foi a Sarah, aquela bandida, que roubou da barraquinha de coquetel alcoólico.

Foi nessa festa que beijei o Diogo da oitava série, lembra Anna?

— Sim, lembro. Diogo era até bonitinho. Foi seu primeiro beijo, né?

— Foi. Não achei muito bom, ele era muito alto e eu estava com medo de alguém me ver.

— Dê graças a Deus, amiga. Você era feia, usava óculos de grau e tinha uma cabeleira esquisita.

— Ah tá. Obrigada senhorita Sempre-Foi-A-Popular. — Anna dá uma gargalhada, balançando o rabo-de-cavalo. Ela sempre foi a popular da escola, com sua beleza ruiva e sua alta capacidade de fazer amigos. Eu era a irmã mais nova dos gêmeos, sendo que somos da mesma idade. Eu e eles dois sempre fomos da mesma turma do maternal ao ensino médio e sempre eu era rotulada como a irmã mais nova dos gêmeos.

— Seus irmãos ainda não sabem sobre a gravidez?

— Não. Somos tão unidos e sinto mal de já não contar logo. — Levanto e pego meu celular.

— O que vai fazer?

— Vou ligar para eles dois virem aqui. Preciso contar hoje, quero que eles saibam por mim e Beni. — Anna fica calada, passando a mão no rabo-de-cavalo, e num instante Francisco atende minha ligação.

— Mel.

— Oi Franz, o Freddy está aí com você?

— Está, vou passar para ele.

— Não! Espera. Eu tenho algo muito importante para contar. Vocês podem vir aqui em casa?

— Agora?

— Agora. Eu e Beni estamos esperando.

— Bernardo? O que ele está aprontando aí em casa? E esperando para o quê?

— Apenas venha, Franz. Agora. Beijos. — Desligo e olho para Anna. — Vou agora, pegar uma roupinha para dormir hoje com Beni.

— É querida, aproveita e pega alguma coisa bem sexy. Daqui a pouco não vai poder mais vestir.

— Para de me lembrar. — Grito com a cabeça dentro do meu

armário.

— O que acha dessa? — Exibo uma calcinha de renda lilás na frente da minha calça jeans.

— Hum... não tem preta, Liz? Ou vermelha.

— Não é lua de mel, Geovanna. Eu preciso fazer parecer que vivo com calcinhas lindas, casualmente.

— Eu faço isso. — Ela dobra as pernas de modo sensual.

— Ah! Por causa do delegado, né? Você nunca sabe quando vai se encontrar com ele.

— Pois é, o delegado gosta de uma calcinha pequenina.

— Safado. Quero conhecer ele logo. — Termino de escolher e levo para a cama, junto com as outras coisas que vou levar.

— Quem diria que a irmãzinha dos gêmeos se comprometeria primeiro que eles? — Sento na cama e fico com olhar vago. Anna me olha com desdém.

— Eu já sabia.

— O quê?

— Homens, Liz. Eles sempre se comprometem mais tarde que nós mulheres.

— É verdade. Mas o Freddy está enroscado com a Sarah e a vida boa do Franz vai acabar em breve.

— Por quê? — Anna indaga indiferente, indo para o espelho. Olha minhas maquiagens e pega um batom.

— Ah, menina! Nem te conto. Ontem o dia foi tão desesperado que até esqueci.

— É? O que? — Ela me olha do espelho e corro para perto de Anna.

— A Kelly está voltando ao Brasil e ligou para minha mãe sábado à noite para avisar.

— Kelly? Quem diabos é Kelly?

— Sabe a Nina, minha prima, filha do tio Willian?

— Sim, sei. — Anna passa o batom com muita elegância, mantendo os lábios imóveis.

— Kelly é prima de Nina e ela sempre foi apaixonada pelo Franz. Já estão trocando até ligações. — Anna se sobressalta, vira de olhos arregalados para mim e risca a bochecha de batom. Está mais branca que papel.

— Quem... que... O quê? — Fico intrigada com a reação dela. Pego lenços umedecidos e a entrego para limpar o risco com batom.

— Eles tiveram um caso, dois anos atrás. — Digo e me viro para arrumar minha bolsa. — Mamãe adora Kelly e já está fazendo planos com tia Nicole para vir com Kelly aqui em casa, chamar o Franz e juntar os dois. — Fecho a bolsa e me viro olhando para Anna, que ainda está parada me olhando com o risco de batom na cara e o lenço umedecido no chão.

— Geovanna!

Ela balança o cabelo e sorri.

— Desculpa. Acho que me empolguei com a história. Daria um belo romance.

— Não é? Ela daria certinho para meu irmão. É toda educada, refinada, parece que vive numa eterna Paris.

— Nossa, que tédio ela. Coitado do seu irmão, vai ter dia e hora para transar.

— Francisco é mais quieto, no canto dele, é mais recatado, sabe? Ele não liga para essas coisas.

— É. Deu para perceber, ele é bem recatado. — Anna concorda limpando o rosto — E então, me conte mais. Eles estão mesmo conversando por celular?

— Sim. Mamãe falou com Francisco e ele disse que já sabia, porque ela tinha ligado para ele.

— E por que terminaram?

— Ela precisou viajar, veio aos prantos aqui se despedir, foi algo difícil para ela. Vamos descer?

Descemos, deixo a bolsa no sofá e vou para a cozinha. Pelo cenário, acho que está rolando uma inquisição contra Bernardo. Ele está sentado, meu pai de pé do outro lado de braços cruzados e olhos cravados nele e minha mãe sentada a mesa, também séria. Beni fala sobre estar bem feliz na empresa e aí meu pai fala:

— Já imaginou se forem três? Você acha que seu salário vai dá?

— Sim, eu acho.

— Você não tem noção do tanto que gastamos em fraudas. — Meu pai atíça e levanta os olhos para mim.

— Pai, mãe, vou passar essa noite com o Beni. Precisamos ficar sozinhos por um tempo, conversar, colocar as ideias no lugar.

— Melhor não.

— Pode ir.

Os dois respondem ao mesmo tempo, dando respostas diferentes.

— Acho bom mesmo filha. — Minha mãe fala ignorando o papai. — Vocês dois precisam sentar juntos e decidir a vida.

Pouco depois, Franz e Freddy chegaram e ficaram olhando para todo mundo, intrigados, curiosos, e coube a mim contar a novidade. Claro que não foi gritando: “Surpresa! Estou grávida”, porque não está sendo algo planejado uma vitória na minha vida. Foi acidental e, por isso, eu dei a notícia assim: “Eu fiz o teste e eu e Beni vamos ter um bebê”.

— Ou dois ou três. — Bernardo completou.

— Mas você é um babacão, hein cara? — Freddy se impôs revoltado.

— Eu já te contei uma historinha sobre o que vai acontecer se pisar na bola com minha irmã, não é? — Agora é a vez de Francisco. Bernardo revira os olhos e passa o braço no meu ombro.

— Não sabia que namoraria Liz e teria que namorar dois marmanjos de brinde. Cuide da vida de vocês.

— Ainda acha que pode ser petulante.

— Estou no meu direito, né? — Bernardo rebate. — Eu vou ser o pai aqui, então tomem um chá de cala a boca e me deixem conduzir as coisas.

— Mas poderia ter evitado. — Papai entra na pilha dos meus irmãos. — Já sabe o significado de evitar?

— Desculpe aí Liz, mas esse cara parece um virjão que nunca transou e quando faz sexo não sabe das pequenas regrinhas.

— Vocês, parem que está feio. — Mamãe se intromete. Ela fala com meus irmãos que uma gravidez pode acontecer assim, acidental e começa a dar vários exemplos. Eu ergo os olhos e miro Anna que está muito suspeita,

calada, de cara muito fechada, olhando para cara de Francisco, que troca um olhar com ela. Vi que ele pareceu surpreso com a expressão de Geovanna e ficou intrigado observando-a enquanto ela apenas o fitava com um olhar matador. Será que ela está comprando briga do Beni e ficando do lado do primo?

Depois de um bate-boca conjunto, em que todos davam opiniões, tive que esperar Beni discutir mais um pouco com Freddy. Francisco preferiu ficar calado, de cara amuada.

— Também já estou indo. — Anna resmungou. — Beijo para vocês.

— Quer carona, Anna? — Francisco oferece e ela vira para encará-lo.

— Não. Obrigada, Franz. Eu vim no carro da mamãe.

— Está cedo, Anna. — Mamãe fala indo atrás dela. Freddy fica conversando com meu pai e Francisco nos acompanha para fora da cozinha. Pego minha bolsa no sofá e Geovanna encara minha mãe.

— Tenho que resolver uns assuntos. — Murmura como se fosse segredo — Briguei com uma pessoa e vamos terminar tudo hoje. — Mamãe coloca a mão no peito. Uma fofoca para ela debater com Malu, daqui a pouco vai correr para o telefone. Ficou sem entender Geovanna, pois ela não me falou nada de terminar e agora vem com essa.

— Brigou é? — Francisco repete como um papagaio.

— Sem mais detalhes pessoal. — Ela sorri. — Liz, me ligue depois.

— Tá.

— Menos depois do almoço, sabe que tenho minha soneca sagrada.

— É, eu sei.

Ela se despede e vai para a porta.

— Vixi! Acho que eu e Freddy paramos o carro atrás do seu, Anna. — Francisco fala, preocupado. — Mas vou tirar. — Ele sai correndo na frente dela, assim que os dois vão, me viro para minha mãe.

— Mãe, vovô e vovó brigaram quando você engravidou?

— E como brigaram. Eles não gostavam nem um pouco do seu pai. Quer dizer, você é testemunha até hoje como seu avô troca farpas com Max. — Caminhamos em direção a porta e ela continua falando — Por isso que vocês não devem se importar muito com o que Max fala. Ele só está chateado

achando que vai perder a garotinha dele.

— Eu o compreendo.

— Agora, vocês dois. — Ela olha para Beni ao meu lado. — Devem se portar como adultos que são. Acabou a brincadeira. Vão e pensem no assunto.

— Obrigada, mãe. — Digo e ela me abraça.

— Depois vocês dois juntos vão contar para Rebeca e Davi. — Ela aconselha.

— É, vamos sim. — Bernardo concorda, nos despedimos e saímos. Lá fora, Anna acaba de entrar no carro e arranca indo embora, deixando Francisco parado, passando as mãos nos cabelos.

— Até amanhã, Franz. — Beni bate a mão para ele.

— Que seja. — Resmunga e vai para dentro de casa.

Chegamos ao apartamento de Bernardo, eu deixo minha bolsa no sofá e fico de pé, um pouco travada, sem graça. Agora as coisas ficam um pouco diferente, de uma forma que não sei explicar. Perdemos aquela coisa de romance quente escondido. Ele me olha e sorri, eu retribuo o seu sorriso com os braços cruzados em volta do meu corpo.

— E aí? — Ele fala.

— E aí? — Respondo.

Bernardo segura na barra da camiseta dele, puxa para cima e atira no sofá. Em seguida flexiona os braços mostrando os bíceps saltados.

— Gostou?

— O que está fazendo?

— Te seduzindo já que está aí sem nada para dizer.

Reviro os olhos, abaixo os ombros e passo por ele, indo me sentar no sofá.

— Bernardo, temos que conversar. — Faço um ar desanimado.

— Podemos transar e depois conversar.

— Não vim aqui para transar. — Minto, pois na verdade tive essa intenção sim.

— Como não? Nós vamos passar a noite juntos, Melissa. Somos namorados, e namorados transam quando um vai para a casa do outro. — Ele alega gesticulando os braços

— Beni, temos um assunto do tamanho de um elefante, vamos tentar tirar essa história a limpo. Estou aflita, estou grávida e aflita. Será que não entende?

— Tá bom. — Ele joga as mãos para cima e senta ao meu lado, sem camisa.

— O que quer falar?

— Não vai vestir a camisa? — Indago olhando o mamilo e o tórax trincado dele.

— Não. Aliás... — Ele ergue um dedo para eu esperar. Arranca os sapatos, desabotoa a calça e joga no outro sofá junto com a camiseta. Só de cueca boxe, ele se senta de novo ao meu lado. — Costumo ficar a vontade na minha casa. Por que você não tira a sua também?

— Não vou tirar nada. A gente tem que debater.

— Debater o quê? Já está grávida, não tem mais como voltar atrás.

— Como será nossa vida, Bernardo?

— Do jeito que Deus quiser. Sabe que eu até gosto da ideia de vir gêmeos? Dois meninos, mas não tão antipáticos como seus irmãos.

— Pode ser duas meninas.

— Creindeuspain. — Ele se benze. — Outras Sophia e Rebeca na minha vida?

— E vai fazer o que se forem duas meninas? — Questiono e dou dois tapas nele.

— O importante é que tenha saúde, né? — Reviro os olhos para o sorriso amarelo de Beni. — Mas vou pedir a Deus, todos os dias, que sejam dois meninos.

— Nossa, você deveria levar a medalha de melhor pai do ano.

— De pai não sei. — Ele vem para cima de mim, vai me empurrando

até cair em cima do meu corpo no sofá. — Mas de bom de cama eu deveria, sim, ganhar. — Diz e me beija de corpo todo, me abraçando, envolvendo minha boca com a sua, a língua fazendo meu corpo se arrepiar todo e acender de forma brusca e ainda por cima se esfregando em mim. Beijar um homem e sentir o pênis dele crescer na cueca é uma coisa muito boa. Sinto um tesão incontrolável. Abraço-o de volta, passando a mão no seu corpo, bem lentamente, mapeando e memorizando cada detalhe, os braços fortes, o torso viril, a bunda dura e coxas musculosas. Beni é todo em forma, não tenho o que reclamar.

Ofegante, afasto e ainda tento ser sensata.

— Os pais não escolhem sexo de filhos, Bernardo.

— Na verdade, escolhe sim. Minha mãe queria uma menina e ela estava com medo de tentar e vir outro menino, aí uma médica fez umas paradas lá e ela ganhou a Dafne, ou seja...

— Ah! Que se dane. — Eu resmungo e puxo ele pelos cabelos para me beijar novamente. Bernardo ri enquanto me beija, e fico com mais fogo ainda. E dessa vez, fizemos sexo despreocupados, sem precisar correr com medo de alguém chegar, sem precisar se preocupar com nada. Não foi só um comendo o outro, senti que foi mais que isso. Senti uma ligação maior agora que temos uma ligação que provavelmente nos unirá para a vida toda.

É muito agradável, principalmente para os olhos, quando ele coloca uma perna minha em seu ombro e fica meio sentado, avançando pra dentro e pra fora, com seu pau fazendo loucuras torturantes dentro de mim. É um prazer duplo, olhar para ele, o corpo, o rosto bem expressivo cheio de excitação, e senti-lo entrar e sair.

Rolamos do sofá, caímos no chão da sala, e ele me colocou por cima. Apertei minhas mãos em seu peito e deslizei para baixo sentindo-o me preencher deliciosamente. Foi até o fundo, voltou e entrou novamente, nossos olhos grudados, ambos de boca aberta, ofegantes. Eu achei que perderia as forças e a sanidade tamanho o prazer que estava sentindo. Não vou dizer que ele é o superdotado poderoso máster, mas tem um pau de um tamanho e largura perfeitos, que me satisfaz muito. Beni não poderia ser mais completo.

Depois de muito subir e descer em cima dele, rolamos no chão, ele ficou em cima de mim e chegamos a um orgasmo romântico. Estávamos bem abraçados, meio suados e nos beijando enquanto ele batia cada vez mais

rápido, mexendo os quadris em um vai e vem alucinante.

Quando chegamos ao clímax, não nos mexemos. Ele tentou sair e se levantar de cima de mim para não me amassar, mas não o permitir. Gosto muito de sentir o peso dele, não por completo, já que ele distribui o peso nas pernas e nos braços. Sem ele ver, eu deixo escapar uma lágrima. Culpa da gravidez. Mas será que essa paixão que sinto é culpa da gravidez? A cada dia eu vou gostando mais de Bernardo e fico com um pinga de medo disso. Entretanto, tento apenas suspirar e aproveitar nosso momento juntos, que não está nem perto de acabar. Apenas começou.

Meu namorado e pai do meu bebê não é um executivo todo sério, que anda por aí pisando em ovos, que não suporta gracinha ou que tenha algum passado doloroso. Tem homens de 28 que já amadureceram demais e com quarenta anos já estão quase idosos, mas Beni faz tudo na medida certa. Ele é o executivo respeitado e bem sucedido, mas por trás dos ternos caros, vejo apenas um garotão que está aproveitando a vida de uma maneira descontraída.

Às vezes penso que meu namorado tem 05 anos e fico com medo de ele não dar conta. Mas quem liga? Minha mãe às vezes acha que meu pai tem 10 anos e ele deu conta do recado.

VINTE E SEIS



Bernardo

Quando acordo pela manhã, eu estou espaçoso na cama como se estivesse sozinho. Coço os olhos e, quando olho para o lado, vejo Melissa encolhida no canto, embrulhada em um lençol, de costas para mim. Ela funga, como em um choro baixinho. Caralho velho! Será que bati de novo na cara dela?

Vou me arrastando para perto dela e a abraço por trás, em uma conchinha. Ela não se assusta, recebe meu abraço, afagando o meu braço.

— Pensando uma hora dessas?

— Sim, pensando.

— Pensando e chorando?

— Não estou chorando. — Ela mente. Claro que estava chorando.

— Hum...

Ficamos calados e beijo a parte de trás dos seus cabelos.

— Mexi demais e bati na sua cara? — Digo e ela ri.

— Não, você não se debateu muito.

— É, estou aprendendo a dividir a cama com minha mulher.

— Gostei de ouvir isso. — Ela murmura. — Beni, me conte seus planos?

Não sou insensível, sei do que ela está falando. Por mais que um homem demonstre envolvimento, a mulher gosta de ter mais sinais que comprove isso. Eu já firmei namoro com ela e já afirmei que vou sim assumir esse bebê, mas ainda é pouco para Melissa. Sei que ela está com muito medo

por causa dessa gravidez. E, para falar a verdade, eu estou me borrando todo. Só não falo isso para ninguém para não pegar mal. Mas que estou com medo, isso estou. O ser humano tem medo do desconhecido, e ser pai é algo estranho para mim.

— Planos sobre o bebê?

— Sim.

— Eu estive pensando nisso, Liz. Quero que venha morar comigo. — Ela se vira e fica de frente para mim.

— Morar juntos? Acha que meu pai vai permitir?

— Desculpe Melissa, mas Max é o cara mais contraditório que existe. Sabemos o passado dos seus pais e, pelo que sei, ele e sua mãe só casaram quando os três bebês já estavam com, sei lá, nove meses?

— Seis meses.

— Então. E enquanto isso seus pais moravam juntos, sem casamento. Ele não pode te julgar se fizer a mesma coisa.

— Seu apartamento é um lugar pequeno... para criar uma criança.

— É o que temos por enquanto. Eu não quero ir morar com seus pais e você não vai querer morar com os meus. E não quero passar toda sua gravidez em casas separadas. — Ela assente, calada. — Ah, não será muito esforço morar comigo. — Melissa sorri e balança o pescoço afirmando.

— Acha que daremos conta?

— Claro que sim. Temos empregos bacanas e tem pessoas que conseguem com bem menos que nós dois ganhamos.

— Você planejou bem.

— Sou um economista, baby, sei planejar. E então? O que acha de vir compartilhar essa cama comigo todos os dias?

— Hum... Não acho sua cama muito boa, mas podemos resolver isso.

— Quem precisa de cama boa quando tem um cara bom de cama como eu?

— Besta. — Ela ri e belisca de leve meu peito. Eu a beijo e Liz murmura: — Gostei da nossa conversa de travesseiro.

Como um minhocão preguiçoso, vou me ajeitando em cima dela, rastejando, até estar todo deitado sobre Melissa.

— Tenho outros planos.

— Que planos?

— Te comer pela última vez nessa cama antiga, depois tomar um café turbinado na padaria e irmos juntos comprar uma cama digna.

— Vai comprar uma nova cama? E para de falar “me comer”, é tão xucro.

— Ok. Reformulando: comer-te-ei pela derradeira vez nessa cama ultrapassada. — Digo e ela gargalha.

— Não posso ir com você comprar uma cama, tenho que estar às dez horas no hospital.

— Perfeito. Dá tempo de uma fodinha rápida e correremos para a loja. Hoje a noite a cama já estará boa para uma trepada de categoria.

— Está sendo xucro de novo. — Ela avisa com um sorriso nos lábios. Mordo o lábio inferior dela, puxo com meus dentes e Melissa geme.

— Se eu disser que vou chupar sua boceta antes de te comer gostoso, fica muito xucro?

— Muito, Beni. Que palavreado feio.

— É, quem diria que um executivo tão bonitão possa ter uma boca tão porca. — Desço arrastando minha boca por seu pescoço, chego aos seus seios, seguro os dois e chupo um por um demoradamente. Não paro por muito tempo, continuo descendo e antes de sumir dentro dos lençóis, dou uma piscadinha para ela.

— Até logo. Segure aí bem forte, minha língua vai te dar bom dia. — Seguro as pernas dela, mantendo-as abertas e encosto minha boca fazendo Melissa se contorcer e gemer baixinho.

— Quer ir comigo na minha primeira consulta? — Melissa me pergunta. Estamos na padaria que tem perto do prédio em que moro, já sentados tomando café. Ela bica a xícara fumegante.

— Sim, quero sim. Já marcou? — E essa é a pura verdade. Estou doido pra chegar o dia do ultrassom e ver quantos serão e se vai ter ao menos

um moleque no meio. Torço que sim.

— Ainda não. Conheço uma boa obstetra, vou ligar para ela. Quando dá para você ir?

— Sou patrão, pode marcar que vou.

Ela deixa a xícara no pires e sopra as mãos por causa do frio.

— Você está se esforçando para ser um bom namorado. — Os olhos dela flamejam num brilho feliz.

— Na verdade, nem preciso me esforçar muito. Sou bom no que faço. — Corto um pedaço da torta que ela pediu e como. Melissa acompanha meus movimentos e fica me olhando mastigar.

— Você já namorou uma vez, né? Sério, eu quero dizer.

Eu puxo as mãos dela e espremo nas minhas. Estão geladas.

— Já. Sério foi apenas duas vezes.

— Hum... — Ela olha para minhas mãos abraçando as dela — Só me lembro de uma, aquela morena bem alta.

— Cecília.

— Isso. Quanto tempo durou cada uma?

Meu sensor masculino acaba de detectar que Melissa está investigando, quer saber se eu sou um macho alfa confiável.

— A primeira foi na faculdade, ficamos algo em torno de um ano, ou um ano e meio. E a outra foi essa, Cecília, a que você conheceu. Ficamos um ano. Sophia a odiava muito.

— Posso saber por que terminaram? Não houve traição, né?

— Da minha parte não. Sou gostoso, mas não dois. — Melissa não ri, ao contrário, franze o cenho.

— Então você não trai? É a exceção entre os homens?

Largo as mãos dela.

— Ah, cara. Para de generalizar. Veja o meu pai, o seu, o tio Enzo, Matheus. Esses caras com décadas de casamento, você acha que eles traem?

— Não sei, Beni. Quero acreditar que meu pai só tenha minha mãe, mas hoje em dia é a coisa mais fácil que tem. Eu te contei sobre o médico que é casado e fica com todo mundo lá no hospital. Um sem vergonha.

— Quer saber o que penso sobre essa coisa do cara ter duas mulheres, ou uma mulher ter dois homens?

— Sim, me fale.

— Eu acho o seguinte: que se eu, Bernardo, estiver com uma garota e ver outra e gostar mesmo, eu vou e bato a real com minha mina, digo que estou gostando de outra pessoa. Não sou tão cuzão como muitos acham.

— Nossa, essa sua explicação ficou pior. Quer dizer que corro esse risco? Sou sua namorada, lembra? — Ela recosta na cadeira e me olha furiosa.

— Não, pois temos algo bem mais forte.

— Um filho a caminho? — Rebate com sarcasmo.

— Não. Amizade de muitos anos, famílias unidas, uma atração bem forte, nosso relacionamento é gostoso pra porra e, claro, um filho a caminho.

Ela continua me encarando, sem demonstrar que aceitou o que eu disse.

— Nem todo homem trai, Melissa. Eu acho melhor contar do que fazer pelas costas. Meu pai, por exemplo, se ele encontrar outra, eu sei que vou ficar muito puto, mas prefiro que ele chegue e conte para minha mãe antes de sair por aí desgraçando tudo.

— Tem razão, é melhor mesmo. E vamos deixar esse assunto de lado, não gosto nem de imaginar meus pais nessa situação.

— Vamos voltar para sua pergunta inicial. Perguntou por que terminei com as namoradas.

— É, foi.

— A primeira porque ela pediu transferência para uma faculdade de São Paulo. E a segunda, Cecília, foi por que... Sei lá, às vezes simplesmente não dá certo. Terminamos amigavelmente.

Jamais vou contar a ela que terminei com Cecília porque estava muito furioso após ver ela com um cara em uma noite. E que, quando transei com Cecília naquela mesma noite, eu acabei gemendo e gritando o nome dela. Cecília nunca mais quis saber de mim. Precisei de um tempo para aceitar minha atração e ir propor alguma coisa com Melissa.

— E entre elas... Mil outras, né?

— A gente faz o que pode. — Dou de ombros e exibo meus dentes num sorriso escancarado e ela revira os olhos. — Vamos? Sei de uma loja bacana para a gente escolher a melhor cama do mundo. — Melissa sorri e se anima. Eu pago a conta e saímos de mãos dadas rumo a meu carro estacionado. Precisamos ser rápidos, pois tenho que levar Melissa ao trabalho dela e correr em seguida para a empresa. E ainda tenho que sair ao meio dia para ir almoçar com Sophia, aquele encosto.

Enquanto dirijo, Melissa digita rápido no celular, ri para a tela e continua digitando.

— Anna é hilária. — Ela me olha, rindo. — Brigou com o cara que está saindo e disse que decidiu ir para Nova York com os pais dela e Johnny só para ficar longe dele.

— Quem é o santo? Porque, para aguentar minha prima, precisa ser um santo.

— Eu o conheço de vista, vi uma vez apenas e estava querendo que ela me apresentasse. É aquele delegado que foi com você no dia do notebook.

Olho intrigado para Melissa.

— O Tony?

— É, Tony.

— Ele está com Anna? — Minhas sobrancelhas se juntam em sinal de descrença.

— Até ontem estava, mas brigaram.

— Desde quando eles estão se vendo? — Estou, evidentemente, cada vez mais confuso.

— Desde aquele dia.

— Liz, não estou querendo ser intrometido, nem estraga prazeres, mas acho que o Tony está enganando a Anna. Ou estava, já que terminaram.

— Enganando como?

— Eu o vi esses dias atrás e estava... com uma mulher.

Ela leva à mão a boca, horrorizada com o que digo.

— Beni, tem certeza?

— Olha, eles estavam se beijando, ela praticamente no colo dele. E

aí ele me viu e ainda me apresentou a ela.

— Coitada da Anna. Posso contar isso a ela para que ela não volte com ele?

— Claro. Acho que deve contar. E eu mesmo vou passar para saber isso do Tony. Hoje pretendo ir treinar com Franz na academia que o Tony frequenta e vou o chamar no canto.

Chegamos à loja de moveis, pedimos para nos levar ao setor de dormitórios e chegamos a um lugar muito grande com algumas camas como mostruário. Melissa ligou para Geovanna, contou o que eu vi e Anna não ligou muito. Disse que não iria se envolver mais e eu achando que ela iria fazer um estardalhaço, vir se encontrar comigo, pedir provas e tudo mais. Vai entender essas mulheres.

— Já pensaram em algum modelo específico? — A sorridente atendente da loja nos guia por entre as camas.

— Uma cama bem grande, afinal logo seremos vários. — Eu falo todo orgulhoso, a mulher não entende e Melissa explica:

— Estou grávida, foi isso o que ele quis dizer.

— Ah! Parabéns. O que acha dessa aqui? — Ela mostra uma cama e eu e Melissa sacudimos a cabeça negativamente. Caminha, mostra outra, eu não gosto. Parece cama de velho.

— Já sei o que vocês querem. — Ela estala os dedos sorrindo — Venham comigo. — Nós a seguimos e ela nos mostra uma bela cama, enorme, com um colchão bem alto, cabeceira grande. É cama de rei.

— Vem, Liz. — Puxo Melissa e antes de ela falar qualquer coisa eu impulsiono nos dois para cair na cama.

— Beni! — Ela grita pega de surpresa.

— Uau! Essa aqui é perfeita. — Eu deito de braços abertos, a cama é enorme. Melissa se senta meio envergonhada e eu deito de lado me apoiando

no cotovelo.

— Vamos levar essa?

— Sabem as medidas do quarto? — A mulher pergunta e balanço a cabeça em negativa.

— Mas, pelo que vejo, acho que dá.

— Bernardo, essa não combina com sua mobília. — Melissa analisa, olhando a cabeceira de uma cor clara.

— Temos ela em duas outras cores. — A mulher pega uma pasta e aponta para a gente a cor das camas.

— Essa aqui. — Melissa aponta para uma delas.

— Ótimo. — Eu me levanto da cama. — Quero ela com tudo. Com esse colchão, com esses travesseiros e esses lençóis.

Eu dou o endereço de entrega e marco a data para eles entregarem, um dia que nós dois estaremos em casa. Achei que hoje seria nossa última noite na cama antiga. Mal posso esperar para fazer um sexo safado nessa cama desse tamanho. Bem maior que a minha, que eu já achava grande.

Em seguida, fui levá-la ao hospital e fui para o banco.

— Bom dia, Johnny. — Cumprimento quando passo por ele.

— Só se for para você. — Ele murmura de cabeça baixa mexendo no celular. Nem paro para perguntar o que está deixando-o mal-humorado, embora já tenha uma ideia do que seja. Vou direto na sala de Franz, abro a porta e ele está ao celular.

— Cara, você é muito teimosa. Você poderia ao menos me escutar? — Ele me olha, fecha a cara para mim e fala numa voz mais baixa no celular:

— *Peraí*, eu já te ligo de volta. — Desliga e me encara.

— O que quer?

— Calma aí, mano. Eu vim ver como andam as negociações com a empresa que estávamos reunindo ontem. — Ele passa as mãos nos cabelos e assente.

— Posso levar na sua sala daqui a pouco? Estou enrolado aqui.

— É, eu estou vendo. Não demore. — Saio a tempo de vê-lo pegar o celular de novo.

O dia foi até produtivo. Johnny veio para ficar a par de tudo o que está acontecendo, ele está progredindo no banco, acho que uma forma de mostrar a tio Enzo que pode se sobressair sem precisar ficar dois meses olhando para a cara do Gael.

Saí do banco para o almoço com Sophia, que já estava impaciente me ligando. Cheguei ao restaurante e ela já estava lá. Eu posso sentar e esperá-la, mas ela não aguenta esperar cinco minutos.

Sorridente, se levantou para me receber.

— Beni.

— Oi, Sophia. — Nos abraçamos e me sento a sua frente.

— E então, estou louca para saber das novidades. — Ela já pergunta, ansiosa.

— Eu vou ser pai. — Automaticamente os olhos dela saltam e a boca bem vermelha abre num sorriso.

— Já é certeza?

— Sim, certeza. Ela fez o exame.

— Sabe que tem a chance de vir mais de um, né? — Ela fala como se acabasse de anunciar algo inédito.

— Sim, andei fazendo as contas.

— Nossa. Rebeca deve estar nas nuvens, ela que é toda família.

— Na verdade, nem ela e nem meu pai sabem ainda.

— O quê? — Ela leva a mão ao peito, abismada.

Penso que dei bola fora, não precisava ter contado esse detalhe a ela. Minha avó já percebeu que Sophia ainda tem um forte senso de competição com minha mãe, já que mamãe está até hoje casada com o ex-namorado de Sophia e criando o filho primogênito. Quem pode entender? Ela nunca amou meu pai e nem a mim.

— Eu descobri ontem, vou com Liz hoje jantar com eles e contar.

— Então quer dizer que eu estou sabendo antes da Rebeca e do Davi?

— Vai comemorar isso?

— Claro, querido. — Ela bate palmas, radiante. — Eu serei a avó legítima, né? Você saiu de mim, Rebeca é sua tia.

— Ah, que legal. Vai entrar na justiça para pedir minha guarda? Estou emocionado.

— Isso que gosto em você, sua ironia inata. Acho que herdou de mim.

— Arf. Só herdei o que não presta. Se bem que meu pai e tio Enzo são bem mais irônicos. Você perde feio, Sophia, sinto te avisar.

— Ok. Vamos falar de outra coisa, da sua namoradinha. O que planeja a seguir?

— A coisa certa, assumir o filho que fizemos. Como todo mundo deve fazer.

— Olha a indireta. — Ela avisa e sem perder o pique, fala: — Não vão se casar?

— Futuramente.

— Hum. Está apaixonado por ela ou isso tudo é só por honra, masculinidade, família e outras coisas mais?

— O quê?

— Sabe o que estou falando. Seu pai enganou minha irmã, ele só estava interessado no bebê. Quero saber se você está fazendo a mesma coisa com a garota. Isso tudo, morar juntos, casar depois, é obrigação apenas? Se for, não faça, pois vai te custar muito caro. Pra você e para ela.

Sabe o que eu gosto na Sophia? Ela não faz rodeios, toca no ponto certo. E geralmente adivinha o que venho pensando ultimamente. Eu, interiormente, gosto muito da Liz. Eu não seria um puto desgraçado que a enganaria ou seria frio com ela. Ainda não sei o que é uma paixão louca, mas acho que com Melissa a coisa é bem diferente. Gosto dela, não só para transar. Gosto mesmo da Liz, passar o tempo com ela, ficar olhando-a comer, ou dormir ou conversar.

Eu lembro que eu ia para a casa dela e sentia uns sintomas quando ela aparecia, tipo: tremia de leve, ou o coração palpitava. Nunca fiz nada em respeito aos irmãos dela que sempre foram meus amigos. Mas gostava mesmo era de estar na companhia dela. E agora que ela é minha, isso está me deixando mais empolgado.

— E então? Pensou demais é porque é verdade. — Sophia exclama, me pegando no flagra e eu assinto.

— Sim, eu amo a Liz. — De um jeito ou de outro, sim, eu a amo.

— Que desperdício. Você é jovem, tem a vida toda pela frente. — Ela critica. — Vamos fazer um brinde, pois você está ferrado.

— Quem liga? Ao menos terei uma mulher linda, médica, carismática, maravilhosa, e que será uma mãe genial. Acho que sou sortudo.

Ela não critica, fica me olhando e assente em seguida, concordando com o que eu falei.

VINTE E SETE

Bônus Francisco

Aquela história que irmãos sempre ferram com o outro, no meu caso às vezes isso é verdade. Não por parte do Freddy, pois ele é praticamente outro eu. Freddy sempre está ao meu lado e eu do lado dele, a gente pensa da mesma forma em qualquer assunto, seja política, cinema, futebol ou religião. Acredita que até diarreia a gente sente junto? Pois é.

É foda quando a caganeira bate e a gente tem que correr para casa dos nossos pais, pois lá tem vários banheiros e ainda temos que aguentar as piadinhas do meu pai, pois ele não alivia nem no momento de enfermidade.

Também tem aquela coisa de um gêmeo sentir umas paradas, quando o outro está passando por alguma coisa. Há coincidências de eu sentir uns negócios estranhos quando meu irmão está passando por algum aperto, e ele sente o mesmo. Como quando ele sofreu um acidente de moto no ano passado e eu estava na empresa. Na hora meu coração acelerou e senti um calafrio sinistro.

Mas, entretanto, todavia, na mesma barrigada que eu e Freddy viemos ao mundo, meus pais enfiaram pelo meio uma menina com cara de encrenca. Amo minha irmã, mas convenhamos que mulheres vem a terra com uma única missão: ferrar, de algum modo, com a vida dos homens. Nada de preconceito, nem machismo, mãe, irmã e, principalmente namorada ou esposa; filha? Nem se fale. Todas elas um dia vai ferver a cabeça de algum cara. Já não basta a Geovanna tirando minhas noites de sono, Melissa veio do nada se intrometer em um assunto que não lhe diz respeito.

Ela ligou para meu irmão e eu irmos lá em casa, pois ela tinha algo importante para nos contar. Eu estava mais malhado que Judas em sábado de aleluia, pelo dia de trabalho que tive, mas me animei e fiquei curioso quando Melissa mencionou que Bernardo estava lá, ou seja, foi aprontar de novo lá

em casa. Freddy estava me contando um segredo de arrepiar os cabelos do saco sobre o colega de trabalho dele, que não é nada mais, nada menos que Heitor Brant, irmão de Beni, que esconde algo da família.

Eu achei corajoso da parte do Heitor, o cara é muito foda e puto. Deixamos esse assunto pra lá, entramos no carro e fomos ver o que estava acontecendo. Melissa só se esqueceu de mencionar que Anna estaria lá e, quando eu a vi com aquela cara, sabia que algo tinha acontecido. Geovanna fica com aquela cara quando está muito puta da vida. De verdade, quando está no limite da putice, explodindo de ódio. E era tudo direcionado a mim.

Só quando ela saiu para ir embora, que eu arrumei um jeito de correr atrás dela é que soube que Melissa merecia uns dois cascudos para deixar de ser boca grande. Vê agora quando eu falei que em algum momento uma mulher vai ferrar com a vida de um cara? Mesmo sem querer, ela vai ferrar.

— Ei, Anna, o que foi? — Eu a alcancei e a segurei seu braço.

— O que foi? Vá. Tomar. No. Seu. Rabooo! — Puxou o braço com toda força e andou para seu carro e fui atrás.

— Que parada é essa, cara? Não te fiz nada.

— Não? — Ela me olhou parecendo a filha do capiroto. — Então me explique quem diabos é Kelly?

— Ai porra! Minha mãe foi te contar lorota?

— Então é verdade? — Questionou revoltada.

— Anna...

— Estava mesmo falando com uma garota que te quer pelado em cima dela?

— Oi? Isso não foi minha mãe que te contou.

— Nem precisa, Francisco. Sou mulher e sei que quando uma mulher está cercando um homem ela não quer fazer grupinho para jogar Uno. — Diz e me atinge com uma bolsada.

— Ai.

— Estava falando com ela no celular, ela vai vir almoçar na sua casa e você sabia de tudo isso? Vai rolar o quê? Um pedido de namoro? Ela vai pagar um dote?

— Foi a Melissa que te contou?

— Sim, foi. Então é verdade, né? Estava armando encontro com outra garota enquanto se encontrava comigo!

— Não é nada disso. Ela me ligou, mas Kelly é passado.

— Passado é eu e você. — Abriu a porta do carro e entrou.

— Anna! Cara, você precisa escutar as pessoas. Deixe eu explicar.

— Tenha um bom almoço com Kellinha. — E pronto. Acelerou e arrancou. Ia correr atrás, mas nesse instante Beni e Liz saíram e ficaram me olhando.

Respirei fundo e tentei passar normalidade. Não poderia ir tirar satisfação de Melissa, pois não faria sentido eu brigar já que para todo mundo eu não tenho nada com Geovanna. Então, jantei com eles e depois eu e Freddy fomos embora.

Fui logo tirar meu jeans, vestir um short e pegar algo para beber.

— Cara, acredita que Melissa foi bater com a língua nos dentes e contou para Anna sobre a Kelly? — Sim, Freddy é meu brother, e ele sabe do meu rolo com Anna. É o único que sabe.

— Caralho! Eu te disse para destrinchar esse assunto logo. Geovanna não é flor que se cheire.

— Pois é. Ela disse que acabou, está uma fera.

— Faça como o Beni, vai à casa do Enzo e jogue tudo na cara deles. Conte que você está comendo ela.

— Enzo enfarta. Pode não. Eu já sei como abordar a Anna e fazer as pazes com ela

— Como? Usando magicamente a rola?

— Existe arma melhor?

— Sabendo usar, não existe. Vocês já deviam assumir logo.

— Olha quem fala. — Dou um gole na cerveja e aponto o controle para TV, mudando o canal. — Você também está aí, pegando a Sarah escondido de todo mundo.

— Mas não temos problemas em revelar. Ela sabe que Matheus é um cara normal e que se revelar ele não vai botar fogo no mundo como o papai. — Freddy comenta e eu anuo concordando com ele. — Domingo que vem é dia das mães, as famílias vão se reunir. Use esse dia para contar para

todo mundo que você e a Geovanna estão se comendo as escondidas.

— Sei não. Seria um circo desgraçado. Geovanna e Enzo me mataria.

— Mas que seria hilário seria. Pense nisso.

Ficamos calados assistindo e, de verdade, comecei a pensar nisso. Depois fui para meu quarto dormir e Freddy continuou ligado. Ele e Heitor têm uma empreiteira de arquitetura e engenharia, e tem dias que vai trabalhar às nove horas da manhã. Tentei falar com Geovanna, mas ela não atendeu. Mandeí mensagem, vi que ela leu, mas não respondeu. Até gravei um vídeo só de cueca na minha cama dizendo que estava com saudades e ela ignorou. Mandeí pra porra e fui dormir. Fica dando gelo, depois que a gente vai e pega uma gostosa, aí pronto, o homem é o cachorro. Sorte dela que não desisto fácil.

Acordei, fui para a empresa e me empenhei em tentar fazer amizade com a Jararaca ruiva, mas estava insuportável uma conversa com ela. Geovanna me acusou de coisas que eu nem sabia que tinha feito. Disse que se arrependeu de ter deixado o tal delegado de lado e disse para eu casar e viver feliz eternamente com Kelly. E Beni quase me pegou no flagra. O sem noção entrou na minha sala sem bater e me pegou ao celular. Desisti de tentar por enquanto, mulher quanto mais o cara tenta, mais ela vai crescer e apertar as bolas dele. Então, vou dar um tempo, dar um gelo nela também.

Deixa eu explicar o caso da Kelly: garota bonita, de família e até que é gostosa. Passamos uns anos juntos, maior parte daquele ano namorando na moita. Depois, minha mãe descobriu e fez muito gosto no namoro. Mas, Kelly teve que partir. Ela partiu o coração que pulsava no meu pau e eu segui em frente. Era gostosa, mas não a única.

Hoje, depois que ela ameaçou voltar, dois anos depois, eu a vejo apenas como uma pessoa que passou pela minha cama. E pela cama do meu irmão, pois Kelly experimentou os dois. Ela me ligou e eu fui claro: “Pode vir, mas estou em outra”. E ela deixou mais claro ainda: “Posso te fazer mudar de ideia.” E aí eu respondi: “Sabe quantas tatuagens tenho que representa as vezes que mudei de ideia em relação as minhas ex-namoradas? Nenhuma, pois ex é passado e quem vive de passado é museu. Esqueça, Kelly”. Mesmo assim ela usou a voz sexy dela e disse que seria a exceção. E

aí eu larguei de mão.

Combinei com Bernardo de a gente ir à academia, é bom para aliviar o estresse, pipocar os músculos e chegar bombado na casa da Anna. Ela vai pirar. Beni foi almoçar com a Sophia, Johnny gritou que ia almoçar e não voltaria mais e eu tive que segurar as pontas até duas horas da tarde. Pedi minha comida para almoçar na minha sala e, às seis horas, eu e Beni saímos para ir a academia. Freddy e Heitor combinaram de nos encontrar lá para treinarmos alguns golpes de muay thai. E fiquei meio encucado, pois um dos caras que ensinam é justamente Tony, o delegado que Anna queria.

Não falei nada, nem podia. Agora com Beni namorando minha irmã, falar sobre isso para ele é mesma coisa de contar para Melissa.

Chegamos lá, cada um foi para um lado. Fui pegar uma esteira e de lá vi Heitor e Freddy em um aparelho de pesos. Coloquei o fone e mandei ver, nem vi o tempo passar. Corri uns quilômetros, levantei uns pesos, braços e pernas. Depois fui me encontrar com os outros e andamos para o andar de baixo onde fica os tatames e ringues. E lá estava o Tony, do outro lado com uma turma de alunos.

— E aí, Tony. — Beni gritou batendo a mão.

— E aí? Fica à vontade pessoal. — Ele respondeu para a gente.

— Quero bater um papo com você depois, pode ser? — Bernardo pediu e ele aceitou.

— Tá. Daqui a pouco.

Voltamos os quatro para o tatame, e enquanto eu amarrava minhas luvas, Beni falou:

— Acredita que o safado está enganando minha prima?

— Quem? — Freddy arregalou os olhos.

— Tony, esse miserável. Se diz meu amigo, é professor de muay thai do Johnny e agora está de traição com a Anna.

Eu e Freddy nos entreolhamos e só posso pensar: “Corre Francisco, você acaba de se foder.” E acho que meu irmão tem o mesmo pensamento.

— Caraca! Que pilantra. — Heitor fica revoltado também. — Vai dar uma coça nele, Beni?

Bernardo nega, balançando a cabeça.

— Vou não. Só quero saber disso direito e mostrar a ele que estou de

olho. Cara, a Anna não merece essa putaria que ele está fazendo.

— Deixa isso pra lá, cara. — Eu tento contornar, salvar minha pele.
— Geovanna é adulta, ela sabe lidar com os problemas dela.

— Franz, não tem a ver com ela, tem a ver com ele ser meu parceiro. Eu apresentei os dois, ele tinha ao menos que respeitar nossa amizade.

— Você está é querendo encrenca. — Freddy entra no meio, do meu lado, querendo fazer Bernardo deixar isso pra lá. — Vai tomar uns sopapos do delegado, ouça o que estou te falando.

— Não cai nessa, Beni. Qualquer coisa eu estou aqui para reforço.
— Heitor termina de coloca as luvas. — Freddy, vem pro pau, mano. — Os dois vão para o outro lado e Bernardo me encara, bate uma luva na outra e me chama.

— Agora é com a gente, vou quebrar sua cara.

— Apenas tente. — Cumprimentamos com um toque na luva do outro e começamos.

Bernardo parece que quer se vingar de mim e vem com força mesmo, e eu só na defesa. Achei por bem não agredir, já que estou com rabo preso e pode ser que em breve minha farsa vem à tona. Enquanto me esquivo dos golpes de Beni, penso em como sair dessa enrascada. Poderia dar um golpe e desacordar Bernardo para ele não ir tirar satisfação do bundão. Também posso fazer uma pausa agora e voltar correndo dizendo que a mãe dele ligou e pediu para ele e Heitor irem para casa. São muitas possibilidades, e nenhuma delas me livra totalmente, ao contrário, me coloca mais ainda no precipício.

Penso demais, levo um golpe no queixo e caio no chão.

— Toma, viado! — Bernardo pula ao redor, comemorando. — Levanta fracote, tenho mais pra te dar.

Ah, seu filho da puta.

Levanto, tento devolver o golpe, mas Beni é esperto como o capeta, desvia, me acerta nas costelas, deixo minha guarda baixa e acabo levanto outro golpe, um chute na perna.

— Caralho!

— Quer arrego, Chiquinho? — Minha raiva sobe demais, vontade

de matar esse desgraçado. Mas ele é escorregadio, se esquivava muito fácil e acabamos sem que eu consiga levar a melhor. O danado me atingiu duas vezes. Em compensação, meu irmão fez Heitor lamber o chão. E o que não é bom é que Tony tinha terminado sua aula e ficou sentado olhando a gente treinar. Nem esperou tirarmos as luvas, nem deu tempo de eu levar Bernardo para o vestiário e tentar alguma manobra, o cara já veio mostrando os dentes sorrindo, como se aqui tivesse algum dentista.

— Bernardo, parabéns, finalizou bem.

— É, eu sei.

Ele olha para Heitor e Freddy ainda dando socos e chutes, e depois me olha.

— E aí, Francisco.

— Fala, Tony. — Sabe o que é pior disso tudo? Ele sabe sobre eu e Anna.

— E aí? Quais as novas? — Pergunta e volta a encarar Bernardo.

— Oh, Tony, sabe que temos uma consideração.

— Sim, cara.

— Eu fiquei sabendo de umas tretas com a minha prima. Falo sério cara, não achei legal. Você deve rever o que você fez. — Pronto, lascou de vez. Heitor e Freddy até pararam de treinar e vieram para perto, ofegantes, respirando rápido. Tony, ainda sorrindo, olha para mim e para Beni, e de novo para mim. Então para de sorrir e olha sério para Bernardo.

— Não estou entendendo.

— Como não? Você pega minha prima e depois fica de caô? — Heitor entra pelo meio.

— Vocês estão enganados. Eu tenho namorada.

— Cacetaa! A coisa é pior do que eu pensava. Está enganando as duas? — Bernardo o encara chocado.

Eu dou um passo para o lado, para sair fora o mais rápido possível.

— Não, não estou enganando ninguém. Eu ia mesmo ficar com... Espera — Ele olha para mim muito intrigado — Você e Anna não estão mais se pegando?

Os irmãos Brant olham para mim, Freddy faz uma cara de “se

fudeo” e eu fico paralisado.

— Como é que é? — Bernardo indaga.

— Ok. Vamos parar com essa conversa fiada. — Decido tomar uma atitude madura e assumir meu caso. — Foi mal aí, Tony. Foi tudo um mal-entendido. — Eu arranco minhas luvas, jogo num canto e olho para Beni e Heitor. — Anna brigou comigo. Estamos tendo um caso escondido.

— Tomar no cu. — Heitor murmura.

— Mas é muita hipocrisia. Fez aquilo tudo porque eu comi sua irmã e fica aí comendo irmã dos outros. Toma vergonha nessa sua cara, Francisco. — Esse é o sermão do santo Bernardo.

— Ei! Olha como fala da minha irmã! — Beni leva um empurrão de Freddy.

— Oh, cara! — Heitor empurra Freddy. — E você que está comendo a filha do Matheus? Isso pode, não é?

— E você, Heitor? Quer mesmo jogar as cartas na mesa? — Meu gêmeo contra ataca, afinal Heitor guarda um segredinho que não seria bem aceito pela família.

— Bom, fico feliz que tudo tenha se esclarecido, mas agora tenho que ir. Boa sorte. — Tony escorrega pela tangente e Bernardo me encara, ainda não satisfeito.

— Tio Enzo vai pirar.

— Vai. — Eu concordo.

— Vai brigar com seu pai.

— Vai e isso eu queria ver. — Dou um sorrisinho de lado.

— Tio Enzo ganha, ele faz crossfit.

— E o papai faz pilates, além de ser mais novo.

— É, o coroa tá fortão ainda. — Freddy me ajuda nos argumentos.

— Será uma briga épica. Vamos marcar? — Olhamos para Heitor e ele fala como se fosse marcar uma festinha.

— Quando vai assumir? — Beni pergunta em seguida, quando começamos a andar rumo ao vestiário.

— Freddy me deu a ideia de contar no dia das mães. O que acha?

— Que você vai levar um soco do tio Enzo, aí sua mãe vai xingar

ele e tia Malu vai brigar com a melhor amiga. — Bernardo roteiriza já toda a situação. — Quanto a Johnny, você pode ficar despreocupado, ele pode usar isso a favor dele, não para vingar a honra da irmã, mas para querer te extorquir, alguma coisa assim.

— Ok. Fechou então. — Eu concordo.

— O que vai fazer agora? Conheço Geovanna, ela é osso duro. É a junção de duas raças malignas, Malu e Enzo.

— Pode ficar tranquilo, já sei como vou abordá-la.

Eu conheço a agenda de Geovanna, principalmente a do balé. Fiquei sabendo dessa história de ela querer viajar para Nova York e isso me deixou com os ânimos a flor da pele. Tenho que agir antes de ela pensar em fazer mais alguma besteira. Hoje é terça, tive que ficar quieto no meu canto, tranquilo, sem mandar nenhuma mensagem para ela ou mesmo ligar. Nada mesmo, nem áudio, muito menos foto do meu pau. Vou deixar que ela pense que eu já estou em outra. Amanhã é quarta-feira e Geovanna tem ensaio das quatro até às seis horas, então eu esperei pacientemente.

Passei a manhã de quarta-feira tranquilo, trabalhando e sem olhar o meu celular. E então, na hora exata, fui para o lugar que ela ensaia. Fiquei de tocaia, já com os sentidos aguçados e nem vesti cueca hoje, pura malandragem.

E quando terminou o ensaio, eu já de pau duro vendo Anna esticar as pernas daquele jeito. E quando os dançarinos se espalharam, cada um indo para um lugar diferente, eu corri para o camarim dela e, quando a porta abriu, eu a ataquei.

No susto, Geovanna me acerta um soco e tenta correr, mas quando ver que sou eu, ela para e me olha furiosa.

— O que está fazendo aqui?

Levanto a mão para ela esperar, enquanto esfrego meu queixo.

— Fora, Francisco!

Finjo que vou sair, caminho para a porta, mas apenas empurro a porta do mini camarim, fecho e coloco a chave no bolso da minha calça.

— O quê? Me dê essa chave!

— Venha pegar. — Digo calmamente e começo a tirar minha camisa. — Quer saber por que Kelly está fora de cogitação para mim? Tem nojo do meu saco, disse que é a pior parte do corpo do homem.

— Não quero saber!

— Além do mais — arranco os dois sapatos. — Eu tenho uma bailarina ruiva tão bonita, por que eu iria querer outra?

— Francisco, eu não estou brincando! Se eu te assassinar aqui, posso alegar legítima defesa.

— Quero ver sua legítima defesa quando eu estiver todo socado dentro de você.

— Oi?

— É isso aí. Vou te fazer gritar e te deixar de pernas bambas para lembrar a quem você pertence. — Termino de tirar a camisa, desabotoo minha calça, desço-a pelas pernas e meu pau salta muito duro. Ficamos nos encarando, ela olha meu pênis, depois fixa os olhos na minha boca e eu mordo meu lábio. Foi a gota d'água.

Avançamos juntos e nos encontramos num abraço, em um choque de bocas, quase engolindo uma ao outro num beijo molhado e muito fogo.

— Miserável! — Ela rosna, sem parar de me beijar.

— Jararaca. Vou acabar com você, Geovanna. — Seguro a sua perna perto da minha cintura.

Ela segura forte meu queixo, está com os olhos grandes e arfa de desejo.

— Se eu sonhar que você ao menos pensou naquela... sujeita... eu arranco seu pau.

— Arranca e guarda, né? Você adora ele.

Ela ri maquiavelicamente e segura forte no meu pau e eu gemo.

— Sim, eu adoro esse pauzão, seu cretino gostoso!

— E meu humilde saco escrotal?

Ela joga a cabeça para trás rindo.

— Você tem o melhor de todos. Deixa aquela enjoada com nojo, nesse aqui, ela não toca mais.

Quando ela sentou no meu colo no chão e começou a cavalgar, eu só queria pedir essa mulher em casamento. Quero ela só para mim. Não consigo mais ficar sem a maldita bailarina ruiva, gostosa, indecente.

VINTE E OITO



— Como assim a Sophia ligou? — Bernardo encara, intrigado, sua mãe que está com um olhar indiferente. Estou besta. Viemos almoçar aqui com os pais de Beni e acabamos de saber que Sophia ligou para Rebeca e já deu a notícia que eu estou grávida. Sei que ela está provocando a irmã e tal, mas acabou sobrando para Beni. Meus sogros estão bem indignados por ele ter ido contar para Sophia primeiro e eles dois serem os últimos a saberem da boa nova.

— Como assim você contou para Sophia? — Agora é Davi que entra na conversa. Emoji vermelhinho furioso, essa é a cara dele.

Beni olha para mim e eu dou de ombros, mostrando que não tenho nada a ver com isso. Ele fez a merda toda, agora conserte.

— Ok, me desculpem. Eu e Liz íamos vir hoje almoçar aqui e contar para vocês.

— É, estamos no século quatorze que não existe telefone. — Davi rebate.

— Claro, sua mamãe Sophia é mais importante, não é? — Rebeca está de costas jogando arroz numa vasilha de vidro e depois a coloca na mesa. Davi ainda encara Beni com cara de poucos amigos.

— Eu deixei escapar para ela. Foi mal. Não tem nada a ver com ela saber primeiro, o importante é que serei pai. Vocês não vão ficar felizes?

Rebeca suspira, sorri e vai abraçar Bernardo, dando-lhe vários beijos pelo rosto e os olhos cheios de lágrimas.

— Parece que foi ontem que você tinha um aninho e já vai ser pai. — Beijo na bochecha. — Oh, meu bebê. — Mais beijos.

— Sim, parece que foi ontem que eu tinha trinta anos e estava indo fazer justiça. — Davi fala, se levanta e dá uma braço em Bernardo com batidas nas costas. — Parabéns, garoto. Tem sorte de eu ter te salvado do Renato, o bosta. — Rebeca rir e beija mais Beni. Ele fica todo feliz sendo mimado pelos pais. Depois, Rebeca vem até a mim, me abraça e me parabeniza também e Davi faz o mesmo.

— Meu filho tem sorte, não poderia ter arrumado alguém melhor. A filha do meu melhor amigo. Tiro certeiro, Rapaz. — Davi olha para Beni. — Meu filho pode não parecer, mas é gente boa, vai gostar dele, Liz.

Dou um sorriso e meu olhar se encontra com o de Bernardo. Pouso a minha mão na mão dele antes de dizer:

— Eu sei. Não vou gostar dele, pois já gosto muito. — Um toque de surpresa passa quase despercebido pelo rosto de Beni, então ele sorri e se curva para beijar meus lábios.

— Também gosto muito de você. — Bernardo diz e quase me derreto toda. É muito complicada essa coisa de paixão, ela demora a vir, mas quando o coração cisma de bater apressado por outra pessoa, rapidinho vai tomando conta da gente. Se Beni me olha, meu coração salta, e se fala alguma coisa fofa, meu coração palpita. Até com seu beijo eu fico sem fôlego. Eu acho que eu desmaio se ele falar que me ama.

Davi saiu da cozinha e agora volta com uma garrafa de vinho.

— Ganhei do Jonas há uns sete anos atrás no aniversário de casamento. — Ele olha para Rebeca. — É uma boa ocasião para abirmos?

— Sim. — Ela saltita, pega taças e traz para a mesa. Davi abre o vinho, serve nas quatro taças e fica em dúvida se me entrega uma ou não.

— Tudo bem. — Eu digo e recebo a taça. — Um gole não vai me fazer mal.

— E a vovó? — Bernardo pergunta ao receber sua taça.

— Foi cedo pra casa de Enzo. Ela vai ficar muito feliz ao saber do primeiro bisneto. — Davi termina de encher a taça dele e a ergue. — Um brinde ao primeiro herdeiro da quarta geração Brant. — Nós três erguemos as taças, seguindo a dele.

— Ou uma herdeira. — Rebeca conserta.

— Ou duas herdeiras. — Eu rebato.

— Verdade, tem chance de vir mais de um.

— Credo, pai. Que Deus ouça minhas orações e venha apenas um.

— Um brinde a quantos vierem. — Rebeca intermedia.

— Um brinde. — Nós quatro levantamos as taças, tomo um gole de vinho e recebo um beijinho de Beni.

— Estão comemorando o quê? — Heitor chega na porta da cozinha e olha para nós quatro.

— Beni e Liz estão grávidos. — Rebeca dá a notícia.

— Ah, já sabia. Beni me contou ontem. — Ele fala e olha para mim. — Oi, Liz.

— Oi, Heitor. — Cumprimento de volta.

— Nem sei se eu posso dar os parabéns pela gravidez. Está tudo certo, né?

— Claro que sim.

— Então parabéns. — Ele está vestido socialmente, dobra as mangas da camisa e vejo uma tatuagem com um símbolo em seu pulso. Ainda não tinha percebido que ele tinha tatuagens. Heitor é grande amigo e parceiro de negócios de Freddy, sempre vai lá em casa e nunca tinha reparado mesmo. Ele entra despreocupadamente, olha a garrafa de vinho, pega uma xícara no armário e se serve.

— Sente-se, Heitor. Vou servir o almoço. — Rebeca aponta para a mesa e começa a colocar a comida diante da gente.

— Viu sua irmã por, aí? — Davi pergunta.

— Não.

— A Dafne foi almoçar na casa da Tânia. — Rebeca avisa e bate na mão de Beni quando ele rouba um pedaço de bife à milanesa. Bernardo come um pedaço e coloca o resto na minha boca. Fico sem graça, mas como, pois está uma delícia.

— O Marcelo não vai gostar nada disso, de todo dia essa menina está lá. — Davi está de pé, recostado na bancada, olhando de cara feia. — Não sai mais da casa deles. Não gosto disso, Rebeca.

— Toma, coloca na mesa. — Rebeca entrega uma pilha de pratos na mão de Davi e explica: — Dafne não é um estorvo. A Tânia é melhor

amiga dela e colega de faculdade.

— É a filha do Marcelo Conrado? — Bernardo pergunta interessado. Ele fala o nome e eu sei de quem estão falando.

— É esse mesmo.

Davi começa a falar com Beni sobre a conta que o homem tem no banco e depois o assunto volta para minha gestação. Troquei o vinho por suco, o gole foi apenas para brinde mesmo.

— Como seu pai reagiu quando soube? — Já sentado, almoçando, Davi questiona do outro lado da mesa.

— Ah... — Limpo os lábios. — Você conhece o papai.

— Obrigou Bernardo a se casar? — Com um sorriso de deboche, ele questiona.

— Sim. — Eu e Beni respondemos juntos.

— A cara do Maximiliano.

— E como vai ser? — Heitor indaga. — Vão se casar mesmo?

— Não. — Eu adianto, pois é melhor eu negar do que ouvir Bernardo negando. — Não, ainda está cedo. — Digo e olho para ele. — Não é, Beni?

— Sim, está meio cedo, mas quero que ela vá morar comigo.

— Acho uma boa ideia. — Davi comenta — Para adquirirem experiência juntos. Apesar que, morar junto não é o paraíso como muitos acham.

— Está falando de mim, querido?

— Claro que não. Você sempre tornou minha vida bem mais fácil. Não te largo nunca, garota.

— Obrigada pelo “garota”.

Depois do almoço, eu subi com Beni para o antigo quarto de solteiro dele e deitamos para descansar.

— Esse não era seu quarto. — Deito recostada nos travesseiros enquanto Bernardo tira a camisa e se deita ao meu lado.

— Heitor roubou o meu quando eu me mudei. Esse aqui era o dele.

— Gostei da reação dos seus pais, tivemos até brinde. — Viro de lado, olhando para ele.

— Pois é, eles são menos encenqueiros que sua família.

— Minha família não, meu pai apenas.

Beni rola na cama, fica de lado também e me abraça.

— Pensa em casamento, como seu pai quer?

— Você pensa em se casar comigo? — Retruco.

— Hum... Não sei. O que acha de esperar eu completar trinta anos?

— Por quê? Pretende sair por aí, vivendo a vida adoidada antes de assumir um compromisso?

— Não, claro que não. Acho que trinta anos é a idade ideal.

— Acho legal. Assim eu já tive o bebê e terei meu corpo de volta para caber num vestido.

Ele olha para meu corpo, passa a mão de leve no meu seio e me fita preocupado.

— Será que você vai engordar muito? Vejo umas fotos da sua mãe e ela ficou um hipopótamo.

— Bernardo! — Bato nele. — Isso será um problema para você?

— Não, claro que não.

— Dependendo de quantos bebês vier, eu vou engordar sim. — Falo e me sento olhando feio para ele.

— Para de me olhar assim. — Ele me puxa e caio deitada em cima dele. — Não vou te descriminar só porque vai virar uma orca.

— Sim, uma orca, a baleia assassina. — Dou mais um tapa nele. — Besta. — Beni ri e me cala com sua boca, me beijando. Tão gostoso, tão sensual, aperto minhas mãos nos músculos dele enquanto saboreio seus lábios quentes e sua língua muito ousada me levando ao delírio.

Lógico que não conseguimos ficar só nos amassos e muito menos conseguimos dormir. É impossível ficar numa cama com ele sem querer rasgar nossas roupas e sentir minha pele esfregando na dele, sentir seus músculos, seus pelos, tudo. Transamos de leve para não chamar atenção. Um sexo para ser gostoso nem precisa de mil posições diferentes, um papai e mamãe bem feito já pode levar qualquer um a loucura. Gosto de ficar por

cima dele, mas gosto mais ainda de sentir todo o peso do seu enorme corpo, pode abraçar e arranhar suas costas, passar a mão em sua bunda, na coxa e sentir os pelos do seu peito se esfregando em meus seios.

— Oh... Beni. Te adoro. — Murmurei olhando nos olhos dele quando cheguei ao orgasmo. O abracei forte e Beni encostou o rosto no meu ombro, ainda deitado em cima de mim. Não esperei ele dizer o mesmo, evito forçar, querer a todo custo o romance perfeito. E isso tem que ser espontâneo. Depois para minha surpresa, ele me olhou sorrindo e disse:

— Te adoro também. — E me beijou. — Por isso quero você todo dia comigo, na minha casa, na minha cama. Ou melhor, na nossa cama gigante que vai chegar.

Depois nos vestimos e ele me falou que eu devia conversar com Geovanna. E eu fiquei intrigada, afinal Anna me mandou uma mensagem dizendo que precisava falar comigo. Bernardo não quis me contar o que era, apenas falou que era uma coisa dela, que ele não iria se meter. Fiz todo tipo de ameaça, mas ele foi irredutível e não me contou. Então, liguei para Anna e marquei para encontrar com ela.

Bernardo se arrumou para ir trabalhar e eu peguei uma carona com ele. Eu ia me encontrar com Anna na casa dela para saber o que de tão importante tinha para me falar.

— Nos encontramos a noite? — Ele perguntou antes de eu descer do carro.

— Sim, só vou pegar umas coisas lá em casa e estarei te esperando no seu apartamento.

— Ok. Chego às seis horas.

— Farei o jantar, marido. — Rimos, dou um beijo nele e saio do carro. E claro que recebo um tapa na bunda antes de sair. — Cretino.

— Gostosa! — Ele grita para mim antes de sair com o carro. Eu rio e toco o interfone da casa da Anna.

— Sou eu, Melissa. — Digo meu nome e em dois segundos a porta se abre. Geovanna está de pijama ainda, com uma toca de plástico nos cabelos e uma máscara transparente na cara.

— Entre. Todo mundo foi trabalhar.

— Meu deus! Beni comentou que você tem um segredo para me contar. — Olho para ela andando na minha frente com um horrível pijama lilás de flanela. — Ainda está de pijama, Geovanna?

— Tenho um teste importantíssimo para fazer e estou desde cedo me preparando. — Subo com ela para seu quarto.

— É aquele teste com o cara famoso?

— Esse mesmo. As ganhadoras vão viajar para Paris e ficarão lá por seis meses. — Entramos em seu quarto dela e olho em volta. Está uma bagunça terrível.

— E se você ganhar, Anna?

— Louvado seja Deus! Vou morrer de tanto pular.

— Mas, e seu homem, doida? Vai dar um fora no delegado?

— Ah...! Sei lá. Ele não sabe ainda, não contei.

— E vai contar? — Ela fica me olhando e depois dá de ombros.

— Estou tomando coragem. — Geovanna vai para frente do espelho do banheiro tirar a máscara e eu me sento em sua cama. O quarto dela é lindo quando está arrumado.

É grande e parece um enorme camarim de atriz de Hollywood. Tem luzes ao redor do espelho da penteadeira, as paredes são claras e uma inteira é um papel de parede com uma imagem em preto e branco de Nova York com uma placa em evidência escrita: Broadway.

Levanto e vou dar uma olhada pelo quarto. Em uma das paredes brancas há fotos com molduras iguais, todas pretas, de Anna de bailarina, outra que está ela, os pais e o irmão, outras em que ela está comigo e tem uma dela com meus dois irmãos. Fico olhando para eles três. A foto é recente, foi no nosso aniversário de vinte e seis, uns sete meses atrás.

— Amo essa foto. — Ela fala atrás de mim.

— Fico me perguntando por que eu, aniversariante também, não estou na foto. — Indago e me viro para ela. Geovanna termina de enxugar o rosto e me olha com um sorriso falso.

— Porque eles dois são belos acessórios fotográficos. Olha como são lindos.

— O que tem para me contar, Anna? — Pergunto e volto a me sentar na cama.

— Espera um segundo. — Ela grita, pega uma toalha e corre para o banheiro. Ouço o chuveiro ligado, vou para a porta e fico olhando-a enxaguar o cabelo. Geovanna termina e fala sorridente: — Vou me trocar, daqui a pouco te falo.

— Por que daqui a pouco?

Antes de ela responder, o interfone toca. Geovanna arregala os olhos e fica um tiquinho pálida.

— Ele chegou!

— Ele? Quem? Ai meu Deus! Convidou o delegado para vir aqui? — Coloco a mão no peito, muito pasma. Anna arranca o pijama em dois tempos, se enfia dentro de um jeans, veste uma camiseta, volta a enrolar os cabelos numa toalha e me olha.

— Venha comigo. — Sai correndo do quarto e eu vou atrás. Ela chega à porta, abre e ouço uma voz conhecido dizer:

“Oi gata. Está sozinha, é?” E, em seguida a voz de Anna: “Xiu, sua irmã”.

Chego à porta e fico besta ao encontrar um dos meus irmãos. O susto é tanto que demoro dois segundos para saber que é Francisco.

— Francisco?

— O que... Melissa?

— Franz, me desculpe, mas essa bomba não é só minha. Por isso te chamei aqui.

— O que está acontecendo, gente? — Questiono muito desconfiada. Francisco entra, olha feio para Geovanna e depois para mim.

— Eu e Anna temos um caso e foi ela quem decidiu não te contar. — Ele solta, como um tiro a queima roupa.

— O quê? — Geovanna grita e bate no braço dele. — Eu decidi? Eu, Francisco?

— Ok. Fomos nós dois, mas ela é sua melhor amiga, não contou antes por que não quis.

— Ela é sua irmã, seu cara de pau! Você deveria ter contado. — Enquanto eles discutiam eu fico travada, de olhos arregalados, olhando para os dois e me sentindo duplamente traída. Fui enganada pelo meu irmão e minha melhor amiga. Como assim? Anna e Franz? E eu arrumando namorada

para ele como uma tola.

— Então... tudo aquilo que me contou... sobre o delegado... quatro vezes em um encontro... — Gaguejando mais que tudo, eu começo a falar e eles param de discutir.

— Contou para minha irmã que fizemos quatro vezes numa noite? — Francisco, muito revoltado, coloca as mãos na cintura e encara Geovanna.

— Claro que não disse que era você.

Sento chocada, respirando descompassado.

— Liz... — Anna se senta ao meu lado. — Desculpa. Eu queria tanto te contar, mas você sempre dizia que não aprovava eu e seu irmão. Fiquei com medo.

— Não me aprova com a Anna? Por quê? — Olho para ele, de pé, na minha frente e depois para ela ao meu lado.

— Você poderia ter me contado. São adultos, não precisam de minha autorização e não mando nos meus irmãos. Nossa, Geovanna! Eu te conto tudo.

— Oh, Melissa. Era segredo, tá ligado? — Ele ainda acha que está no direito de me rebater.

— Eu e Beni também éramos segredo, mas eu contei para ela. — Digo e me levanto. — A propósito, Bernardo sabia dessa safadeza toda? — Semicerco os olhos para eles dois.

— Não. Beni é um bunda mole intrometido que foi investigar e acabou descobrindo.

— Liz, está zangada comigo? — Geovanna pergunta, o rosto sofrido.

— Pra falar a verdade, eu estou muito chateada. Poxa, você é praticamente meu diário. Dane-se que estava se pegando com meu irmão, poderia ter me dito como a Sarah fez.

— Eu sei, foi mal. Mas, Franz ficava falando que ainda não era hora de todo mundo saber...

— Eu?

— É, você. Está com amnésia agora?

— Quem mais sabe? — Questiono um pouco mais alto para ser

ouvida.

— Algumas pessoas. — Francisco me responde. — Queremos fazer o anúncio no dia das mães. — Ele avisa e recebe um olhar horrorizado de Geovanna.

— Como assim vamos anunciar? Eu não decidi nada.

— Eu ia contar para nossos pais. Você não quer?

— Você ia contar sem me falar?

— Cara, o que tem? Essa porra de ficar transando escondido é pura babaquice. Somos adultos, nossos pais não têm nada a ver.

— Será lindo, meu pai achando que sou uma bailarina fofa e inocente quando na verdade estou por aí fazendo sexo com o filho do amigo dele. Posso ao menos preparar minha família?

— Pode ué. — Ele puxa Geovanna pela cintura. — Veja pelo lado bom, depois você vai poder ir dormir comigo sempre que quiser.

— Seu safado. — Ela sorri toda manhosa, passando a mão na gravata dele.

— Vocês poderiam terminar isso mais tarde? Eu estou sem fala com toda essa hipocrisia e o circo que se tornou essas famílias. — Começo meu sermão e os dois se afastam. — Primeiro Bernardo faz tudo àquilo em casa e você o agrediu como se fosse o tal, o dono da moral e dos bons costumes, quando estava fazendo o mesmo que ele. — Alfineto Francisco e ele apenas dá de ombros. — Será que Johnny e Enzo não deveriam te bater também por estar se encontrando escondido com ela?

— Eu não fui tão burro de engravidar a Anna. — Ele retruca.

— Liz, me desculpa de novo. Seu irmão ficou me ameaçando...

— Sei, Geovanna, você é tão coitadinha que aceita facinho chantagem de homens. Eu te conheço e não é de hoje.

— Ela ficava me chamando de delegado. — Francisco delata.

— E você adorava, até arrumou algema e uma fantasia de policial.

— O quê? — Eu grito. Estou perplexa ao limite. Meu irmão, o que era mais recatado e gentil, se transformando em segundos num devasso. Meu estômago revirou.

— Mas não usamos a fantasia ainda. — Geovanna me tranquiliza.

— Eu não estava conseguindo incorporar uma delinquente que precisava de um bom corretivo.

Reviro os olhos e pego minha bolsa no sofá.

— Vocês se merecem. Nunca achei que você, Francisco, fosse... tão... tão promíscuo. — Falo e caminho para a porta, fazendo os dois virem atrás de mim.

— Liz. — Anna me segura.

— Deixa eu digerir isso. É muita coisa acontecendo nos últimos dias. — Ela assente devagar com a cara triste, de cortar o coração, mas eu a conheço. Geovanna é uma trambiqueira de primeira. Olho para Francisco, depois me viro e saio.

Depois de pegar um táxi, chego cansada em casa, me jogo no sofá e penso nessa bomba. Em poucos dias, tanta coisa aconteceu que se alguém estivesse filmando, seria um excelente programa de TV, um reality show dos bons. Geovanna e Francisco? Meu Deus, como assim? E o pior de tudo, ou melhor de tudo, não sei, é que a química entre eles é palpável. Eu vi os dois lá se olhando, discutindo e sorrindo um para o outro. Droga! Eles estão apaixonados. Lembro do teste de Geovanna e pego meu celular para digitar uma mensagem.

“Sei do teste... Quer dizer que isso com meu irmão não é nada? Vai mesmo ferrar com a vida dele?”

“Liz, vamos conversar direitinho.”

“Fazê-lo sofrer será pior do que não ter me contado, Geovanna. Pense muito no assunto. Ele já passou a mesma coisa com Kelly.”

“Não me compare a essazinha.”

Decido não responder. Deixo o celular na bolsa e vou para meu quarto. Não tem ninguém em casa. Pego umas coisas, coloco na bolsa, chamo

um táxi e vou para o apartamento de Beni. Abro a porta com a chave que ele me deu, entro e já está um pouco escuro. Acendo a luz da sala, deixo as sapatilhas no tapete e vou para o quarto colocar minha bolsa.

Quando abro a porta, fico estática com a cena que vejo. Coloco a mão na boca e vou entrando devagar. O quarto está em meia luz, há panos lilás nas luminárias ao lado da cama deixando o tom meio roxo e rosa. No teto muitos balões vermelhos em formato de coração flutuam e quando vejo a cama noto que é a cama nova que deveria chegar semana que vem. Fico paralisada no mesmo lugar, então a porta do closet se abre e Beni sai. Eu dou um grito e pulo de susto. Ele está sem roupa, só com uma cueca boxe ridícula, com uma cruz vermelha e os dizeres: UTI: Unidade de Tesão Intensiva.

— O que é isso, Bernardo?

— Sua festa de boas vindas. Bem vinda ao seu novo lar, com sua nova cama.

Dou uma risada e ele se joga na cama, fica lá esparramado com as mãos atrás da cabeça e um sorriso esnobe.

— Venha, doutora. Venha visitar a UTI do Bernardo.

— Que indecente. — Deixo a bolsa no chão e pulo na cama, em cima dele. Já até esqueci do caso de Anna com meu irmão. Quem consegue pensar em outra coisa quando se tem um homem desse tão gostoso, cheiroso e que tem um movimento de quadril delirante?

Já até perdoei Anna. Se ela sentir por Franz o mesmo que sinto por Beni, com certeza dá para compreendê-la. No meu caso, estou perdidamente apaixonada.

VINTE E NOVE



Bernardo

— Essa é a melhor cama do mundo! — Melissa ronrona embaixo dos lençóis se esfregando em mim, passa o nariz no meu braço, sobe no meu ombro e inala o ar. Ainda estou sonolento, pois a noite foi foda, no sentido literal. Mas não estou nem de longe cansado. Abraço-a e entrelaço minhas pernas com as dela, e Melissa passa a mão nas minhas costas, estacionando em minha perna.

— Dormir pelado é bom demais. — Murmuro. — Nessa cama, fica melhor ainda. — Digo e ninguém fala nada. Silêncio. Continuo de olhos fechados, apenas sentindo a leve carícia dos dedos dela e o calor do corpo feminino colado ao meu.

— Onde conseguiu esses balões? — Abro os olhos e sigo o olhar dela, para o teto.

— Fiz Johnny comprar. Na verdade, ele encomendou.

— Johnny?

— Sim. Em troca eu emprestei meu carro pra ele, para impressionar a garota que ele está afim.

— Conseguiu fazer as pazes com a menina?

— Conseguiu ou ameaçou ela, não sei. Do Johnny, eu espero qualquer coisa.

Melissa se mexe e deita o rosto no meu peito, sua mão desce e passa despreocupadamente as pontas dos dedos na minha coxa, bem perto do pau.

— Meu encontro com Anna foi péssimo...

— É? E aí? Ela te contou o que tá rolando?

— Ela chamou Francisco e os dois revelaram o caso para mim. Você devia ter me contado.

— Não mesmo. — Seguro a mão dela e a trago para se acomodar na minha barriga. — Ele é seu irmão e ela é sua amiga. Eu não tenho nada a ver com a história.

Melissa levanta o rosto e olha para minha mão segurando a dela.

— Provoca meu pau não. — Esclareço por que tirei a mão dela de lá.

— Eu nem toquei nele.

— Mas passou a mão perto e fica difícil, pois já quero te comer.

— Olha o palavreado xucro. — Ela alerta.

— Falar em xucro, conta aí. Como foi lá com o seu irmão hipócrita?

— Hipócrita?

— É, hipócrita. Como foi?

— Ah... Sei lá. Não sei mesmo, Beni. — Como ela não pode acariciar perto do meu pau, começa a passar os dedos no meu peito. — Fiquei muito chateada, não por ele me esconder, mas a Geovanna. Cara, ela é como minha irmã e conto tudo para ela.

— Mas ela não podia chegar e te falar “Ei, Liz, sabe o Francisco? Pois é, estou dando pra ele.

— Poderia, sim. Ela me contava absurdos que fazia com o delegado.

— Quando na verdade...

— Quando na verdade era com meu irmão. Fico enjoada só em pensar. Acredita que eles compraram algemas e fantasia de policial?

— Sério? Cacete! Que bando de selvagem.

— Pois é.

— Como não pensei nisso antes?

— Pensou em quê? — Ela levanta o rosto e me encara.

— Fantasia. — Eu me ajeito de lado e olho eufórico para ela — O

que acha de eu comprar uma de bombeiro?

— Bernardo!

— O que foi? Você gostou da minha cueca da UTI, então vai adorar meu capacete e minha mangueira.

— Depois ainda tem coragem de falar da hipocrisia do meu irmão.
— Melissa deita a cabeça de volta, agora no travesseiro, dividindo comigo o mesmo.

— E você contava sobre eu... Sobre nós dois?

— Contava? O quê e para quem?

— Sobre a gente, para as suas amigas.

— Um pouco. Não tudo, afinal Anna é sua prima e eu ficava com vergonha.

— Hum... então... — Começo a falar, mas me calo. Sei que nós, os homens, falamos coisas das mulheres para os amigos. Não tudo, coisa pouca, mas mulheres quando se juntam expõem a intimidade do homem de uma forma bem mais aberta, em detalhes. Elas falam das medidas, da performance, do romantismo do cara.

— O quê, Beni?

— Ela e Sarah quiseram em algum momento saber o tamanho do meu pau?

— Por quê? Mulheres não falam de tamanho de pênis. — Ela afirma numa voz sem um pingão de convicção.

— Falam sim. Quantos centímetros você me deu?

— Sei lá, dezesseis, dezoito. Não faço ideia, Beni.

— O quê? — Levanto num salto e bato acidentalmente o braço em sua cara.

— Ai, Bernardo! Você me bateu!

— Que porra é essa, Melissa? Dezesseis?

Ela se senta também com a mão acariciando o queixo.

— Diga, por favor, que disse que era dezesseis com ele mole.

— Não surta. Isso não importa! Seu pênis é bom, tem um tamanho ótimo.

— Bom? — Berro — Falou com elas que ele é apenas bom?

— Bernardo! Eu não queria falar putaria para sua prima, entrar em detalhes. Que coisa!

— Maior que uma latinha de red Bull, maior que um controle remoto. Vinte centímetros de pica, Melissa. — Falo bem alto e ela coloca sutilmente um dedo no ouvido. — Ouviu? Vinteee!

— Eu mereço. — Direciona uma revirada de olhos, afasta os lençóis e se levanta.

Levanto também e a impeço de ir para o banheiro.

— O que faria se eu saísse por aí te difamando, dizendo que você tem peitos do tamanho de limões? — Olho os seios dela. São bonitos, médios, do tamanho exato.

— Eu não faria nada. Primeiro que sei que eles são maiores que limões e, segundo, que o tamanho dos meus seios não define meu caráter.

— Pois o tamanho da minha rola me define. Que cacete! Aposto que a Anna deve ter dito que o delegado, vulgo Francisco, tem vinte e nove centímetros.

Ela fica me olhando, depois olha para meu pênis, que está meia bomba, duro/mole, e começa a rir.

— Está rindo de quê?

— De você e da sua infantilidade. Eu não falei nada do seu grande tesouro.

— Claro que falou. Olha o tamanho do meu pau, dos meus ovos. Tenho caralhão, não é justo. — Ela ri mais.

— Ok, falei, mas não disse o tamanho exato em centímetros. Eu disse que você tem um belo documento. — Ela caminha em minha direção e me abraça. — Para de bestagem, Beni, você tem o tamanho exato para mim...

— Vinte centímetros. — Adianto.

— Isso, vinte centímetros. — Ela concorda — E eu adoro. — Olha para baixo. — Tem veias na quantidade certa, não é desigual, daqueles finos na ponta e largo embaixo — Ela o segura e acaricia. — Ele é reto, tem a glândula volumosa e a largura é muito satisfatória.

— Resumindo, tenho uma piroca grande e grossa?

— Isso. E para de falar esses nomes. — Ela sorrir e fica na ponta dos pés para me beijar.

— Já viu muitos outros paus?

— Mais ou menos. Sou uma médica, lembra?

— Mas não é uma médica de piroca. Conte essa história direito.

— Bernardo, eu passei um tempo em pronto socorro e sou uma residente. Médico não escolhe o que vai ver. Vamos tomar um banho gostoso de banheira?

— Vai retificar o que falou das minhas joias?

— Vou. — Ela afirma e eu a pego pelas pernas e jogo no meu ombro. — Então agora vou te mostrar na prática meu tamanho exato, fazer você sentir cada centímetro.

— Oba! — Ela grita gargalhando e bate na minha bunda enquanto caminho.

— Safada. — Bato em sua bunda.

Depois de fazer umas loucuras no banheiro, com direito a gritos, tapas e mordidas, nos arrumamos e cada um seguiu seu caminho. Deixei Melissa no hospital e fui para o banco. Ela ainda não contou para Max que vai vir morar comigo, acho que ele vai fazer drama e tudo mais, porém, não vai poder fazer nada. Melissa já está na minha há tempos, e lógico que ela não vai aceitar as ordens do pai e perder as noites na minha cama boa com nossa foda gostosa.

— E aí? Deu tudo certo? — Pergunto a Johnny quando chego ao banco e ele sorri satisfeito.

— Sim, Michelle vai sair comigo. E também a convidei para passar o dia das mães com a gente.

— Sério? — Paro interessado perto da mesa dele, que está todo elegante em um terno de risca de giz e gravata vermelha.

— Pois é. Os pais dela estão em São Paulo e ela vai decidir se aceita.

— Cara, isso não vai dar treta com seu pai?

— Que nada. Papai é um rancoroso, mas eu não estou transado

com Jorge e sim com a filha dele.

— Já comeu a advogada?

— Claro. Olha se sou você que preciso armar uma viagem para comer alguém?

— Olha que eu tomo meu carro.

— Foi mal. Não vai tomar nada.

— Sei de nada. Acho que vai ter confusão demais nesse almoço do dia das mães.

— É? Por quê? Apenas por causa da Michelle?

— Michelle é o mínimo dos problemas. Você vai descobrir, Johnny. — Digo, viro as costas e começo a andar — Vai descobrir. — Não quero falar com ele do caso de Franz e Anna e colocar tudo a perder. Quero ver é o quebra pau com todo mundo reunido. Acho que vai rolar socos. Tomara que tio Enzo consiga acertar Franz ou Max para pagar o que eles me fizeram domingo passado.

Para não perder o costume, a parte da manhã foi uma bosta para mim. Nunca corri tanto e nunca ouvi tanto meu pai gritar no telefone para eu me apressar. Quis pegar uma garrafa de alguma coisa alcoólica, sentar no meio fio e lamentar da vida. Ou ir para o twitter que é quase a mesma coisa de ficar na calçada lamentando.

Quase nem consegui almoçar direito. Johnny foi buscar quentinha para a gente e comemos na sala de reuniões. Francisco ficou olhando para Johnny de rabo de olho e eu o achei um puta covarde de não contar logo para o cara que ele está se pegando com a Anna, mas fiquei na minha, afinal, quero ver é a merda no domingo que vem.

— Vai mesmo ganhar uma sala aqui? — Pergunto para Johnny. Ele assente com a boca cheia de comida, toma um gole de coca, engole e fala:

— Sim. Meu pai prometeu que se eu for para Nova Iorque e fizer tudo certo, ganho minha sala.

— Já desbloqueou o Gael no seu twitter? — Francisco se enche de chacota.

— O cara é um cusão, está errado e sabe disso, mas continua com aquele nariz de merda empinado.

— Queria que ele te pedisse desculpas?

— Que nada! Deixa essa merda pra lá.

— Está é com inveja que ele faz aquelas paradas de dança e tem entrada liberada naquele clube de sacanagem do tio dele. — Eu analiso. — Coisa que nenhum de nós conseguimos.

Johnny arregala os olhos e sorri, um sorriso perverso.

— Gael frequenta aquele puteiro?

Eu e Francisco nos entreolhamos.

— Sim... Quer dizer, o tio dele quem comanda, então ele deve frequentar.

— Cara, isso é ótimo. Os pais dele vão fuder o rabo dele se souber, principalmente a mãe.

— E você vai inventar fofoca pros velhos do cara, Johnny?

— Seria melhor do que comer a irmã dele, não é Beni? — Francisco engasga com a comida e começa a tossir quando ouve Johnny falar de comer irmã. Eu finjo naturalidade.

— E cadê a honra, Johnny?

— Está na casa do caralho. Ele quase ferrou comigo, então vou ferrar de leve com ele. Talvez eu dê uma passadinha lá hoje a tarde para tomar café com dona Olivia.

— Seu sacana! — Franz murmura, rindo. Mal sabe Johnny que o sacana aqui é o próprio Francisco.

Depois de almoçar, descansei meia hora, tirei um cochilo na poltrona da minha sala e, antes de começar a trabalhar, meu celular tocou me fazendo despertar. Era Melissa.

— Beni, pode me encontrar agora, nesse exato momento?

— Claro. O que houve? — Passo a mão no rosto e olho as horas. Duas e quinze da tarde.

— Vou te passar o endereço, apenas venha. Eu te conto quando chegar aqui. — Ela me dá o endereço, pego meu terno e saio rápido da sala.

Johnny não está na mesa dele, então aviso a secretária que vou dar uma saidinha e que qualquer coisa é só falar com Francisco.

Fico surpreso quando paro no endereço que ela me deu e vejo que é uma concessionária. Desço do carro, olho em volta e vejo o exato momento em que Melissa anda em direção à porta de entrada na companhia de Max e Julia. Espero alguns carros passar e atravesso a rua correndo.

— Ei, Liz! Aqui. — Grito abanando a mão, os três param e me olham.

— Ahh, cacete! — Max ruge como um leão feroz. — O que esse cara está fazendo aqui?

— Ele é meu namorado, pai. — Melissa fala, vem até mim e nos beijamos. — Meu pai vai me dar um carro e quero que me ajude a escolher. — Ela me deixa a par da situação.

— Vai te dar um carro? — Franzo o cenho, desconfiado — Assim, do nada?

— Pois é. — Ela fica sem graça e olha para os pés. — Eu contei que queria me mudar para seu apartamento, aí meu pai falou que se eu deixasse isso mais para frente ele me daria o carro agora, hoje.

— Você me trocou por um carro? E nossa cama nova, Melissa?

— É um carro, Bernardo. E eu não te troquei.

Max se aproxima sorrindo de orelha a orelha e diz:

— Cada um usa as armas que tem.

— Como assim? Você primeiro me obriga a casar com sua filha e agora vem se intrometer?

— Falou certo: casar, não morar junto. Minha filha precisa de compromisso sério rapaz.

— Eu não acredito! — Exasperado, encaro Max. Julia fica indiferente e Melissa dá de ombros. — Vai deixar seu pai ficar fazendo planinhos contra mim?

— Não estou fazendo planos contra ninguém. Vamos, macaquinha. — Max passa o braço no ombro de Melissa. — Temos um horário agendado para você escolher seu carro.

— Você está sim planejando para arrancar minha mulher de mim. — Eu acuso e ele se volta com um pouco de raiva brilhando nos olhos.

— Ela é minha filha. Olha como fala dela.

— Eu não falei nada de mais, disse a verdade. Melissa é minha namorada, minha mulher.

— Parem agora vocês dois. Isso está ficando muito chato. — Julia belisca Max e o fita de olho torto. — Será que você não lembra quando jogou para poder me seduzir? Eles dois estão juntos Max, aceite.

— Eram outros tempos, Julia.

— Mas as coisas não mudaram muito. Deixa os dois em paz. Eles vão ser pais, daqui a uns meses vão formar a própria família, casados ou não. Venha logo. — Julia puxa Max pelo braço e os dois entram na concessionária.

— Seu pai está cada dia mais porre. Nem parece o cara que eu sempre achei foda.

— Ele só está com ego ferido. — Melissa segura minha mão e entramos também.

Max e Julia conversam com um homem, e eu e Liz vamos dar uma volta, ver os carros.

— Olha aquele, Beni! — Ela aponta para um branco, comum, popular.

— Não mesmo. Vamos arrancar o couro do velho. — Puxo ela, andando no meio dos carros. — Olha aquele ali.

— Eu não preciso de um carro de luxo. — Ela contesta quando chegamos perto do carro branco, design elegante, compacto, carro de mulher.

— Tem que ser esse, Melissa. Escolha esse.

— Olá, boa tarde. — Olho para o lado e um homem sorridente acabou de se materializar ao lado.

— Você pode apresentar essa belezinha para ela? É o primeiro carro dela, tem que ser o melhor. Esse modelo na versão top de linha.

— Esse é a escolha certa. — O homem fala e já abre a porta, mas Melissa fica indecisa.

— Não gostou do carro? — Indago.

— Gostei. Nossa, adorei. Perfeito. Mas, será que não ficará muito caro para meu pai pagar? — Diz e seguro em seus ombros.

— Liz, seu pai é um dos donos do banco. Sabe quantos milhões ele tem na conta?

— Mas...

— Não coloque “porém”. Ele deu um apartamento para seus irmãos, que custou quase um milhão. Será que não pode te dar um carro?

Ela assente para mim e olha para o carro.

— Escolheu? — Max e Julia se aproximam.

— Nossa, esse é lindo. — Julia diz, sorrindo e corre para olhar dentro do carro.

— O que acha desse pai? — Ela pergunta, nitidamente a aprovação dele é o que mais importa.

— O importante é você gostar, Macaquinha.

— Eu gostei, mas...

— Se gostou, já é seu.

— Sério?

— Muito sério. Entre nele e veja se é mesmo o seu favorito. — Liz saltita feliz, dá um beijo no rosto de Max e corre para dentro do carro se juntando a Julia, que já está lá. O vendedor fica do lado de fora falando tudo que tem no carro e o que mais vem na versão top de linha.

— Fez a lição de casa direitinho, né coroa? — Eu murmuro ao lado de Max.

— Rapaz, eu tenho anos de estrada. Medir forças comigo é perda de tempo. — Olho para ele.

— O que quer então? Eu já estou fazendo tudo que posso. Você foi um completo pau no cu no passado, fez o que fez com Julia, armou com meu pai e tio Enzo e agora fica aí posando de bonzão.

— Porque eu fiz coisas com a filha dos outros não significa que vou aceitar que façam o mesmo com minha filha. Quero que assuma ela legitimamente.

— O quê? — Olho para ele ao meu lado, nós dois de braços cruzados, lado a lado olhando as duas dentro do carro animadas.

— É, casar. Dar um lar a ela, como eu dei a Julia e a meus filhos. Quero ter certeza que minha filha e meu neto vão ter tudo que merecem.

— E o que acha que estou fazendo? Já comprei cama nova para a gente, tenho meu emprego e minha própria casa. Eu sou como você era há trinta anos. A diferença é que eu e Melissa estamos indo devagar. — Rebato e ele me encara com olhar cheio de dúvida.

— Porra, Max. Eu não sou um estranho. Eu cresci na sua casa praticamente. É melhor ela estar comigo do que com um desconhecido por aí.

— Sabe todas as regras, não é? Sobre ser um maldito filho da puta com ela?

— Sim, eu sei. Você vai me matar e, se eu fugir, vai soltar seus tigres gêmeos para me pegar.

— Bom garoto. — Ele bate no meu ombro. — Sabe das coisas. — Diz, sai de perto de mim e vai para o carro. Enquanto a família olha o carro e conversa com o homem, eu fico de longe só analisando.

Esse cara está precisando de um “cala boca” e eu sei exatamente o que preciso fazer. Não para convencê-lo, mas para neutralizar de vez qualquer ameaça de Max.

Melissa ficou com o carro e ele será entregue na casa do Max. E, enquanto ele ajustava os papéis, eu a puxei de lado.

— Não vai mesmo dormir comigo hoje?

— Vou, pode me esperar.

— Vai mesmo?

— Depois de experimentar aquela cama, não quero mais saber da minha antiga.

— É só mesmo pela cama?

— Ok. É pelo gostoso pelado que fica em cima dela.

— Agora eu gostei. — Eu a abraço, Melissa envolve meu pescoço com seus braços e nos beijamos. E, sutilmente, dou um tapinha em sua bunda.

— Gostosa! Essa noite vamos derrubar aquele prédio.

— Obaa! Mal posso esperar. Use sua cueca da UTI.

— Já estou usando. — Ela ri e volta a me beijar.

TRINTA



Marquei com Beni de que iria para o apartamento dele hoje à noite, mas eu não queria enganar meu pai, muito menos desapontá-lo. E também não queria perder meu namorado com apenas uma semana de namoro. Por isso, tive que tomar uma atitude bem madura e ir ter a conversa que ainda não tive.

Depois de ter comprado o carro, eu fui para casa com minha mãe enquanto Beni e meu pai voltaram para o banco. Eu sentei na sala e fiquei pensando, com a TV ligada. Estava muito insatisfeita com tudo, não tive tempo de digerir minha gravidez, de chorar sozinha ou comer dois potes de sorvete e xingar Beni até as três da madrugada. Tudo aconteceu muito rápido, a gente nem tinha começado a ter um caso gostoso, sólido e já veio o bebê. Beni forçou uma reconciliação e eu acabei deixando pra lá, aceitando as desculpas dele. E agora que eu estou curtindo muito minha nova fase da vida, por estar cada vez mais apaixonada por Bernardo, vem meu pai tentar me fazer mudar de ideia.

E após tomar a decisão necessária, me vesti e fui para o banco, a matriz. Cheguei, me anunciei na portaria e logo eu estava na sala dele. Papai me olhou bem sério e vi um pingo de temor em seus olhos, pois acho que ele já sabia do que se tratava.

— Pai, foi muito chato quando queria tanto namorar a mamãe, mas tinha empecilhos no seu caminho? O vovô, por exemplo.

Ele tirou os óculos, esfregou os olhos, exalou profundamente e voltou a me encarar.

— Está mesmo gostando daquele... — freou as palavras e completou

— do Bernardo?

— Sim, pai. E precisamos de um tempo juntos para ver como isso vai acontecer, pelo bem do bebê. Não estamos brincando como quando tínhamos oito anos. Devemos, sim, tentar um relacionamento sério. Eu preciso ter um tempo para mim, porque estou entrando numa nova fase da minha vida e preciso passar esse tempo com Bernardo.

— Eu não queria que...

— Eu também não queria. — Interrompo-o — Eu tinha uma vida tranquila, com um trabalho perfeito, morando numa bela casa, mas aconteceu. Não queria gravidez agora, com vinte e seis anos. Beni muito menos. No entanto, temos que encarar isso. E gostamos de estar juntos, estamos progredindo.

Ele assente e fica de cabeça baixa, rolando a aliança no dedo.

— Eu também preciso absorver isso. Fazer tudo para ficar com sua mãe foi uma coisa, até meu casamento eu armei tudo sem ela saber. — Ele dá um sorriso fraco, de lado, acho que recordando e continua olhando para a mão. — Mas, ver alguém tentar tirar minha filha da minha casa, é outra coisa.

— Isso teria que acontecer algum dia.

— Sim, eu sei. Mas... poxa! É difícil. Não posso deixar que...

— O senhor está sendo orgulhoso e não pensando mais além. — Ele levanta os olhos e me encara. — Não está pensando no meu futuro. Vai ter netos, vamos sempre visitá-los. — Digo e ele fica calado, afrouxa a gravata impaciente e passa as mãos nos cabelos que já tem os primeiros fios brancos.

— Pai...!

— Eu sei, estou sendo um baita bunda mole dos tempos antigos. É duro ver cada um de vocês partir, mas... — Ele solta o ar pela boca. — É a vida. Primeiro, meus garotos e agora... você.

— Isso vai acontecer comigo também um dia. É a vida.

— É, tem razão. — concorda de olhos baixos.

— Isso é um sim?

— Um sim para quê?

— Para eu me mudar para o apartamento do Beni.

Ele fica mexendo a cadeira executiva, de um lado para o outro e a

mão no queixo enquanto pensa.

— Pai...!

Me fita, está de sobrancelhas baixas, cara de executivo financeiro.

— Fique com ele nos finais de semana.

— O quê?

— E a semana toda com a gente. Bernardo sobrevive sem você durante os cinco dias.

— Não vim negociar.

— Vai deixar eu e sua mãe sozinhos?

— Já disse que isso teria que acontecer um dia. E tem a vovó, sem falar que eu estarei perto. Não vou sair da cidade.

— É. — Ele balança o pescoço — Vocês... Já falaram do futuro? Casamento, casa nova...

— Ainda não. Quer dizer, Beni acha que trinta anos é uma boa idade para casar. Ele quer esperar ter essa idade.

— Por que ele quer esperar? Qual é essa intenção dele?

— Sem treitas, senhor Max. Eu e ele estamos nos entendendo, vai ficar tudo bem. — Ele continua de cara fechada e dou uma risada. — Crescemos, pai. Eu, Franz e Freddy. O senhor e a mamãe têm que aceitar isso.

Ele se levanta, vem até mim, me puxar e me abraça apertado.

— Ai, que droga! Minha prole cresceu tão rápido. Queria manter vocês três em cárcere privado.

— Isso é crime. — Alerto-o sorrindo.

— Dane-se. São meus filhos e eu decido se mantenho ou não em cativeiro.

— A gente nunca vai abandonar vocês dois. — Afasto-me do abraço para olhá-lo. — Olha Freddy e Franz, eles se mudaram, mas passam mais tempo lá em casa do que no apartamento deles.

— Vou comprar aquela casa ao lado da nossa.

— Pra quê? Tem gente morando lá.

— Não importa, eles vão ter que sair. Vou comprar a casa e dar para

você e Bernardo Pau no Rabo morarem.

— Meu Deus! — Dou uma gargalhada. — Pai, olha o palavreado. Ele é meu namorado, seu genro.

— Genro é o cacete! Ele sempre será um pilantra. — Ele me puxa de volta para me abraçar e beija o alto da minha cabeça. — Só não desejo a ele uma gravidez de quintuplos sendo todas meninas, porque isso seria ruim para você.

Assim que sai do banco, corri para minha casa. Estava muito eufórica, tão eufórica que tive ideias mirabolantes. Acho que de agora em diante terei paz no meu relacionamento. Ver, na verdade, se vai dar certo esse meu relacionamento com Bernardo. Decidida a preparar uma surpresa para ele, meti umas roupas na bolsa, me vesti adequadamente e esperei dar a hora de sair, mais ou menos na hora que Beni sai do banco e chega em casa.

Pelo celular, chamei um táxi, passei na sala, me despedi da minha mãe e do meu pai que tinha acabado de chegar e sai muito feliz, saltitante, pelo que estava planejando.

Tenho uma chave do apartamento, mas decidi bater na porta. Antes passei na portaria e confirmei que Bernardo já estava em casa. No entanto, antes de encostar os nós dos meus dedos e bater na porta, me ajeitei, fiquei pronta e bati. Segundos depois, a porta se abriu e Bernardo, só de bermuda, olhou para mim.

Desamarrei o cinto do sobretudo revelando minha roupa branca e um estetoscópio em volta do meu pescoço, soltei os cabelos balançando a cabeça sensualmente e indaguei:

— Foi daqui que pediram um atendimento médico urgente?

— Potaquepareeo! — Beni murmura abismado, olhando para meus seios meio saltados na blusa colada com um decotão.

— Você é o paciente? — Toco no peito dele, o empurro para dentro, fecho a porta e jogo a bolsa no chão.

— É sério? Pai do céu! Vou ganhar uma foda de...

— Shii. — Coloco o dedo em seus lábios silenciando-o, pego o

estetoscópio e coloco no ouvido. — Onde está dodói?

— Meu saco já era, doutora. Está no chão, precisa ressuscitá-lo. — Diz com a voz sofrida e tento não rir. Faço uma encenada cara de surpresa e coloco a mão na boca.

— Oh! Isso é grave. Precisa deitar, tenho que dar os primeiros socorros.

Beni vai andando de costas até chegar ao sofá e cair sentado, de olhos saltados me olhando.

— Tire a bermuda.

— Agora. — Beni dá um pulo e arranca a bermuda rapidinho. — Valeu a pena cada centavo pago no convênio. — Ele comenta rindo e fecho a cara pra ele. A cueca já está com um volume enorme.

— Deite. — Ordeno e ele deita no sofá.

— Agora vou te examinar, senhor Brant. Se for bonzinho, te dou um doce. — Com o estetoscópio no ouvido, abaixo e pressiono a ponta em cima do pacote na cueca dele, como se auscultasse.

— Ai caraiiii! Assim eu gozo. — Ele levanta a mão e apalpa meu seio e dou um tapa na mão dele.

— Shiiu. Quietto! Ou terei que te deixar a mercê dos enfermeiros.

— Tomei no cu. Doutora má.

Mordo a bochecha por dentro para não rir.

— No meu turno não há brincadeiras, senhor Brant. O seu caso é grave pelo que vejo, vou ter que arrumar uma cura para seu problema.

— Posso dar uma sugestão? — Ele levanta o dedo.

— Não. Eu faço o diagnóstico e digo o que deve ser feito.

Volto a encostar a ponta do estetoscópio na cueca dele, Bernardo fecha os olhos e arfa. É incrível como em poucos segundos já está à mostra o contorno do enorme pênis dele, duro igual pedra. Meu namorado é uma potência.

— Vou precisar tirar isso. Não se mexa. — Beni abre os lábios e geme quando enfio as mãos no cóis da cueca boxe e a puxo para baixo, deslizando-a por suas pernas musculosas e o pau bem duro salta, lindo e poderoso.

Eu acho o corpo humano a máquina mais bem elaborada no mundo, nenhuma criação do homem, jamais poderá se comparar. E também a coisa mais bela. O corpo de um homem então, enche meus olhos. Bernardo tem proporções extraordinárias, os músculos dele, o peito largo e forte, os pelos negros salpicando partes do corpo e, claro, as joias da família que ele tanto ama. Não sei se são mesmo vinte centímetros, mas que é avantajado, isso é evidente.

Deixo de lado o estetoscópio e passo meus dedos por toda a extensão do pênis, de olho nas expressões do rosto de Bernardo. Em seguida, tomo-o na minha mão e aperto. Bernardo sopra, fecha os olhos, e continuo segurando. Passo o polegar na língua e em seguida encosto na glândula, começando a fazer pequenos círculos lentos e torturantes. Uma gotícula de pré-goço escapa e eu a espalho com o polegar.

— Como está o tratamento?

— Melissa...

— Doutora Melissa. — Corrijo-o.

— Doutora Melissa, isso está... muito bom.

Sorrio. Estou até tremendo com minha ousadia, minha luxúria, mas não dá para ser inocente com o Bernardo. Ele parece... comestível. Toda vez que o vejo sinto um calor subir e sinto um alvoroço até nas veias, por entre o sangue. E nem precisa que ele me toque para eu sentir isso tudo. Os seus lábios quando sorriem já me deixa tonta, com vontade de morder e lamber. E é isso que preciso fazer agora. Minha vagina está queimando de tanta excitação.

Beni pulsa na minha mão e solto seu pau que fica ereto, caído, indo até o umbigo, com os testículos a mostra. Dou um sorriso para ele e abaixo meu rosto, me sentindo fervendo de tesão. Fecho os olhos e abaixo minha boca, passo a língua nos testículos, um de cada vez, bem devagar e na mesma hora as mãos de Bernardo se fecham apertando uma almofada. O cheiro dele, erótico e viril, invade minhas narinas e minha boca saliva. Passo minha língua de novo e agora subo para o pênis, lambendo toda a extensão até chegar à cabeça. Ali, rolo a língua ao redor e me afasto.

— Ui! Que língua gostosa! — Ele rosna com o rosto levantado para me ver. Afasto-me, arranco minha blusa e fico de sutiã e mini saia branca. Bernardo se deita melhor, ajeita algumas almofadas atrás da sua cabeça para

ter uma visão perfeita do que vou fazer com ele.

— Prepare-se. — Digo e abaixo minha boca abocanhando o pau dele. Ouço o soluço arfante de Bernardo e sorrio excitada e satisfeita. Seguro o pau dele, subindo e descendo em minha mão e aprofundando mais em minha boca. Sinto o gosto e a textura quente, duro e bem grosso. Vou até onde consigo, deixo ele tocar na minha garganta e tiro de volta.

— Ah, porra! Que boca gostosa! — Ele se sacode e volto a chupá-lo, fazendo sucções lentas e firmes, ensopando o seu pau de saliva. Sugo a pontinha como se estivesse sorvendo sopa quente, ele pira e levanta os quadris tentando foder minha boca. Coloco as duas mãos nas coxas dele e o seguro. Beni suspira, coloca o braço nos olhos e geme. Deve estar se concentrando para não gozar. Sem piedade alguma, eu continuo, não paro mesmo. Vou até onde consigo, volto e torno meter em minha boca, chupando, fazendo sucção com minhas bochechas como ventosas. Os gemidos roucos de Bernardo ecoam pela sala do apartamento e eu só o chupo como nunca chupei antes, sentindo o prazer de ter ele todo duro, latejante e grosso passando nos meus lábios.

— Merda meu! Vou gozar, Melissa! — Ele grita e segura forte nos meus cabelos, mas eu não paro. Seguro no saco dele, cravo minhas unhas em sua coxa arranhando e não demora muito para ele se contorcer, rugir e jorrar em minha boca seu esperma viscoso. Num instante, não há mais nada na minha boca.

— Cacete! Até meu cu vibrou. — Ele ofega. Eu rio e, mesmo ele tendo gozando e ainda com espasmos, eu sugo cada gotinha.

Beni se senta, me puxar e me beija loucamente. Se recosta no sofá e me ajeita sentada no seu colo.

— Quero te comer. — Ele avisa e já enfia a mão pela minha saia. — Puuuta!! Você está só o caldo aqui em baixo. Louquinha de tesão né?

— Meu safado cretino! — Enfio minhas mãos nos cabelos dele e o puxo de volta para o beijo, gemendo e beijando enquanto Bernardo me enlouquece mais ainda com seus dedos em contanto com minha vagina. Ele passa o polegar, afasta as bordas e consegue enfim invadir.

— Beni!! — Enfio minhas unhas em seus ombros.

— Rebola no meu pau, minha gostosa. — Tira o dedo e quando enfia outro vai junto. Dois dedos indo e vindo, tocando meu interior de uma

forma tão erótica e instigante, me fazendo tremer por dentro, e não está adiantando de nada. Quero mais.

— Não tem jeito. — Ele se levanta do sofá comigo no colo. — Vou ter que chupar essa sua boceta. Não posso foder sem sentir esse gosto. — Ele abre minhas pernas, arranca minha calcinha e sorri antes de dar um beijo na minha vagina. Nem tenho tempo de reagir, ele abocanha e chupa, puxando com os lábios, lambe mais, chupa, fazendo a maior lambança e um barulho úmido, me deixando toda devastada de prazer.

— Delícia, delícia! Essa boceta foi feita pra mim. — Fala olhando para minha vagina e volta a passar a língua. Eu observo ele com a língua toda de fora, um pecado de tão erótico; Bernardo tem uma língua enorme. Ela vai do início ao fim, numa lambida enlouquecedora, como se lambesse um sorvete.

Minhas mãos vão para seus cabelos, a cabeça jogada para trás, as pernas tremendo, tudo em mim afogando em prazer. E quase perco a fala quando ele faz o que mais amo: enfia a língua, bem devagar e vai intercalando. Ele lambe, enfia a língua e chupa. No fim, a língua dele entra e sai me fazendo ver estrelas. Bernardo devia ganhar um prêmio. Não sei o pai ou o tio dele, mas esse com certeza é o melhor Brant de todos.

Ele não espera eu gozar, puxa meus braços e me assusto, mas nem tenho tempo de protestar, pois ele me coloca de pé, colada ao seu corpo e nos agarramos fortemente, o pau dele bem duro no meio das minhas pernas. Enrosco meus braços em volta do corpo dele, passo as unhas em suas costas e depois desço para sua bunda e torno a subir para o pescoço, sem parar de nos beijar.

— Vai ser até o talo, Liz. — Ele avisa, dá um giro e se joga no sofá me fazendo cair sentada sobre seu pau.

— Levanta um pouquinho. — Ele pede e eu me ergo de leve. Beni segura no pau dele, pincela contra minha vagina e entra aos poucos. E eu faço minha parte, sentando, sentindo cada pedacinho dele me abrir dolorosamente de uma forma prazerosa. Agora eu me controlo para não gozar. É impressionante como isso é gostoso, bom demais. Eu me ergo e o pau começa a sair e me sento de novo engolindo-o.

— Bernardo! Nossa, que pau delicioso! Estou em chamas.

— Vou colocar mais lenha na fogueira. — Ele puxa meu sutiã para

baixo, meus seios saltam e Beni encosta a boca chupando um e apalpando o outro. Meus mamilos estão doloridos e quando ele toca os lábios, sinto um alívio delirante, um alívio que quase me faz gozar.

Cavalguei por mais algum tempo, depois ele se levantou, afastou as coisas da mesinha de centro passando o braço e jogando tudo no chão, me deitou ali de pernas para cima e empurrou meus joelhos, me deixando exposta, completamente aberta nessa posição. Veio por cima e penetrou tudo de uma vez arrancando de mim um grito. Deixei três riscos de unha no ombro dele e acabei gozando nessa posição. Saboreei vários minutos com ele em cima de mim, um papai e mamãe na mesinha de centro. E assim é ótimo, pois posso beijá-lo e ter esse corpão saboroso, quente, suando em cima de mim. Foi uma gozada poderosa, potente e enlouquecedora.

E não terminamos por aí.

Eu contei para Beni que meu pai enfim aceitou que eu morasse aqui e logo virei para cá. Ele riu, na verdade gargalhou, me abraçou e rodou comigo em seus braços, nós dois pelados rodando na sala.

Como suamos demais e gastamos energia, ele foi para a cozinha pegou uma vasilha de água e virou na boca deixando molhar o peito. Fiquei vendo essa imagem, me excitando mais ainda, sentindo meu estômago leve, acreditando que tenho sorte em namorar um cara desses. Beni caminhou em minha direção e me entregou a jarra para beber água, ele tomou mais e depois colocou a vasilha na mesinha.

— Banho?

Assenti na hora e corremos para o banheiro do quarto dele. Ele ligou o chuveiro, entramos debaixo e nem nos preocupamos com sabão ou xampu, mas com outra coisa. Estávamos agarrados debaixo da água, nos beijando avidamente.

— Estou muito feliz que vai vir para cá. — Murmurou.

— Eu também. Vamos ter muito tempo juntos.

A mão dele passou por meu queixo, acariciou meus lábios e senti meus olhos brilharem, pois os deles estavam brilhando também, nosso olhar compenetrado.

— Gosto muito de você, Mel. Estou muito empolgado com a ideia de dividir tudo com você. Minha cama, principalmente. — Confessa e sorrio abobalhada, besta de paixão.

— Eu também.

Voltamos a nos beijar e quando ele me pressionou contra a parede eu já sabia o que viria. E eu queria mais, muito mais. E tenho certeza que mais tarde transaríamos de novo.

Ele me abraçou apertado por trás, o pau na minha bunda e, enquanto mordida meu ombro, lábia meu pescoço, puxou meus cabelos fazendo meu rosto virar para poder me beijar.

— Abra as pernas. — Deu um tapinha em minha coxa e abrir as pernas, sentindo-o bater o pau contra minha vagina.

— Vinte centímetros, lembra?

— Lembro. — Dei uma risada.

— É muito pau. Vai ficar de pernas moles agora. — Falou e entrou. Arquejei, gemi e senti ele tocar bem no fundo. Ele enroscou uma mão nos meus cabelos, a outra apertou minha bunda e começou a bater fundo, depressa, voraz.

Nossos gritos e gemidos ecoavam pelo banheiro e minhas pernas iam cada vez mais tremendo, perdendo o controle enquanto o orgasmo chegava.

Pedimos pizza, e assistimos televisão abraçados, debaixo do mesmo cobertor no sofá. Depois fomos para o quarto e lá transamos de novo. Acabei dormindo nos braços de Beni depois de gozar mais duas vezes. Mais tarde senti os braços dele me envolvendo e sorri satisfeita. Dormimos praticamente na mesma hora, eu estava cansada e ele também. Essa cama é mesmo muito boa, com Bernardo em cima então, fica muito melhor.

TRINTA E UM



Combinei com Anna de passar na casa dela agora pela manhã. Eu tenho plantão hoje e a partir das seis horas da tarde preciso estar no hospital. O engraçado de tudo foi Bernardo ter passando muito tempo em cima de mim agora pela manhã com seu pênis me penetrando, tentando me fazer mudar de ideia e ir dormir com ele. Eu só precisava que ele entendesse que eu não mando nas escalas de plantões do hospital. Eu não mando em nada lá, só signo ordens. E ele disse: “Aceite vir dormir comigo, ou eu não vou me mexer.” Eu já estava angustiada com o pau dele dentro de mim, metido até o fim, sem mexer.

Por sorte, ele acabou perdendo a paciência e transou decentemente. Nós gozamos como deve ser, tomamos banho, nos arrumamos e tomamos café pela primeira vez no apartamento. Eu fiz o café e ele foi comprar algumas coisas. Trouxe comida para um batalhão, pães, bolo, biscoitos. Em seguida, pegamos nossas coisas e ele me deu uma carona até a casa de Anna.

— Almoço juntos? — Perguntei quando ele parou em frente à casa de Geovanna. Johnny estava tirando a moto da garagem para ir trabalhar.

— Vou almoçar na empresa. — Resmungou com raiva, porque, depois de tudo, eu ainda não aceitei trocar o plantão.

— Então eu irei almoçar com você e os meninos. Vou com você para o restaurante. — Sei que eles três sempre vão almoçar lá mesmo quando não comprem comida. Dou um beijo em seus lábios dele. — Quer ou não passar mais tempo comigo? Já que vou passar a noite no hospital hoje.

— Passar um tempo no almoço com você lá na empresa será como comer sopa de chuchu, ou seja, sem graça.

— Por quê?

Bernardo olha para Johnny passando o descanso na moto e vindo na nossa direção.

— Acha que vou poder te comer na empresa com seu irmão lá bisbilhotando?

— Estou indo lá almoçar, não transar.

— Mas como não vai dormir lá em casa hoje, preciso adiantar nossa foda.

— Fizemos agora a pouco.

— Quero de novo.

Johnny chega e eu desisto de contestar.

— Tarado. Vou pedir comida pra gente. Chegue meio dia.

— Tá. Procure churrasco em algum lugar, eu estou com vontade.

— E aí, chefinho? — Johnny se debruça na janela do carro no lado de Beni. — E aí, Liz?

— Tudo bem, Johnny? Anna já acordou?

— Sim.

— Até mais Beni. — Dou um beijo nele, aceno para Johnny e saio do carro. Mas antes totalmente ouço Bernardo falar: “Entra aí, cara, te dou uma carona.” E Johnny responde: “Não. Estou indo resolver umas paradas aí.”.

Afasto deixando os dois conversando e aperto o interfone, que é atendido por uma voz grossa.

— Oi.

— Oi, Enzo. É a Melissa.

Pouco depois a porta se abre e Malu aparece já pronta para ir trabalhar.

— Ei, Liz.

— Oi, Malu. Anna disse para eu passar agora cedo aqui.

— É, ela já acordou. Temos novidades, estou quase enfartando de alegria. — Olho desconfiada para ela e nem tenho tempo de perguntar nada. Enzo está arrumando uns papéis numa pasta executiva e fala sem se virar

para nós:

— Maria Luiza é a única mãe que se alegra em mandar a filha pra fora do país. Eu não aprovei essa loucura ainda.

— Ah é? E o que me diz de querer mandar o Johnny ficar em Nova York por dois meses?

— Ele é homem, Malu. Que droga. E são apenas dois meses.

— O quê? Isso é machismo puro. É o sonho dela, Enzo.

— O sonho dela que pode ser realizado aqui.

— E o Johnny pode aprender sobre o banco aqui.

Fico sem graça por ver os dois discutindo e nem preciso ouvir mais nada para saber do que se trata. E já começo a ficar aflita. Não acredito no que pode estar acontecendo.

— Anna está...

— Na cozinha. Pode ir lá, querida. — Malu fala e vai para perto de Enzo.

Deixo eles dois na sala e corro para a cozinha. Anna está de cabeça baixa, pensativa e sentada de pernas cruzadas numa cadeira. Mastiga devagar olhando sem piscar para o café.

— Oi. — Digo e ela me olha.

— Aconteceu, Liz. Eu passei no teste. — Ela fala na lata, direta como sempre foi.

Deixo minha bolsa no balcão e corro para perto dela. Puxo uma cadeira e me sento bem pertinho.

— Ah! Essa não.

— Eu nem dormi de noite. Estou sem saber o que fazer.

— Já contou para meu irmão?

— Não. — Ela exhibe olhos brilhantes. E pelo olhar eu sei que está feliz e aflita ao mesmo tempo. É o sonho dela, mas creio que ela não quer deixar muita coisa para trás.

— Meus pais acabaram de saber. Eles acordaram tão bem e agora estão em pé de guerra, pois o papai não aceita.

— E você? O que importa é você. O que quer?

— É meu sonho, você sabe. Ganhei bolsa integral para um curso de preparação e posso ficar de seis meses a dois anos. — Diz e, sem resposta, eu apenas encaro-a.

— Quer café?

— Não, obrigada. Anna, como é seu relacionamento com o Franz?

— Como assim?

— É algo sério? Entre vocês...

— Sim, é sério. Que caralho! Merda! Eu não sei o que vou fazer, Liz. Não sei mesmo.

— Você deve contar para ele. Francisco precisa saber disso logo.

— Contar para ele é o de menos. E se ele quiser que eu faça uma escolha?

— Vale a pena fazer essa escolha? Gosta tanto dele a ponto de deixar seu sonho de lado?

— Eu não sei.

— Não sabe, Geovanna? — Olho para a porta para ver se vem gente, volto para encará-la e cochicho: — Meu irmão é meio apegado, ele se apegua fácil. Foi assim com Kelly e se você fizer o mesmo...

— Ai, por favor. — Ela coloca as mãos nos olhos. — Eu não posso pensar nisso agora.

— Então vai pensar quando? Porque ele vai querer uma resposta assim que você der a notícia.

— Eu vou conversar com ele, mas antes eu preciso digerir isso. Está indo para o hospital?

— Não. Eu e minha mãe vamos passear por aí e olhar umas roupinhas de bebê.

— Posso ir? Por favor, Liz, eu preciso me distrair.

— Ok. Se arrume. É bom que você me dá uma carona.

Ela se levanta e eu faço o mesmo, saindo da cozinha. Escutamos vozes na primeira sala e Anna caminha para lá. Eu a sigo e Malu e Enzo ainda estão se enfrentando, mas agora mais calmos.

— Balé era meu sonho. — Malu fala com as mãos na cintura. — Você se lembra por que eu deixei de lado?

— Ah! E vai me culpar? — Enzo cruza os braços — Eu não mandei você ir embora e voltar para querer se vingar de mim. Como se fosse possível. — Finaliza com uma ironia.

— O quê?

— É isso mesmo. Eu que venci aquela guerrinha anos atrás.

— Vocês ainda estão aqui? — Geovanna fala, mas eles nem a olham.

— Que guerrinha, Enzo? — Ela semicerra os olhos, ele ri, agarra Malu e fala:

— Eu consegui domar a ruiva vingativa e ainda me casei com ela. — Ele se vangloria fazendo Malu sorrir.

Anna abana a cabeça e rola os olhos com tédio.

— Sinto te dizer, querido, que eu ganhei. Eu sempre quis Enzo Brant e estou com ele até hoje.

Dou uma risada e enfim eles olham para a gente.

— E aí, garotas. — Ele acena para a gente e Malu ajeita a gravata dele, depois Enzo pega a pasta e ela pega a bolsa.

— Fiquem bem. — Malu diz para a gente e os dois de mãos dadas.

— Eram eles que estavam em pé de guerra? — Indago.

— Esquece. Tenho vinte e cinco anos e nunca sei quando eles estão brigando ou flertando. — Anna corre para a escada. — Volto num segundo.

— Espero aqui. — Falo e me sento no sofá.

— Beni me contou que talvez o Francisco anuncie o namoro de vocês depois de amanhã, no almoço do dia das mães. — Olho para Anna mordendo os lábios, dirigindo. Estamos indo a minha casa, minha mãe já ligou dizendo que está me esperando.

— Eu não sei de mais nada. Eu nem sei o que será de Franna daqui para frente.

— Franna?

— É a junção bonitinha dos nomes Francisco e Geovanna.

— Nossa! — Rio sacudindo os cabelos e a mão na testa. Só Anna mesmo para vir com essas pérolas.

— Mas sabe que é até bom? Eu já estava com medo de barraco nesse almoço do dia das mães. Todo mundo vai estar lá, Johnny vai querer se aparecer, o papai vai brigar com Franz, seu pai não vai gostar e os velhos vão se enfrentar.

— Verdade. É melhor conversar com seus pais antes, fale com eles hoje a noite, conte sobre o caso de você e Francisco.

— Hoje à noite? Tsc, tsc. Sei não, Melissa. Eu tenho que conversar com seu irmão. Nada é certo ainda.

— E eu ainda não me acostumo com minhas duas melhores amigas dando em cima dos meus irmãos. Suas cachorras.

— A culpa é minha agora? São dois gostosos. O Francisco, meu Deus! Quando ele está pelado fazendo...

— Não quero ouvir.

Ela divide a atenção entre a direção e eu.

— Se eu continuar falando que é o delegado fica melhor?

— Não, Anna. Não quero ouvir. — Olho para fora da janela, já chegando a rua da minha casa. Fico irritada com Geovanna. — Droga. Eu já sei coisas que eu não precisava saber, como tamanho do pênis do meu irmão e a maneira como ele faz você muito feliz em cima da cama.

— E você falou do tamanho do Beni, nem por isso morri. E ele é meu primo. Chegamos. — Ela estaciona em frente a minha casa. Tiro o cinto, arregalo os olhos e sorrio me lembrando de algo. Dou um toquinho no braço dela e digo:

— Beni pirou porque eu contei que falamos do tamanho do pênis dele.

— É? Pirou por quê?

— Porque queria que eu dissesse que ele tem vinte centímetros.

— Vinte? — Ela grita.

— Fala baixo.

— Bernardo tem isso tudo? Você não nos disse o tamanho exato.

— Ele é grande.

— Sério? — Geovanna me olha embasbacada. — Se soubesse tinha cometido um incesto a uns tempos atrás. — Diz e dá uma gargalhada

maldosa.

— Vaca. Para de falar do meu homem. E primos nem é incesto. — Abro a porta e saio do carro. Anna faz o mesmo, aciona o alarme e anda comigo em direção a entrada da minha casa.

— Você mediu ele para ter certeza? Eu medi o Francisco;

— Geovanna! — Paro de andar e encaro-a muito perplexa.

— O que foi? Ele disse que era dezenove, tive que comprovar. — Antes de qualquer reação da minha parte, ela emenda: — Era o tamanho exato. Ele ficou muito emocionado e aliviado.

— Exato? — Coloco a mão no peito.

— Sim, deu dezenove centímetros certinhos. No momento eu estou em desvantagem, pois tenho um centímetro a menos que você para me satisfazer.

— Cada dia mais vaca. Como mediu? Fita métrica, trena, régua?

— Eu comprei pela internet uma coisa que deixou Franz muito amedrontado.

— Ai senhor — assustada, olho em volta — Não quero ouvir. Já basta a fantasia de policial.

— Calma, mulher, é coisa simples. É uma camisinha que vem com números métricos. Assim, o cara coloca e você pode ver ali, na hora, o tamanho exato. É o terror dos homens.

— Isso existe?

— Existe.

— Por que é terror dos homens?

— Mel, pelo simples fato de que se eles colocarem não tem como mentir sobre tamanho. Vai que Beni diz ter vinte, aí você coloca e só tem dezesseis.

— Ele não tem dezesseis. Beni é grande.

— É o que saberemos. Tenho três camisinhas dessas ainda, quer uma para tirar as dúvidas com ele?

— Quero. — Aceito no ato. Já fico animada imaginando a cara de Bernardo quando eu mostrar a ele o preservativo. Vai pirar e vai dizer que não precisa disso.

TRINTA E DOIS



Bernardo

Não gostei dessa coisa de plantão, de Melissa ter que passar a noite no hospital. Ela disse que quando terminar a residência as coisas ficarão melhores, assim espero. É uma sexta-feira, Heitor me convidou para ir a uma inauguração de um bar que ele e Freddy desenharam e construíram e eu aceitei. Ele e Freddy passaram em casa e fomos nós três, já que Francisco tinha um compromisso e sabíamos muito bem com quem era.

Acho que o pentelho do Johnny ficou sabendo de algum jeito e no último instante apareceu no meu apartamento.

— O que está fazendo aqui?

— Fiquei sabendo de uma inauguração aí. Se for open bar eu tô dentro. Amanhã é sábado, preciso tomar um porre.

— Por quê? Ganhou um pé na bunda?

— Não. Só preciso de um porre de sexta feira. Eu e Michelle estamos bem, obrigado.

Ele deixou a moto na garagem do meu prédio e fomos no carro do meu pai que Heitor afanou.

O coroa sempre gostou dos carros da Land Rover. Ele não troca muito de carro, mas quando o faz é por um modelo novo dessa marca. E dirigir um carro desses na noite do Rio é pura ostentação. Claro que o meu não fica para trás, mas teve briga entre eu e Heitor para ver quem dirigia a SUV Land Rover do meu pai. Ele acabou ganhando e eu tomei logo o banco do carona.

Chegamos ao local e conseguimos estacionar o carro um pouco afastado do tal bar. Enquanto nós quatro andávamos na rua movimentada,

Freddy e Heitor contavam como eles tinham reformado o prédio todo e redesenhando o primeiro andar para ser o bar. A propósito, eles fizeram um bom trabalho no lugar.

Foi decorado em preto e com luzes pequenas estilo holofotes, dando uma aparência de espetáculo. Do teto, pendem lustres grandes dourados e as mesas são pretas. Há poltronas em uma área mais reservada e um pequeno espaço para shows acústicos.

Depois de falar com o dono, sentamos numa mesa e pedimos a primeira rodada.

— Rá! Está dirigindo então não vai poder beber. — Curto com a cara de Heitor que finge não ligar, mas sei que está seco de vontade de beber. E ele não aguentou, acabou bebendo uma garrafinha de cerveja.

— E o Franz? Cadê ele? — Johnny pergunta e nos entreolhamos.

Comendo sua irmã. — Penso e acho que Freddy e Heitor pensaram isso também. Heitor está com uma maldita cara debochada.

— Franz está com umas contas para analisar e não quis vir. — Diz Freddy e Johnny assente.

Após conseguir salvar a pele do irmão, mudamos o assunto para ter ou não pornô no celular, já que Sarah não aprovou a galeria do Freddy que só tem putaria.

— Na minha opinião, não tem nada a ver. — Falo.

— Nada mesmo. — Heitor concorda — Duvido que essas garotas não compartilhem vídeos assim.

— Mas elas costumam apagar vestígios e, segundo a Sarah, elas só olham os vídeos, não fazem coisas no banheiro enquanto assistem o pornô. — Fraz diz.

— Fazem coisas?

— É. Punheta no nosso caso e, no caso delas, DJ. — Freddy esclarece e faz um gesto com os dedos como um DJ mexendo nos disco, demonstrando como uma mulher se masturba. Gargalhamos na mesma hora. Tosco.

— Bater uma vendo um videozinho é de lei. — Heitor opina. — Vocês não fazem? — Pergunta e olha para nós três. Johnny está meio avoado olhando ao redor, para o outro lado do bar.

— Eu não faço mais isso. Quer dizer, não vou gastar munição com minha mão se tenho uma mulher pra comer.

— Ih cara! Pegou mal aí. Quer levar um cacete falando assim da minha irmã?

— Para de frescura. — Alerto-o. — É a realidade e você tem que encarar. Melissa é minha mulher e é ela quem eu como.

— Cara mais pau no cu. — Freddy entorna o restante da cerveja — Então não fala, porra. Será que pode guardar isso para si?

— Deixa o Freddy continuar imaginando que você e Liz jogam damas e passam a noite vendo séries de heróis. — Heitor debocha.

— Cara, ninguém vai pegar mulher não? — Johnny olha para nós três.

— Eu não. — Falo logo. Não quero falar nada com eles, mas estou sem olhos para outras mulheres. Melissa está tomando muito espaço na minha mente e estou aqui já me contorcendo querendo agarrar ela. E também o cunhando já está aí nervoso. Se eu der motivos, ele vai colocar pra lascar.

— Acho que o pessoal está achando que nós somos um bando de bichas. — Johnny inclina um pouco na mesa e fala em tom de segredo.

— Por quê? — Indago. — Só por que tem quatro caras bebendo?

— Também. Mas olhem lá aqueles dois homens, eles não param de nos encarar. — Ele faz um gesto com o pescoço. — Não olhem juntos porque... — Antes de Johnny terminar de falar nós três viramos o pescoço na mesma hora, em uma rapidez impressionante, em direção aos dois caras, um pouco mais velhos, acho que da idade do meu pai, ambos muito bem vestidos, pinta de rico.

— Creindeuspain. — Exclamo.

— Tá amarrado. — Freddy concorda.

— Vou ao banheiro. — Heitor se levanta na hora e escapa.

— Devem estar de olho no Freddy. Esses caras gostam de um tatuado. — Johnny comenta debochado.

— Não. Eles gostam mais de um novinho, um lolito.

— Sacanagem, cara. — Olho despistado e os caras pararam de olhar para nossa mesa.

Aceno para o garçom, pedimos mais uma rodada e dessa vez Johnny pede alguma coisa para comer. Voltamos a conversar e Heitor vem vindo em direção à mesa quando Johnny me cutuca bem forte.

— Ih, olha lá, cara. Estavam de olho no teu irmão, estão seguindo o Heitor. — Nos viramos para ver Heitor chegar a nossa mesa e na cola dele um dos coroa que estava no balcão.

Lascou. Penso já preparado para uma defesa. Heitor se senta e o cara para bem perto, sorrindo.

— Boa noite, garotos.

“Bohmmmmhh” foi mais ou menos isso o sussurro que se ouviu na mesa como resposta ao cumprimento do cara.

— Aceitam companhias?

— Não. — Respondemos quase juntos.

— Hum. — Ele continua sorrindo, passa os olhos demoradamente para Freddy, nitidamente imaginando artimanhas homossexuais e depois pra Johnny que fica vermelho, não sei se de constrangimento ou raiva. Como Johnny não se constrange fácil, acho que meu priminho ficou com raiva.

— Mas vai rolar alguma coisa... mais tarde? — Ele continua pressionando e arregalo meus olhos surpreso com a pergunta. Ele está achando que nós... vamos fazer orgia? Potaquepareoo. Não estou querendo ser mau educado com ele.

— Não, cara. Somos amigos de boa bebendo.

Ele assente e olha para Heitor.

— E aí, Montana?

Primeiro, eu, Johnny e Freddy nos entreolhamos, depois olhamos para o cara e em seguida para Heitor.

— Montana? — Johnny murmura quase horrorizado.

— É. Eu e meu amigo — ele aponta para o outro coroa do outro lado — te reconhecemos assim que vimos.

— Ah, deve haver um engano. — Heitor fala educadamente. — Sou Heitor Brant, nada de Montana.

— Como não, cara? Vai me dizer que se esqueceu de...

— Escute, você está incomodando. Ele é meu irmão — Heitor

aponta pra mim. — E esse meu primo. — Mostra Johnny — E meu parceiro de...

— Negócios. — Freddy completa bem depressa. — Não há Montana nenhum aqui.

O homem semicerra os olhos, olha para cada um de nós, depois olha demoradamente para Heitor e acaba assentindo.

— Ok. Eu devo ter me enganado mesmo. Desculpa. — Diz e sai.

— Caraaalhoo véi! Que porra é essa, Heitor? Montana?

— Se fode aí Beni. — Ele responde emburrado.

Nossa noite praticamente micou depois disso. Nem esperamos as músicas ao vivo, onde já estavam montando a banda. Saímos e Heitor deixou Johnny e Freddy, cada um sem sua casa e eu fui com ele embora. Já que Melissa iria dormir fora, decidi não ir para meu apartamento.

— Oi, pessoal. — Cumprimentei meus pais e minha avó quando entrei em casa com Heitor. Meu irmão resmungou um boa noite e saiu da sala.

— Oi, meu príncipe, venha aqui. Estava com saudades. — Minha avó me chama e eu vou até ela receber um beijo.

— Também estava com saudade, vó. Soube que vou ser pai?

— Sim. Que felicidade, meu primeiro neto vai me dar meu primeiro bisneto. Eu vivi para ver isso.

— E tudo começou por mim, né mãe? — Meu pai ironiza e ela faz um gesto com a mão como se fosse enxotando.

— Venha cá, deixa eu olhar direito para você. — Ela segura meu rosto sorridente e em seguida me abraça de novo. — Que felicidade! Como está se sentindo com isso?

— Muito bem. No início eu me assustei, mas estou me acostumando. Eu e Liz estamos encarando juntos.

— É assim que se fala e eu quero casamento o mais rápido possível. Não sei quanto tempo ainda vou durar, preciso ver você se casando.

— Mamãe, para de falar besteira. — Meu pai entra na conversa. — A senhora foi criada com toucinho e leite de cabra. Vai viver mais que Enzo.

— Deus livre e guarde, menino. Vire essa boca lá. Santo Deus.

Eu rio, me afasto dela e vou até o outro sofá onde meus pais então sentados.

— Oi, mãe. — Falo e dou beijo para ela não ficar se sentindo excluída. Gosta de um drama, essa dona Rebeca.

— Oi, meu querido. Veio dormir aqui?

— Sim. Melissa tem plantão. Eu estava no bar com Heitor e resolvi já vim para cá.

— Quer jantar? — Pergunta já se levantando para ver algo para eu comer.

— Ah... Eu vou lá esquentar um rango. Não se preocupe.

Vou para a cozinha, coloco comida num prato e jogo no micro-ondas. Enquanto esquento, pego meu celular e mando uma mensagem para Melissa.

“Queria fazer uma viagem...

Do seu nariz ao queixo e parar no caminho.

Pensando em vc, doutora”.

Ficou esperando, de olho na tela do celular, mas a resposta não chega. O celular deve estar na bolsa ou ela deve estar ocupada. Pego o prato no micro-ondas e me sento para jantar.

Fico imaginando em minha noite sozinho, na cama. É incrível como em pouco tempo de namoro eu já me sinto tão apegado a ela. Sinto falta e fico a todo instante pensando em Melissa. Eu já aceitei para mim que é mais que apenas gostar e até confidenciei para Sophia. Eu acho que amo a Liz, mas não vou ainda falar com ela, pois não sei se ela sente o mesmo e não quero parecer o babacão apaixonado.

Talvez eu não diga, mas mostre em gestos.

Vou dormir com uma ideia em mente. Acho que ela vai gostar e posso mostrar que, de verdade, nosso caso não será provisório e nem é fogo de palha.

Acordo mais cedo que o necessário, me visto, pego as chaves do carro do meu pai, saio no jardim que minha avó cuida, colho algumas flores naturais furtivamente e dirijo até o hospital.

Chego no momento em que várias pessoas estão saindo. Olho para uma roda de cinco garotas e vejo Melissa no meio dela. Assim que paro a SUV do meu pai e abro a porta, muita gente já olha. Já são sete horas da manhã, o sol está fraco, mas coloco meus óculos escuro, pego as flores e vou andando em direção ao pessoal. Melissa me olha pálida, de olhos saltados.

— Bom dia, Liz. Vim te buscar. — Digo e olho para as colegas dela. — Olá, garotas.

— Oi. — Elas respondem em uníssono.

— Ah... Pessoal, esse é Bernardo, meu namorado. — Melissa apresenta e olha para mim. — Veio me buscar?

— Sim. Não aguentava mais de saudade. Para você. — Entrego as flores que roubei no jardim de casa.

— Oh, Beni. Que lindo! — Ela coloca a mão na boca e depois recebe as poucas flores, sorri encantada esbanjando um brilho nos olhos e nem é um buquê profissional, desses de floricultura. Liz vem e pula no meu pescoço, a abraço e a encho de beijos.

— Não dormi nada — Ajeito os cabelos dela, tirando da frente dos olhos — Senti falta de você e da nossa cama.

— Dormiu onde?

— Na casa dos meus pais.

— Também senti falta.

— Vamos tomar café na casa dos meus pais e depois passar o dia na nossa cama? O que acha?

— Não há coisa que eu queira mais. Só que, depois, me deixe dormir. — Ela olha para o povo e acena: — Até depois, pessoal. — Coloco meu braço em seu ombro e caminhamos para o carro.

— Eu te deixo dormir, mas só depois que ficarmos roxos de tanto trepar.

— Seu safado. — Murmura toda feliz e aperta mais o braço em torno da minha cintura. — Não mude nunca. Te adoro dessa maneira.

TRINTA E TRÊS



Bernardo

Eu não sou uma pessoa ruim. Deixei Melissa dormir o sábado quase todo. Entendi que ela passou a noite em claro e tal, e até deixei o sexo para mais tarde, quando ela estivesse bem acordada. Não a quero cochilando enquanto eu estiver em cima dela.

Tomamos café juntos, depois ela foi para a cama e eu fui para na casa do meu pai conversar com ele sobre uns assuntos do banco. Almocei lá com eles e minha mãe fez uma marmitinha para eu levar para Liz que ainda devia estar dormindo. E estava mesmo. Eu esperei até uma da tarde para acordar ela e dar a comida que tinha acabado de esquentar no micro-ondas.

Ela sentou encolhida no sofá, com a cara enrugada de sono. Eu sentei ao seu lado e fiquei lá vendo ela comer.

— Está uma delícia.

— Minha mãe cozinha muito bem. — Eu digo.

— A minha também. — Ela revida e enfia uma garfada enorme de comida na boca. — Marquei a consulta. — Diz, limpa a boca e me olha. Passo para ela o copo de suco.

— Para quando?

— Semana que vem. Vai comigo?

— Sim, claro que vou. Já vai dar pra saber quantos são? — Questiono e recebo o copo de suco, que deixo na mesinha. Ela come mais e espero pacientemente engolir a quantidade grande de comida para poder falar.

— Provavelmente. Já estarei com seis semanas. — Ela come mais,

fico calado e depois de pensar mais um pouco ela fala:

— Isso está sendo intenso e tenso para mim. Para você também, acredito.

— Sim, está.

— Eu não sei você, mas eu tinha planos de namorar, conhecer bem a pessoa, passar tempos juntos, sei lá, sair por aí viajando, curtindo. E só depois de uma vida estruturada começar a pensar em filhos. Nunca, em hipótese alguma, achei que fosse acontecer acidentalmente.

E pensar que eu poderia ter impedido tudo isso se eu tivesse dito a ela que a caminha tinha estourado. Melissa vai querer me matar se souber isso, mas jamais saberá, pois as únicas pessoas que sabem sou eu, meu pai e Sophia. Se não me engano, eu contei pra ela.

— Eu pensava justamente isso, mas já que está aí dentro, agora é esperar. Ao menos você pode ficar feliz por seus filhos do sonho serem nada mais nada menos que filhos de Bernardo Brant.

— Cuidado, o orgulho de mata antes dos trinta. — Ela aponta para o copo, eu entrego e após ela beber um gole, coloco de volta na mesinha.

— Nossa vidinha de amasiados é até boazinha né?

— Amasiados? — Dou uma gargalhada.

— É. Não somos casados, mas moramos juntos.

— É ótima, ainda mais quando envolve a cama ou o chuveiro, ou sofá. Você ainda não mora aqui. Não estou vendo suas coisas de mulher impregnando meu ambiente masculino.

— Não vai reclamar quando eu trazer tudo. — Ela me alerta.

— Não mesmo. Ok, talvez eu reclame um pouco. Mas você vai reclamar mais.

— De que eu irei reclamar?

— Dos meus costumes de homem que as mulheres geralmente odeiam.

— Como toalha molhada na cama?

— Sim. Ou liberar gases enquanto está no sofá assistindo.

— Liberar gases? Achei que você não seria tão comedido.

— Eu não falei arrotar e peidar porque você está almoçando.

— Credooo. — Melissa termina de comer, não porque ficou com nojo, mas porque acabou a comida; raspou a vasilha. Ela coloca a vasilha na mesinha e eu pego o copo de suco. E ela exclama dando risada. — Mas tudo bem, eu estou calejada. Fui criada com três homens e dois deles, os idênticos, sentiam vontade de soltar flatulências na mesma hora. Meu pai aproveitava e sempre que fazia isso também, colocava a culpa nos meus irmãos ou na minha mãe.

— Na sua mãe? A cara do Max.

— É. O papai tem dessas coisas, peida e fala: “Amor, vai cuidar do resto, pois o intestino já era. Que fedor.”.

— Sendo que foi ele? — Já rio imaginando a cena.

— Sim. E minha mãe bate nele e sai de perto correndo, tampando o nariz.

— Gostei da ideia do sogrão. Sorte a minha que terei um ou dois bebês para culpar. Eles não sabem se defender mesmo.

— Nossa, que exemplo de pai. Agora levanta essa bunda daí e coloca um filme para a gente assistir.

— Filme? Achei que iríamos transar. — Contesto, me sentindo injustiçado.

— Não. Estou cansada, quero abraçar meu namorado e assistir em paz.

— Mulher ruim. — Eu me levanto, pego o controle da TV e deito no tapete. — A noite você não escapa. — Aviso.

— A noite eu te quero. — Ela ri e vem para o tapete deitar comigo.

Acabei dormindo e quando acordei, lá para as quatro da tarde, estava sozinho. E vi ali perto um bilheteinho.

“Beni, eu fui ver a Anna que me ligou.

Volto logo.”.

Liz.

Eu me espreguicei, levantei e fui ao banheiro. Logo em seguida, faminto, eu fui a cozinha comer alguma coisa. Odeio comer frutas quando estou com fome, então passei longe. Gosto de encher a barriga. Vi uma caixa de suco e um pedaço de bolo que sobrou do café de ontem cedo, cheirei e vi estava ótimo. Mandeí ver e comi em dois tempos. E quando abri a geladeira para procurar mais coisas, a porta se abriu e Melissa entrou.

Da cozinha, dá para ver quem chega lá adiante na porta e vejo quando ela deixa os sapatos na sala e vem até mim com um sorriso largo.

— Tenho uma surpresa.

— O quê?

— Tente adivinhar. — Ela diz e balança uma sacola de papel. Odeio isso, sou péssimo em adivinhar e sem falar que sou muito ansioso.

— Ai meu Santo! Alguma putaria? Fala que sim! — Fecho a geladeira e vou até ela. — O que é?

Ela enfia devagar a mão na sacola e tira um pacotinho quadrado. Um preservativo.

— Sabia. — Festejo. — Já estava doido aqui. Tem quase vinte e quatro horas que não dou nenhuma trepadinha básica. — Imediatamente, porém, interrompo minha alegria e franzo o cenho. — Mas, não precisamos de camisinha.

— Acontece que essa não é qualquer camisinha. — Melissa cantarola e passa o pacotinho no meu peito. — É especial.

— Nem vem. Usei uma camisinha picante uma vez e meu pau ficou ardendo. — Mal termino de relatar e recebo um tapa.

— Eu não quero ouvir suas antigas atividades sexuais. Isso aqui é outra coisa, mais conhecida como prova dos nove. Anna que me deu.

— Anna te deu? E vai querer que eu coloque isso? E se for alguma mandinga para meu pau cair?

— Deixa de conversa. Senta lá no sofá que vou te explicar. — Ela segura minha mão, me leva para o sofá e me empurra para eu cair sentado.

— Tire o short.

— Pra já. — Digo e arranco meu short ficando só de cueca. Melissa senta ao meu lado e passa a mão na minha cueca.

— É hoje que descubro a verdade. — Fala com um ar malicioso e continua passando a mão e fazendo meu pau crescer.

— Fala logo antes que eu coloque tudo a perder.

Ela ri e balança o preservativo na minha frente.

— É uma camisinha régua. — Me entrega o preservativo. — Tem uma faixa numérica de medida. Assim, quando você estiver com ela, eu saberei exatamente qual a verdadeira medida do seu pênis.

— O quê? — Exclamo pasmo. Nem acredito que Melissa teve a coragem de me submeter a isso. Sem falar no medo que me deu. Sei lá, vai que eu não consigo uma dureza muito boa e meu pai fica meia bomba e meça dezessete centímetros. Eu simplesmente terei que me refugiar do Tibete, me recuperando de uma séria depressão.

— E não é só isso. — Em um floreio, ela enfia a mão na sacola e pega uma latinha de redbull. — Para ver se é mesmo maior que a latinha.

— Que falta de respeito. — Eu rebato já indignado. — Como quer ter uma relação sólida se não confia em mim? Dúvida até do tamanho do pau do seu homem. Estou envergonhando com sua atitude, Melissa. — Digo e coloco a mão na frente, protegendo meu pau.

— Bernardo, sem mimimi. Não adianta levar para o lado sentimental. Você será medido, por bem ou por mal.

— Por quê? Não quer acreditar nos meus vinte centímetros?

— Anna mediu meu irmão e tive curiosidade de fazer o mesmo com você.

— Ela mediu o Franz? — Indago não muito surpreso. — Aquela safada. Não pode ficar fazendo tudo que Geovanna faz.

— Pois é. Ela estava jogando na minha cara que ele tem dezenove.

— Dezenove?

— Não quero falar sobre isso. Só quero que você tenha ao menos um centímetro maior.

— Dezenove? — Torno a perguntar. Estou abalado com a revelação. Meu sonho seria que ele tivesse quatorze e eu seria o pau grande do banco. — Com certeza Francisco deve ter sabotado esse teste do inmetro. Não tem

condição.

— Não importa. Você não vai sabotar. Tire a cueca e vamos fazer isso logo.

— Vamos transar depois?

— Claro. Será uma comemoração caso for mesmo vinte centímetros, ou um consolo caso seja dezoito.

— Dezoito é uma porra.

— Ah! Vou pegar um controle. — Ela pula toda eufórica.

— Pega o do ar condicionado. — Falo depressa sabendo que meu pau fica enorme diante dele, pois já medi. Tiro a cueca e começo a acariciar meu amigão para ele ficar maior que o costume. Hoje é o dia que ele precisa ser o Huck de todos os paus.

— Pronto? — Ela fica de pé na minha frente com um brilho divertido nos olhos, fitando meu pau.

— Pronto? Com uma pressão assim acha que vou conseguir ficar pronto?

— Quer ajuda?

— Não preciso de ajuda. — Respondo bruscamente. — Olha se sou um velho que precisa de ajuda para ficar de pau duro.

— Ok. Pensei que talvez minha língua...

— Tá. Eu quero ajuda. — Nem espero ela terminar. Melissa tira a roupa, lentamente, sexy, me provocando e nem precisou ela se encostar em mim para começar a surtir efeito.

Ela abre minhas pernas, se ajoelha no tapete e afasta minhas mãos. Suspiro e fecho os olhos quando Melissa encosta o rosto, beija de leve minha coxa pelo lado de dentro e vai subindo os beijinhos com pequenas mordidinhas até chegar perto do saco. Eu já estou tinindo.

Ela não poupa detalhes. Vai devagar, de mansinho, me deixando pirado e, quando ela encosta os lábios no meu saco e beija, eu só quero foder logo para me aliviar.

Ela sobe a boca, lambe meu pau, coloca ele na boca e começa a chupar. Tento contrair, segurando o vulcão de porra no meu saco e começo a manter o controle. Maldosa do jeito que é, Melissa não termina. Quando eu comecei a degustar da boca quente e gostosa dela, lambendo e chupando a

cabeça do meu pau, ela se afastou simplesmente.

— Acho que está pronto. — Segura forte meu pau e mexe a mão para cima e para baixo.

— Melissa, caçar o que fazer, mano. Continua.

— Não posso deixar você gozar. — Ela pega o controle remoto. Pegou o maior que tem aqui.

— Deixa que eu faço isso. Tento segurar, mas ela afasta.

— Não. Segura aí seu bicho que eu coloco do lado. — Vencido, faço o que ela quer e passei.

Ela sorrir.

— Olha aí, é maior mesmo.

— Eu disse. Podemos descartar...

— Não. O Redbull. — Ela pega a latinha, dou uma punhetada rápida e colocamos a latinha perto do meu pau. E para o meu alívio e alívio geral da nação, sim, eu estava certo nas minhas medidas. É maior que a latinha.

— Vê? Maior e quase da mesma grossura. Minha piroca é quase um rolo de salame.

Melissa gargalha e pega o pacotinho de preservativo e sinto um leve calafrio, mas sei que ele não vai me desapontar. Ela me entrega a camisinha e eu começo a colocar. Descendo devagar e vendo os números. Cinco centímetros, sete, nove, doze, e tá chegando. Quinze, dezesseis, dezenove.

— Pronto. Chegou. — Ela fala, olhando de perto.

— Sai fora. Tem mais pau aqui. — Tento desenrolar mais, além do limite da base.

— Beni, acabou. Deixa eu ver quanto é.

— Calma. Olha aqui, se forçar um tiquinho consigo mais. — Tento a todo custo desenrolar, mas não adianta. Olho e está lá: vinte e um. Dou um pulo de um metro.

— Tomaaaaa! — Debocho dela. — Vinte e um!

Rindo, Melissa observa minha comemoração. Ganhei um centímetro a mais.

— Deus! O pai do meu bebê tem treze anos.

Nem ligo com ela falando isso. Seguro no meu pau e balanço perto

dela.

— Olha aqui! vê? Vinte e um. Aqui é Brant!

— Claro, quase coloca a camisinha nos testículos.

— Não quero saber. Um centímetro a mais. Agora vamos pra cama, para eu fazer você pagar sua língua. — Eu a pego no colo e caminho rápido para o quarto. — Vou dar cada bombada, Melissa, pra você aprender.

Depois que transamos muito, com e sem camisinha, Melissa me contou sobre Geovanna ter passado em um teste e ainda não ter decidido contar para Francisco. Só pressinto que ele vai ter um colapso. Do Jeito que aquele ali é com mulher, de apaixonar fácil. E eu nem posso me intrometer, é coisa deles. Acho que eles vão resolver alguma coisa amanhã, no almoço do dia das mães. Não perco por nada. Eu já estou com minha vida resolvida, estarei de camarote vendo só a guerrilha.

Entretanto, o que me deixou com uma pulga atrás da orelha é o que Melissa contou depois.

— Eu estava vindo da casa de Anna quando parei em um semáforo e então vi seu irmão. — Ela disse quando estávamos de boa, pelados e abraçados na cama após o sexo.

— É? E aí?

— E aí que Heitor estava estranho...

— Estranho?

— Sim. No início não parecia ele, pois estava de boné e óculos escuros. Mas, eu o reconheci. Ele estava parado na calçada, parecia que tinha acabado de sair de um prédio, com uma roupa estranha...

— Estranha como?

— Sei lá. Todo de preto, com uma pequena bolsa na mão e parou um carro de luxo ao lado dele. Um senhor aparentemente rico desceu do carro, cumprimentou ele muito amigavelmente e os dois entraram no carro.

— Quase tive um infarto ao ouvir ela contar isso. Já não basta o tanto que fiquei matutando sobre aquilo ontem no bar, que os dois gays vieram a nossa mesa e Heitor ficou bem puto e não quis dar explicações. Eu aceito tudo, menos que meu irmão arranha o azulejo, jogue água para fora da bacia, dê marcha ré, que faça amor com o bumbum. Tudo, menos gay. Eu acho que

meu pai ficaria em coma, respirando com ajuda de aparelhos. Nada contra quem é, mas meu irmão não.

Levantei da cama e peguei meu celular.

— Você tem alguma suspeita? — Melissa sentou na cama.

— Sim. Mais ou menos. — Com o celular no ouvido, olho para ela.

— Será que é alguma coisa do crime? — Ela indagou chocada.

— Não sei. Acha que pode ser... gay?

— Homossexual? O Heitor? Não aparenta e olha que eu e Anna temos um gaydar fora do sério.

— Gaydar?

— Radar gay. Mas, não sei. Heitor é um enigma, porém não demonstra ser gay.

— Pois é. O cara é maior comedor de mulher. Vivia pedindo meu apartamento para trazer mulher. Pegou a prima do Gael dia desses.

— Existe bissexual.

— O Caralho! Pra mim comeu homem ou deu o rabo é gay.

— Nossa, que mente expandida. Está ligando pra ele?

— Sim. — Chama até cair na caixa de mensagens. — Heitor, preciso falar com você. Urgente! Retorne assim que puder.

— O que vai falar com ele?

— Colocar tudo em pratos limpos e ainda essa noite.

TRINTA E QUATRO



Bernardo

Chegamos às dez da manhã na casa do Max e a parte boa é que vamos pegar o café da manhã. É domingo, dia das mães e o almoço será na casa dele. Quando tem alguma comemoração assim, que reúne muita gente, sempre acontece lá, pois ele fez uma área gourmet enorme, que acomoda todas as famílias.

Poderíamos ter ficado mais tempo na cama, dormir até onze horas, entretanto, vários fatores me impediram de continuar dormindo: o sol na cara; a bexiga explodindo; e, para completar, uma bunda deliciosa pressionada contra meu pau. Não tem santo que consiga dormir desse jeito.

Melissa me ajuda com as sacolas de presentes e caminhamos para a porta. E eu fico lá, parado, enquanto ela vasculha a bolsa procurando as chaves.

Antes de ontem, eu, Franz e Johnny saímos na hora do almoço para comprar presentes para nossas mães. Tentei pedir a Dafne, mas ela disse que já tinha ido com o papai comprar. Heitor e Freddy também já tinham ido, então não tivemos escolha. Eu convenci Francisco e Johnny e saímos mais cedo da empresa para andar em algumas lojas que nem sabíamos que existia, pois não frequentamos esses lugares.

As minhas roupas sempre compro no mesmo lugar. Na verdade, os homens que conheço compram lá; meu pai, Francisco, eu, Heitor, Johnny, todos. Fomos ensinados, agora sabemos nos virar sozinhos. É mais prático

ter só um lugar para ir, ver alguma coisa e sair de lá sem precisar doer às pernas andando por aí como as mulheres fazem. Na loja tem de tudo para homem, desde cuecas a terno. Não precisamos de mais nada, ver outras opções em outras lojas, como as mulheres fazem. Até mesmo porque, as roupas que os homens usam são sempre as mesmas.

Meu primo é um comédia, o filho da mãe. Entramos numa loja de roupas e ele querendo se aparecer tomou a frente e disse:

— Moça, me veja aí alguma coisa para minha mãe, um vestido. Tem que ser mais caro que cem reais e mais barato que mil. — Ele explicou naturalmente e Francisco revirou os olhos. A loja é daquelas bem foda, pura elegância e o Johnny fica dando esse vexame.

A atendente sorriu discretamente.

— Fale um pouco sobre sua mãe. — Ela pediu.

— Ah... — Ele pensa um pouco. — Sei lá. Ela tem cinquenta anos, trabalha no banco e é mais baixa que eu.

— Sei. Sabe o que ela gosta? Tecido, estampa, estilo.

— Hum... Desde que não seja curto e apertado. Não quero minha mãe parecendo uma vulgar.

Sei que a mulher queria revirar os olhos. Eu e Franz rimos e deixamos ele se virar.

— Qual o tamanho dela?

— Mais baixa que eu, já falei, pô.

— Não, qual o tamanho que ela usa?

— Ah. G? — Ele olha pra mim e faço que não com a cabeça. — GG? Não sei. — Impaciente, Johnny volta para a mulher.

GG? Eu e Franz demos gargalhada. Meu sonho era ver tia Malu abrindo um presente de Johnny e vendo um vestido tamanho GG.

— Sabe o que é, todas às vezes quem compra os presentes para eu dar a ela é a minha irmã. E dessa vez ela já comprou, meu pai também...

— O que você tem? Elie Saab, Chanel, Gucci? — Francisco entra no meio e pergunta a mulher.

— Temos alguns modelos da nova coleção Elie Saab e Gucci.

— Traga um de cada, básico, para noite, tamanho trinta e oito. — Ele pede, deixando Johnny e eu encarando-o boquiabertos.

A atendente assentiu aliviada por enfim alguém falar a língua dela. E muito educada, pediu para nós três sentarmos nas poltronas e ficarmos lá esperando.

— Cara, eu estava fazendo meu pedido. — Johnny protestou. — Você entrou na minha frente.

— Foi para você que eu pedi, cacete.

— E você entende dessas coisas? — Indago franzindo a testa para ele.

— Um homem precisa saber do que as mulheres gostam. A vida não é só futebol, marcas de carros e quantas bocetas comeu no mês.

— É sim. — Johnny revida.

— Pra você. — Francisco contesta — Minha garota tem gostos finos. Ela sabe se vestir e eu, como um bom namorado, sei dos gostos dela.

— Já subiu de patamar? É namorado agora? — Questiono sabendo que Geovanna está sem saber se vai embora ou fica.

— Eu me rotulei namorado por conta própria.

— Quem é a coitada que precisa aguentar essa sua cara? Aquela que tinha nojo do seu saco? — Johnny pergunta já no modo zação ligado.

— Não, é outra. E essa nova adora meu saco.

Acho que rolaria uma pancadaria aqui nessa loja se Johnny ao menos sonha que essa adoradora do saco de Franz é a irmã dele.

Depois de Johnny escolher um vestido para a mãe dele e ter que pagar, contra a vontade, um total de mil e seiscentos, saímos da loja e continuamos nossa andança. A pior coisa no mundo é comprar roupas, mas éramos bem recebidos quando entrávamos nas lojas de roupas femininas. Eu comprei uma bolsa para minha mãe e Franz comprou sapatos para a mãe dele. Johnny queria voltar e devolver o vestido por que nossos presentes foram mais baratos que o dele.

— O que você comprou? — Melissa olha para as sacolas. Ela ainda não tinha visto, pois estavam no carro.

— Uma bolsa.

— E essas outras?

— Comprei para minha avó também. — Minto. Não vou dar nada minha avó, os filhos dela que têm que dar. Essas outras sacolas é uma surpresa para Melissa.

— Ooh! — Ela sorriu encantada. — Ela vai adorar. E para a Sophia?

— Nada. Não tenho nada a ver com ela.

Melissa não contesta, dá uma risadinha, abre a porta e entramos.

— Beni, me dê às sacolas que vou colocar no escritório do papai. — Ela toma as sacolas das minhas mãos sem nem me dar chance de impedi-la e fico com medo de ela xeretar, mas não discuto. Deixo que leve as sacolas e vou para a cozinha, de onde ouço vozes. Max e Julia já tem companhia, tio Enzo e tia Malu estão aqui. Devem ter madrugada.

— Bom dia. — Cumprimento-os.

— Bom dia. — Eles respondem. Tio Enzo está na mesa comendo e Max mexendo uma panela no fogão a qual eu desconfio que seja o famoso molho dele. Tia Malu está ao lado de Julia na pia vendo-a cortar uma peça de carne.

— Onde está a Liz? — Julia pergunta.

— Foi ali guardar umas sacolas. — Olho a panela de molho do Max e ele já me observa de rabo de olho.

— Tá cheirando. — Elogio, tentando ser simpático com o sogro.

— Lógico que tá, é meu molho.

— Bernardo, se agora você cair dentro do molho de Max de novo, dessa vez eu não como. Molho de macho não é comigo. — Tio Enzo grita por cima do ombro e todos riem. Há uma história de que eu caí no molho de Max quando era bebê, acho que por isso a filha dele grudou em mim. — Daquela vez eu perdoei por que era bebê.

— Sento a mesa com ele, pego uma xícara e coloco café para mim. Liz chega, beija o pai dela e depois a mãe.

Ele falou essa coisa de molho de macho, aí me lembrei de um assunto que tá me dando calafrios desde ontem, o caso do meu irmão. O que poderia estar acontecendo? Não consegui falar com ele ontem, vou ver se hoje eu o pego num canto para ele me contar essa história direito.

— Tio?

— Hum.

— O que você e o papai acham dessa coisa de homofobia?

— Um bando de desocupado se envolvendo com a vida alheia. Fiscal de fiofó.

— Fiofó? — Dou uma gargalhada. Max também ri e fala logo:

— É linguagem de velho, você não entende.

— Velho é seu... — Tio Enzo começa a falar, mas lembra que Julia e Melissa estão perto e freia o que ia dizer.— Por que quer saber? — Indaga com uma expressão investigativa. Até deixou o bolo de lado.

— E se possivelmente o Johnny quisesse experimentar...

— Johnny? — Ele quase entala. — O que Johnny está experimentando? — De olhos saltados, ele questiona em um quase rugido.

— Enzo, cuidado com a pressão. — Tia Malu adverte.

— Johnny é... gay?

— Calma, é uma hipótese. — Eu o tranquilizo e recebo um olhar reprovador de Melissa. Eu tenho que saber as situações de tudo antes, como seria a reação dos mais velhos para possivelmente ajudar meu irmão a lidar com essas coisas caso ele seja mesmo um enrustido. Por isso resolvi perguntar a meu tio, já que meu pai pensa muito além de todo mundo e já vai ficar querendo investigar e fazer planos.

— Tá. — Ele bebe um gole grande de café. — Já que é hipótese, tire o Johnny desse rolo e vamos colocar, sei lá, o filho do...

— Os meus não. — Max grita.

— De Matheus, já que ele não tá aqui.

— Ok. Como acha que seria para a família dele?

— Do jeito que Matheus é, nem iria ligar. — Max fala lá do fogão.

— E você, Max? — Já que ele está conversando demais, eu o coloco no bolo — Se importaria se fosse o Franz ou o Freddy?

— Olha quem tá começando. — Max fala com Melissa, fazendo uma advertência sobre mim e depois me olha nervoso.

— É hipótese, pai. — Melissa intervém.

— E pra que essa hipótese? Que conversa doida é essa, Bernardo? — Tia Malu se interessa e vem para a mesa. — Johnny revelou alguma coisa?

— Nada não, tia. Um cara que a gente conhece lá da academia, descobriram que é gay e ele tá sofrendo com a família.

— Cada um age de um jeito. — Ela começa a dar o parecer. — Eu apoiaria meu filho na escolha dele...

— Eu também, sempre o apoiarei. — Tio Enzo se adianta. — Malu sabe do que estou falando, é de coração, eu jamais viraria as costas para meus filhos. Tenho certeza que nosso filho é macho, pois estava brigando por causa de mulher e isso me deixa feliz, apesar de saber quem é a fulana. — Após Malu concordar com ele, volta-se para me fitar — Bernardo, não é questão de homofobia. Eu não me envolvo mesmo com as escolhas de outras pessoas e nem julgo... É meu desejo como pai, que ele me dê netos e seja feliz. Independente de como será.

— Eu também penso assim. — Max dá o palpite. — Jamais seria tão radical de virar as costas para meus filhos.

— Isso vai de cada família. Acho que Matheus também não se importaria muito, ele é bem mente aberta. — Tio Enzo analisa e emenda — Já seu pai, seria mais rigoroso que eu.

Mudamos de assunto e pouco a pouco o pessoal foi chegando. Meus pais chegaram com minha avó e Dafne, e fiquei curioso quando minha irmã fez um sinal despistado para Melissa, cochichou alguma coisa e Melissa disse: “Claro Dafy, venha comigo.” E as duas saíram rápido.

Johnny e Anna chegaram depois de Franz e Freddy. Estamos todos sentados na grandiosa e espaçosa área dos fundos e fiquei observando como esses dois são atores, Geovanna fazendo de conta que Francisco é seu amiguinho apenas, sendo que na verdade fode mais que coelho. Dá uma vontade de abrir o bico só para me vingar dos dois, mas vou ficar no meu canto. Quero ver a confusão que vai ser quando Franz revelar.

Mais tarde, Matheus chegou com a família e, por último, meu irmão chegou e interceptei ele imediatamente.

— Precisamos conversar. — Puxei ele e fomos para a sala.

— O que foi?

— Recebeu minha mensagem?

— Não. Quer dizer, não vi o celular, estava descarregado.

— Heitor, o que está acontecendo cara? Eu preciso saber antes do papai descobrir qualquer coisa.

— Descobrir o quê?

— Aquele episódio no bar não me desceu e Melissa disse que te viu ontem em atitudes suspeitas entrar num carro de luxo com um velho. Pode confiar em mim, me conte.

— Não tenho nada pra te contar, Bernardo. — Ele tenta se afastar.

— Ei. — Puxo-o de novo. — Que é isso? Sou teu irmão. Confie, pode contar.

Ele olha sério para mim, olha em volta, passa a mão no rosto e assente.

— Tá, escute. A mamãe não entenderia...

— Mamãe? Achei que fosse o papai que não entenderia. Você é gay?

— Gay? Eu?

— É, teve os gays lá no bar...

Ele dá uma gargalhada e balança a cabeça negando.

— Ok. Eu te explico, mas não agora. Tem que ser com calma.

— O que é? Hoje eu nem durmo de curiosidade.

— Relaxa — Ele dá dois tapinhas no meu rosto. — É coisa minha. Não tem nada para nossos pais se intrometerem.

— Está bem. Melissa trabalha amanhã, almoce comigo e me conte essa parada aí. É muito sinistra?

Ele não fala. Aponta para Melissa e Dafne descendo as escadas devagar e parece que Dafne está limpando os olhos. Caminhamos para perto.

— O que houve?

— Dafne está com dificuldade em uma matéria na faculdade e veio me pedir ajuda. — Melissa dá logo a explicação. — Está com medo de repetir nessa matéria.

Dafne assente, suspirando.

E eu e Heitor anuímos. Ele abraça Dafne e a leva para onde os outros estão.

— Conte a verdade. — Impeço Melissa de ir também.

— Que verdade?

— Melissa, não adianta tentar mentir. O que ela tem?

— Ah, Bernardo. Vai caçar o que fazer. Eu sou médica, ela está estudando medicina, custa acreditar em mim?

— Você não acreditou no tamanho do meu pau.

— Agora eu acredito. — Ela sorri, dá uma piscadinha e segura na minha mão me puxando em direção a cozinha.

Quando todos estão reunidos assim, como hoje, o pessoal mais velho começa a relembrar os velhos tempos, fazendo todo mundo berrar de rir.

Chegamos aos fundos da casa e Max está contando para todo mundo um caso da época que eles três viviam armando planos.

— Tem coisa que não precisa falar. — Meu pai concorda com Max, que acaba de dizer que escondeu de Julia que ele e os outros três fizeram um trato para ver quem conseguia mais números de celular de garotas em uma noite no bar e isso depois de casados. Era justamente para mostrar que ainda podiam pegar geral, mas deu errado e as esposas só ficaram sabendo anos depois. — O caso da cerveja por exemplo.

— Os bebês bebendo cerveja? — Max berra, zoando.

— Nem me lembre disso. Tenho antipatia até hoje. — Julia resmunga. — Meus meninos nas mãos de psicopatas.

— Paizão aí ensinando as coisas boas da vida desde cedo. — Freddy grita lá do outro lado.

— Ainda bem que meu bebê não era nascido ainda. — Tia Malu fala.

— Não adiantou muito. — Tio Enzo discorda. — Hoje esse moleque bebe mais álcool que carro velho.

— E elas ficaram sabendo tempos depois que nós fizemos os gêmeos e o Bernardo provar cerveja. — Max provoca.

— Que coisa feia. É uma injustiça isso! — Minha mãe opina, revoltada também.

— Injustiça era deixar o menino babando. Cara, o garoto estava em

tempo de morrer querendo avançar no meu copo. — Meu pai lembra. — Tive que dá um gole pra ele.

— Foi mesmo. Já os do Max estavam quietos, mesmo assim Max colocou os dois para experimentar.

— Bando de alcoólatras. — Julia resmunga. — Poderiam ser processados. — Todo mundo gargalha e os assuntos continuam. Nós, os mais novos, ficamos só ouvindo e rindo.

— Não vai rolar presente hoje não? — Julia perguntou mais tarde. — Se tiver, tem que ser antes do almoço.

— Enzo, comece. Os mais vovôs vão primeiro. — Meu pai diz e dá um tapinha nas costas dele.

— Vovô é seu pau. Anna, pegue lá porque meu joelho tá me matando, não estou podendo andar não. — Geovanna sai com Melissa e do nada vão aparecendo sacolas e mais sacolas de presentes.

— Ai meu Deus! É nessas horas que eu queria ter três filhos para ganhar três presentes. — Dani choraminga.

— Verdade, amiga. — Tia Malu aprova. — Mas bem que Enzo poderia me dar um presente também. Quando éramos novos de casados, dava presente em tudo. Agora que está velho, precisa a gente pedir.

— Sai fora. Você não é minha mãe não.

— Mas sou mãe dos seus filhos.

— Então pronto, vamos ver o que esses dois vão te dar. Espero que seja uma chopeira de última geração.

— O presente é pra mim, Enzo. — Ela cutuca ele e se levanta da cadeira — Atenção! Quem der panela ou utensílios domésticos eu taco na cara.

— Verdade! — Minha mãe grita apoiando.

— Isso aí! Nem panela, nem nada para a casa. — Dani protesta também.

— Julia pode ficar despreocupada, pois nossa prole sempre teve bom gosto. — Max fala.

Mancando, tio Enzo levanta, pega o pacote dele e vai até a vovó, abraça, dá feliz dia das mães e depois entrega o presente, um relógio. Em seguida, pede um minuto de atenção, pega no bolso uma caixinha preta e de

pé no meio da área aponta para tia Malu.

— Venha aqui minha velha.

Ela nem liga que foi chamada de velha. Levanta perplexa e vai até a ele.

— Não é minha mãe, mas é o amor da minha vida. Certa vez experimentei ficar sem você e praticamente perdi tudo. A cada dia das mães, eu agradeço por você estar aqui. — Ele abre a caixinha e as meninas que estão perto, Sarah, Melissa, Anna e Dafne, fazem um coro de “Ohhh, que lindo.” É um par de brincos, diamante puro.

Tia Malu, emocionada, pula no pescoço dele.

— É tanto doce que vai me dar diabetes. — Papai resmunga e se levanta. — Vão sentar vocês dois. — Ele faz a mesma coisa que tio Enzo: Abraça minha avó, dá o presente dela, um perfume e ainda diz: “Eu mesmo escolhi, mamãe, não foi a Beca.” Depois ele também dá um presente a minha mãe.

— Você não é só uma mãe, é uma heroína. Protegeu e lutou pelo nosso filho até as últimas consequências. Te amo e você sabe o quanto. — Minha mãe ganhou um colar.

Depois Matheus deu um presente a Dani. A mãe dele não mora aqui no Rio, nem a de Dani. E ele disse:

— Feliz dia das mães, amor. Desde o dia que te atrolei de bicicleta aos dezessete anos, eu sabia que você era a garota certa. Te adoro, te amo. — E então, quando ele abriu a caixinha e tinha ali um par de brincos, todos nós já sabíamos que eles foram juntos a joalheria.

— Isso tá parecendo dia dos namorados. — Max reclama.

— E ai de você se não me fizer uma declaração. — Julia murmura e limpa uma lágrima emocionada.

Max se levanta, dá o presente a mãe dele e olha para Julia.

— Ai meu Deus. — Ela murmura já sorrindo.

— Julia, amor, não vou te dar nada, pois eu já te dei o melhor presente de todos, que foi a oportunidade de ser minha esposa e ainda, de brinde, ser mãe de uma prole de causar inveja. — Todo mundo ri e Julia fecha a cara.

— É isso aí! — Freddy levanta um copo.

— Somos nós. — Francisco concorda.

— Max, se não tiver nada no seu bolso eu piro e você sabe pra quem sobra quando eu piro.

— Ok. Eu estava brincando. — Ele tira uma caixinha do bolso.

— Oh, amor, que surpresa. — Ela corre para perto e fica pasma ao ver um colar que brilha de longe.

— Te amo muito minha loira. Se aquele dia tivesse me deixado, hoje eu seria um nerdzão gordo, blogueiro em casa disseminando ódio na internet, bebendo e comendo em frente ao computador. Daqui, de todas, é a mãe três em um.

— Não mesmo. Discordo. — Levanto e pego minhas sacolas. — Temos mais uma. — Eu grito e aponto pra Liz. — Talvez venha quatro ou cinco. Eu também sou pura potência.

— Oh Davi, toma providência aí. Vou ter que bater no seu filho atrapalhando meu momento aqui.

Agora não levanta de um por um. Cada um dos filhos pega seu presente e vai dar ao mesmo tempo. Minha mãe se emocionou mais ainda, tia Malu ficou encantada com o vestido que Johnny deu e ele ainda disse: “Eu tenho bom gosto. Pedi um trinta e oito, básico, para noite”. E ela quase se derrete encantada com o pilantra. Esperei todo mundo se acalmar e estendi uma sacola para Melissa.

— Esse é da mais nova futura mamãe.

Ela levou a mão na boca, pois não esperava.

— Beni. — Murmurou pegando a sacola da minha mão. Comprei com a ajuda de várias mulheres da loja de gestante uma bata para ela. Quando eu cheguei procurando alguma coisa para dar no dia das mães para minha namorada grávida de um mês e pouco, até as mulheres que eram clientes queriam me ajudar, me dando dicas. — Essa é sua primeira roupa de grávida. Você será a mais linda de todas.

Uma lágrima desce do seu olho e ela me abraça.

— Obrigada.

— Não vamos ter medo, Liz. — Sussurro. Sei que faremos de tudo por ele ou ela, ou eles.

— Tudo mesmo. — Ela concorda.

— Faremos de tudo para tentar impedir que ele sofra.

— Preferiremos sofrer no lugar dele.

— Sim. — Concordo.

— Preparem-se para sentir o maior amor do mundo. — A avó de Liz fala perto da gente.

— E esse amor só aumenta a cada dia. — Minha avó concorda. E eu quase tive um suor hetero pelos olhos. Depois que eu e Liz estávamos afastados, enfiei a mão na sacola e tirei outra coisa, entregando para ela. Melissa arregalou os olhos ao pegar a latinha de redbull.

— Isso representa mais outro presente.

— Que tosco. — Ela gargalhou enquanto me abraçava. Só nós dois sabendo da nossa piada interna.

Almoçamos na mais santa paz divina. Eu achei que iria ter barraco, confusão, mas até agora tudo estava tranquilo, uma confraternização com todo mundo feliz, curtindo, rindo. Até que Freddy cismou de pegar uma taça, bater com um garfo e chamar a atenção de todo mundo. Já tínhamos almoçado, mas todo mundo ainda estava na mesa, esperando a sobremesa que estava chegando. Julia e Dani colocaram as vasilhas de pavê na mesa e todo mundo se calou e voltou a atenção para Freddy.

— Quero dizer, que conversamos muito antes de chegar a essa decisão.

— Que decisão é essa? — Max já fica intrigado. — Pelo amor de Deus, mais bomba não.

— Pai, calma. Sarah venha aqui. — Ele chama, Sarah se levanta e vai até ele.

— Queremos aproveitar que todo mundo está reunido e comunicar que estamos juntos. — Ela dá a notícia.

Um breve silêncio cai sobre a mesa.

— Sabia que tinha mais coelho nesse mato. — Tio Enzo dá uma gargalhada. — Não era só Bernardo e Melissa.

— Bom, vocês são adultos. — Dani fala. — Não podemos mandar em sentimentos dos outros.

— Desde que tomem os devidos cuidados e que não venha fazer minha filha sofrer. — Matheus dá seu parecer — Pois se isso acontecer, foda-se tudo. Vou te caçar, rapaz.

— Fique tranquilo, sogrão. Estamos bem e vamos continuar assim.

— Então tudo bem.

— Só isso, Matheus? — Max pergunta surpreso. — Não vai dar uma lição no meu filho?

— Por que deveria dar? Ele parece ser trabalhadorzinho, conheço a família. Se ela vai ficar com alguém, que seja com alguém que eu conheça e que eu sei onde mora, para, se precisar, dar um corretivo...

Dani dá a volta na mesa e vai abraçar os dois, parabenizando-os.

— Mas que coisa. Olha como uma família normal age. — Eu falo, protestando. — Quando eu revelei meu namoro, quase fui massacrado. Matheus e Dani exemplos de pais.

— Você foi diferente. Mereceu. — Francisco fala e eu semicerro os olhos para ele.

— Olha o sujo falando do mal lavado. Vamos, Franz, seu gêmeo fez uma revelação, revele-se também.

Todo mundo olha para Francisco. Geovanna me lança um olhar matador. Sei que eles não estão prontos ainda para a revelação. Será que por causa viagem?

— Bom, vamos comer a sobremesa. — Anna se levanta. — Hum, parece delicioso.

— Quem parece delicioso, Anna? — Eu atijo. — Conte para a gente.

— Seu rabo. — Ela vocifera, baixinho.

— Falando em delicioso, em rabo e em segredo, conte aí Heitor. O que você faz nas horas vagas? — Johnny quer mais treta e agora todo mundo esqueceu de vez a sobremesa e estão olhando para Heitor e para Geovanna. Tio Enzo está calado, analisando-a.

— Eu? Tenho nada para contar não.

— Não tem? Eu estou achando que tem gente nessa mesa que é ídolo dos boiolas.

— Comoéqueé? — Meu pai olha feio para Johnny e tio Enzo arregala os olhos para mim, acho que ligando isso que Johnny disse com o que perguntei mais cedo, sobre o assunto de gay.

— Davi, eu acho que seu filho... é....

— Tio! — Heitor berra interrompendo tio Enzo. — Deixa que eu explico. Johnny está procurando intriga. Eu trabalhei uma noite ajudando um amigo como garçom e tínhamos que servir as mesas sem camisa. Era isso.

— Nada disso. Eu vi os gays te abordando Heitor. — Johnny sustenta sua versão. — E ainda te chamou de Montanha.

— Montana. — Corrijo.

— O quê? — Meu pai berra de semblante carregado, encarando Heitor.

— Foi isso. Estávamos de garçom, não foi Freddy? — Heitor pede ajuda e Freddy balança a cabeça assentindo — E naquela noite eu era o Montana, aí aqueles três gays acharam que eu era do meio deles.

Ninguém fala nada, meu pai olha sério para Heitor, já com a mente funcionando a mil. Meu irmão sabe que se continuar nesse assunto a verdade vai aparecer porque, convenhamos, essa do garçom foi uma mentira ridícula. Então, para mudar de assunto e jogar o foco em outro, ele fala com Johnny.

— Você é tão esperto que nem descobriu que seu companheiro de trabalho está pegando sua irmã. — Delata e tio Enzo deixa a vasilhinha de sobremesa cair na mesa. Anna engasga numa crise de tosse e Francisco abaixa a cabeça.

— Só um esclarecimento. — Levanto meu dedo. — O tal colega de trabalho não sou eu, já tenho minha mulher. — E então todos os olhos se voltam para Francisco.

Uma gargalhada sonora ecoa pela mesa e os olhos de brasa de tio Enzo cravam em Max que ri como se fosse a melhor piada.

— Eu sabia! Meus filhos não perdem uma.

— Max! — Julia dá um cutucão forte nele.

— Isso é verdade? — Tia Malu murmura, de pé, ao lado de Julia, encarando a própria filha.

— Estávamos. — Anna confirma.

— Ainda estamos. — Francisco revida.

— Já conversamos sobre isso Francisco. — Ela rebate em tom sério.

— Não aceito, Geovanna. Sem um motivo eu não aceito que termine.
— Revoltado, ele fica de pé.

— Já conversamos sobre isso. — Firmemente, ela berra, Francisco fica altamente revoltado e bem bravo fala:

— É isso mesmo. Tem tempo que eu tô pegando a Geova... — paf!
Não termina de falar e ganha um soco na cara.

— Meu Deus! — Minha avó coloca a mão na boca.

Acariciando a boca, Franz olha para Johnny que sacode a mão.

— Por que me bateu, porra? — O lábio de Francisco sangra.

— Porque tenho um motivo e não poderia deixar passar a oportunidade de te bater. Pegou minha irmã, caralho.

— Johnny! Eu sei me defender. — Geovanna grita.

— Você fica calada. — Agora tio Enzo levanta.

— Enzo, amor, sua pressão. — Tia Malu corre para perto.

— Me deixe que agora eu vou matar um.

Max se levanta também e fica na frente de Francisco.

— Ei cara, aqui é minha casa. — Tio Enzo continua andando, mancando por causa do joelho. — Não vou deixar bater no meu filho, sua filha que devia... — Taf! Max leva uma vasilhada de sobremesa na cara que tio Enzo acaba de jogar. Como resposta Max acerta uma caneca de cerveja na cara de Tio Enzo e esse mais que depressa pega a bengala da minha avó, como arma contra Max. Vira uma correria. As mulheres gritam, meu pai e Matheus riem e Francisco quase leva outro golpe de tio Enzo, mas corre a tempo.

— Pai! — Geovanna implora. Desesperada, tia Malu corre atrás de tio Enzo e Julia ajuda Max a se limpar.

— Jonathan, pegue esse safado aí pra mim.

Meu pai me olha.

— Ajuda a separar a briga aí, caralho.

Eu me levanto e vou para perto dele, Heitor também se levanta e fica perto de Francisco.

— Foi sua culpa. — Franz dá um empurrão em Heitor. — Não tinha

nada que ter falado. — E pow, acerta um soco em Heitor. Esse já levanta, revidando e empurra Franz que cai contra a mãe dele. Os dois caem pela mesa e mais gritos de desespero ecoam.

— Tinha que ter falado sim. — Tio Enzo berra, tentando alcançar Francisco.

— Calma, tio.

— Calma é o cacete. Max, esse imbecil riu da minha cara.

— Oh, Enzo, somos adultos, sabemos o que estamos fazendo. — Franz tenta se explicar. — Você mesmo fez coisas no passado...

— Não venha me comparar. — Ele tenta correr de novo atrás de Francisco, mas eu o seguro e tia Malu já vem correndo com um copo de água.

— Você jogou pavê na minha cara! — Max resmunga ainda se limpando. — Vou dar o troco.

— Vai dar o troco coisa nenhuma. — Papai fica de pé. — Vocês dois agindo como primatas. Eu tenho minha filha aqui, o dia que ela quiser namorar, eu vou aceitar, afinal é a ordem da vida. Primeiro o Max agindo como se meu filho fosse um bandido que não podia namorar a filha dele e agora Enzo, como se Geovanna tivesse treze anos. Para com isso, coroas. Parem de mimimi. Deviam era estar felizes, pois suas filhas encontraram homens direitos, que trabalham e são de famílias conhecidas, do nosso círculo de amigos. Ninguém vai sair da cidade, vão continuar aqui, sempre. Sem falar que o banco da família sempre continuará na família.

— Davi está certo. — Tia Malu opina e se senta perto de tio Enzo. — Querido, eu fiquei feliz. Sempre temi que Anna fosse arrumar alguém que mora longe ou em outra cidade. Olha só, minha filha com o filho da minha melhor amiga. São planos que a gente fazia na adolescência e agora está dando certo.

— É verdade. — Julia, ainda ajudando Max a se limpar, concorda. — Estou feliz. Meus três filhos, com os filhos das minhas três melhores amigas. Não poderia pedir coisa melhor.

Max e tio Enzo ficam calados, e Francisco do outro lado, já perto da porta da cozinha para correr caso alguém decida bater nele.

— Tá, vamos rir disso. — Matheus fala. — Foi engraçado Enzo mancando, Max levando uma pavezada. — E aí uns começam a rir e o riso contagia, até que Johnny falar:

— Veja pelo lado bom, papai, agora a Anna não vai mais passar a temporada em Paris como ela estava planejando. — Anna coloca as mãos no rosto e Francisco murmura:

— Temporada? Paris? — Boiando mais que isopor na água, ele questiona olhando para Geovanna. Ela levanta os olhos para ele, mas não fala nada.

— Oh, moleque linguarudo. — Dou um peteleco em Johnny.

— O que foi? — Ele olha para todos e depois ri, meio sem graça, para Francisco.

— Você não sabia?

— Johnny! — Geovanna grita.

— Anna passou num teste e está indo para Paris passar de seis meses a dois anos por lá. — Vi a hora de Francisco cair pra trás.

— Eu ia te contar. — Geovanna murmura, mas ele se vira e sai rápido com correndo atrás dele.

Um silêncio pensado cai novamente sobre todos e ficamos um olhando uma para a cara do outro.

— Bom, ainda sobrou uma vasilha de sobremesa. — Tio Enzo aponta.

— Eu vou querer um pouco. — Max pede. — Lambi o que caiu na minha boca e parece boa.

— E a Anna? — Preocupada, tia Malu olha para eles dois.

— Agora é com eles, minha parte eu já fiz.

— Será que Anna e Franz vão ficar bem? — Melissa cochicha perto de mim.

— Acho que sim. O que acha de ficar bem lá em cima no seu quarto comigo?

— Vamos logo antes que alguém perceba.

Levantamos devagarzinho e corremos para a cozinha, passamos pela sala e subimos as escadas. Até que não foi tão terrível como eu imaginei que seria, só lamento não ter filmado tudo. Seria uma cena épica para guardar para a história a briga nesse almoço.

TRINTA E CINCO

BÔNUS - DAFNE

Queria ter uma ideia, uma decisão pronta.

Ontem foi o almoço do dia das mães e eu estava desesperada sem saber o que fazer da minha vida. E tudo piorou quando aconteceu aquela briga infeliz por causa do Franz e da Anna. Meu pai fez um discurso, que aprovaria se eu estivesse num romance, mas isso é porque ele não sabe da missa um terço. Eu acho que de todos, eu sou a que tenho o maior cadáver escondido. Eu já estava morrendo de desespero, tinha pedido ajuda a Melissa e, depois que ouvi meu pai dizer aquilo, eu tinha certeza do que deveria fazer alguma coisa. Só ainda não sei o que.

Me candidatar para um intercâmbio no meu curso seria uma opção. Vi semana passada o aviso na faculdade, em que terá uma prova e quem passar ganhará estadia de um ano de curso no Canadá. Só minha família ficaria sabendo e torceria para “ele” não saber. Iria praticamente fugir enquanto ainda dá tempo. Se é que ainda tenho tempo. Essa seria a melhor saída.

Eu não deveria ter me envolvido tanto com ele, tanto que está sendo quase impossível nos separar. Dói ter que me separar dele, pois eu gosto demais dele e quando estamos juntos... Céus! Não estou preparada para deixá-lo e ele queria conversar com meu pai. Sim, doido. Acho que seria o estopim para a terceira guerra mundial.

Depois de eu suspeitar que estava grávida, ele pirou praticamente e já queria que eu fosse morar em sua casa. Ainda bem que Liz ainda tinha alguns testes de gravidez e eu e ela nos trancamos no banheiro, fiz o teste e, por misericórdia divina, não estou grávida. Liguei para ele, dei a notícia e pedi para ficar na dele, não tomar nenhuma atitude brusca. Estamos nos encontrando há uns dois meses e quero manter esse segredo por mais um pouco de tempo, até eu estar pronta para ir embora, assim como Anna vai

para Paris. . Isso se meu pai deixar.

Agora, segunda-feira, eu estou me desfazendo das provas do meu crime, ou pecado, não sei. Só sei que se o povo descobrir, será pior que o bafão da Anna e Franz. Eu fui tão infantil em relatar tudo desde o início.

Tiro a última gaveta do closet do meu quarto, abro o fundo falso e pego um diário grande com capa de couro e com cadeado. Me sento no chão fadigada e de coração cortado. Acaricio a capa com meu nome gravado, meu pai me deu quando eu tinha dezesseis anos e ainda não tinha usado. Vem com uma caneta também com meu nome gravado e um cadeado com uma pequena chave dourada que eu uso como pingente.

Destranco. Tem dias que não escrevo mais. Abro a primeira página e leio.

Sou um pai muito feliz por ter filhos maravilhosos, principalmente você, minha filha.

Admiro seu imenso talento, carisma e o comportamento sério e responsável. Te desejo tudo de bom no mundo.

*Com muito amor,
Papai.*

Respiro fundo e me sinto um lixo de tão culpada. Meu pai jamais vai me perdoar. Passo a próxima página e começo a ler o que eu escrevi meses atrás.

20 de Abril – Sexta-feira.

“Hoje eu consegui dormir a noite toda. Não fiquei preocupada e nem tive aquele desejo queimando dentro de mim. Nunca tinha sentido tanta vontade de fazer essas coisas com alguma pessoa. Está cada dia mais difícil controlar, ser forte para não cair em tentação.

Acho que consegui relaxar, porque ele não me ligou essa noite antes de dormir, me atizando, provocando. Ele está brincando comigo, como se eu fosse um ratinho de laboratório. Já atingimos um patamar bem difícil de apaziguar e o pior de tudo é que só posso desabafar aqui. Não posso contar

para minha melhor amiga, pois quem está me causando tanto tormento é o pai dela.

Vadia! Uma eterna vadia é isso que sou. Não fomos tão longe, nada de sexo, mas já me sinto uma vadia. Aos vinte e um anos e já sou uma biscate. Meu pai simplesmente me mata se ao menos sonhar que eu sonho com aquele homem, que, por sinal, é cliente do banco da minha família.

Mas então, senhor diário (nossa, estou parecendo uma adolescente, mas escrever como se estivesse contando para alguém facilita as coisas.), como eu ia dizendo, não pense que eu sou uma vadia por estar quase acabando uma família. Não sou uma destruidora de lares. Na verdade, ele não tem uma família, digamos assim. Ele é viúvo, mora sozinho, pois a filha dele, que é minha colega, se rebelou e foi morar com a avó quando o pai arrumou uma namorada. E então é aí que me sinto uma desumana, uma puta entre um casal. Ela, a namorada, é linda. Eles combinam perfeitamente, são quase da mesma idade e ambos têm filhos já criados. O que ele poderia querer comigo? E por que eu ainda sinto coisas por um homem mais velho e comprometido?

Marcelo. Esse é o nome do meu pesadelo. Ele está de marcação para cima de mim e já deixou claro o que quer fazer comigo. E não é fácil para eu resistir. Eu sei que se um quiser dois não brigam, mas na prática é muito difícil, e se me julgar é porque não o conhece. Tem que ter nervos de ferro para suportar, ser indiferente às investidas do homem.

Vamos falar como é o senhor Marcelo? Eu precisaria de umas duas folhas, mas tentarei resumir só para que entenda como é difícil a situação em que me encontro. Ele é alto, malhado, afinal corre e faz exercícios continuamente. Seus cabelos são nitidamente macios (nunca toquei, mas parece), são lisos e estão sempre penteados de um jeito que fique alto na frente. Alguns fios são meio dourados contrastando com o castanho claro e fico imaginando meus dedos afundando naqueles cabelos. Os olhos, como dizia Dom Casmurro de Machado de Assis, “*oblíquos e dissimulados*”, são verdes e, quando me olha sem piscar, parece um tigre preste a me atacar.

Me sobe um arrepio só de imaginar. E tem a boca. Aquela boca... Céus! Deus tirou o dia só para desenhar aquela boca. Lábios carnudos e sorriso sexy. Olha eu começando a ficar assanhada só em escrever. Eu roubei essa foto da carteira de Tânia, minha amiga, filha dele. Ela acha que perdeu a foto.”

“Ele não é velho apesar de já ter uma filha de 19 anos. Ele foi pai muito cedo e hoje está beirando os trinta e oito anos, ou seja, dezoito anos mais velho que eu. Meu pai simplesmente teria um colapso se soubesse. E isso é o que mais me atrai, essa coisa proibida, essa curiosidade de ficar com um homem mais velho, experiente e que tem atributos físicos de dar inveja... e água na boca. Eu tive minha primeira vez no primeiro semestre de faculdade com um colega de classe, fomos a uma festa para calouros de medicina e lá as coisas esquentaram e acabamos no hotel. Depois ele me levou para a casa de uma amiga que me ajudou e me deu cobertura. Ficamos mais algumas vezes, ele é bonito, da minha idade, mas amigavelmente nos afastamos.

Já o Marcelo... Desde a primeira vez que eu o vi no ano passado, eu já o achei lindo demais. Tânia, minha amiga, dizia que o pai dela era sempre cercado de mulheres e ela nunca aprovava as namoradas dele. Ela tem um ciúme exarcebado pelo pai, acho que quer ele intocável só para ela. Bom, eu a entendo, sentiria o mesmo se fosse meu pai.

Naquele dia, ela me contou que sua mãe morreu no parto e ela foi criada pelo pai e pela avó, mãe dele. Mas agora, a avó tinha se mudado de casa para dar mais liberdade ao filho e a neta e estava morando com outro filho. Nos cumprimentamos normalmente, consegui numa boa esconder que fiquei abalada com a beleza dele e agir tranquilamente. Mas então, não ficou na mesmice.

A primeira vez que quase perdi o chão e fiquei muito atraída por causa dele e que tive certeza que ele estava me provocando, foi o dia que cheguei lá para ir com Tânia fazer um trabalho e ele me recebeu só de short de futebol. Entendeu isso? Apenas de short fino. Eu não fazia ideia de como ele era grande e tão forte. Sempre tinha o visto só de roupas sociais ou nos jeans apertados, mas o homem é enorme e nem imaginava que ele fosse tão safado. Eu me sentei para esperar Tânia muito sem graça, recusei o refrigerante que ele me ofereceu e ele sentou a minha frente, no outro sofá, abriu as pernas, e o short subiu um pouco me dando uma visão de todo o corpo dele quase nu. Eu podia ver suas coxas fortes a mostra, a cueca boxer branca estava aparecendo e ele lá, só me olhando, sabendo que estava conseguindo me provocar.

E não parou por aí. Quer dizer, começou por aí. Ele é comprometido, porque tem que ficar se exibindo para a amiga de sua filha?

Eu preciso desabafar e será escrevendo. Vou relatar aqui e espero não ter que escrever cenas de sacanagem. E que esse segredo fique só entre a gente, senhor diário.”.

Passo a próxima página e está lá.

“Chamarei de diário indecente.

1º dia. O senhor Marcelo Conrado.

Eu estava exausta naquele dia e não queria ir para a casa de ninguém, mas Tânia, minha amiga, insistiu tanto que eu acabei aceitando ir para a casa dela. Tinha dias que eu estava percebendo que algo estranho estava acontecendo, que o pai dela me olhava demais, me deixando envergonhada e intrigada...”.

— Dafne. — Ouço bater na porta e lembro que ela está só encostada.

— Estou indo mãe. — Fecho o diário, tranco o cadeado, coloco a chave no pescoço e o guardo no fundo falso. Levanto correndo e vejo minha mãe no quarto olhando o balde de roupas sujas.

— Separou as roupas? Vou mandar para a lavanderia agora.

— Separei. Estão aí.

Ela pega as roupas e um vestido cai do monte. De longe vejo a mancha branca, seca, dura e pornográfica. Se minha mãe vê...! Corro a tempo e pego.

— Ah, esse não. — Abraço o vestido.

— Está limpo?

— Minha amiga me pediu emprestado, achou lindo e quer fazer um igual.

— Então me dá que eu lavo antes de você emprestar.

— Não, ele está limpo. Vou levar para ela hoje.

— Ah, tá. Venha, desça que o almoço já está quase pronto. Beni e Melissa estão vindo almoçar com a gente.

— Já vou mãe. — Espero ela sair e corro para o banheiro, enfio o vestido na pia e ligo a torneira. É um vestido lindo, exclusivo. Olho a enorme

mancha de esperma. Que devassa eu sou. Esse é mais um episódio que narrei naquele diário. Preciso dar fim antes que alguém o encontre. E, claro, torcer para meu pai me deixe ir para outro país, se não estou definitivamente ferrada. Não vou conseguir me livrar do Marcelo e, na verdade, nem quero me livrar dele.

TRINTA E SEIS


Melissa

— Tudo indica que são gêmeos. — A médica anuncia.

— Que lindo. — Meus olhos se enchem d’água.

— Cacete. — Beni resmunga.

Eu o ignoro e não desvio os olhos do monitor em que aparecem as imagens do ultrassom. Fico emocionada ouvindo os coraçõezinhos dos bebês.

— Ainda bem que não são cinco. — Bernardo fala. — Meninos ou meninas? — Ele pergunta em seguida.

— Não dá para saber ainda o que são. — Eu e a médica falamos quase juntas.

— Eu não estou entendendo nada disso aí. — Ele se inclina mais em direção ao monitor. — Aquilo é um mini pênis?

A médica ri e eu reviro os olhos.

— Não. Ainda não dá para ver as genitálias. — A médica me dá compressas para limpar o gel no meu ventre, fala para eu ir me trocar e se levanta. Beni se abaixa e cochicha no meu ouvido:

— Até porque, sendo meu filho, não seria um mini pênis.

— Xiu. — Faço para ele calar a boca e a médica não ouvir essas safadezas.

— Mini redbulzinho. — Ele comenta e eu acabo rindo. Bernardo beija meus lábios. — Está feliz de verdade? — Pergunta.

— Sim. E você? — Afago o rosto dele.

— Um pouco assustado, mas estou feliz.

Me sento na cama, Bernardo abre minhas pernas e fica de pé, no meio. Abraço-o encostando meu rosto em seu peito.

— Vamos dar contar. — Beni murmura.

— É, vamos sim. Seremos bons pais. — Concordo.

— Confio em nós. Não fique com medo.

— Não estou. Apenas surpresa.

— Eu também.

Levanto o rosto e fito-o. Beni abaixa o rosto e me beija.

— Falou com Anna?

Saímos juntos, de mãos dadas, da clínica e caminhamos em direção ao carro estacionado.

— Não. E você, conseguiu falar com Franz?

— Ainda não. — Beni olha no relógio. — Não fui hoje a empresa e nem sei se ele foi.

Entramos no carro de Bernardo, pois, embora meu carro já tenha chegado, ele foi entregue na casa dos meus pais, então tenho que ir lá buscar depois.

— Será que foi muito grave? Ontem a treta foi pesada. Choro de rir quando lembro da tigelada que meu pai levou na cara.

— Foi irado demais. — Bernardo ri, coloca o carro em movimento e comenta: — Mas, acho que seu irmão não vai terminar com a Anna porque ela escondeu isso dele.

— Também acho que não. Francisco é muito besta nesse quesito, meu irmão se apega fácil. Creio que agora é que ele cola na Anna de vez.

— Bestão. — Beni crítica rindo.

— Por quê? Você não faria o mesmo se fosse comigo?

— Sabe que sim, né Melzinha? Afinal eu boleei um plano quando te vi com aquele profissional da noite.

— Profissional da noite? — Repito rindo.

— Ou garoto de programa, sei lá.

— Ele era um gogo boy, que Anna contratou.

— Anna e suas baixarias. Merece um toco do Franz, pena que ele não é capaz de fazer isso.

— Não mesmo. Vou ligar para ela agora.

— Vamos almoçar na casa dos meus pais? — Bernardo propõe. — Dar a notícia para eles primeiro, já que da outra vez eles ficaram enchendo o saco.

— Claro. Ligue para sua mãe avisando.

Chegamos a casa dos pais dele e estava apenas Rebeca, a avó de Beni e Dafne. Enquanto Beni era mimado pela mãe e pela avó, eu olhei para Dafne que mantinha seus olhos meio saltados para mim. Ela sabe que eu não vou contar nada para ninguém, muito menos para o irmão dela. Isso causaria a terceira guerra mundial. Ontem quando ela me chamou e fomos ao meu quarto, confesso que quase tive um treco ao ouvir o segredo dela. A mais quieta de todos nós, é a que está envolvida no maior bafão.

Inicialmente Dafne não quis me contar nada, apenas disse que suspeitava que estivesse grávida e que eu, como médica, tinha que ajudar ela. Dafne já queria um método de aborto tamanho era seu desespero.

Me sentei com ela e a fiz ficar calma.

— Me conte isso direito, Dafne. Abortar não é a melhor saída.

— Liz, pelo amor de Deus, meu pai terá um infarto se eu aparecer grávida.

— Conhecendo seu pai, sei que ele não fará nada com você, te jogar na rua, ou alguma coisa assim.

— Eu sei que ele não fará isso, mas sei que ficará muito triste e bravo.

— Por que acha que está grávida?

- Tive tonturas e minha menstruação atrasou.
- Não se preveniu, Dafne? Não está tomando anticoncepcional?
- Sim, eu estou, mas não sei se deixei passar...
- Então, a pergunta que não quer calar: e o possível pai? Ele sabe?
- Sim, eu contei para ele.
- E ele não quer assumir?

Ela ficou pálida e foi então que me contou tudo. Pediu segredo de túmulo e me implorou para não contar para Beni. E então ela me contou. Nunca poderia imaginar que Dafne estaria tendo um caso com um homem bem mais velho. E, o pior de tudo, é cliente do pai dela e pai da amiga dela.

Eu tinha ainda alguns testes de gravidez que não usei então dei dois para ela. Dafne quase teve um treco de felicidade quando descobriu que não estava grávida e me confessou que estava pensando numa maneira de fugir antes que essa bomba estoure. Afinal, o homem terminou com a namorada dele e está disposto a assumir o relacionamento deles.

Por isso esse pânico agora no rosto dela. Sorrio para ela, demonstrando que ela pode ficar tranquila, pois não direi nada a ninguém. Afinal, eu, Sarah e Anna passamos pelo mesmo, escondendo de todo mundo que cada uma estava tendo um caso escondido.

— Mãe, acabamos de vir da consulta com a obstetra e tudo indica que serão gêmeos. — Bernardo dá a notícia e Rebeca coloca a mão na boca, depois vem até mim para me abraçar.

— Estou tão feliz por vocês dois. — Ela dá um pulinho com os olhos lagrimejantes. — Deus, estou muito feliz.

— Nós também estamos, mãe. — Beni afirma.

— E sobre o casamento? — Dona Ângela, avó dele, pergunta.

Beni me olha e eu, para não me comprometer, dou de ombros. Não sou dessas que forçam um compromisso tão sério. Apesar que sou das que sonham com um casamento maravilhoso, num belo vestido de noiva e com o noivo que sempre pediu a Deus.

— Olhe lá, rapaz. — Ela aconselha antes de Beni responder. — Não vou querer saber de você dando as costas a suas obrigações.

— Não vou dar as costas, avó. Estou muito ansioso com a chegada dos nossos filhos. — Ele sorri para mim, segura minha mão, leva até os

lábios e emenda, olhando firme em meus olhos: — E eu amo a Liz. Não penso em deixar ela pelos próximos 50 anos.

Quase caio dura no chão. Ele não pode brincar com essas coisas. Em um primeiro momento fiquei pasma, depois fiquei muito brava, pois ele não deve em hipótese alguma brincar com isso, só porque está diante das três mulheres da vida dele, a mãe, a avó e a irmã.

Solto minha mão e cruzo os braços. Dafne está com a carinha de jovem que sonha em contos de fadas. Dona Ângela sorri e abraça o neto, já Rebeca me olha sabendo que há algo errado, mas não comenta nada, para meu alívio.

Davi e Heitor chegaram depois, demos a notícia, almoçamos e fomos embora. Anna me ligou dizendo que ia me ver a tarde, quando Bernardo tivesse ido trabalhar. Liguei para minha mãe dizendo que íamos jantar com eles e, talvez, dependendo do que Anna diga, eu a leve para o jantar na minha casa para tentar dar uma de cúvido e juntar novamente ela e meu irmão.

Durante todo tempo, eu não tirava da cabeça o que Beni tinha dito. Sobre me amar. Eu já ouvi casos em que ocorreram diversas formas do homem dizer eu te amo, dormindo, durante o sexo, no altar ou durante o parto de algum filho. Mas, nunca dizer assim, na cara dura, para outras pessoas, como se a maior interessada no assunto não estivesse presente. Ele agiu como se já tivesse me dito isso, como se eu já soubesse e agora ele está passando a informação adiante.

Enquanto Beni dirigia, conversando mais que tudo, falando sobre estar muito curioso com o assunto secreto de Heitor, mas que logo ele saberá a verdade e que desconfia que o irmão seja profissional da noite. Eu finjo escutar, mas na minha cabeça só consigo me lembrar dele dizendo que me ama.

Chegamos em casa, porém, não quis tocar no assunto. Jogo minha bolsa no sofá e me sento para tirar minha sandália.

— O que aconteceu? Está calada. — Ele para na minha frente e pergunta enquanto desabotoa a camisa.

— Só estou com dor de cabeça. — Respondo. Levanto e saio de perto dele.

— Dor de cabeça? — Ele vem atrás de mim. — Ah, Liz! Eu estava pensando numas coisinhas bem safadas para a gente fazer. — Diz e me viro para ele.

— Não vamos fazer nada. — Discordo dele. — Estou pensando em ir passar uns dias com meus pais.

— Quê? Por quê? Só porque invadir o banheiro hoje cedo e te arrastei para o chuveiro?

— Porque eu acho que temos que dar um tempo para entender as coisas, Bernardo.

— Que coisas? Pirou? O que precisamos entender?

Reviro os olhos e pego uma bolsa para arrumar minhas roupas. Posso estar fazendo tempestade em copo de água, mas não vou compactuar com essas hipocrisias dele.

— Melissa, eu não vou correr atrás de você, afinal, nem sei o que está acontecendo. Nem sei se fiz algo errado e, sinto te dizer que fugi da aula de práticas ocultistas que faria de mim um vidente. Quer me explicar o que está acontecendo?

— Por que foi dizer para sua avó que me ama?

Ele franze a testa e depois arregala levemente os olhos mostrando que entendeu. Ele segura em minha mão, me puxa, fazendo eu me sentar na cama ao seu lado.

— Eu devia ter exposto o que sinto por você bem antes. Hoje, quando nos abraçamos lá no consultório, depois que soubemos que teremos dois bebês, me dei conta de que não era apenas gostar muito de você. Pode parecer cedo, começamos a nos envolver a alguns meses, mas fazer o que né? Gosto muito de você e hoje, quando minha avó perguntou, eu soube que não queria mesmo ficar longe de você e das crianças que estão chegando.

— Você deveria ter me dito. Isso é algo que se confessa para a pessoa, não para terceiros.

— Eu sei. É que eu estava diante das mulheres da minha vida e não resisti, mas posso dizer agora e quantas vezes você quiser. Eu te amo e não quero te deixar pelos próximos 50 anos. Acha muito para me aturar?

— Não. Não mesmo, Beni. — Estou emocionada demais e apenas murmuro. Bernardo fica de pé num pulo, já com um sorriso bem grande.

— Então, case-se comigo, Liz.

— O quê?

— É isso mesmo. Não é para provar que te amo, porque isso eu posso provar de outra forma, mas já pensei bastante. Seremos pais em breve, iremos querer estar perto dos nossos filhos, depois iremos construir nossa casa, eu não quero me divertir com outras mulheres e tenho certeza que você não quer outros homens.

— Não quero.

— Então, não faz sentido esperar eu completar trinta anos, e temos empregos estabilizados, vamos dar conta de tudo. Case comigo, Liz.

Perplexa, sem fala, fico olhando para ele, com a mão no peito.

— Não?

— Tá doido? Claro que eu aceito. — Fico de pé e pulo em seus braços. — Ai meu Deus! Não estou acreditando. Eu te amo muito meu redbulzão. Te amo tanto, Beni.

— E não me disse antes...

— Porque achei que você... Deixa pra lá. Meu Deus! Eu sou a pessoa mais feliz do mundo! — Começo a beijar ele sem parar, em sua boca, bochecha, no pescoço. — Te amo muito!

— Vamos comprar nossas alianças, agora? — Ele segura meu rosto em suas mãos e me encara feliz.

— Agora?

— Sim. Tem uma joalheria que é cliente do banco e podemos ir lá agora.

— Mas, eu pensei... Quando está pensando em se casar?

— Mês que vem. O que acha de ser a senhora Brant no mês que vem?

— Mês que vem? Arrumar um casamento para mês que vem? Não vai dar.

— Você se esqueceu de quem somos filhos? Poderíamos organizar um para semana que vem.

— Ai, Beni. Eu...

— Não quer?

— Bom... É que preciso arrumar um vestido e achar o vestido perfeito demora mais ou menos uns quatro ou cinco meses...

— Não mesmo. Venha comigo. — Ele puxa minha mão, me fazendo levantar e segui-lo.

— Para onde?

— Apenas venha. — Ele anda rápido, me puxando pelo braço. Passo correndo na sala, calço minha sandália, pego a bolsa e saímos correndo.

Beni dirige até o banco em que nossos pais trabalham enquanto eu, sentada ao seu lado, não consigo acreditar em tudo que estamos prestes a fazer em tão pouco tempo. No caminho, ele ligou para o pai dele perguntando se já tinha chegado no banco, pois tinha um assunto para tratar e pediu que chamasse meu pai também.

— Vamos anunciar para eles? — Pergunto assim que descemos e entramos de mãos dadas no banco.

— Não anunciar, mas pedir ajuda a eles.

Encontramos Malu e ela nos acompanhou até a sala de Davi, que estava conversando com Enzo enquanto meu pai, sentado e todo sério, olhava alguma coisa em seu celular. Acho que ele e Enzo ainda estão brigados por causa do almoço de ontem.

Assim que entramos, meu pai tira os óculos e fica de pé, analisando atentamente eu e Bernardo. Estamos de sorrisos amplos e os três tem nossa atenção.

— E então? — Meu pai indaga.

— Eu e Beni vamos nos casar. — Eu berro feliz. — Mês que vem.

Todo mundo fica calado e papai fica pálido instantaneamente.

— Liz, querida. — Ele vem até mim. — Podemos conversar sobre isso com mais tempo.

— Já decidimos, Max. — Beni fala, mas com um olhar do meu pai, ele decide calar a boca. Papai se volta sorrindo para mim.

— Ano que vem, quem sabe? Planejar com calma...

— Não, pai. Eu e Beni vamos ter gêmeos e decidimos que vamos nos casar mês que vem.

— Gêmeos?

— Sim, soubemos hoje cedo. Não vamos nos separar, queremos fazer isso antes da minha barriga crescer e eu poder caber no vestido.

— Ai senhor! — Malu grita, eufórica. — Julia já sabe?

— Ainda não. Precisamos de ajuda para organizar o casamento, por isso estamos aqui.

E então uma gargalhada enche toda a sala. Enzo se levanta e ri na cara do meu pai que não parece nenhum pouco feliz. Ficamos olhando sem entender até que Enzo termina de rir e fala:

— Perdeu a filha para o filho do Davi e um dos gêmeos para minha filha. Quem está rindo agora, Maximiliano?

Papai cerra os punhos e eu me afasto com medo de ter mais uma briga. Isso não é questão de proteção com os filhos, é só disputa entre eles. Minha mãe me contou que eles quando eram novos ficavam discutindo e se algum dissesse que o futuro filho iria pegar a futura filha de um deles, era briga na certa.

— Já chega. — Malu entra entre eles. — Já basta aquela briga ridícula de ontem. Vocês não veem como isso é maravilhoso? Há trinta anos estavam os três se casando, querendo constituir suas famílias e agora é a vez deles. Deviam agradecer por eles estarem entrando numa nova fase da vida. — Ela termina a bronca e olha para mim — Liz, vamos sim ajudar. Em um mês vocês terão um belo casamento.

— Não será belo. — Meu pai discorda. — Será o casamento de todo século. — Ele diz e me abraça. — Já que quer casar, farei de tudo para que seja o melhor do melhor. E já vou avisando que não é para convidar Enzo.

TRINTA E SETE



Na mesma hora Davi ligou para o cartório e conseguiu marcar a data. Eu liguei para minha mãe contando a novidade e ela gritou do outro lado do telefone. E, imediatamente Malu conseguiu uma vaga para a próxima semana na loja de noivas para eu experimentar um vestido. Foi tudo muito rápido com todos mexendo os pauzinhos para nos ajudar.

Eu e Beni saímos apressados, pois meu pai conseguiu marcar para a gente na joalheria para a próxima hora.

Eu nem podia acreditar que tudo estava acontecendo assim tão depressa. Foi no calor do momento, nada pensado, mas todo meu relacionamento com ele foi no calor do momento. Antes de sair, mandei uma mensagem para Anna e Sarah, contando a novidade e escalando elas duas oficialmente como minhas madrinhas. A conversa com Anna sobre a relação dela com meu irmão fica para outra hora.

A escolha da aliança me deixou elevada num ponto alto de pura emoção. Eu estava ali, em frente a milhares de alianças maravilhosas, numa loja de luxo e a escolhida eu usaria por muito tempo. Pelo menos é o que eu espero, que esta seja a única aliança da minha vida. Afinal, ninguém casa já pensando em divórcio ou separação.

Eu queria algo simples, mas Bernardo disse que se é pra casar, tem que deixar claro que casou, ou seja, ostentar o casamento mesmo depois de casado. E ele queria que eu escolhesse uma de ouro rosa cravejada de pequenos diamantes e, para ele, uma de ouro grossa e lisa, de corte reto e não curvo. Ele colocou a aliança e eu perdi o fôlego. Ficou perfeita no dedo dele.

— Beni, isso deve custar uma fortuna. — Murmurei enquanto o

homem foi buscar anéis de noivado.

— E daí? Às vezes você se esquece de quem somos filhos, não é? Além do mais, eu posso pagar. Você gostou?

Olho de novo para a minha possível aliança. É linda, maravilhosa, perfeita.

— Eu amei.

— Então a sua será essa. Vamos mandar gravar os nomes.

— Ah, meu Deus! Estou em cólicas de alegria.

Ele sorriu, me beijou e logo estamos em frente a um fabuloso mostruário de anéis de noivado. Não interfiro enquanto o homem mostra os melhores para Bernardo, com cada pedra enorme. Ele escolhe um, olha para a pedra, analisa com cuidado e segura minha mão, enfia o anel no meu dedo e ficamos olhando.

— E então? — Ele pergunta.

— É lindo. — Confesso. Ele não escolheu um extravagante, pois sabe que eu não sou extravagante. A pedra é quadrada em um aro de platina, deixando a joia delicada e elegante. Sai da loja devidamente noiva.

Bernardo me deixou na minha casa e foi para a empresa. E, quando cheguei, Anna já estava a minha espera. Minha mãe estava aflita, mas de felicidade. Ela não planejou o casamento dela, foi surpresa e sempre disse que iria viver para planejar o meu como ela sempre sonhou.

— Liz, que loucura foi essa? — Anna veio logo me perguntar.

— Beni me pediu em casamento e eu aceitei. — Levanto minha mão exibindo o anel e ela dá um gritinho. Minha mãe derrama uma lágrima emocionada e vem me abraçar.

— Ai senhor! Estou sem chão. Meu bebê vai se casar.

— Estou muito feliz, mãe.

— Eu sei. E eu quero que fique mais feliz ainda. Malu ligou dizendo que conseguiu marcar uma prova de vestido e vamos escolher seu vestido. — Diz e eu mal posso esperar.

Anna nos contou que ela e Francisco tinham decidido dar um tempo depois da confusão de ontem e que ela ainda está decidindo se vai para Paris

enquanto Francisco finge que não se importa. Minha mãe disse que está preocupada, pois sabe como ele é e alertou Anna sobre a chegada de Kelly, que está disposta a reconquistar Franz. Isso deixou Geovanna com o rosto pálido de medo, uma vez que ela gosta do meu irmão. Eles se gostam muito, mas não posso pedir para ela largar o sonho dela por causa dele. Eles dois precisam chegar a comum acordo.

Uma semana depois, dois carros cheios de gente pararam em frente à loja de vestidos. Eu mal dormi durante a noite de expectativa. Eu e Anna ainda tivemos que fazer Bernardo entender que noivos não vão à prova de vestido, mesmo assim não consegui parar meus irmãos e meu pai.

O clima no carro estava muito tenso. Freddy não presta, voou para o banco da frente com o papai e deixou Francisco ir atrás comigo e Anna; eles não estão se falando, pura paixão reprimida. E eu que não fico para trás, fiz questão de sentar em uma ponta, para eles dois sentarem juntos, sem falar que os colocarei como par no dia do casamento.

Eu e minha caravana fomos encaminhados para uma sala e estamos na Mademoiselle Noivas, pois nossos pais têm amizade com os donos daqui, sem falar que os vestidos são maravilhosos. Acho que Malu ligou diretamente para a dona, marcando um horário para mim.

Nos espalhamos no sofá e logo uma mulher veio nos atender.

— Bom dia, eu sou Jeane. Quem é a noiva?

— Eu. — Levanto minha mão.

— Você trouxe uma torcida. — Ela observa, passando os olhos pelo povo.

— Essa é minha mãe, Malu e Dani, amigas dela, esse é Max, meu pai, e esses são meus irmãos. — Aponto para eles, os apresentando. — E essas três são minhas cunhadas e madrinhas. — Mostro Dafne, Sarah e Anna. — Sim, isso inclui Anna como sendo minha cunhada. — Digo e Francisco até tossiu na hora.

— Todos têm um palpite?

— Bom, eu nasci com esses dois. — Aponto para meus irmãos. — Quero a opinião deles.

— Coloque algo sexy nela, daqueles que mostra a silhueta. —

Freddy pede.

— Isso aí. Mas não muito vulgar. — Francisco concorda.

— Eu vou matar esses dois. — Meu pai vocifera. — Nada de sexy. Quero ver minha filha toda coberta, braços, pernas e pescoço.

— Eles não trabalham com burca, Max. — Minha mãe me olha. — Filha, o que você quer?

— Eu pensei em um vestido estilo de baile, ele é grande e pode esconder a barriga se ela começar a crescer.

— Então coloque um vestido de baile sexy. — Francisco fala.

— Vestido de baile de mangas longas. — Meu pai contrapõe. Estou vendo a hora de a mulher revirar os olhos.

— Por que você não vem com suas madrinhas, escolhe um e vem mostrar para eles? — Ela propõe.

— Ótimo. — Anna dá um pulo. — Vamos, Liz.

Foram quatro vestidos provados até chegar a um perfeito, que se adequou a mim, ao meu gosto e ao que todos eles queriam. É estilo baile, com o corpete todo bordado de pedrarias e com o busto coberto de renda, chegando aos ombros e formando uma pequena manga. Minha mãe chorou ao me ver com o vestido escolhido, as meninas bateram palma e eu me dilui em lágrimas quando vi meu pai de pé dando uma de machão, lá de braços cruzados, mas com os olhos encharcados. Fui até ele e o abracei.

— Só quero que você seja feliz. — Ele murmurou.

— Eu sei.

— Vocês três, quero que sejam muito felizes.

— Eu estou, muito feliz.



Bernardo

— Eu não estou conseguindo respirar. — Tento afrouxar a gravata. O pânico me faz ficar ofegante e minha cabeça parece rodar. Droga, meu estômago está revirando.

— Deixa de viadagem. Você inventou isso, agora tem que ir adiante. — Francisco fala e me entrega uma taça de champanhe. — Se abandonar minha irmã no altar, pode encomendar seu caixão.

Chegou o dia do casamento. Foi um mês inteiro de correria para fazer dar certo dentro do prazo. Com dinheiro as coisas andam mais rápido e, ainda bem que meu pai e o pai de Liz não tiveram receio em abrir a carteira.

Agora, eu e meus padrinhos estamos num quarto do hotel onde acontecerá o casamento. Olho para Johnny, Heitor, Freddy, Henrique, todos vestidos com os ternos iguais.

— Tô meio apavorado, cara. — Confesso baixinho para ele.

— Você vai tirar de letra. Fique tranquilo, o pior já aconteceu. Vêm dois filhotes aí.

— E você? Pronto para ser o par da Anna?

— Você não sabe de nada. Eu e ela já estamos num combate acirrado há dias. Antes de ontem, ela me nocauteou lá no teatro do balé e a doida me fez ver estrelas.

— Sério? Ela é a vencedora?

— Ainda não, mas hoje iremos resolver esse impasse. Ela querendo ou não, iremos resolver.

— E a treta com a Kelly, que a Anna viu, não deu em nada?

— Depois te conto como foi. — Ele bate no meu ombro e se levanta quando a porta se abre e tio Enzo entra com Max e meu pai.

— Cortando prego, filho? — Meu pai pergunta.

— Não passa nem sinal de wifi, pai.

— Vai dar certo. Você só precisa descer, tomar seu lugar e pronto.

— Você faz parecer fácil.

— E é. — Ele toma o champanhe da minha mão. — Pare de beber e me escuta. Eu me casei duas vezes com a mesma mulher. É fácil.

Max se aproxima e fala:

— Acho melhor você descer logo e tomar seu lugar. Freddy e Franz vão te escoltar. — Ele olha para os filhos e completa: — Meninos, na cola dele.

— Com medo de eu desistir, Max?

— Até que coloque a aliança na mão da minha filha, eu não serei seu amigo. Depois do casamento, serei seu sogro.

E eu suponho que não será um sogro amigo.

— Coitado do teu filho, Davi. — Tio Enzo se aproxima — Em milhões de homens no mundo, ele foi escolher logo Maximiliano como sogro. É sarna para a vida toda.

— Parece que sua filha gostou de ser minha nora. — Max provoca.

— Parece que minha filha está fazendo um de seus marmanjos pedir arrego. — Tio Enzo rebate e aponta com o queixo para Franz que está perto, calado. — Olha a cara triste do homem.

— Bom, acho melhor mesmo eu descer. — Digo e me levanto. — E antes que comece a rolar briga, molecada, me siga que chegou o momento.

— Espera. — Meu pai me para, ajeita minha gravata e balança a cabeça afirmativamente.

— Estou orgulhoso de você. Boa sorte. — Me dá um abraço, faz um gesto chamando tio Enzo e Max e os três saem juntos.

Eu olho para meus padrinhos.

— Prontos?

— Vamos lá decretar a pena máxima para a Liz. — Johnny fala. — Daqui para frente, o seu será o único pau que ela vai ver.

— Tenho certeza que ela não vai querer ver outro pelas próximas décadas.

— Coitada da minha irmã, está condenada. — Franz passa o braço no meu ombro e saímos do quarto.

Estava tudo muito perfeito, muito bem decorado, com belas flores, muitas luzes e um luxo impecável. Cumprimentei as pessoas, abracei minha mãe e minha avó e não fiquei surpreso ao ver chegar, num belo vestido, como se estivesse indo ao Oscar, ninguém menos que Sophia. E como eu estava com meus pais, ela fez questão de sorrir de orelha a orelha e dizer:

— Bernardo, meu filho, estou tão feliz. — E me abraçou. — Sua noiva é uma sortuda, sempre te disse isso.

— Eu que tenho sorte. — Discordo dela.

— Não mesmo. Ela deve agradecer aos céus dia e noite.

Para equilibrar a situação, virei para os dois e disse:

— Mamãe e papai, você deve se lembrar deles.

— Ah! Como eu poderia esquecer. — Ela mediu minha mãe de cima a baixo. — Beca, você está linda.

— Obrigada, Sophia. Você também está.

— Eu passei só para a cerimônia, pois tenho que pegar o voo ainda hoje. — Ela se explicou e olhou para meu pai como se ele fosse um antigo colega de escola dela.

— Oi, Davi. Há quanto tempo!

— Oi, Sophia. Acho que não tempo suficiente.

— Sempre tão ácido, você. — Ela passa os olhos pelo meu pai e alfineta: — Você dormiu no formol? Não está tão velho como eu achei que estaria.

— Não posso dizer o mesmo de você. — Ele retruca e ela ri falsamente.

— Beca deve gargalhar dia e noite com suas piadas. Bom, eu vou cumprimentar umas pessoas. — Volta-se para mim e fala: — Eu trouxe algo para você, te darei depois do casamento. — Ela se afasta, dando um até logo.

— Não duvido nada que deve ser alguma coisa contrabandeada. — Papai comenta.

— Esquece. — Minha mãe fala e vem consertar meu terno.

Os padrinhos e madrinhas entraram, depois eu entrei com minha

mãe e fiquei lá esperando. E então, som da marcha nupcial, ela surgiu. Melissa estava incrível no vestido e nem parecia a mesma, estava num Upgrade desgramado. A garota ficou triplamente mais linda e eu já a acho incrível, mas hoje ela bateu o recorde e me deu aperto no saco, no estômago e no peito. Me fez ficar inerte, de olhos grudados nela, com o coração batendo muito apressado enquanto atravessava a passarela com Max.

Eles pararam diante de mim, esperei Max abraçar ela bem forte e, quando se afastou, o velho estava chorando e Liz lutando para não chorar também. Ele soprou, se recompôs e virou-se para mim.

— Já sabe como funciona né? — Cochichou para mim. Rapidamente passou o polegar no pescoço, insinuando uma garganta cortada, se afastou e ficou ao lado de Julia. Eu beijei a testa de Liz, mal podia respirar, engoli seco e disse:

— Você está linda.

— Eu vou enfartar. — Ela murmura.

— Não antes de ser minha mulher.

— Vai logo! — Ouvi o sussurro de algum dos padrinhos. Segurei em sua mão e ficamos lado a lado diante da mesa para casar.

Trocamos votos, as alianças e, quando enfim disse “pode beijar a noiva”, eu gritei:

— Chupa gêmeos e Max, agora ela é minha. — Max revirou os olhos, Liz riu e eu a curvei para um beijo desses que são próprios para casamento.

Hoje em dia não precisa mais trocar nome pelo do marido, mas Liz quis pegar meu Brant e não se desfazer de nenhum dos sobrenomes dela.

— Nossos filhos terão três sobrenomes! — Eu comemorei. — Chupa mundo.

Saímos na passarela e eu escutei Johnny dizer: “Já vi gente com mais de quatro sobrenomes.” Estraga prazeres.

A festa foi um grande sucesso, sem nenhum contratempo como eu achei que teria. Max e Enzo estavam numa boa, bebendo e conversando. Sophia tinha ido embora e Franz e Anna estava se fuzilando. Até dançarem de cara marradas eles fizeram. Foi bizarro, pois eles ficaram lá dançando bem agarradinhos e cochichando um com o outro como se estivessem discutindo,

mas continuaram dançando e em nenhum momento se desgrudaram. Ela vinha, sentava ao lado dele com a cara fechada e depois quando ela estava com as garotas ele ia atrás, ficava perto. Dois doidos, isso é o que eles são.

Eu e Liz dançamos, cortamos o bolo e vimos Max e Julia ficar de olhos lacrimejantes quando ela deu a eles dois o primeiro pedaço de bolo. Tiramos um milhão de fotos e teve a treta do buquê.

Estávamos reunidos, vendo as garotas se aglomerarem para tentar pegar o buquê e Melissa de costas esperava para fazer a contagem. Foi então que Gael cutucou Johnny e disse:

— Ih! Olha lá, acho que a Michele vai pegar.

Johnny quase teve um infarto, já ia correndo, mas parou.

— Não, parece que quem está na linha de frente é a Dafne.

— Nem a pau. — Heitor discordou — É Anna, olha só como ela está louca, com pose de goleiro.

Como se estivéssemos assistindo a preparação de um pênalti, ficamos calados, na maior tensão, esperando o grande momento.

— Isso garota. — Francisco murmurava vidrado em Geovanna, na frente de todas. — Pegue esse buquê.

A contagem regressiva foi feita, mas Melissa entortou a mão e jogou num ângulo diferente que não ia cair para Anna e sim em Dafne. Muito rápido, Francisco bateu no buquê, ele voou de volta para Geovanna, mas tio Enzo saiu do nada e agarrou o buquê.

Os convidados gritaram aplaudindo, pois foi uma jogada de mestre. Ele estava infiltrado no meio das mulheres só para não deixar Anna pegar. Ele sacudia o buquê no ar e andava mancando até tia Malu.

— É nosso, amor!

— Pra quê, Enzo? Devolve o buquê.

— Não. Nossa filha está nova para casar.

Mas ele acabou devolvendo, Liz fez outra jogada e quem pegou não foi a Anna, foi minha irmã.

Ela ficou ofegante, olhando para o buquê de olhos arregalados, depois olhou em volta para os convidados e voltou à atenção no buquê.

— Nem sei pra que pegou. — Heitor desdenha. — É uma menina

ainda, será a última a casar.

— A casar e a ter qualquer relacionamento. — Eu concordo com ele.

Saímos da festa numa limusine e fomos para um hotel onde passaremos a noite antes de viajar para nossa lua de mel.

Nos despimos calmamente quando chegamos ao quarto, já transamos mil vezes, mas hoje ela parecia nervosa. Ficou de lingerie branca me olhando de bochechas rosadas.

Abaixo minha calça e me aproximo só de cueca. Melissa me olha para baixo e ri quando lê “Sou seu marido, agora vai ter que me engolir.” Ela me abraça e passa a mão pela minha cueca, meu pau já está pura potência.

— Gostou?

— Adorei. Só não é melhor que a da UTI.

— A UTI nunca fecha, sempre está a sua disposição.

— Então me leve para lá, marido.

— Com prazer, esposa safadona.

O sexo da noite de núpcias parece que é diferente, tem mais sabor, não sei explicar. Eu ouvi certa vez alguém dizer isso e achei que era uma bobagem, entretanto, agora, todo suado e ofegante deitado ao lado de Melissa, vejo que é verdade. Foi bem intenso, quase nos suicidamos numa trepada épica de casados, mas algo não sai da minha cabeça desde o momento que trocamos os votos. Eu pensei tanto sobre isso nesse último mês e, agora que estamos devidamente casados e consumamos o casamento, posso contar tudo. Melissa não vai a lugar algum.

— Liz? — Chamo.

— Oi.

— Quero te falar uma coisa.

— Diga.

— Eu sabia... da gravidez.

— Hã? — Ela vira o pescoço e me olha bem séria.

— Quer dizer, eu suspeitava que pudesse dar nisso. — Confesso e Melissa se senta.

— O quê? Pelo amor de Deus, não diga que... Fez como meu pai?

— Sim, lá no hotel, na argentina, na nossa primeira vez.

— Bernardo! — Ela grita revoltada, já em alerta e dá um tapa na minha perna.

— Não, não é isso. Eu vi que a camisinha estourou e eu poderia ter te contado, mas eu simplesmente joguei fora e deixei. — Ela arregala os olhos e coloca a mão na boca.

— Eu tinha quase certeza que você poderia engravidar, mas preferir ficar calado e pagar para ver. Está com muita raiva de mim, meu amor?

— Berrrrnaaaaaardoooooooo!!!

Dou um pulo da cama. Acho que o grito dela pode ser ouvido lá na casa do Max.

TRINTA E OITO

BÔNUS - HEITOR

Assim que todos vão embora do escritório, eu digo que vou ficar por mais alguns minutos. Freddy ficou me olhando intrigado, mas como ele sabe mais ou menos da minha outra identidade, compreendeu e foi embora. Eu e ele temos uma agência de arquitetura e engenharia e estamos começando a fazer sucesso no mercado. Em parte, devemos dar os créditos aos nomes de nossos pais. Eu e Freddy não quisemos seguir a carreira de executivo na área das finanças como Beni, Franz e Johnny optaram, mas nossas escolhas não atrapalharam em nada. Com base em nosso talento e com a soma de nossos sobrenomes, foi sucesso na certa.

Assim que fico sozinho, pego uma bolsa de couro preta escondida no meu armário e rapidamente troco de roupa. Visto uma calça preta de napa, por baixo da camiseta regata visto um colete de couro também preto e, por cima, uma jaqueta de motoqueiro. Calço botas estilo militar, pego a bolsa e saio rápido pelas escadas de incêndio. Saio pela porta lateral e ando para o carro preto que já me espera.

— Boa noite, Fidel. — Cumprimento o motorista com um abraço e um tapinha nas costas.

— Boa noite, Heitor. Está atrasado. Todos te esperam.

— Tive muito trabalho hoje. — Entro no carro, ele fecha a porta e entra no banco da frente.

Quase ninguém sabe o que eu faço nas horas extras, nas minhas noites solitárias. Eu acho que meus pais não precisam saber, nem ninguém da minha família. Não sei se minha mãe entenderia.

Eu fico pensando quando isso começou em mim, quando eu comecei a ter esses sentimentos, esses desejos por algo que as pessoas consideram anormal e não sei explicar. Eu apenas sinto necessidade de extravasar meus desejos e tenho que fazer isso em segredo. Na verdade, eu

fico envergonhando só de imaginar meus pais vendo o que faço. Sei que tem muita gente de mente aberta, que enxergaria isso como algo normal, mas para muitos ainda é tabu.

Se teve um gatilho para eu começar a gostar de determinadas coisas? Não me lembro. Não sofri abuso de meus pais, não fui criado só com meninas ou só com meninos, não fui muito mimado e nem muito oprimido. Mas, eu soube exatamente o que queria, em que mundo eu me encaixava, quando estava no terceiro ano do ensino médio e conheci Lincoln, meu professor de educação física. Ele viu em mim que o que eu tinha, toda aquela brutalidade nos esportes, era muito mais que vigor de um jovem de dezessete anos.

Nos tornamos grandes amigos e ele me mostrou um mundo que eu não acreditava que existia. Era tão jovem e tão inexperiente. Aos dezessete anos, eu tinha transado uma vez apenas com uma colega de classe.

Freddy sabe, tive que contar, pois é meu melhor amigo e me flagrou vestido todo de preto, parecendo um serial killer. Ele disse que contou para Franz, pois eles sempre contam tudo um para o outro e agora Beni também sabe. Assim que Bernardo chegou da lua de mel, eu acabei me abrindo com ele e contando o que faço nas horas vagas.

O carro para no meu local de destino, a porta é aberta por um segurança que me cumprimenta com um gesto sutil e se junta a outro segurança para me escoltar. Entramos pela lateral, subo uma escada, entro por um corredor, passo por um salão vazio e entro numa sala.

— Demorou, Heitor. — Isabel, uma senhora alta de cabelos negros bem penteados, a administradora dessa ala, vem até mim e entrega alguns papéis.

Dou uma olhada nos contratos, como sempre faço quando tem sexo envolvido, mas algo me chama atenção: o nome da pessoa que a casa contratou.

Olho para Isabel em busca de explicações.

— Como assim? Por que vocês deixaram ela se candidatar?

— Ué, ela se inscreveu e cumpriu todos os requisitos que pedimos. Ela venceu todas as outras inscritas.

— Fala sério Isabel, sabe pra quem vai ferrar se o chefe descobrir?

— Ok. Na verdade, a safada me ameaçou. Ficamos de mãos atadas.

— Não vou fazer nada disso. Eu já conversei com ela, já falei mil vezes para vocês não aceitarem...

— Mas Heitor...

— Não. Isso é assunto meu. Eu vou conversar com ela.

— Não dá mais tempo. Ela acabou de entrar na sala, está em posição, te esperando. Não há mais como voltar atrás, os convidados já chegaram e todos estão esperando você. É torcer para o pai dela não aparecer essa noite.

Passo a mão no rosto e me viro pensando numa solução. Ela não devia estar aqui, esse lugar não é para ela. E essa desobediência desperta meu lado negro.

— Já debatemos todas as cláusulas e aí está tudo que foi inquirido pela contratada. — Isabel fala, volto a olhar com mais atenção para os papéis, assino e ela me entrega uma pasta de exames. Com rancor, nem olho. Já sei que está tudo em ordem.

— Hoje tenho apresentação no salão principal?

— Não, apenas na sala de vidro. Precisa se preparar? — Ela aponta para comprimidos azuis na mesa, sorrio para ela e abano a cabeça.

— Sempre estou preparado.

— Então, a casa é sua. Pode ir e ficar à vontade. — Ela me mostra a porta, eu tiro a jaqueta, tiro a camiseta e fico com o colete de couro e a calça de napa. Coloco uma luva preta e abro a porta. Caminho por um corredor, abro outra porta e entro em uma sala com paredes de vidro. Ao redor, do lado de fora, tem várias cabines com poltronas individuais, todas já estão ocupadas. Consigo reconhecer clientes assíduos, como o homem que me abordou no bar quando eu estava com os rapazes.

Eu sou um dominador desde que descobri esse mundo com a ajuda do meu professor. Ele participava desse clube, o Dama de Copas e me trouxe aqui. No início, o dono, João Magno, queria me expulsar, pois ele é amigo do meu pai e disse que era encrenca na certa receber menores de idade, mas me deu um convite para me tornar membro assim que eu fizesse dezoito.

Enquanto não completava maioridade, Lincoln, meu professor, começou a me instruir, primeiro me deixando ver as seções de dominação no porão da casa dele. Eu assistia aquilo como se estivesse num universo paralelo, via como ele gostava de dominar suas mulheres e como elas

gostavam de ser dominadas.

E então chegou o momento de eu tentar. Juro que senti meu sangue borbulhar de fogo puro quando dei a primeira chicotada em uma bunda macia e roliça. O tom de pele ficando vermelho me deixou tão duro de tesão e satisfação, um prazer que eu não sentia transando normalmente com minhas colegas de classe. Eu sabia, a partir daquele momento, que era aquilo que sempre faltou para mim, deixar fluir toda minha capacidade, saber dosar a linha certa entre o prazer e a dor, ter o poder de cuidar das minhas submissas e não só controle, mas ser o que elas precisam. Ter uma pessoa entregue em minhas mãos.

No clube Dama de Copas, eu me apresento com o codinome de Montana e faço sexo BDSM com as mulheres na sala de vidro enquanto as pessoas assistem. E não qualquer pessoa, apenas convidados selecionados. Mas, o Clube também marca horários com clientes, por fora, como atendimento a domicílio, um garoto de programa, mas sem dinheiro envolvido. Não faço isso para ganhar nada, faço apenas porque é minha necessidade.

E, quando atendo fora, são as mulheres que não querem aparecer, que não querem ser descoberta e, então, as encontro em Hotéis. É até mais fácil para mim. O clube seleciona as minhas submissas e com algumas eu mantenho relação de três ou quatro meses. É difícil para eu sair por aí de cara limpa, como Heitor Brant, procurando mulheres que aceitem um delicioso sexo sado masoquista.

É melhor para eu manter minhas duas identidades separadas. Não quero minha família sabendo dessas coisas. Muita gente acha que ser dominador é o mesmo que agressor e machista. Muita gente não entende que essa necessidade existe de ambas as partes. Alguns precisam dominar e outros se sentem muito bem em ser dominados. Meu pai, poderia até entender, mas minha mãe não.

Fecho a porta atrás de mim na sala de vidro. Ao lado da porta tem uma mulher vestindo apenas lingerie, de joelhos, de cabeça baixa, cabelos presos num coque e mãos nos joelhos. Passo por ela, faço um gentil cumprimento para a plateia e vou até o mostruário de madeira. Escolho um chicote, bato ele na minha mão, sentindo a textura e caminho para perto da mulher.

Milena. Esse é o nome dela. Ninguém menos que uma das filhas de João Magno, dono desse antro e que vai acabar comigo se sonhar que estou fodendo a filha dele. O cara confia cegamente em mim e já chegou a afirmar que quer as filhas dele longe desse lugar, todavia, o filho mais novo, vive rondando por entre as acomodações do clube.

Uma bela mulher, na verdade uma jovem carismática, gostosa e adorável por todos. Eu a conheço desde sempre, mas quase nunca sem grandes intimidades. Entretanto, em uma seção aqui no clube, ficamos mais próximo.

Eu tinha sido chamado para uma apresentação de emergência, pois uma noiva queria assistir com as madrinhas e ela pagou ao clube uma apresentação privada, com apenas elas assistindo. Durante todo o tempo, enquanto estava me exibindo com uma funcionária da casa, eu notava todas as mulheres boquiabertas, sorrindo, cochichando inquietas, adorando o espetáculo e apenas uma estava pálida, meio ofegante, olhando fixamente, sem desviar o olhar. Milena estava aqui escondida do pai, isso era certeza, ela nunca tinha visto algo parecido.

Depois que tudo terminou, elas foram embora, mas eu as segui. Foram para um bar terminar a noite da despedida de solteira. Elas estavam dançando, bebendo e, quase desfaleceu quando me viu se aproximando, fez menção de se levantar, mas eu fui mais rápido.

— Fique. — Ordenei e puxei uma cadeira me sentando. Ela permaneceu sentada, me olhando sem piscar. Já estava ofegante só em me ver. Eu não conseguia parar de imaginar como seria tocar em sua pele e beijar seus lábios. Eu tinha que vir atrás dela, pois aquele olhar que vi lá no clube não era apenas euforia como das outras. Era um olhar que compreendia o que estava acontecendo e que queria mesmo fazer parte daquilo.

— Milena, não é?

— Sim. — Tentou sorrir descontraída.

— Sou Heitor.

— Oi, Heitor.

— Não está bebendo nada? — Corri os olhos pela mesa.

— Não. — Ela murmurou.

— Quer sair daqui comigo e ir para um lugar tranquilo? — Olhei em volta. — Muito barulho. — Expliquei.

Ela olhou para as amigas dançando e acenou que sim. Segurei na sua mão e a conduzi para fora. Andamos um pouco, até um bar mais calmo e então naquela noite soube que ela tinha vinte e um anos e tinha sido a primeira vez a entrar no clube de sexo do pai.

Naquela noite eu a quis proteger, eu a quis para mim. Sempre preferi mulheres mais novas. Tenho vinte e seis e além dela ser muito linda, a idade me deixou vidrado. Era meu neném, que eu queria cuidar e dar o máximo de prazer para ela. Não foi apenas sua beleza que me chamou a atenção, sua delicadeza e fragilidade era um atrativo voraz.

Desde então, ela quer experimentar sexo BDSM comigo, mas não permiti. Transamos algumas vezes, sexo normal, em um quarto de hotel e depois no apartamento de Beni eu queria continuar assim, até chegar aqui e ver essa surpresa na minha frente. Estamos nos encontrando há uns dois meses e ela não me contou que viria. Odeio ser surpreendido e ela sabe disso.

— Levante-se. — Digo e ela me obedece prontamente. Fica de pé, mas mantém a cabeça baixa, noto que está usando uma máscara que tampa os olhos, deve ser para não ser reconhecida. Com a ponta do chicote, levanto o queixo dela.

— O que foi que eu te falei sobre não vir mais aqui?

— Heitor... eu... queria.

— Eu te disse que te mostraria quando eu quisesse, quando eu decidisse.

Ela sustenta meu olhar e engole seco.

— Desculpa.

— Acha que será fácil assim? Estou muito desapontado. Aqui não é lugar para você.

— Eu só queria... uma válvula de escape, uma rota de fuga, está difícil para mim...

— Calada. Não quero saber. Você me deixou muito irritado. Vou te punir devidamente e depois vai entender que precisa esperar minhas ordens. Vai me agradecer e me pedir desculpas.

— Sim, Heitor.

— O quê? Me chamou de quê? — Agarro firmemente o pescoço dela.

— Sim, senhor. — Ela se corrige.

— Vire-se. — Ordeno e ela se vira de costas. Passo a ponta do chicote em sua nuca e vou descendo pelas costas até chegar a bunda. Me afasto, tiro meu colete e sento na cama. — Venha aqui. — Ela me atende, caminha até mim e eu a faço deitar nas minhas pernas, com a bunda para cima. — Sem palavra de segurança, hoje você não terá regalias. Vou puni-la até quando achar necessário, para aprender que aqui não é seu lugar.

— Eu não quero que você... continue... fazendo isso com outras.

Isso me pega de surpresa. Ela sabe que deve falar só se eu permitir. E que porra é essa de querer mandar no que eu faço? Que porra é essa de não querer que eu venha mais para cá?

— Calada. — Ordeno.

— Podemos fazer só nós dois, Heitor... Sempre. — Murmura baixinho, só para eu escutar.

Desfiro um tapa na bunda dela.

— Ca-la-da. Se abrir a boca sem eu mandar, a coisa não vai ficar boa.

— Sim... senhor. — Ela aceita e se cala.

— Boa menina. — Acaricio sua bunda, em seguida puxo o seu pescoço, a faço erguer o rosto e dou um beijo em sua boca. Ela ofega e parece aliviada, os olhos brilham contentes. Chupo seus lábios, passo minha língua contornando-os e afasto alguns centímetros — Relaxa e aproveite. — Faça-a deitar de novo e começo, para a alegria da plateia.

TRINTA E NOVE


Melissa

Meses mais tarde...

— Estarei ao seu lado para te dar apoio e te deixar mais calma. — Beni disse quando entrou comigo na sala de cirurgia para o parto dos bebês. Entretanto, foi totalmente ao contrário e eu que tive que acalmá-lo. Ele sentou ao meu lado na cabeceira da mesa de cirurgia, estava tranquilo, conversando comigo, segurando minha mão, até que a médica disse:

— Está vindo o primeiro, venha recebê-lo, papai. — Beni levantou todo empolgado, foi ver a situação e deve ter visto a abertura no meu ventre.

— Caraaaaii! Meu pai do céu! — Ele murmurou com a mão na boca e os olhos saltados. De onde estava, podia o ver empalidecer e não se mover, paralisado e apavorado. Eu sei quando o primeiro bebê saiu, pois Beni se afastou aos tropeços andando rápido com uma mão no estômago e a outra na boca, com ânsia de vômito. Meu marido é tão expressivo. Ele bateu na parede e ficou lá agachado, tirou a máscara e abanava sem parar o rosto.

— Ajuda ele lá. — Um dos médicos gritou e dois enfermeiros o ajudaram a sentar de volta na cadeira, ao meu lado.

— Está bem? — Perguntei. — Bernardo estava amarelo e suando. Minha atenção se dividia nele e no bebê chorando. O primeiro nasceu.

— Nasceu, Beni. — Sorri, com lágrimas.

— Sua... barriga... estava aberta. E tinha uma cabeça... saindo de

dentro. — Ele murmura, afobado. — Estou em choque pós-parto.

— Quer segurar ela? — A enfermeira vem com o bebê na direção de Beni, que arregala os olhos e se levanta rápido.

— Não... Obrigado! Estou bem...

Ela colocou o bebê nos meus braços e era tão lindinha, tão bonita minha filha. Derramei lágrimas ao ver os fios de cabelos negros como os de Beni, a boca pequenina e os olhinhos fechados. Bernardo parecia recuperado, se sentou de volta, abobalhado, sorrindo com a mão na boca, pasmo e impressionado com o bebê.

— Meu Deus! Nossa filha é... muito linda, Liz. — Ele se orgulhou. — Meu Jesus! Eu tenho uma filha. — Ele exclamou acariciando o rostinho dela.

— E ainda tem mais. — Sussurrei ao ouvir o segundo choro.

Dei a luz a um casal, Charlotte e Arthur. No dia que fiz o ultrassom e que soube o sexo, Beni estava em clima de final de copa do mundo, na torcida para que tivesse um menino, pois ele queria ensinar mil coisas ao bebê que ainda estava na minha barriga. Ficamos apreensivos, olhando o monitor e a médica logo detectou que tinha uma menina. Eu e Beni trocamos um olhar cúmplice, ele estava pasmo, mas de um jeito bom. Ele sorria de olhos brilhantes, e eu não consegui segurar as lágrimas ao saber que teria uma menina.

“Vamos ver o outro” a médica disse e o momento foi de pura expectativa. Ele segurou forte minha mão e nem piscava, olhando a tela. Seria ótimo se fosse outra menina, gêmeas idênticas, mas nada paga a felicidade que vi nele quando a médica disse: “Temos um garoto”. Beni sorriu amplamente, abaixou e me beijou. O danado ainda sussurrou: “Sabia que teria um redbulzinho”.

Quando eu vi os rostinhos dos dois, eu até agradei ao Beni por não ter me contado sobre a camisinha estourada, porque foi uma benção. Mais que uma benção sentir os dois crescendo dentro de mim e depois poder segurá-los em meus braços.

Lá no início, quando Bernardo me contou da camisinha em nossa noite de núpcias, eu fiquei muito puta da vida e não quis conversa com ele. Eu fui enganada, quase como minha mãe foi. Beni ainda tentou se explicar

dizendo que não me falou nada, pois achou que eu não estava em período fértil como eu mesma tinha garantido naquele mesmo dia mais cedo. Eu mentira para ele, lógico. Eu estava em período de alerta, que é três dias antes ou três dias depois da ovulação e acabei engravidando.

No dia depois da noite de núpcias, pegamos um voo para Natal, um belo lugar que nenhum de nós nunca tínhamos ido.

É incrível como muita gente conhece mil lugares fora do Brasil e se esquece de conhecer as belezas do nosso país. Eu e Beni descartamos qualquer hipótese de passar a lua de mel em outro país e foi a melhor escolha, maravilhoso. Digamos que foi bem tenso no início, uma vez que viajamos brigados. Quer dizer, eu brigada com ele. Bernardo ficava a todo instante tentando fazer as pazes, tentando fazer eu rir, chamar minha atenção de qualquer jeito. Dei gelo nele no primeiro dia e na primeira noite da viagem. Nada de sexo na nossa segunda noite de casado.

Mas, na manhã seguinte, eu não estava mais com raiva e eu acordei primeiro, me arrastei na cama e fui abraçá-lo. Beni acordou e olhou para mim mal podendo acreditar que estava tudo bem de novo.

— É sério isso? — Perguntou perplexo. — Estamos de bem?

— Sabe que vai ter que ralar para ter meu perdão.

— Eu sei. — Ele balançou rápido a cabeça fascinado enquanto eu subia em cima dele. — Vou dar o meu melhor.

— Ótimo, querido marido.

Valia a pena eu bater o pé, me fazer de difícil e tentar sabotar nossa viagem só para depois ter que perdoar? Não né? Já estava grávida e casada, não tinha mais como voltar atrás, então faria ele se redimir de outras formas, enquanto transávamos felizes aproveitando nossa lua de mel.

Depois do parto, eu fui para o quarto e meus pais já estavam lá junto com os pais de Beni. Era noite e eu já estava mais recuperada da anestesia. Fiquei lá deitada, olhando meu pai duelar com Davi.

— Os avós maternos têm mais direitos. — Meu pai disse enquanto segurava Charlotte e Davi segurava Arthur.

— Direitos de quê, Max? — Davi indagou.

— Eu sou mais avô que você.

— Ah tá. Pode sonhar. Os dois são legítimos Brants, a nova geração.

— De jeito nenhum. São herdeiros da minha linhagem, legítimos Ferraz.

Mamãe e Rebeca reviraram os olhos e tomaram os bebês deles. Afinal, não pode ficar discutindo em cima dos recém-nascidos. Depois, meus irmãos vieram, Anna e Sarah também e, por fim, ficamos eu e Beni sozinhos. Minha mãe quis que ele fosse embora para ela passar a noite comigo, mas Bernardo não queria desgrudar dos bebês e disse que não me deixaria sozinha. Mais tarde, bem mais tarde, Charlotte chorou e Beni a pegou com muito cuidado, sentou na poltrona e a colocou contra o peito abraçando-a suavemente até ela voltar a dormir.

Foi lindo demais vê-lo na poltrona com nossa pequena menininha. Fiquei emocionada e ele nem olhava para mim, estava muito aprisionado no seu mundinho de papai babão.

A única coisa que eu pedia naquele momento era que isso durasse muito tempo, pois eu o amo muito e amo mais ainda nossa pequena família, com os mais novos integrantes.

Todos os casados mais velhos a minha volta estão firmes, juntos até hoje, meus pais, os pais de Beni, Enzo e Malu. E quero tanto isso para minha vida. Quero que, daqui a vinte anos, seja o Bernardo louco de raiva por Charlotte está namorando. E então, ele vai entender que, para os pais, os filhos nunca crescem, são eternos bebês.



Bernardo

— E já está trepando? — Johnny me pergunta. Estamos na nova

sala dele e falando sobre minha rotina de pai há quase um mês.

— Cara, tu é muito merda. — Francisco olha feio para Johnny.

— Liz não tem nem um mês que ganhou os bebês, Johnny. No momento estamos vivendo só para eles.

— Então tá. — Ele dá de ombros. — O que acha de uma festinha para comemorar minha nova sala?

Ele está numa alegria sem limites. Após ter passado dois meses nos Estados Unidos junto com Gael em uma representação do Banco com a empresa Orfeu, tio Enzo decidiu dar a tão almejada sala ao Johnny. Se antes ele já tinha o rei na barriga porque era herdeiro duplo, agora ninguém mais aguenta, pois o herdeiro duplo tem uma sala no banco.

— Hum... depende. Que dia? — Pergunto.

— Hoje.

— Em plena terça-feira? Não dá. Não posso sair e deixar Liz sozinha com os bebês.

— Também não posso. — Franz diz. — Eu disse a Anna que não iria sair.

— Ih... Os dois viraram escravoceta.

— Teu cu. — Francisco rosna. — Não sou escravo de mulher, só estou tentando consertar as coisas com ela.

— Vai demorar. — Johnny gargalha maldosamente. — Você pisou na bola enquanto ela estava lá em Paris. Geovanna está com ódio de você. Se não me engano, vi na parede do quarto dela uma foto sua como alvo para dardos.

— É sério, Johnny? — Francisco fica preocupado.

— Essa história de vocês vai acabar em casamento ou hospício. — Eu digo e me levanto. — Pessoal, vou voltar a minha sala. Hora de trabalharmos.

— E no final de semana? Vamos sair? — Johnny insiste. — Vou chamar o Heitor, o Freddy, o Rick e... até o Gael, dançarino de tango.

— Veremos se final de semana dá para mim. — Eu reflito. — Mas tenho que voltar antes das onze.

Francisco nem responde, pega o celular e sai rápido da sala, já com

o telefone no ouvido. Deve está ligando para a Anna.

— Você, vai trabalhar e deixe programação de festa para depois.
— Ordeno para Johnny e saio da sala dele.

Assim que termino o expediente, corro para minha casa. Estamos no meu apartamento, mas nossos pais fizeram uma surpresa e nos deram uma casa. Não foi à casa que Max queria, ao lado da casa dele, mas é bem perto, um quarteirão de distância. Vamos nos mudar em breve, depois da reforma. É uma casa grande de quatro quartos, três banheiros, salas grandes, cozinha e copa. Uma casa de dois pavimentos, perfeita para criar vários filhos.

Por enquanto, estamos nos espremendo no meu apartamento. Colocamos os dois berços no segundo quarto, pois no nosso quarto não cabe mais nada. Mas, essa vida espremida tem pouco tempo. Até semana passada, estávamos hospedados na casa dos pais dela por conta do resguardo e, ainda com duas crianças, não tivemos outra alternativa a não ser passarmos um tempo lá, até ela se recuperar. Eu ficava menos no banco e voltava correndo para ajuda-la.

E não foi não mal assim morar algumas semanas na casa de Max. Eu já estava preparado para uma disputa acirrada todos os dias, mas não foi tão mal assim. Apesar das tiradas para cima de mim e as alfinetadas, ele me deixou fazer meu papel de pai dos netos dele.

Chego em casa e Melissa ainda está de camisola, com um bebê nos braços e empurrando o carrinho com o pé. Está muito nervosa.

— Oi, amor.

— Segure ele um pouco. — Ela me entrega Arthur e vejo que está fadigada. Não pense que sempre será um mar de rosas. Nosso casamento já passou por vários altos e baixos, e sempre íamos cada um para a casa dos nossos pais após uma discussão, mas nunca passamos uma noite separados. Sempre voltávamos.

Quando os bebês chegaram, nós dois ficamos mais íntimos, porém não vou dizer que as coisas melhoraram. Nós dois só não piramos, pois tínhamos Julia e Max para nos ajudar.

— Meu Deus! Estou pra ficar doida, Beni. — Ela se senta cansada no sofá e pega a bebê no carrinho. — Eles dois sempre choram ao mesmo tempo.

Balanço Arthur nos braços e converso com ele, até ele se acalmar. Melissa também consegue acalmar Charlotte.

— Dormiram. — Murmuro. Levanto, ela também e colocamos os dois nos respectivos berços.

— Uau! — Exclamo. — Eles já comeram?

— Sim. Mas acho que ficam de malandragem, querendo ficar no braço. Venha, vamos comer alguma coisa antes que acordem de novo.

Pedimos comida e, enquanto não chegava, eu a levei para o banheiro, para compartilharmos um banho de banheira. Liz estava precisando relaxar.

Coloquei água morna, saís de banho, entrei na banheira e ela se acomodou sentada entre minhas pernas, de costas para mim.

— Apesar das noites mal dormidas, eu estou tão feliz. Estou viciada neles dois. — Ela confessa.

— Também estou. Não é tão mal ser casado e ser pai. Gosto disso.

— Gosta mesmo?

— Muito. Parece que tem algo dentro da gente, que se ativa quando temos um filho, não é mesmo?

— Sim. Sinto coisas que não sentia antes. Às vezes eu achava que minha mãe era louca por ficar tão obcecada em cuidados comigo e meus irmãos, mas agora eu sinto as mesmas coisas em relação a nossos bebês.

— Ah! Verdade. Agora entendo seu pai e tio Enzo, eu vou matar o filho da puta que se aproximar da minha filha.

— Mata nada, ela vai te dobrar.

— É o que veremos. Terei Arthur para me ajudar.

— Não ajuda em nada, Beni. Meu pai tinha Franz e Freddy. Ajudou em alguma coisa? Você conseguiu fazer um circo lá na minha casa, forçou um namoro e aqui estamos: pais, casados, prontos para anos de vida em conjunto.

— Verdade. Mas será uma bela vida em conjunto, naquela casa foda que ganhamos, fodendo horrores naquela escada, naqueles quartos, na cozinha.

Iremos acabar na UTI.

— Não, senhora. Você vai acabar na minha UTI. Será tanto redbull que você vai ficar zozza.

— Ai meu Deus! Amo tanto esse homem. — Ela se vira no meu colo, ficando de frente para mim.

— Também te amo. Será que já podemos... fazer coisas?

— Não. — Ela nega, rindo. — Por isso você está de cueca e eu de calcinha. Nada de gracinhas.

— Que mulher ruim. — Eu a beijo — Marquei alarme no meu celular para o dia que completar um mês e sete dias.

— Um mês e sete dias?

— Sim. Estou te dando sete dias de gorjeta e então, acabou a vida mole. Será trepadas toda noite.

— É melhor eu marcar no meu celular também. Mal posso esperar.

— Nossinhoraaa!! Eita que será a noite do leite. Vou gozar litros, bater o recorde. — Falo e Melissa gargalha. Começamos a nos beijar, até ouvirmos um gritinho fino de choro vindo do quarto, em seguida, são dois choros. Acabou o nosso tempo livre.

CONTATO

Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

[Twitter](#) | [Facebook](#) | [Instagram](#) | [Wattpad](#)

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para futuros leitores.

Obrigada.